



Harper  
Collins

A NOVA AVENTURA DO  
DETETIVE POIROT

# AGATHA CHRISTIE

POR SOPHIE HANNAH



CAIXÃO  
FECHADO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



# AGATHA CHRISTIE POR SOPHIE HANNAH

## CAIXÃO FECHADO

*Tradução*

Maria Luiza X. de A. Borges

**O NOVO MISTÉRIO DO DETETIVE POIROT**

[www.agathachristie.com](http://www.agathachristie.com)



Rio de Janeiro, 2016

Título original: Closed casket

Copyright © Agatha Christie Limited 2016

Closed Casket™ é uma marca registrada de Agatha Christie Limited e Agatha Christie® e Poirot® são marcas registradas de Agatha Christie Limited no Reino Unido e/ou em outros locais. Todos os direitos reservados.

[www.agathachristie.com](http://www.agathachristie.com)

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

## H219c

Hannah, Sophie

Caixão fechado / Sophie Hannah ; tradução Maria Luiza X. de A. Borges . - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.

Tradução de: Closed casket

ISBN 978.85.69514.76-3p>

1. Christie, Agatha, 1890-1976 - - Ficção. 2. Ficção britânica. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II. Título.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

*Para Mathew e James Prichard  
e família, com amor*

## Agradecimentos

Sou imensamente grata às seguintes equipes de pessoas brilhantes, dedicadas e inspiradoras.

James Prichard, Mathew Prichard, Hilary Strong, Christina Macphail, Julia Wilde, Lydia Stone, Nikki White e todos na Agatha Christie Limited; David Brawn, Kate Elton, Laura Di Giuseppe, Sarah Hodgson, Fliss Denham e todos na HarperCollins UK; Dan Mallory, Kaitlin Harri, Jennifer Hart, Kathryn Gordon, Danielle Bartlett, Liate Stehlik, Margaux Weisman e a equipe da William Morrow; Peter Straus e Matthew Turner da Rogers, Coleridge & White.

Obrigada também a todos os meus editores internacionais de Poirot, numerosos demais para serem nomeados, mas graças aos quais este romance chegará a leitores no mundo todo. Estou muito grata a todos que leram e apreciaram *Os crimes do monograma* e escreveram e enviaram mensagens pela internet para me dizer isso. Obrigada a Adele Geras, Chris Gribble e John Curran, que leram os primeiros rascunhos e/ou discutiram ideias iniciais e fizeram comentários extremamente úteis. Obrigada a Rupert Beale, por sua expertise em doença renal e a Guy Martland por sua disposição para discutir probabilidades médicas comigo. Obrigada a Adrian Poole por compartilhar seu conhecimento de *Rei João* de Shakespeare e a Morgan White por reunir tudo de que eu precisava saber sobre a Irlanda de 1929.

Enormes agradecimentos a Jamie Bernthal, que ajudou de todas as maneiras possíveis do início ao fim. Sem ele, este livro teria sido pior, menos divertido de escrever e — o que é ainda mais atemorizante — Lillieoak não teria tido uma excelente planta baixa!

Como sempre, sou grata pelo apoio de Dan, Phoebe e Guy Jones, minha maravilhosa família. E, por último, mas não menos importante, obrigada ao meu cachorro, Brewster, que usou um de meus personagens como um conduto para sua sugestão de que tinha de haver um cachorro em Lillieoak. Ele é tão vaidoso que provavelmente pensa que este caso de Poirot é sobre ele. (Na verdade, aquela mesma frase foi o título de trabalho de *Caixão fechado* por muitos meses, só que na segunda pessoa.)



## SUMÁRIO

Mapa

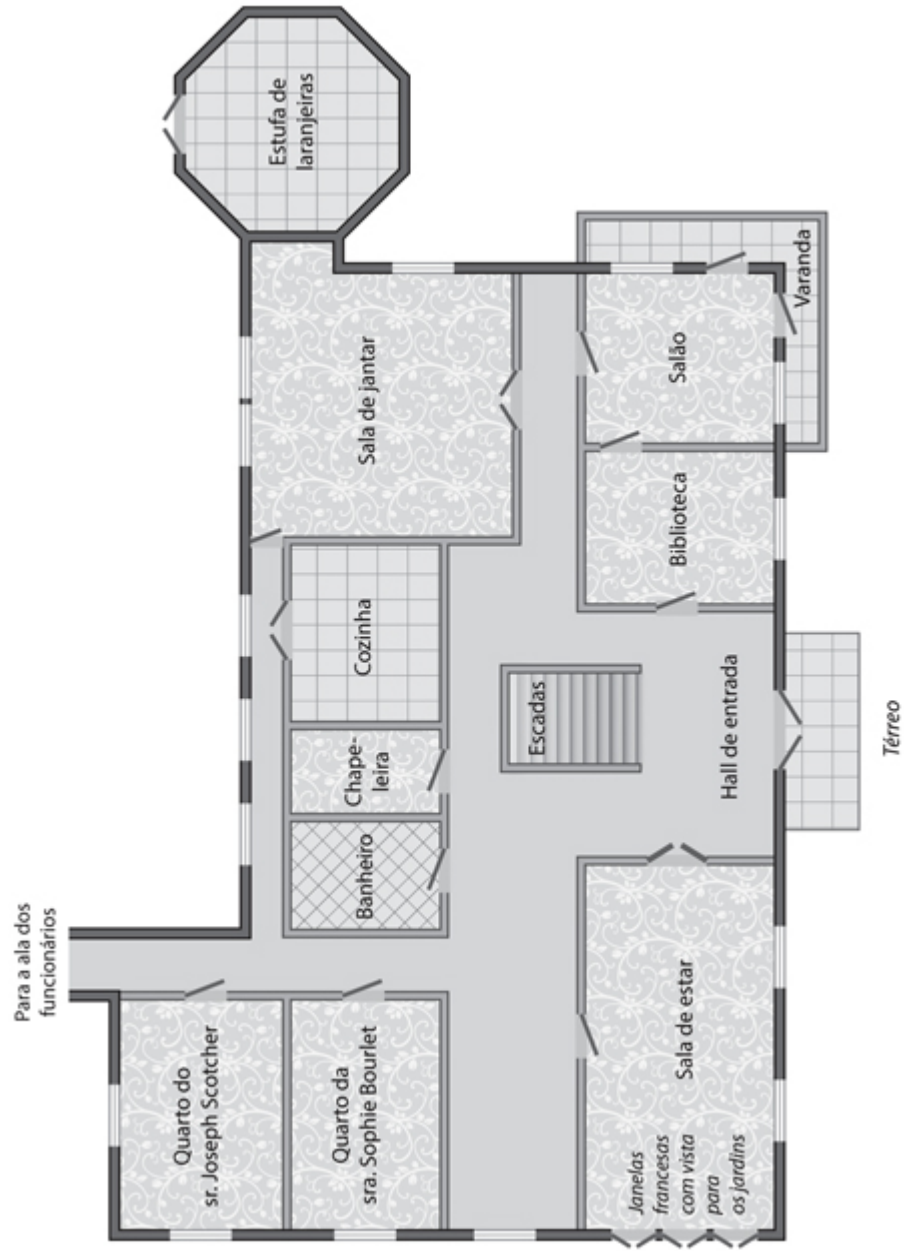
1. Um novo testamento
2. Uma reunião imprevista
3. Um interesse especial pela morte
4. Um admirador inesperado
5. Lágrimas antes do jantar
6. O anúncio
7. A reação
8. Um passeio nos jardins
9. Rei João
10. Caixão aberto
11. Vozes ouvidas por acaso
12. Sophie acusa
13. Entram os *gardai*
14. As duas listas de Lady Playford
15. Ver, ouvir e olhar
16. Deprimido
17. O relógio de pé
18. Não correspondida
19. Duas Iris
20. A causa da morte
21. A questão do caixão
22. Na estufa de laranjeiras
23. O inquérito
24. Sophie faz outra acusação
25. Shrimp Seddon e a filha ciumenta
26. A definição de conhecimento de Kimpton
27. A história das Iris
28. Uma possível prisão
29. O *grubber*
30. Mais que afetuoso
31. O plano de Lady Playford

32. O cavalo de corrida sequestrado
  33. As duas coisas verdadeiras
  34. Motivo e oportunidade
  35. Todos poderiam ter, mas ninguém tinha
  36. O experimento
  37. Poirot vence com toda justiça
- Epílogo

# PARTE UM



*Primeiro andar*



## CAPÍTULO 1

*Um novo testamento Michael Gathercole encarou a porta fechada à sua frente e tentou se convencer de que era o momento de bater quando o relógio de pé no vestíbulo no térreo gaguejava seu anúncio da hora.*

Segundo as instruções que recebera, deveria se apresentar às quatro horas da tarde, e eram quatro horas. Tinha ficado parado ali — naquele mesmo ponto no amplo primeiro patamar de Lillieoak — muitas vezes nos últimos seis anos. Somente uma vez sentira-se menos à vontade que hoje. Naquela ocasião, havia sido um de dois homens à espera, não estava sozinho como nesta tarde. Ainda se lembrava de cada palavra de sua conversa com o outro homem, quando teria preferido não recordar nada dela. Aplicando a autodisciplina em que confiava, arrancou-a de sua mente.

Fora advertido de que o encontro desta tarde lhe pareceria difícil. A advertência fizera parte da convocação, o que era típico de sua anfitriã. “O que pretendo dizer lhe causará um choque...”

Gathercole não duvidava disso. A notícia prévia não tinha utilidade para ele, pois não continha nenhuma informação sobre que tipo de preparação poderia ser apropriado.

Seu desconforto ficou mais pronunciado quando consultou o relógio de bolso e percebeu que, ao hesitar, apesar de toda aquela sequência de ações — tirar o relógio, enfiá-lo de volta no bolso do colete e puxá-lo de novo para verificar —, tinha se atrasado. Já eram quatro horas e um minuto. Bateu.

Apenas um minuto de atraso. Ela notaria — havia alguma coisa que não notasse? —, mas com alguma sorte não faria comentários.

— Entre, Michael! — Lady Athelinda Playford soou tão entusiástica como sempre. Ela tinha setenta anos e uma voz forte e clara como um sino polido. Gathercole nunca a encontrara serena. Com ela havia sempre um motivo de alvoroço, muitas vezes informações que alarmariam uma pessoa convencional. Lady Playford tinha o dom de extrair diversão tanto das coisas sem importância quanto das controversas.

Gathercole admirava as histórias que ela escrevia sobre crianças felizes resolvendo enigmas que desconcertavam a polícia local, desde que as descobrira quando era um solitário menino de dez anos num orfanato de Londres. Seis anos atrás, ele havia conhecido sua criadora e ela lhe parecera tão sedutora e imprevisível quanto seus livros. Nunca esperara ir longe na profissão que escolhera, mas aqui estava ele, graças a Athelinda Playford: um homem ainda relativamente jovem, de 36 anos, e sócio de uma bem-sucedida firma de advogados chamada Gathercole & Rolfe. A ideia de que um empreendimento lucrativo levava seu nome ainda deixava Gathercole perplexo, mesmo após alguns anos.

Sua lealdade a Lady Playford superava todos os outros vínculos que formara na vida, mas conhecer pessoalmente sua autora favorita o forçara a admitir para si mesmo que preferia que choques e reviravoltas surpreendentes ocorressem no mundo distante e seguro da ficção, e não na vida real. Lady Playford, nem é preciso dizer, não compartilhava sua preferência.

Ele começou a abrir a porta.

— Você vai... Ah! Cá está você! Não hesite. Sente-se, sente-se. Não chegaremos a lugar nenhum se não começarmos.

Gathercole sentou-se.

— Olá, Michael. — Ela lhe sorriu, e ele teve a estranha sensação de sempre... como se os olhos dela o tivessem levantado, girado e o colocado no chão de novo. — E agora *você* deve dizer “Olá, Athie”. Vamos, diga! Depois de todo este tempo, isso deveria ser fácil. Não “Boa tarde, vossa senhoria”. Não “Bom dia, Lady Playford”. Um simples e amistoso “Olá, Athie”. É difícil demais? Rá! — Ela bateu as mãos. — Você parece um filhote de raposa acochado! Não pode compreender por que foi convidado para passar uma semana aqui, não é? Ou por que o sr. Rolfe foi convidado também.

Será que os arranjos que Gathercole providenciara seriam suficientes para cobrir sua própria ausência e a de Orville Rolfe? Era inédito que ambos se ausentassem do escritório por cinco dias seguidos, mas Lady Playford era a cliente mais ilustre da firma; nenhum pedido seu podia ser recusado.

— Suponho que esteja se perguntando se haverá outros hóspedes, Michael. Falaremos disso, mas ainda estou esperando seu “olá”.

Ele não tinha escolha. O cumprimento que toda vez ela exigia dele nunca sairia com naturalidade de seus lábios. Era um homem que gostava de seguir regras, e se não havia uma regra proibindo uma pessoa com suas origens de se dirigir a uma viscondessa viúva, que fora casada com o quinto visconde Playford de Clonakilty, como “Athie”, então Gathercole acreditava fervorosamente que deveria existir.

Era lamentável, portanto — dizia ele para si mesmo com frequência — que Lady Playford, por quem ele faria qualquer coisa, devotasse tanto desprezo pelas regras a todo momento e troçasse dos que lhe obedeciam como “enfadonhos gravetos secos”.

— Olá, Athie.

— Pronto! — Ela abriu os braços à maneira de uma mulher que convida um homem a saltar sobre eles, embora Gathercole soubesse não ser essa a sua intenção. — Sobreviveu ao suplício. Pode relaxar. Mas não muito! Temos assuntos importantes a tratar depois que tivermos discutido o fardo do momento.

Era hábito de Lady Playford chamar de “o fardo” o livro em cuja escrita estava envolvida. Seu mais recente estava pousado no canto da escrivaninha, e ela lançou um olhar ressentido naquela direção. Aos olhos de Gathercole, aquilo parecia menos um romance em andamento e mais um torvelinho representado em papel: páginas amarrotadas com bordas enroladas, cantos apontando em todas as direções. Não havia nada de minimante retangular nele.

Lady Playford ergueu-se com dificuldade de sua poltrona junto à janela. Nunca olhava para fora, Gathercole notara. Se havia um ser humano a inspecionar, ela não perdia tempo com a natureza. Seu gabinete oferecia vistas maravilhosas: o jardim de rosas e, atrás dele, um gramado perfeitamente quadrado, em cujo centro havia um estátua de anjo que seu marido, Guy, o falecido visconde Playford, havia encomendado como presente de aniversário de casamento, para celebrar os trinta anos de união.



Em suas visitas, Gathercole fazia questão de sempre olhar para a estátua, o gramado e os arbustos de rosas, bem como para o relógio de pé no vestíbulo e para a luminária bronze de mesa na biblioteca com o abajur de vitral em forma de caracol. Aprovava a estabilidade que pareciam oferecer. As coisas — com o que Gathercole queria dizer objetos inanimados, e não nenhuma situação geral — raramente mudavam em Lillieoak. O constante e meticuloso escrutínio a que Lady Playford submetia cada pessoa que cruzava seu caminho significava que ela prestava pouca atenção a tudo que não podia falar.

Em seu gabinete, o aposento em que ela e Gathercole se encontravam agora, havia dois livros de cabeça para baixo na grande estante encostada numa parede: *Shrimp Seddon e o colar de pérolas* e *Shrimp Seddon e a meia de Natal*. Eles estavam de cabeça para baixo desde a primeira visita de Gathercole. Seis anos mais tarde, vê-los arrumados seria desconcertante. Livros de nenhum outro autor tinham permissão para residir naquelas prateleiras, só os de Athelinda Playford. Suas lombadas introduziam uma alegria muito necessária na sala apainelada com madeira — faixas de vermelho, azul, verde, roxo, laranja; cores destinadas a atrair crianças —, embora nem elas pudessem rivalizar com a lustrosa nuvem de cabelo prateado de Lady Playford.

Ela se posicionou em frente a Gathercole.

— Quero falar com você sobre meu testamento, Michael, e lhe pedir um favor. Mas, primeiro: quanto você imagina que uma criança, uma criança comum, poderia saber sobre procedimentos cirúrgicos para remodelar um nariz?

— Um... um nariz? — Gathercole desejou poder ouvir sobre o testamento antes e depois o favor. Ambos soavam importantes, e talvez estivessem relacionados. Os arranjos testamentários de Lady Playford estavam em ordem havia algum tempo. Tudo estava como deveria. Seria possível que ela quisesse alterar alguma coisa?

— Não seja exasperante, Michael. É uma pergunta perfeitamente simples. Depois de um grave acidente de automóvel, ou para corrigir uma

deformidade. Cirurgia para mudar o formato do nariz. Uma criança teria conhecimento disso? Saberia o nome?

— Não sei, sinto muito.

— Mas *você* sabe o nome disso?

— Cirurgia, é como eu chamaria, quer fosse para o nariz ou qualquer outra parte do corpo.

— Suponho que você poderia saber o nome sem saber que o sabe. Isso acontece às vezes. — Lady Playford franziu as sobrancelhas. — Hum. Deixe-me lhe fazer outra pergunta: você chega aos escritórios de uma firma que emprega dez homens e duas mulheres. Você ouve por acaso alguns dos homens conversando sobre uma das mulheres. Eles se referem a ela como “Rino”.

— Não muito cortês da parte deles.

— Os modos deles não lhe dizem respeito. Alguns momentos mais tarde, as duas moças voltam do almoço. Uma delas tem ossos finos, é esbelta e de temperamento suave, mas tem um rosto bastante peculiar. Ninguém sabe o que há de errado com ele, mas alguma coisa parece não estar muito certa. A outra é uma montanha de mulher, duas vezes o meu tamanho, pelo menos. — Lady Playford era de altura mediana, com uns ombros caídos que lhe davam uma aparência de funil. — Além disso, ela tem uma expressão feroz no rosto. Ora, qual das duas mulheres que descrevi você suporia ser Rino?

— A grande, feroz — respondeu Gathercole de imediato.

— Excelente! Você está errado. Em minha história, revela-se que Rino é a moça delgada com os traços faciais estranhos... Porque, veja, ela teve o nariz cirurgicamente reconstruído após um acidente, num procedimento que é conhecido como *rinoplastia*!

— Ah. Disso eu não sabia — falou Gathercole.

— Mas creio que crianças não saberão o nome, e é para elas que estou escrevendo. Se *você* não ouviu falar em *rinoplastia*... — Lady Playford suspirou. — Não consigo decidir. Fiquei tão empolgada logo que pensei nisso, mas depois comecei a me preocupar. Será um pouco científico demais ter o ponto crucial da história apoiado em um procedimento médico? Ninguém pensa de fato sobre cirurgia, a menos que precise, afinal de

contas... A menos que esteja prestes a ir pessoalmente para o hospital. Crianças não pensam sobre essas coisas, não é?

— Gosto da ideia — disse Gathercole. — Você poderia enfatizar que a moça esbelta não tem apenas um rosto estranho, mas um nariz estranho, para pôr seus leitores na direção correta. Poderia dizer logo no começo da história que ela tem um novo nariz, graças a cirurgia especializada, e poderia fazer Shrimp descobrir de alguma maneira o nome da operação e deixar o leitor ver a surpresa dela ao fazer essa descoberta.

Shrimp Seddon era a heroína ficcional de dez anos de idade de Lady Playford, a líder de um bando de crianças detetives.

— Então o leitor vê a surpresa, mas não, a princípio, a descoberta. Sim! E talvez Shrimp pudesse dizer a Podge: “Você nunca vai adivinhar como isso se chama”, e então ser interrompida. E posso inserir um capítulo aí sobre alguma outra coisa... Talvez a polícia sendo estúpida e prendendo a pessoa errada, mas ainda mais errada do que de costume, talvez até o pai ou a mãe de Shrimp... De modo que qualquer pessoa que esteja lendo possa sair e consultar um médico ou uma enciclopédia se desejar. Mas não vou deixar que se passe tempo *demais* antes que Shrimp revele tudo. *Sim*. Michael, eu sabia que podia contar com você. Então isso está resolvido. Agora, sobre meu testamento...

Ela voltou para sua poltrona junto à janela e acomodou-se nela.

— Quero que você faça um novo para mim.

Gathercole ficou surpreso. Segundo os termos do testamento existente de Lady Playford, seu substancial patrimônio deveria ser dividido igualmente, após sua morte, entre seus dois filhos sobreviventes: a filha, Claudia, e o filho, Harry, o sexto visconde Playford de Clonakilty. Houvera um terceiro filho, Nicholas, mas ele morrera jovem.

— Quero deixar tudo para meu secretário, Joseph Scotcher — anunciou a voz clara como um sino.

Gathercole chegou para a frente em sua cadeira. Era inútil tentar afastar as palavras desagradáveis. Ele as ouvira e não podia fingir outra coisa.

Em que ato de vandalismo estava Lady Playford prestes a insistir? Ela não podia estar falando a sério. Era uma brincadeira; tinha de ser. Sim, Gathercole

viu o que ela estava fazendo: tirava a parte frívola do caminho primeiro — Rino, rinoplastia, tudo muito engenhoso e divertido — para depois introduzir a grande extravagância, como se fosse uma proposição verdadeira.

— Estou em meu juízo perfeito e falando muito sério, Michael. Gostaria que fizesse como estou pedindo. Hoje mesmo, antes do jantar. Por que não começa agora?

— Lady Playford...

— Athie — ela o corrigiu.

— Se isto é mais alguma coisa da história da rinoplastia que está testando comigo...

— Sinceramente não é, Michael. Nunca menti para você. Não estou mentindo agora. Preciso que me redija um novo testamento. Joseph Scotcher deve herdar tudo.

— Mas e quanto aos seus filhos?

— Claudia está prestes a se casar com uma fortuna maior que a minha na forma de Randall Kimpton. Ela ficará perfeitamente bem. E Harry tem uma boa cabeça sobre os ombros e uma mulher confiável, ainda que cansativa. O pobre Joseph precisa do que tenho para dar, mais que Claudia ou Harry.

— Devo lhe pedir que pense com muito cuidado antes...

— Michael, por favor, não se faça de tolo — interrompeu-o Lady Playford. — Imagina que a ideia me ocorreu pela primeira vez quando bateu à porta há alguns minutos? Ou é mais provável que eu venha ruminando isto há semanas ou meses? O pensamento cuidadoso que me recomenda ocorreu, eu lhe asseguro. Ouça: você vai testemunhar meu novo testamento ou devo chamar o sr. Rolfe?

Então era por isso que Orville Rolfe também tinha sido convidado para Lillieoak: para o caso de ele, Gathercole, se recusar a cumprir sua ordem.

— Há outra mudança que gostaria de fazer em meu testamento ao mesmo tempo: o favor que mencionei, caso se lembre. Para esta parte, você pode dizer não, se desejar, mas espero que não o faça. Atualmente, Claudia e Harry são os meus agentes literários. Esse arranjo não me convém mais. Eu ficaria honrada se *voce*, Michael, concordasse em assumir esse papel.

— Ser... ser seu agente literário? — Ele mal podia acreditar nisso. Por quase um minuto sentiu-se emocionado demais para falar. Oh, mas era completamente *errado*. Que diriam os filhos de Lady Playford sobre isso? Não podia aceitar.

— Harry e Claudia sabem das suas intenções? — perguntou Gathercole por fim.

— Não. Saberão hoje à noite no jantar. Joseph também. No momento, as únicas pessoas que sabem somos você e eu.

— Houve algum conflito na família que eu desconheça?

— Em absoluto! — Lady Playford sorriu. — Harry, Claudia e eu somos os melhores amigos. Até o jantar de hoje à noite, ao menos.

— Eu... mas... faz apenas seis anos que você conhece Joseph Scotcher. Conheceu-o no dia em que me conheceu.

— Não há necessidade de me dizer o que já sei, Michael.

— Ao passo que seus filhos... Além disso, segundo a informação que eu tinha, Joseph Scotcher...

— *Fale*, meu caro.

— Scotcher não está gravemente doente? — Silenciosamente, Gathercole acrescentou: *Não acredita mais que ele morrerá antes de você?*

Athelinda Playford não era jovem, mas era cheia de vitalidade. Era difícil acreditar que uma pessoa que apreciava tanto a vida poderia ser privada dela.

— Realmente, Joseph está muito doente — disse ela. — Fica mais fraco a cada dia. Por isso esta minha decisão incomum. Nunca disse isto antes, mas creio que você sabe que adoro Joseph, não? Amo-o como um filho... Como se fosse de meu próprio sangue.

Gathercole sentiu um súbito aperto no peito. Sim, estava ciente. A diferença entre saber uma coisa e tê-la confirmada era enorme. Isso o levou a ter pensamentos ruins, os quais ele lutou para afastar.

— Joseph me disse que, segundo seus médicos, ele tem apenas semanas de vida agora — contou Lady Playford.

— Nesse caso, estou completamente perplexo — falou Gathercole. — Você deseja fazer um novo testamento em favor de um homem que sabe que não estará por aqui para fazer uso de sua herança.

— Nunca sabemos nada ao certo neste mundo, Michael.

— Se Scotcher sucumbir à sua doença dentro de semanas, como espera... e depois?

— Ora, nessa eventualidade retornamos ao plano original... Harry e Claudia recebem a metade cada um.

— Devo lhe perguntar uma coisa — disse Gathercole, em quem uma penosa ansiedade começara a crescer. — Perdoe-me a impertinência. Tem alguma razão para acreditar que vai morrer muito em breve?

— Eu? — Lady Playford riu. — Sou forte como um touro. Espero continuar por aqui por muitos anos.

— Então Scotcher não herdará nada quando você falecer, já estando morto há muito tempo, e o novo testamento que está me pedindo para providenciar não servirá para nada a não ser gerar discórdia entre você e seus filhos.

— Ao contrário: meu novo testamento fará com que *algo maravilhoso* aconteça — disse ela com satisfação.

Gathercole suspirou.

— Lamento dizer que continuo perplexo.

— Claro que está — falou Athelinda Playford. — Eu sabia que ficaria.

## CAPÍTULO 2

*Uma reunião imprevista Ocultar e revelar: como é apropriado que essas duas palavras rimem. Elas soam como opostos e, no entanto, como sabem todos os bons contadores de histórias, quanta coisa pode ser revelada pelas mais minúsculas tentativas de ocultação, e novas revelações com frequência escondem tanto quanto deixam à mostra.*

Tudo isto é minha desajeitada maneira de me apresentar como o narrador desta história. Tudo que você ficou sabendo até agora — sobre o encontro de Gathercole com Lady Athelinda Playford — lhe foi revelado por mim, contudo comecei a contar a história sem tornar ninguém ciente de minha presença.

Meu nome é Edward Catchpool, e sou detetive lotado na Scotland Yard de Londres. Os extraordinários acontecimentos que mal comecei a descrever não tiveram lugar em Londres, mas em Clonakilty, condado de Cork, no Estado Livre Irlandês. Foi em 14 de outubro de 1929 que Michael Gathercole e Lady Playford se encontraram no gabinete dela em Lillieoak, e foi nesse mesmo dia, somente uma hora depois do início dessa reunião, que cheguei a Lillieoak após uma longa viagem desde a Inglaterra.

Seis semanas antes, eu recebera uma carta intrigante de Lady Athelinda Playford, convidando-me para passar uma semana como hóspede em sua propriedade no campo. Os vários prazeres da caça, do tiro e da pesca me foram oferecidos — nenhum dos quais eu tinha conhecido antes, não estando também ansioso para experimentá-los, embora minha futura anfitriã não devesse saber disso —, mas o que faltava no convite era qualquer explicação da razão por que minha presença era desejada.

Pousei a carta na mesa da sala de jantar de minha pensão e considerei o que fazer. Pensei sobre Athelinda Playford — escritora de histórias policiais, provavelmente a famosa autora de livros infantis de que eu me lembrava — e

depois pensei sobre mim: um solteirão, um policial, sem esposa e, portanto, nenhum filho para quem pudesse ler livros...

Não, o mundo de Lady Playford e o meu nunca precisavam se sobrepôr, concluí; no entanto, ela me enviara a carta, o que significava que eu tinha de fazer alguma coisa a respeito.

Eu queria ir? Não muito, não — e isso significava que provavelmente iria. Seres humanos, observei, gostam de seguir padrões, e não sou uma exceção. Tanta coisa do que faço em minha vida diária não é nada que eu jamais empreenderia por escolha, por isso, tendo a supor que, se aparece alguma coisa que eu preferiria não fazer, isso significa que certamente a farei.

Alguns dias depois, escrevi para Lady Playford e aceitei com entusiasmo seu convite. Suspeitava que ela desejasse esmiuçar meus miolos e usar qualquer coisa que pudesse extrair em um livro ou livros futuros. Talvez tivesse enfim decidido descobrir um pouco mais sobre como a polícia operava. Quando criança, eu tinha lido duas de suas histórias e ficado estupefato ao descobrir que o policial mais graduado era um tremendo tonto, incapaz de resolver mesmo o mais simples enigma sem a ajuda de um grupo de presunçosas e tagarelas crianças de dez anos de idade. Minha curiosidade sobre esse ponto foi, de fato, o início de minha fascinação pela força de polícia — um interesse que levou diretamente à minha escolha de carreira. Estranhamente, não me ocorrera antes que eu devia agradecer a Lady Athelinda Playford por isso.

Durante minha viagem para Lillieoak, li mais um de seus romances, para refrescar minha memória, e verifiquei que meu julgamento juvenil tinha sido preciso: a conclusão mostrava basicamente o sargento Idiota e o inspetor Imbecil levando uma dura reprimenda da precoce Shrimp Seddon por terem se confundido com uma trilha de pistas perfeitamente óbvias que até a cadela gorda e de pelos compridos de Shrimp, Anita, tinha conseguido interpretar corretamente.

O sol estava prestes a se pôr quando cheguei, às cinco da tarde, mas ainda havia luz para que eu pudesse observar os arredores espetaculares em que me encontrava. Quando parei diante da grandiosa mansão palladiana às margens do rio Argideen em Clonakilty — com jardins formais atrás de mim, campos



à esquerda e o que parecia a orla de uma floresta à minha direita —, tive consciência do espaço infinito: os azuis e os verdes ininterruptos do mundo natural. Eu sabia antes de partir de Londres que a propriedade de Lillieoak tinha 320 hectares, mas foi só nesse momento que compreendi o que isso significava: nenhuma margem compartilhada de seu próprio mundo e o de qualquer outra pessoa se você não o desejasse; nada e ninguém o fazendo se sentir claustrofóbico ou rondando em volta, como ocorria na cidade. Não era de admirar, portanto, que Lady Playford não soubesse nada sobre a conduta policial.

Enquanto respirava o ar mais fresco que já inalara, vi-me desejando estar certo sobre a razão pela qual fora convidado a estar ali. Se tivesse oportunidade, pensei, ficaria feliz em sugerir que um pouco de realismo melhoraria de maneira significativa os livros de Lady Playford. Talvez Shrimp Seddon e seu bando, na próxima aventura, pudessem trabalhar em cooperação com uma força policial mais competente...

A porta da frente de Lillieoak se abriu. De dentro, um mordomo me examinou. Ele era de altura e constituição medianas, com cabelo grisalho raleando e muitas rugas e linhas em torno dos olhos, mas em nenhum outro lugar. Parecia que os olhos de um velho tinham sido inseridos no rosto de um homem muito mais jovem.

A expressão do mordomo era ainda mais estranha. Sugeriu que ele precisava dar uma informação vital para me proteger de algo desastroso, mas não o podia fazer por ser uma questão da máxima delicadeza.

Esperiei que ele se apresentasse ou me convidasse a entrar na casa. Não fez uma coisa nem outra. Resolvi falar: — Meu nome é Edward Catchpool. Acabo de chegar da Inglaterra. Creio que Lady Playford esteja à minha espera.

Minhas malas estavam aos meus pés. Ele olhou para elas, depois olhou sobre seu ombro; repetiu essa sequência duas vezes. Não houve nenhum acompanhamento verbal para nada disso. Por fim, ele disse: — Vou mandar levar seus pertences para o seu quarto, senhor.

— Obrigado. — Franzi o cenho. Isto realmente era muito estranho, mais do que posso descrever, creio. Embora a declaração do mordomo fosse

perfeitamente banal, ele passou a impressão de ter deixado muita coisa sem dizer, um ar de “Dadas as circunstâncias, sinto muito, mas isto é o máximo que posso divulgar”.

— Há mais alguma coisa? — perguntei.

O semblante endureceu.

— Outro dos... hóspedes de Lady Playford o espera na sala de estar, senhor.

— Outro? — Eu supusera que seria o único.

Minha pergunta pareceu repugná-lo. Não pude perceber qual era a divergência, e estava pensando em permitir que minha impaciência transparecesse quando ouvi uma porta se abrindo dentro da casa e uma voz que reconheci.

— Catchpool! *Mon cher ami!*

— Poirot? — chamei. Para o mordomo, eu disse: — É Hercule Poirot? — Abri a porta com um empurrão, cansado de esperar ser convidado para entrar, e saí do frio. Vi um assoalho de um ladrilhado rebuscado, do tipo que se pode ver em um palácio, uma imponente escada de madeira, um número excessivo de portas e corredores para um recém-chegado assimilar, um relógio de pé, a cabeça de um veado fixada numa parede. A pobre criatura parecia estar sorrindo, e sorri de volta para ela. Apesar de morta e destacada do corpo, a cabeça do veado era mais acolhedora que o mordomo.

— Catchpool! — De novo a voz.

— Ouça, Hercule Poirot está nesta casa? — perguntei em tom mais insistente.

Desta vez o mordomo respondeu com uma relutante inclinação de cabeça, e instantes depois o belga apareceu num passo que, para ele, era rápido. Não pude conter uma risadinha diante da cabeça em forma de ovo e dos sapatos lustrosos, ambos tão conhecidos, além de, é claro, do inconfundível bigode.

— Catchpool! Que prazer encontrá-lo aqui também!

— Eu estava prestes a lhe dizer o mesmo. Era você, por acaso, que queria me ver na sala de estar?

— Sim, sim. Era eu.

— Foi o que pensei. Bom, então você pode me levar até lá. Que diabo está havendo? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu? Não. O que deveria ter acontecido?

— Bem... — Dei meia-volta. Poirot e eu estávamos sozinhos, e minhas malas tinham desaparecido. — Pelas maneiras cautelosas do mordomo, perguntei a mim mesmo se...

— Ah, sim, Hatton. Não lhe dê atenção, Catchpool. Os modos dele, como você os chama, não têm motivo. Esse é simplesmente seu caráter.

— Tem certeza? É um estranho tipo de caráter para se ter.

— *Oui*. Lady Playford explicou para mim pouco depois que cheguei esta tarde. Fiz a ela as mesmas perguntas que você está me fazendo, pensando que devia ter acontecido alguma coisa que o mordomo julgava que não lhe cabia discutir. Ela disse que Hatton ficou desse jeito depois de trabalhar por tanto tempo. Ele viu tantas coisas que não seria prudente de sua parte mencioná-las, e agora, disse-me Lady Playford, prefere falar o menos possível. Ela também acha isso frustrante. “Ele não pode revelar a menor informação, como a que horas o jantar será servido ou quando o carvão será entregue, sem se comportar como se eu estivesse tentando lhe arrancar à força um segredo familiar firmemente guardado e explosivo”, ela se queixou para mim. “Perdeu o discernimento que teve outrora, e hoje é incapaz de distinguir entre indiscrição intolerável e dizer seja lá o que for”, ela comentou.

— Então por que ela não contrata um novo mordomo?

— Esta também foi uma pergunta que lhe fiz. Pensamos de maneira parecida, você e eu.

— Bem, ela lhe deu uma resposta?

— Parece-lhe fascinante monitorar o desenvolvimento da personalidade de Hatton e ver se ele refinará ainda mais os seus hábitos no futuro.

Fiz uma expressão exasperada, perguntando-me quando apareceria alguém para me oferecer uma xícara de chá. Nesse momento, a casa se sacudiu, em seguida se aquietou, depois se sacudiu de novo. Eu já ia perguntar “Que diabo...?” quando notei, descendo do alto da escada, o maior homem que já vira. Tinha cabelo cor de palha e papadas no rosto, e sua

cabeça parecia minúscula como um seixo, equilibrada sobre um corpo de dimensão planetária.

Sonoros rangidos vinham de sob seus pés à medida que ele se movia, e temi que pudesse atravessar a madeira com um deles.

— Estão ouvindo esse barulho aterrador? — perguntou-nos ele, sem se apresentar. — Degraus não deveriam gemer quando pisamos neles. Não é para isso que servem, para serem pisados?

— É — concordou Poirot.

— E então? — perguntou o homem desnecessariamente. Ele obtivera sua resposta. — Eu lhe digo, não se fazem mais escadas como antigamente. Toda a habilidade desapareceu.

Poirot sorriu com polidez, em seguida pegou meu braço e conduziu-me para a esquerda, sussurrando: — É por culpa do apetite dele que a escada geme. Ainda assim, ele é um advogado... Se eu fosse aquela escada, obteria conselho legal. — Foi só quando ele sorriu que percebi que isso pretendia ser uma piada.

Acompanhei-o até o que supus ser a sala de estar, que era grande e tinha uma lareira de pedra que ficava demasiado perto da porta. Nenhum fogo ardia na caixa, e fazia mais frio ali do que no vestíbulo. A sala era muito mais comprida que larga, e as diversas poltronas estavam posicionadas numa espécie de fileira desarrumada numa ponta e num grupo igualmente desalinhado na outra. Esse arranjo dos móveis acentuava o formato retangular da sala e contribuía para um efeito bastante dividido. Havia janelas francesas na outra extremidade. As cortinas não tinham sido cerradas para a noite, embora estivesse escuro lá fora — e mais escuro para a hora do dia em Clonakilty que em Londres, observei.

Poirot fechou a porta da sala de estar. Finalmente, olhei direito para o meu velho amigo. Parecia mais gordo do que da última vez que eu o vira, e seu bigode parecia maior e mais proeminente, pelo menos visto do outro lado da sala. Quando ele andou em minha direção, concluí que na verdade parecia exatamente igual, e fora antes minha própria imaginação que o encolhera para um tamanho manejável.

— Que grande prazer sinto em vê-lo, *mon ami*! Não pude acreditar quando cheguei e Lady Playford me contou que você estava entre os convidados para esta semana.

Seu prazer era evidente, e senti uma pontada de culpa porque meus próprios sentimentos eram menos simples. Sentime estimulado por seu bom humor e aliviado por ver que não parecia nada desapontado comigo. Na presença de Poirot, é fácil sentirmos que somos um espécime desapontador.

— Você não sabia que eu viria até chegar aqui hoje? — perguntei.

— *Non*. Devo lhe perguntar imediatamente, Catchpool. *Por que* está aqui?

— Pela mesma razão que você, suponho. Athelinda Playford escreveu convidando-me para vir. Não é todo dia que somos convidados para passar uma semana na casa de uma escritora famosa. Li alguns de seus livros quando criança, e...

— Não, não. Você me entendeu mal. Decidi vir pela mesma razão, embora não tenha lido nenhum dos livros dela. Por favor, não lhe conte isso. O que quis perguntar foi: por que Lady Playford nos quer aqui, a você e a mim? Imaginei que ela talvez tivesse convidado Hercule Poirot porque, como ela, ele é o mais famoso e aclamado em seu campo. Agora sei que não pode ser isso, visto que você está aqui também. Eu me pergunto... Lady Playford deve ter lido sobre o caso ocorrido em Londres, o Hotel Bloxham.

Não tendo nenhum desejo de discutir o assunto em questão, falei: — Antes de saber que o encontraria aqui, imaginei que ela me convidara para perguntar sobre assuntos policiais, de modo a poder expor os detalhes corretos em seus livros. Eles certamente se beneficiariam de uma abordagem mais realística...

— *Oui, oui, bien sûr*. Diga-me, Catchpool, tem com você a carta de convite?

— Hã?

— A que lhe foi enviada por Lady Playford.

— Ah, sim. Está no meu bolso. — Puxei-a e entreguei-a para ele.

Ele passou os olhos nela e devolveu-a para mim, dizendo: — É a mesma que mandou para mim. Não revela nada. Talvez você esteja certo. Pergunto-me se deseja nos consultar como profissionais.

— Mas você a viu, como disse. Não lhe perguntou?

— *Mon ami*, que tipo de hóspede pergunta “O que quer de mim?” à sua anfitriã ao chegar? Seria indelicado.

— Ela não deu nenhuma informação? Um indício?

— Mal houve tempo. Cheguei apenas alguns minutos antes que ela tivesse de ir para seu gabinete se preparar para uma reunião com seu advogado.

— Aquele que estava na escada? O, hum, cavalheiro um tanto grande?

— Sr. Orville Rolfe? Não, não. Ele é advogado também, mas o advogado com quem Lady Playford tinha uma reunião às quatro horas era outro homem. Eu o vi também. Seu nome é Michael Gathercole. Um dos homens mais altos que já conheci. Parecia muito constrangido por ter de se locomover por aí.

— O que quer dizer?

— Apenas que ele deu a impressão de que gostaria de se desfazer de sua própria pele.

— Ah, entendo. — Eu não entendia de maneira alguma, mas temi que pedir maior elucidação pudesse surtir o efeito contrário.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Vamos, tire o sobretudo e sente-se — disse. — É um enigma. Particularmente quando consideramos quem mais está aqui.

— Gostaria de saber se seria possível pedir a alguém para trazer um chá — disse eu, olhando à minha volta. — Teria esperado que o mordomo tivesse mandado uma criada a esta altura, se Lady Playford está ocupada.

— Insisti que não nos interrompessem. Fiz um lanche ao chegar, e logo drinques serão servidos nesta sala, segundo me disseram. Não temos muito tempo, Catchpool.

— Muito tempo? Para quê?

— Se você se sentasse, ficaria sabendo para quê. — Poirot deu um sorrisinho. Ele nunca soara mais sensato.

Com alguma inquietação, sentei-me.

### CAPÍTULO 3

*Um interesse especial pela morte — Devo lhe dizer quem mais está aqui — disse Poirot. — Você e eu não somos os únicos hóspedes, mon ami. Ao todo, incluindo Lady Playford, somos 11 pessoas em Lillieoak. Se contarmos os criados, há mais três: o mordomo Hatton, uma criada chamada Phyllis e a cozinheira, Brigid. A questão é: devemos contar os criados?*

— Contá-los como o quê? Ou *para* quê? Do que está falando, Poirot? Você está aqui para conduzir um estudo da população do condado de Cork... quantos habitantes por casa, esse tipo de coisa?

— Senti falta do seu senso de humor, Catchpool, mas devemos ser sérios. Como eu disse, não temos muito tempo. Logo, em menos de meia hora, alguém nos perturbará, preparando-se para servir os drinques. Agora, ouça. Em Lillieoak, afora nós e os criados, há nossa anfitriã, Lady Playford e os dois advogados de que falamos, Gathercole & Rolfe. Há também o secretário de Lady Playford, Joseph Scotcher, uma enfermeira chamada Sophie Bourlet...

— Uma enfermeira? — Empoleirei-me no braço de uma poltrona. — Lady Playford está com problemas de saúde, então?

— Não. Deixe-me terminar. Estão aqui também os dois filhos de Lady Playford, a esposa de um e o jovem cavalheiro amigo da outra. Na verdade, acredito que o sr. Randall Kimpton e a srta. Claudia Playford estão noivos. Ela mora em Lillieoak. Ele veio de Londres para visitá-la. É americano por nascimento, mas também um homem de Oxford, creio que Lady Playford disse.

— Então soube de tudo isso por ela?

— Quando a conhecer, você descobrirá que ela é capaz de transmitir muito num curto espaço de tempo, tudo com grande colorido e velocidade.

— Entendo. Isso soa alarmante. Ainda assim, é um consolo saber que alguém nesta casa é capaz de falar... dado o mordomo, quero dizer. Chegou ao fim de seu inventário de pessoas?

— Sim, mas ainda não disse o nome das duas últimas. O irmão de Mademoiselle Claudia, filho de Lady Playford, é Harry, o sexto visconde Playford de Clonakilty. Também já o conheci. Ele mora aqui com a esposa, Dorothy, que todos chamam de Dora.

— Certo. E por que é tão importante que arrolemos essas pessoas antes de nos reunirmos todos para os drinques? A propósito, eu gostaria de encontrar o meu quarto e passar uma flanela no rosto antes que as atividades da noite comecem, então...

— Seu rosto está suficientemente limpo — disse Poirot com autoridade. — Vire-se e veja o que está fixado sobre a porta.

Obedeci, e vi olhos raivosos, um grande focinho preto e uma boca aberta cheia de dentes afiados.

— Valha-me Deus, que diabo é isso?

— A cabeça empalhada de um filhote de leopardo; obra de Harry, visconde Playford. Ele é praticante de taxidermia. — Poirot fez uma careta e continuou. — Um praticante entusiástico, que tenta persuadir estranhos de que provavelmente nenhum outro *hobby* proporciona a mesma satisfação.

— Então a cabeça de veado no vestíbulo deve ser dele também — observei.

— Respondi-lhe que não tinha os implementos ou o conhecimento necessário para empalhar animais. Ele respondeu que eu só precisaria de um pouco de arame, um canivete, agulha e linha, cânhamo e arsênico. Julguei prudente não lhe dizer que eu precisaria também não achar a ideia repugnante.

Sorri.

— Um hobby envolvendo arsênico dificilmente atrairia um detetive que solucionou assassinatos cometidos exatamente com esse veneno.

— Era sobre isso que eu queria conversar com você, *mon ami*. Morte. O hobby do visconde Playford tem tudo a ver com os mortos. Animais, não pessoas... Ainda assim, eles estão mortos.

— Certamente. Mas não percebo qual é a relevância disso.

— Você se lembra do nome Joseph Scotcher? Mencionei-o um momento atrás.



— Secretário de Lady Playford, não?

— Ele está morrendo. De uma doença dos rins, a doença de Bright. É por isso que a enfermeira, Sophie Bourlet, mora aqui: para atender às suas necessidades de inválido.

— Entendo. Então o secretário e a enfermeira vivem ambos em Lillieoak?

Poirot assentiu com a cabeça.

— Ora, temos três pessoas reunidas aqui que, de uma maneira ou de outra, estão estreitamente envolvidas com a morte. Além disso, há você, Catchpool. E eu. Nós dois encontramos muitos casos de morte violenta no curso de nosso trabalho. O sr. Randall Kimpton, que planeja se casar com Claudia Playford... que trabalho pensa que ele faz?

— Envolve morte? É agente funerário? Cinzelador de lápides?

— É patologista a serviço da polícia do condado de Oxfordshire. Também trabalha em estreito contato com a morte. *Eh bien*, deseja me perguntar sobre o sr. Gathercole e o sr. Rolfe?

— Não é preciso. Advogados lidam com os assuntos dos mortos todos os dias.

— Isso é particularmente verdadeiro a respeito da firma Gathercole & Rolfe, renomada por sua especialidade: *os patrimônios e as disposições testamentárias dos ricos*. Catchpool, com certeza está entendendo agora, não?

— E quanto a Claudia Playford e Dora, a mulher do visconde? Quais são seus vínculos com a morte? Será que uma delas abate gado enquanto a outra embalsama cadáveres?

— Você brinca com isso — disse Poirot gravemente. — Não lhe parece interessante que tantas pessoas com um interesse especial pela morte, seja privado ou profissional, estejam reunidas aqui em Lillieoak ao mesmo tempo? Quanto a mim, gostaria de saber o que Lady Playford tem em mente. Não posso crer que isso seja acidental.

— Bem, talvez ela tenha alguma espécie de jogo planejada para depois do jantar. Sendo uma escritora de romances policiais, imagino que queira manter-nos a todos em suspense. Você não respondeu à minha pergunta sobre Dora e Claudia.

— Não consigo pensar em nada apropriado ao nosso tema que se aplique a elas — admitiu Poirot após um momento.

— Então chamo isso de coincidência! Agora, devo lavar o rosto e as mãos antes do jantar...

— Por que me evita, *mon ami*?

Parei a centímetros da porta. Fora tolice minha supor que, como ele não o mencionou de imediato, não suscitaria o assunto de maneira alguma.

— Eu pensava que você e eu éramos *les bons amis*.

— Nós somos. Tenho andado terrivelmente ocupado, Poirot.

— Ah, ocupado! Você gostaria que eu acreditasse que é só isso.

Lancei um olhar para a porta.

— Vou encontrar aquele mordomo silencioso e ameaçá-lo com todo tipo de rebelião se ele não me levar ao meu quarto imediatamente — murmurei.

— Vocês, ingleses! Por mais forte que seja a emoção, por mais arrebatadora que seja a fúria, mais forte ainda é o desejo de abafá-la, de fingir que ela nunca existiu.

Nesse momento, a porta se abriu e uma mulher entre os trinta e os 35 anos, suponho, entrou na sala, usando um vestido verde de paetê e uma estola branca. De fato, ela mais pareceu se introduzir furtivamente, fazendo-me pensar de imediato em um gato a rondar uma presa. Havia nela um ar arrogante, como se entrar numa sala de uma maneira comum estivesse abaixo dela. Parecia estar usando cada movimento de seu corpo para indicar sua superioridade sobre quem quer que estivesse na vizinhança — neste caso, Poirot e eu.

Era quase anormal de tão bela: cabelo de um castanho intenso e primorosamente penteado, rosto de um oval perfeito, maliciosos olhos castanhos, puxados e com cílios cheios, e maçãs do rosto afiadas como facas. Era uma visão impressionante de se contemplar, e obviamente consciente de seus encantos. Havia também nela uma crueldade que se comunicava antes que tivesse dito uma palavra.

— Oh — disse ela, com a mão no quadril. — É isto. Hóspedes, mas não drinques! Antes fosse o contrário! Suponho que eu tenha chegado cedo.

Poirot se pôs de pé e se apresentou, e em seguida a mim. Apertei a mão fria e elegante da mulher.

Ela não respondeu com um “Prazer em conhecê-lo” ou algo desse teor.

— Sou Claudia Playford. Filha da romancista famosa, irmã do visconde Playford. Irmã mais velha, aliás. O título coube a meu irmão mais novo e não a mim simplesmente porque ele é homem. Qual é o sentido disso? Eu daria um visconde melhor que ele. Francamente, um pãozinho com manteiga daria um visconde melhor que Harry. E então? Acham que é justo?

— Nunca pensei nisso — respondi com franqueza.

Ela se virou para Poirot.

— E você?

— Caso o título lhe fosse dado neste instante, isso a faria dizer em seguida: “Agora que tenho o que quero, estou completamente feliz e contente”?

Claudia levantou o queixo com altivez.

— Eu não diria tal coisa, por medo de soar com uma criança boba de um conto de fadas. Ademais, quem disse que sou infeliz? Sou muito feliz, e não estava falando sobre satisfação, mas sobre o que é *justo*. O senhor não deveria ter uma mente brilhante, Monsieur Poirot? Talvez a tenha deixado em Londres.

— Não, ela viajou comigo, Mademoiselle. E, se você é uma das poucas pessoas neste mundo que pode dizer sinceramente “Sou muito feliz”, então lhe prometo: a vida foi mais justa com você do que com a maioria das pessoas.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Eu estava falando sobre mim e meu irmão e *mais ninguém*. Se você quisesse jogar limpo, teria limitado sua avaliação da situação a nós dois. Em vez disso, introduz dissimuladamente uma multidão sem nome de milhares para apoiar seu argumento... porque sabe que só pode vencer mediante distorção!

A porta se abriu de novo e entrou um homem de cabelo escuro, vestido para o jantar. Claudia bateu palmas e suspirou extasiada, como se tivesse

temido que ele pudesse não chegar, mas cá estava, para salvá-la de algum destino terrível.

— Querido!

O contraste entre sua conduta agora e sua rudeza comigo e Poirot não poderia ter sido maior.

O recém-chegado era bonito e bem-apeado; tinha um sorriso fácil e cativante e um cabelo quase preto que lhe caía sobre um lado da testa.

— Aí está você, caríssima! — disse ele quando Claudia correu para seu abraço. — Estive à sua procura em toda parte. — Ele tinha os dentes mais perfeitos que já vi. Era difícil acreditar que tinham nascido naturalmente em sua boca. — E aqui, ao que parece, estão alguns de nossos hóspedes... Que maravilha! Sejam todos bem-vindos.

— Você não tem o direito de dar boas-vindas a ninguém, querido — disse-lhe Claudia com fingida severidade. — É um hóspede também, lembre-se.

— Digamos que falei em seu nome, então.

— Impossível. Eu teria dito algo muito diferente.

— Foi o que fez da maneira mais eloquente, Mademoiselle — Poirot lhe lembrou.

— Foi divinamente desagradável com eles, caríssima? Não deem atenção a ela, cavalheiros. — Ele estendeu a mão. — Kimpton. Dr. Randall Kimpton. É um prazer conhecer vocês dois. — Ele tinha uma maneira extraordinária de falar, tanto que o percebi de imediato e tenho certeza de que Poirot percebeu também. Os olhos de Kimpton pareciam flamejar e se apagar enquanto seus lábios se moviam. Esses lampejos de olhos arregalados se sucediam a intervalos de apenas alguns segundos e pareciam querer transmitir uma ênfase entusiástica. Ficava-se com a impressão de que cada terceira ou quarta palavra que pronunciava era uma fonte de prazer para ele.

Eu poderia jurar que Poirot me dissera que o amigo de Claudia era americano. Não havia nenhum vestígio de sotaque, pelo menos algum que eu pudesse detectar. Quando eu pensava isso, Poirot disse: — É um grande prazer conhecê-lo, dr. Kimpton. Mas Lady Playford contou-me que você era de Boston, nos Estados Unidos.

— Realmente sou. Suponho que queira dizer que não falo como um americano. Bem, espero que não! Aproveitei a oportunidade para me desfazer de todas as aparências exteriores desagradáveis no momento em que cheguei à Universidade de Oxford. Não convém falar com nenhum sotaque que não seja inglês britânico em Oxford, vocês sabem.

— Randall tem o dom de se desfazer de aparências exteriores, não é, querido?

— O quê? Oh! — Kimpton pareceu infeliz. Sua atitude tinha mudado por completo. A dela também, aliás. Ela olhou fixamente para ele, como uma professora para um aluno desobediente, aparentemente à espera de que ele falasse. Enfim, ele disse com calma: — Caríssima, não parta meu coração lembrando-me de meu erro mais repreensível. Cavalheiros, certa vez, momentaneamente, fui tolo o bastante... tendo feito grande esforço para convencer esta extraordinária criatura a se tornar minha esposa... fui tolo o bastante para duvidar de meus próprios desejos e...

— Ninguém está interessado em seus remorsos e recriminações, Randall — disse Claudia, cortando-o. — Afora eu... nunca me canso de ouvi-los. E, advirto-o, precisará se autocensurar muito mais em minha presença antes que eu concorde em marcar uma data para o casamento.

— Caríssima, não farei outra coisa senão censurar, acusar e difamar a mim mesmo até o dia de minha morte! — disse Kimpton com sinceridade, os olhos flamejando. Os dois pareciam ter esquecido por completo que Poirot e eu estávamos ali.

— Ótimo. Então não vejo nenhuma necessidade imediata de me desfazer de você. — Claudia sorriu de repente, como se durante todo o tempo estivesse apenas caçoando dele.

Kimpton pareceu inflar de novo com autoconfiança. Tomou a mão dela e beijou-a.

— Uma data para o casamento *será* marcada, caríssima... e logo!

— Será mesmo? — Claudia riu, alegre. — Veremos. De qualquer maneira, admiro sua determinação. Não há nenhum outro homem na terra que possa me convencer a aceitá-lo *duas vezes*. Ou, provavelmente, mesmo uma.

— Nenhum outro homem seria tão obcecado ou devotado quanto eu, minha divina bem-amada.

— Nisso eu posso acreditar — disse Claudia. — Não imaginava que jamais poderia ser induzida a recolocar este anel e, no entanto, aqui estou, usando-o. — Deteve-se um momento para examinar o grande diamante no terceiro dedo de sua mão esquerda.

Pensei tê-la ouvido suspirar então, mas o som foi mascarado pelo da porta abrindo-se uma terceira vez. Uma jovem criada parou na soleira. Seu cabelo claro estava arrumado num coque em que ela deu batidinhas nervosas ao falar.

— Vim preparar a sala para os drinques — murmurou.

Claudia Playford inclinou-se para mim e Poirot e disse num sonoro sussurro: — Não deixem de farejar antes de beber. Phyllis não poderia ser mais tonta. Não consigo entender por que a conservamos. Ela não saberia a diferença entre vinho do porto e água de banho.

## CAPÍTULO 4

*Um admirador inesperado Um fenômeno que tive motivos para observar várias vezes tanto em minha vida profissional quanto na social é que, quando conhecemos um grande grupo de pessoas de uma vez, sabemos de certo modo — como se por um instinto sobrenatural — com quais delas vamos gostar de conversar e quais merecem ser evitadas.*

Assim foi que, quando retornei, após me vestir para o jantar, a uma sala de estar cheia de muito mais pessoas, soube instantaneamente que deveria me esforçar para acabar ficando ao lado do advogado que Poirot me descrevera, Michael Gathercole. Ele era mais alto até que o homem alto mediano, e tinha uma postura ligeiramente encurvada, como se para minimizar sua altura.

Poirot tinha toda razão: Gathercole dava de fato a impressão de que sua pessoa física era uma causa de desconforto para ele. Seus braços pendiam inquietos ao lado de seu corpo e cada vez que ele se mexia, mesmo ligeiramente, parecia estar tentando livrar-se de alguma coisa de maneira muito desajeitada e impaciente — alguma coisa embaraçosa que tivesse se prendido a ele, mas que ninguém mais podia ver.

Não era bonito no sentido usual da palavra. Seu rosto me fazia pensar num cão fiel que tivesse sido chutado com demasiada frequência por seu dono e estava certo de que isso voltaria a acontecer. Apesar disso, parecia ser de longe o mais inteligente de meus novos conhecidos.

Os outros recém-chegados à sala de estar também eram mais ou menos como Poirot anunciara. Lady Playford contava uma anedota complicada para ninguém em particular quando entrei. Parecia tão imponente quanto eu esperava, com uma voz alta e melódica e o cabelo numa espécie de torre inclinada espiralada. Depois dela vinha o advogado de tamanho descomunal, Orville Rolfe; em seguida o visconde Harry Playford, um rapaz de cabelo louro, rosto chato e quadrado e sorriso amável, ainda que distante — como se um dia ele tivesse se sentido alegre por alguma razão e estivesse desde então tentando se lembrar a causa desse contentamento. Sua esposa Dora era uma

mulher alta com traços que faziam pensar numa ave de rapina e um pescoço comprido com uma cavidade profunda na base. Teria sido possível pousar uma xícara de chá naquela cavidade e ela teria ficado aninhada ali muito satisfatoriamente.

Os dois últimos a chegar para os drinques foram Joseph Scotcher, secretário de Lady Playford, e uma mulher de cabelo e olhos escuros. Supus que era a enfermeira, Sophie Bourlet, porque entrara na sala empurrando Scotcher numa cadeira de rodas. Tinha um sorriso amável que parecia, ao mesmo tempo, eficiente — como se tivesse decidido que um sorriso exatamente desse tipo seria adequado à ocasião — e modesto. De todas as pessoas na sala, era aquela a quem poderíamos nos dirigir com um problema prático. Carregava um maço de papéis debaixo do braço, notei, e assim que teve oportunidade depositou-os sobre uma pequena escrivaninha junto a uma das janelas. Tendo feito isso, aproximou-se de Lady Playford e disse-lhe alguma coisa. Lady Playford lançou um olhar para os papéis na escrivaninha e assentiu com a cabeça.

Perguntei-me se, em face do vigor declinante de Scotcher, Sophie teria assumido alguns dos trabalhos secretariais em Lillieoak. Ela estava vestida mais como uma secretária do que como enfermeira. Todas as outras mulheres usavam vestidos de noite, mas Sophie dava a impressão de ter se vestido elegantemente para uma reunião no escritório.

Scotcher era tão claro em sua aparência física quanto sua enfermeira era escura. Seu cabelo era da cor de fios de ouro e a pele, pálida. Tinha traços delicados, quase como os de uma moça, e parecia perigosamente magro: um anjo que se consumia. Perguntei a mim mesmo se teria sido mais robusto antes de perder a saúde.

Consegui me colocar em frente a Gathercole com razoável rapidez, e as costumeiras apresentações se seguiram. Ele se revelou mais amistoso do que parecera a distância. Contou-me que descobrira os livros sobre Shrimp Seddon de Athelinda Playford no orfanato que o abrigara durante a maior parte de sua infância, e que agora era seu advogado. Falou dela com admiração e alguma reverência.



— Você é, fica evidente, extremamente afeiçoado a ela — observei em certa altura, e ele respondeu: — Assim são todos que leram a sua obra. Ela é um gênio, acredito.

Pensei sobre os profundamente não convincentes sargento Idiota e inspetor Imbecil, e concluí que seria insensato criticar os esforços criativos de minha anfitriã quando ela estava a apenas poucos metros de distância.

— Muitas das grandes casas pertencentes a famílias inglesas foram completamente destruídas pelo fogo nos recentes... acontecimentos desagradáveis por aqui.

Assenti com a cabeça. Não era algo que um inglês apreciasse discutir no início de uma semana de férias em Clonakilty.

— Ninguém chegou perto de Lillieoak — disse Gathercole. — Os livros de Lady Playford são tão amados que nem as hordas sem lei se atreveriam a atacar sua casa. Ou então foram contidas por aqueles melhores que eles, para quem o nome Athelinda Playford significa alguma coisa.

Isso me soou improvável. Afinal, que horda sem lei cancelaria seus planos de causar estragos por causa de Shrimp Seddon e seus companheiros ficcionais? Seria a jovem Shrimp de fato tão influente? Poderia sua gorda e peluda cadela, Anita, provocar um sorriso no rosto do irado rebelde e fazê-lo esquecer tudo sobre a causa? Eu duvidava.

— Vejo que não está convencido — disse Gathercole. — O que esquece é que as pessoas se apaixonam pelos livros de Lady Playford quando *crianças*. É difícil, mais tarde, convencerem-se a deixar de lado esse tipo de afeição, seja qual for sua afiliação política.

Ele falava como um órfão, lembrei a mim mesmo. Shrimp Seddon e seu bando tinham sido provavelmente a coisa mais próxima de uma família que tivera.

*Um órfão...*

Ocorreu-me que esta era mais uma conexão entre um hóspede em Lillieoak e a morte. Os pais de Michael Gathercole tinham morrido. Poirot saberia? Embora, é claro, Gathercole já estivesse ligado à morte pela especialidade de sua firma, os patrimônios dos ricos. E — eu era um tolo! —

todas as pessoas no mundo têm um parente que morreu. A ideia de Poirot de uma reunião tendo a morte por tema era ridícula, concluí.

Gathercole me deixou para ir encher de novo o seu copo. Atrás de mim, Harry Playford conversava de modo entusiasmado com Orville Rolfe sobre taxidermia. Não estando interessado em ouvir uma descrição passo a passo de seu método, atravessei a sala e passei a ouvir em vez disso a conversa de Randall Kimpton com Poirot.

— Ouvi dizer que você considera a psicologia muito valiosa na sua solução de crimes, é verdade?

— Sim.

— Ah! Bem, se me permite, gostaria de discordar de você. A psicologia é algo tão intangível. Quem sabe se ao menos ela é real?

— Ela é real, Monsieur. Permita-me assegurar-lhe, é real.

— É mesmo? Não nego que as pessoas têm pensamentos em suas cabeças, é claro, mas a noção de que podemos deduzir alguma coisa de nossas suposições sobre quais podem ser esses pensamentos e por que eles estão lá... sinto muito, mas não estou convencido disso. E mesmo quando um assassino confirma que estamos certos, mesmo quando ele diz “Isso mesmo. Fiz isso porque estava enlouquecido de ciúme, ou porque a velha senhora em cuja cabeça dei uma paulada me lembrava uma babá que era cruel comigo”... como saber se o sujeito está dizendo a verdade?

Isso foi acompanhado por muitas flamas triunfantes lançadas por seus olhos, cada uma parecendo se deleitar na superioridade dos argumentos de Kimpton. O médico soava, além disso, como se não estivesse prestes a abandonar o assunto ou mudá-lo. Pensei no que Claudia dissera sobre ele tê-la convencido duas vezes a aceitá-lo e me perguntei se teria havido algum elemento de intimidação envolvido. Ela não parecia o tipo que admitiria ser coagida, mas apesar disso... Havia algo de assustador na determinação inquebrantável e arrogante exalada por Kimpton — para vencer, para persuadir, para ter razão.

Talvez, afinal de contas, tivesse sido mais relaxante ouvir Harry descrever como tinha removido o cérebro do leopardo morto.

Fui salvo por Joseph Scotcher, que havia sido empurrado até mim por Sophie Bourlet.

— Você deve ser Catchpool — disse ele, cordialmente. — Eu estava muito ansioso para conhecê-lo. — Estendeu uma mão e apertei-a o mais gentilmente que pude. Sua voz era mais robusta do que sua aparência exterior me levava a esperar. — Parece surpreso por eu saber quem é. Ouvi falar de você, é claro. Os assassinatos do Hotel Bloxham em Londres, em fevereiro deste ano.

Senti como se tivesse levado uma bofetada no rosto. Pobre Scotcher; não tinha como saber que suas palavras produziriam esse efeito.

— Perdão, deixei de me apresentar: Joseph Scotcher. E esta é a luz de minha vida: minha enfermeira, amiga e amuleto da sorte, Sophie Bourlet. É graças a ela, e apenas a ela, que ainda estou aqui. Um paciente que tem Sophie para cuidar dele quase não precisa de remédio. — Diante destes pródigos elogios, a enfermeira pareceu vencida pela emoção, e teve de se virar para o outro lado. *Ela o ama*, pensei. *Ela o ama e não consegue suportar isso*.

— Astutamente — disse Scotcher —, Sophie me mantém vivo se recusando a se tornar minha esposa. — Ele piscou para mim. — Como vê, não posso morrer até que ela tenha aceitado a proposta.

Sophie voltou-se para me encarar com manchas rosadas nas faces e seu sorriso sensível restaurado.

— Não lhe dê atenção, sr. Catchpool — disse ela. — A verdade é que Joseph nunca me pediu em casamento. Nem uma vez.

Scotcher riu.

— Só porque, se eu caísse sobre um joelho, é improvável que fosse capaz de me levantar novamente. É fácil para o sol, mas não tão fácil para mim em minha condição.

— Levantando-se ou se pondo, Joseph, você brilha mais intensamente do que o sol jamais pôde brilhar.

— Está vendo o que quero dizer, Catchpool? Vale a pena ficar por ela, mesmo que eu tenha de me contentar com o que gosto de chamar de meus rins *apimentados*.

— Com licença, cavalheiros — disse Sophie. Ela se dirigiu à escrivaninha, sentou-se e ocupou-se dos papéis que havia posto ali mais cedo.

— Que idiota egoísta eu sou! — declarou Scotcher. — Você não quer falar sobre meus rins, e eu gostaria muito mais de falar sobre você do que sobre mim mesmo. Deve ser terrivelmente difícil para você. — Fez um aceno na direção de Poirot. — Lamentei ver os jornais o ridicularizarem tão cruelmente. Foi quase como se não tivessem notado o papel que você desempenhou encerrando aquele repugnante caso Bloxham. Espero que não se oponha a que eu o mencione?

— De maneira alguma — fui obrigado a dizer.

— Li tudo sobre ele, sabe. A história toda. Achei-a fascinante e, sem sua brilhante dedução no cemitério, o caso poderia nunca ter sido resolvido. Parece-me que todos deixaram escapar esse aspecto da questão.

— Deixaram, certamente — murmurei.

Scotcher me deixara sem alternativa: fui obrigado a pensar mais uma vez sobre as mortes que eram conhecidas na época — e sem dúvida sempre seriam — como os “crimes do monograma”. O caso tinha sido resolvido de maneira extremamente engenhosa por Poirot, mas havia também atraído muita publicidade lamentável — lamentável se você estivesse no meu lugar, em todo caso. Poirot saiu-se muito bem de tudo isso, mas não tive tanta sorte. Jornalistas tinham me acusado de ser incompetente como detetive e de me fiar demais em Poirot para me tirar de uma enrascada. Ingenuamente, eu tinha feito alguns comentários quando entrevistado que eram um pouco sinceros demais sobre como teria ficado perdido sem a ajuda de Poirot, e eles tinham aparecido nos jornais. Algumas cartas foram publicadas perguntando por que Edward Catchpool era empregado da Scotland Yard se não podia lidar com o trabalho sem apelar para um amigo que nem sequer era policial. Em suma, tornei-me objeto de zombaria por algumas semanas, até que todos se esqueceram de mim.

Desde então — como me vi contando para Joseph Scotcher, que parecia se importar verdadeiramente com minha tribulação —, meu trabalho me pusera em contato com outro caso de assassinato, e que eu fora incapaz de resolver, mas dessa vez fui elogiado por ter feito todo o possível e ter

perseguido obstinadamente a elusiva verdade. Fiquei estupefato ao ler nas páginas de cartas dos jornais que eu era um destemido herói; ninguém poderia ter sido mais corajoso ou mais consciencioso do que eu — esse foi o consenso geral.

Extraí a única conclusão possível: que eu ficava em melhor situação fracassando sozinho do que tendo sucesso com a ajuda de Hercule Poirot. Era por isso que o estivera evitando (abstive-me de compartilhar esta revelação particular com Joseph Scotcher): porque não podia ter certeza de que não lhe pediria ajuda com o assassinato que não conseguira resolver. Simplesmente não havia nenhuma maneira de explicar isto a Poirot que não fosse levá-lo a exigir saber todos os detalhes.

— Estou certo de que muitas pessoas notaram o modo lamentável como os jornais o trataram e pensaram que isso era muito injusto — continuou Scotcher. — De fato, eu desejaria ter escrito uma carta ao *Times* dizendo isso. Pretendia fazê-lo, mas...

— Você deve se concentrar em cuidar de si mesmo e não se preocupar comigo — falei.

— Bem, precisa saber que o admiro imensamente — disse ele com um sorriso. — Eu nunca poderia ter encaixado aquela peça do quebra-cabeça no lugar tal como você o fez. Isso não teria me ocorrido, nem à maioria das pessoas. Você evidentemente tem uma mente extraordinária. Poirot também, é claro.

Embaraçado, agradeci-lhe. Sabia que minha mente não era nada de especial e que Poirot teria resolvido os assassinatos do Hotel Bloxham com ou sem meu solitário momento de intuição, mas senti-me ainda assim enormemente estimulado pelas palavras gentis de Scotcher. O fato de que ele estava morrendo tornava isso ainda mais tocante, de certo modo. Não me importo de admitir que fui quase vencido pela emoção.

Uma quietude começou a se espalhar pela sala, como uma inundação de silêncio. Virei-me e vi que Hatton, o mordomo, estava parado no vão da porta, dando a impressão de haver alguma coisa importante que ele não devia de maneira alguma nos revelar.

— Oh! — declarou Lady Playford, que estava parada com Sophie perto da escrivaninha. — Hatton veio anunciar... ou *me* ouvir anunciar, que o jantar está prestes a ser servido. Obrigada, Hatton.

O mordomo pareceu mortificado por ser acusado de quase ter dito alguma coisa a tantas pessoas. Fez uma pequena reverência e se retirou.

Quando todos se moveram em direção à porta, fiquei para trás. Uma vez sozinho na sala, aproximei-me da escrivaninha. As páginas nela pousadas eram escritas à mão e quase ilegíveis, mas consegui ver o que pensei ser “Shrimp” em vários lugares. Havia duas tintas, azul e vermelha: círculos vermelhos em torno de palavras azuis. Parecia que Sophie estava realmente fazendo algum trabalho secretarial para Lady Playford.

Li uma linha que parecia dizer: “Shrimp uma mancha cortar ração e os para-sóis.” Ou era “parasita”.

Desisti e fui em busca do jantar.

## CAPÍTULO 5

*Lágrimas antes do jantar Emergi da sala de jantar sem a mais pálida ideia de para onde ir, embora vozes distantes vindas de certa direção me dessem uma pista. Estava a ponto de seguir o som de risos e tagarelice quando ouvi, do outro lado da casa, um som mais perturbador: fortes soluços.*

Parei, perguntando a mim mesmo qual a melhor coisa a fazer. Estava faminto após minha longa viagem e nada me fora oferecido desde que chegara, mas não me pareceu que pudesse ignorar uma manifestação de sofrimento tão próxima de onde me encontrava. As palavras bondosas que Scotcher me dissera na sala de estar — e o conhecimento de que ele, um completo estranho, me tinha em tanta estima e que, portanto, poderia haver outros estranhos por aí que não pensavam muito mal de mim — fizeram com que eu me sentisse muito mais alegre e animado do que me sentia havia um tempo considerável. Eu estava decidido a sair à procura de ser similarmente bondoso com quem quer que estivesse chorando de maneira tão lastimável.

Suspirando, fui à procura da criatura que soluçava e logo a encontrei. Era a criada, Phyllis, a pobre infeliz descrita por Claudia como tonta. Estava sentada na escada, esfregando as lágrimas com a manga.

— Tome — falei, passando-lhe um lenço limpo. — Não pode ser tão ruim assim, com certeza.

Ela olhou para mim com uma expressão de dúvida.

— Ela diz que é pro meu próprio bem. Grita comigo de manhã até a noite, ela grita... pro meu próprio bem! Estou farta do meu próprio bem, se é isso o que é. Quero ir pra casa!

— É nova aqui, então? — perguntei-lhe.

— Não. Faz quatro anos que estou aqui. Ela fica pior a cada ano. A cada dia, às vezes penso.

— De quem está falando?

— Da cozinheira. “Saia de minha cozinha!”, ela grita quando não fiz nada de errado. Não posso evitar, digo para ela... Eu tento, mas não posso evitar!

— Oh, meu Deus. Bem, veja...

— E depois ela vem atrás de mim, como se eu tivesse fugido em vez de ser expulsa por ela! “Onde diabos você se meteu, menina? O jantar não vai se servir sozinho!” Ela virá atrás de mim a qualquer segundo, o senhor vai ver!

Phyllis devia estar servindo o jantar, então? Não parecia estar em condições de fazê-lo. Isso me alarmou mais que suas lágrimas e discursos. Eu começava a sentir que poderia desmaiar de fome.

— Eu *já teria* fugido nesta altura se não fosse por Joseph! — declarou Phyllis.

— Joseph Scotcher?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sabe sobre ele, senhor...?

— Catchpool. Saber o que sobre ele? Refere-se a seu estado de saúde?

— Ele não vai durar muito. Uma situação muito lamentável, como costume dizer.

— Realmente.

— É o único que se importa comigo. Por que não é um dos outros que vai morrer? Um dos que nunca sequer olham para mim.

— Ouça, prepare-se. Você realmente não deve...

— A maldosa e metida Claudia ou a mandona Dora... Elas duas passam por mim como se eu não existisse ou falam comigo como se eu fosse sujeira em seus sapatos! Juro, depois que Joseph for embora, vou embora também. Não poderia ficar aqui sem ele. Ele me diz o tempo todo: “Phyllis, você tem muita força e beleza dentro de você. A boba da velha Brigid não é nem metade da mulher que você é”. Essa é a cozinheira, isto é... ele a chama de Brigid, que é o nome dela. Ele diz: “É por isso que ela precisa gritar e você não”. É o mais fraco que tem de gritar mais alto, fazer os outros sofrerem, diz ele.

— Acredito que há alguma verdade nisso.

Phyllis deu uma risadinha.



— Eu disse alguma coisa engraçada? — perguntei.

— O senhor não. Joseph. Ele vive me dizendo: “Phyllis, não tenho uma cozinha, mas, se um dia tiver, se um dia for o orgulhoso proprietário de uma cozinha...”. Porque é assim que ele fala! Oh, o jeito como ele diz as coisas me faz rir. E, o senhor sabe, acho que aquele pomposo do Randall Kimpton o imita, sai com cada coisa de repente, mas não tem o charme de Joseph e nunca vai ter, por mais que tente. “Se algum dia for o orgulhoso proprietário de uma cozinha”, o Joseph sempre me diz, “juro solenemente que jamais a expulsarei dela. Ao contrário, haveria de querer que você ficasse nela o tempo todo, em especial porque não sei nem escalfar um ovo!” Entende o que quero dizer? Ele é tão bom, o Joseph. Eu só fico por ele.

Joseph Scotcher parecia saber precisamente o que dizer para fazer os outros se sentirem bem. Era muita gentileza da parte dele se dar ao trabalho, pensei — com estranhos como eu, que visitavam a casa por acaso, e com os criados.

Quanto à afirmação de Phyllis de que Randall Kimpton pretendia imitar Scotcher, ela me pareceu bastante intrigante. Kimpton me dava a impressão de ser muito ele mesmo e o tipo de sujeito decidido e completo que sempre foi a mesma coisa. A partir do pouco que vira dele, não podia imaginá-lo mudando de curso por ninguém. Bem, talvez por sua amada Claudia, mas não por Joseph Scotcher. Ainda assim, devia admitir que Phyllis provavelmente conhecia os dois homens muito melhor que eu.

Perguntei a mim mesmo quantas crispações de desconforto Scotcher estivera aplainando habilmente em Lillieoak desde que chegara. Como os outros moradores da casa se arranjariam depois de sua morte?

Algumas pessoas eram mais virtuosas e abnegadas que outras, não havia dúvida quanto a isso. Claudia Playford, por exemplo, pareceu-me uma mulher que não faria e não diria nada em benefício de ninguém senão dela mesma.

Nesse momento, o assoalho sob meus pés começou a sacudir. Phyllis levantou-se de um salto.

— Ela está chegando! — sussurrou, agitada. — Não diga que lhe contei nada ou ela vai acabar comigo!

Uma mulher baixa e compacta, parecendo um barril, vinha em nossa direção com passos pesados. Tinha um rosto vermelho e cabelo anelado, cinza-escuro, que formava uma espécie de círculo rígido em volta de sua cabeça, como uma coroa de arame.

— Aí está você! — Ela limpou as mãos vermelhas e gordas no avental. — Tenho coisas melhores para fazer do que correr por aí à sua procura! Pensa que o jantar vai criar pernas e caminhar por si só até a sala de jantar? Pensa?

— Não, senhora!

— Não, senhora! Então vá lá dentro e sirva-o como uma boa menina!

Phyllis saiu às pressas. Tentei escapar ao mesmo tempo, mas Brigid se moveu para bloquear meu caminho. Depois de me olhar de alto a baixo por alguns segundos, disse: — Encontrar alguém como o senhor no pé da escada quando não há ninguém por perto é exatamente do que essa menina precisa! E ela fala e fala sobre aquele tal de Scotcher... Uma perda de tempo, de qualquer ponto de vista. Mas fica para a próxima, e não quando estou tentando dar início ao jantar, se não se importa.

Acho que devo ter ficado boquiaberto.

Antes que pudesse protestar, Brigid se afastava depressa, sacudindo o chão com seus passos.

## CAPÍTULO 6

### *O anúncio*

Pensei que seria o último a chegar à sala de jantar, mas ao entrar encontrei todos especulando sobre o que fora feito de Athelinda Playford. Seu lugar na cabeceira da mesa estava vazio.

— Você não estava com ela? — perguntou-me Dora Playford, como se eu certamente devesse ter estado. Disse-lhe que estivera conversando com Phyllis e não vira Lady Playford.

— Dora, pare de ser uma megera — disse Randall Kimpton quando me sentei entre Orville Rolfe e Sophie Bourlet. — Aceite um conselho, Catchpool: nunca responda a uma das perguntas de Dora... Ela virá rapidamente com pelo menos mais 19. Assobie e olhe para o outro lado. É a única abordagem sensata.

Tomei um gole de meu copo d'água para evitar responder. Teria pegado um dos copos de vinho, mas eles ainda não tinham sido cheios.

— Bem, eu gostaria de saber onde ela se meteu! — Um rubor se espalhara pelas faces de Dora. — Ela não estava conosco ainda há pouco? Estávamos todos juntos na sala de estar. Ela estava lá. Todos vocês a viram! E não a notei indo para nenhum outro lugar. Alguém notou?

Ainda olhando para mim, Kimpton disse alto por um lado da boca: — Não responda, estou avisando.

A porta se abriu e Lady Playford entrou na sala com o cabelo arrumado num penteado diferente do que exibira antes — um que eu não poderia nem começar a descrever ainda que passasse cem anos tentando. Parecia tão elegante quanto a sala em que nos encontrávamos, a qual era perfeitamente quadrada com teto alto, cortinas vermelhas e douradas e candelabros. Do ponto de vista estético, era consideravelmente mais agradável que a sala de estar. Esta devia ter sido destinada pelo arquiteto a ser a principal sala da casa, pensei. Perguntei-me se Lady Playford concordava.

Harry esperou até que a mãe estivesse a meio caminho da mesa antes de dizer: — Vejam, cá está ela! Alô, mamãe.

— Sim. Cá está ela — repetiu Claudia. — Não é uma sorte que ninguém tenha entrado em pânico?

— Pânico? — Lady Playford riu. — Quem entraria em pânico, e por quê?

— Eu queria simplesmente saber onde tinha ido — disse Dora, rígida. — O jantar está atrasado e não tivemos nenhuma explicação.

— Bem, isso é muito fácil — disse Lady Playford. — A causa do atraso é a de sempre: Brigid e Phyllis tiveram outra briga sem sentido. Ouvi o som distante e tristemente familiar de uma criada choramingando e, como sei que isso significaria nenhuma comida no futuro previsível, aproveitei a oportunidade para fazer algo diferente com meu cabelo. Ele estava muito esticado antes.

— Então por que usá-lo nesse estilo para começar?

— Isso é mais uma pergunta, Dora? — disse Kimpton. — Sabe, eu poderia manter um cômputo esta noite. E todas as noites. De que outra maneira poderemos saber quando você estabelecer um novo recorde?

Dora respondeu calmamente:

— Um dia, Randall, você vai aprender que ser desagradável e ser divertido não são a mesma coisa.

— Vamos, não nos critiquemos uns aos outros — disse Joseph Scotcher. — Afinal, temos hóspedes, alguns que não visitaram Lillieoak antes. Monsieur Poirot, sr. Catchpool, espero que estejam gostando de sua estada até agora.

Dei a resposta apropriada. Certamente não estava me aborrecendo em Lillieoak, e sentia-me satisfeito por reencontrar Poirot, agora que havia superado o choque do encontro, mas estaria *gostando* desta noite? Tive a impressão de que teria de me olhar de fora e procurar pistas para tentar dar uma resposta precisa.

Poirot respondeu dizendo que estava se divertindo maravilhosamente e não era todos os dias que se recebia um convite de uma escritora famosa.

— Não suporto a palavra “famosa” — reclamou Lady Playford.

— Ela prefere “popular”, “estimada”, “aclamada” ou “renomada” — comentou Kimpton. — Não é mesmo, Athie?

— Tenho certeza de que todos esses adjetivos se aplicam — disse Poirot com um sorriso.

— Prefiro um mais simples — disse Scotcher.

— É porque usar palavras compridas faz mal aos seus rins? — perguntou-lhe Claudia.

*Que comentário desagradável,* pensei. Cruel, na verdade. Surpreendentemente, ninguém reagiu a ele de maneira alguma.

— Prefiro o adjetivo “melhor” — prosseguiu Scotcher como se nada tivesse acontecido, olhando para Lady Playford.

— Oh, Joseph! — Ela fingiu repreendê-lo, mas era visível que estava encantada com o elogio.

Surpreendi-me ao ver Claudia me fitando. Quanto mais tempo ela o fazia, mais eu me sentia como se tivesse caído inadvertidamente numa máquina perigosa e da qual não pudesse escapar.

— Joseph nos disse que não deseja ser tratado como um inválido — explicou-me ela. — Por isso o trato tal como a todos os demais.

— Sim, abominavelmente — emendou Kimpton com um sorriso forçado. — Perdão, caríssima, você sabe que não penso uma palavra disso. E o modo como você me trata é exemplar, portanto quem sou eu para me queixar?

Claudia lhe dirigiu um sorriso coquete.

Cheguei a uma conclusão: não, eu não estava me divertindo.

Enquanto Scotcher explicava a Poirot que era uma honra para um homem humilde como ele ser secretário da grande Athelinda Playford, Claudia entabulou muito explicitamente uma conversa entre ela própria e Kimpton. Dora aproveitou a oportunidade para repreender Harry por ter deixado de interceder a seu favor quando Kimpton a atacara.

— Não exagere, meu bem! Certamente não foi um ataque, hein? Uma pequena provocação inofensiva! — E logo não éramos mais um grande grupo, mas muitos grupos pequenos, todos conduzindo conversas separadas.

Graças a Deus o primeiro prato chegou não muito depois, servido de maneira desajeitada por uma Phyllis de olhos vermelhos. Notei que Scotcher fez questão de interromper sua conversa com Poirot e se virar para agradecer

a moça obsequiosamente quando ela pôs na mesa sua porção do que Lady Playford descreveu como “um bom e velho caldo de carneiro inglês tradicional”. A maneira como o disse me fez pensar que era sua comida favorita no mundo. Tinha um cheiro delicioso, e devorei-o assim que a decência o permitiu.

A conversa morreu quando nos dedicamos a comer. Ao meu lado, um sonoro rangido veio da cadeira de Orville Rolfé quando ele ajustou sua posição.

— Está tudo certo com a sua cadeira, Catchpool? — perguntou ele. — A minha está bamba. Houve tempo em que um sujeito que fabricava uma cadeira a fazia para durar. Não mais! Tudo que é feito hoje em dia é frágil e descartável.

— Muita gente diz isso — respondi diplomaticamente.

— E então? — disse Rolfé. Era evidentemente um hábito seu pedir uma resposta tão logo recebia uma.

— Concordo com você — eu disse, na esperança de pôr fim ao assunto. Sentia-me tão desconfortável como se estivéssemos discutindo seu tamanho, e irritado por estar embaraçado enquanto ele parecia perfeitamente bem.

Ele terminou sua sopa antes de todos os outros, olhou em volta e disse: — Há mais? Não sei por que as tigelas modernas são tão pequenas, você também, Catchpool? Esta aqui é tão rasa que poderia ser um prato.

— Acho que elas são provavelmente de um tamanho padronizado.

— E então? — Rolfé ajustou de novo sua posição, provocando um rangido mais alto. Rezei para que sua cadeira durasse até o fim da refeição.

Joseph Scotcher ainda falava com Poirot sobre os livros de Lady Playford.

— Como um detetive, eles lhe parecerão mais deliciosos que para outras pessoas — disse ele.

— Espero ler muitos durante minha permanência aqui — disse-lhe Poirot. — Era minha intenção ler uns dois antes de chegar, mas infelizmente não foi possível.

Scotcher pareceu preocupado.

— Espero que não tenha sofrido uma indisposição — disse ele.

— Não, nada disso. Fui solicitado a emitir minha opinião num caso de assassinato em Hampshire e... digamos que ele se tornou complicado e frustrante.

— Acredito que seus esforços tenham sido bem-sucedidos no fim — disse Scotcher. — Um sujeito como você certamente desconhece o fracasso.

— Que romance de Lady Playford recomendaria que eu lesse primeiro? — perguntou Poirot.

Isso foi interessante, pensei. Como Scotcher, eu não podia imaginar Poirot deixando de resolver um caso, e esperara que ele dissesse algo para indicar que o caso em Hampshire chegara a uma conclusão satisfatória. Em vez disso, ele mudara completamente de assunto.

— Oh, *deve* começar com *Shrimp Seddon e a dama de tailleur*, disse Scotcher. — Não é o primeiro, mas é o mais simples e, em minha humilde opinião, a melhor introdução a Shrimp. É também o primeiro que li, por isso sou sentimental em relação a ele.

— Não — disse Michael Gathercole. Ele estivera conversando com Lady Playford e Sophie Bourlet, mas agora dirigiu-se a Poirot. — Devemos lê-los em ordem cronológica.

— *Oui*, acho que preferiria fazer isso — concordou Poirot.

— Então, como Michael aqui, você deve ser terrivelmente convencional — disse Lady Playford com uma piscadela. — A engenhosa teoria de Joseph é que é *melhor* ler livros na ordem errada, se eles forem uma série. Ele diz...

— Deixe que ele mesmo nos diga, já que temos o benefício de sua companhia esta noite — disse Claudia. — Teremos muito tempo para lembrar suas sábias palavras depois que estiver morto, afinal.

— Claudia! — disse sua mãe. — Já chega!

Sophie Bourlet havia coberto a boca com o guardanapo e estava contendo as lágrimas.

Scotcher, contudo, estava rindo.

— Sinceramente, não me importo. Rir de uma coisa retira-lhe o ferrão, penso. Claudia e eu nos entendemos muito bem.

— Oh, certamente nos entendemos. — Claudia lhe sorriu. Houve algo em seu sorriso, também. Não exatamente coquetismo, mas alguma coisa...

cúmplice. É a única maneira como posso descrever isso para mim mesmo.

— Na verdade, os médicos e os doentes terminais fazem piadas sobre a morte o tempo todo — continuou Scotcher. — Não é assim, Kimpton?

— É — respondeu Kimpton com frieza. — Mas tendo a não participar. Acredito que a morte deve ser levada a sério. — Estaria repreendendo Scotcher por zombar da ideia de sua própria morte? Ou por ser excessivamente familiar com Claudia? Era difícil distinguir.

Para Poirot, Scotcher disse: — Minha teoria é simplesmente esta: quando você lê os livros de Shrimp na ordem *errada*, conhece Shrimp e Podge e o bando não no início de sua história, mas no meio. Certas coisas já lhes aconteceram, e se você quiser saber mais sobre suas histórias, terá de ler os livros anteriores. Ora, a meu ver isso é muito fiel à vida real. Por exemplo, cá estou, entrando em contato com o grande Hercule Poirot pela primeira vez! Sei apenas o que vejo dele e o que me diz no presente momento. Mas se o achar suficientemente interessante, e com certeza acho, então vou me esforçar para aprender mais sobre suas aventuras passadas. Foi assim que me senti com relação a Shrimp após ler *A dama de tailleur*. É incrivelmente engenhoso, Poirot, e contém o melhor de todos os momentos de Shrimp: quando ela descobre que “hirsuto” é sinônimo de peludo e se dá conta de que não existe nenhuma dama de tailleur!★ Nunca existiu!

— Você acaba de revelar a solução do mistério — disse Gathercole com impaciência. — Por que Monsieur Poirot haveria de lê-lo agora que o estragou para ele?

— Não seja tolo, Michael — Lady Playford rejeitou a objeção com um aceno. — Há muitas complicações naquela história sobre as quais Joseph nada disse. Eu gostaria que ninguém lesse um de meus livros apenas para descobrir a resposta. Monsieur Poirot, tenho certeza, não é nenhum ignorante. O que importa é a elaboração e a psicologia.

— Não venha você também, Athie — resmungou Kimpton. — Psicologia! *Hobby* para degenerados... Nada além disso.

Scotcher pareceu lamentar suas palavras.

— Gathercole tem toda razão. Que tolice a minha revelar um momento tão decisivo. Estou horrorizado com minha própria estupidez. Deixei meu



amor pela obra de Lady Playford me arrebatou. Esqueci-me de mim mesmo.

Gathercole, na outra ponta da mesa, sacudia a cabeça em manifesta aversão.

— Não sou um ignorante — disse Poirot —, mas gosto de romances policiais e prefiro tentar descobrir a solução por mim mesmo. Isso é errado, Lady Playford? Certamente esse é o objetivo de uma história policial, não é?

— Oh, sim. Quero dizer, é, mas... — Ela parecia em dúvida. — Espero que o frango chegue logo — disse, lançando um olhar para a porta.

Dora falou muito calmamente e sem expressão: — Nada que Joseph faz está errado. A regra oposta aplica-se a mim. — Não ficou claro se pretendia criticar a si mesma ou a sogra.

— Claro que você prefere não ter o romance policial arruinado para você por um tolo como eu — disse Scotcher. — Que descuido horrível de minha parte. Um milhão de desculpas, Monsieur Poirot. Embora eu deva insistir que continue me negando sua desculpa indefinidamente. Alguns pecados não merecem perdão.

Claudia jogou a cabeça para trás e riu.

— Oh, Joseph, você é uma peça!

— Gostaria que Phyllis retirasse o primeiro prato e trouxesse o prato principal — disse Lady Playford. — Tenho um anúncio a fazer, mas vamos aguardar até que o jantar esteja na mesa.

— Entendo... Um anúncio que requer um estômago bem forrado, não é? — brincou Kimpton.

Assim que Phyllis tinha servido o que nos foi dito ser o melhor prato de Brigid, frango à la rose, Lady Playford se levantou.

— Por favor, não esperem — disse ela. — Tenho algo a dizer a vocês todos. Muitos não vão gostar nem um pouco, e nada jamais é melhor com um estômago vazio.

— Concordo — disse Orville Rolfe. — E então? — E atacou seu frango com feroz entusiasmo.

Lady Playford esperou que mais algumas facas e garfos tivessem começado a se mexer antes de revelar: — Fiz um novo testamento esta tarde.

Dora fez um ruído de engasgo.

— O quê? Um novo testamento? Por quê? Em que ele é diferente do antigo?

— Suponho que é isso que estejamos todos prestes a ouvir — disse Claudia. — Fale, mamãe querida!

— Tem conhecimento disso, Claudia? — perguntou Dora, com preocupação. — Fala como se tivesse!

— A maior parte de vocês ficará chocada com o que estou prestes a dizer. — As palavras de Lady Playford soaram ensaiadas. — Devo pedir a todos que confiem em mim. Tenho certeza de que dará tudo certo.

— Fale logo, Athie — disse Kimpton.

Nos cerca de dez minutos de silêncio que se seguiram — talvez nem tenha sido tanto tempo, mas com certeza pareceu muito mais —, tive aguda consciência da respiração irregular de todos em volta da mesa. O longo pescoço de Dora encolheu e ela engoliu várias vezes. Parecia mal ser capaz de se manter quieta.

— Segundo as estipulações de meu novo testamento — começou Lady Playford —, feito esta tarde e testemunhado por Michael Gathercole e Hatton, tudo que possuo deve ir para Joseph Scotcher após a minha morte.

— O quê? — A voz de Dora tremeu. Seus lábios finos estavam torcidos de terror, como se ela tivesse ficado face a face com um espectro espantoso invisível para o resto de nós.

— Por tudo, você quer dizer...? — instigou-a Claudia. Parecia serena; Kimpton também. Eles pareciam pessoas que assistiam a uma pantomima com bastante apreço.

— Quero dizer tudo — disse Playford. — A propriedade de Lillieoak, minhas casas em Londres, tudo. Tudo que possuo.

## **Nota**

\* Está envolvido aqui um trocadilho intraduzível: Shrimp descobre que a palavra hirsuto (*hirsute* em inglês) fora confundida com a expressão “seu tailleur” (*her suit* em inglês). (N.T.)

## CAPÍTULO 7

### *A reação*

Scotcher se levantou tão depressa que sua cadeira caiu no chão. Pareceu pálido de repente, como se tivesse ouvido uma má notícia.

— Não — disse ele. — Nunca pedi ou esperei... Por favor... Não há necessidade...

— Joseph, você está bem? — Sophie ficou de pé, pronta para correr para ele.

— Aqui, dê-lhe isto. — Kimpton, à sua esquerda, entregou-lhe seu próprio copo d'água. — Parece estar precisando.

Logo a enfermeira estava ao lado de Scotcher. Ela pôs uma de suas mãos sob o cotovelo dele, como se para mantê-lo de pé.

— É sempre tão perturbador descobrir que uma vasta fortuna deve ser sua um dia — observou Kimpton com ironia.

— Será que todo mundo enlouqueceu? — perguntou Dora. — Joseph está *morrendo*. Ele vai estar morto e enterrado antes de ter a chance de herdar qualquer coisa! Isto é algum tipo de brincadeira cruel?

— Estou falando muito seriamente — disse Lady Playford. — Michael o confirmará.

Gathercole assentiu com a cabeça.

— É verdade.

Claudia sorriu.

— Eu deveria ter adivinhado. Imagino que faz algum tempo que você quer fazer isso, mamãe. Embora eu esteja surpresa por ver que deserdou Harry, seu filho favorito.

— Não tenho um favorito, Claudia, como você bem sabe.

— Não na família, não — murmurou a filha.

— Nossa, isto é uma surpresa e tanto — disse Harry, de olhos arregalados. Era o primeiro comentário que fazia.

Poirot, percebi, estava imóvel como uma estátua.

Orville Rolfe aproveitou a oportunidade para me dar uma cotovelada nas costelas — se é que se podia chamar isso de cotovelada, com um cotovelo tão

amplamente acolchoado — e dizer: — Este frango está excelente, Catchpool. Magnífico. Brigid merece parabéns. E então? Devorar, é o que devo fazer.

Infelizmente não consegui me persuadir a responder.

— Não é um tanto sem sentido uma pessoa deixar seu dinheiro para alguém que está prestes a morrer quando não é provável que ela própria morra antes que se passem muitos anos? — Kimpton perguntou a Lady Playford.

— Randall está certo — disse Scotcher. — Todos vocês sabem de minha difícil situação. Por favor, Athie, você foi tão... Realmente não há necessidade... — Uma frase completa parecia ser demais para ele. Tinha o semblante devastado.

Sophie levantou a cadeira que Scotcher havia derrubado no chão. Depois de ajudá-lo a se sentar de novo, entregou-lhe um copo d'água.

— Beba o mais que puder — recomendou. — Vai se sentir melhor. — Scotcher mal era capaz de segurar o copo; Sophie teve de ajudá-lo a guiá-lo até sua boca.

Todo o espetáculo me pareceu curioso. Claro que a notícia de Lady Playford provocaria um choque, mas por que teria afligido Scotcher tão intensamente? Um perplexo “que tolice, quando não vou viver para herdar e todos nós sabemos muito bem disso” não teria sido mais apropriado à ocasião?

Dora levantou-se. Sua boca abriu e fechou, mas não saiu nenhuma palavra. Ela agarrou seu vestido.

— Por que me odeia, Athie? Deve saber que Harry e eu somos os únicos que vamos sofrer, e não posso acreditar que odeie seu próprio filho! Será isto um castigo por não ter conseguido gerar um filho? Claudia não precisa do seu dinheiro... está prestes a se unir a uma das famílias mais ricas do mundo.

Kimpton pegou-me olhando para ele. Sorriu, como se dissesse: “Você não sabia, não é? É verdade: sou tão rico quanto Dora diz.”

— Então deve ser a *mim* que você quer prejudicar! — continuou a nora. — Harry e eu. Não terá você nos privado cruelmente do que era legitimamente nosso? *Sei* que isso foi obra sua e não o desejo do falecido pai de Harry, que sua alma descanse em paz.

— Que absurdo você inventa — disse Lady Playford. — Odiar você, realmente... Que tolice! Quanto à sua referência ao testamento de meu falecido marido, receio que tenha confundido seus próprios sentimentos de decepção com crueldade de minha parte.

— Dora — disse Kimpton —, certamente se Scotcher morrer antes de Athie tudo irá para você e Harry como antes. Então por que se preocupar?

— Sr. Gathercole, o que Randall diz é verdade? — perguntou Dora.

Eu ainda estava refletindo sobre a menção ao testamento do finado visconde Playford. Perguntei-me qual seria a história ali. Mesmo no meio dessa cena incomum e da manifestação de queixas de família, não ficaria bem perguntar a Dora: “O que você quis dizer sobre o testamento do pai de Harry?”.

— Sim — confirmou Michael Gathercole. — Se Scotcher vier a falecer antes de Lady Playford seria exatamente como se os termos do antigo testamento ainda se aplicassem.

— Está vendo, Dora? — disse Kimpton. — Não precisa se preocupar.

— Desejo compreender por que essa mudança foi feita — insistiu Dora, ainda agarrando seu vestido. Iria rasgar a saia em pouco tempo se continuasse. — Por que deixar tudo para um homem que logo estará apodrecendo sob a terra?

— Oh, isso foi amargo! — disse Scotcher.

— Eu me *sinto* amarga! — Virando-se para Lady Playford, Dora suplicou: — O que Harry e eu vamos *fazer*? Como vamos nos *arranjar*? Você tem de consertar isso imediatamente!

— De minha parte, estou feliz por ter enfim uma prova — disse Claudia.

— Concordo plenamente que ter enfim uma prova é o que mais se deseja — disse Kimpton. — Mas prova de que, minha querida?

— Da pouca importância que temos para minha mãe.

— A não ser *ele*. — Dora apontou um dedo acusador para Scotcher. — E ele nem sequer é da família!

Nesse momento, olhei por acaso para Gathercole. O que vi quase me fez cair da cadeira. Seu rosto estava de um vermelho carregado, mosqueado, e seus lábios tremiam. Evidentemente lutava para conter uma ira poderosa, ou

talvez uma grande angústia. Nunca vi um homem parecer tão prestes a explodir. Ninguém mais parecia ter notado.

— Sou uma velha, e você, Joseph, é um jovem — disse Lady Playford. — Não desejo nem pretendo viver mais que você. Estou acostumada a obter o que quero, sabem. Por isso minha decisão. É bem sabido entre os melhores médicos que o psicológico tem profunda influência sobre o físico, e assim eu lhe dei alguma coisa pela qual viver... alguma coisa pela qual muitos *matariam*.

— Psicologia de novo! — resmungou Kimpton. — Agora uma disposição de ânimo melhor pode curar um par de rins murchos e marrons! Nós, médicos, não somos mais necessários.

— Você é repugnante, Randall — disse Dora. — Que mais nossos hóspedes pensarão?

— É a “murchos” e “marrons” que faz objeção? — perguntou-lhe Kimpton. — Você se importaria de explicar por que essas palavras são mais ofensivas do que “apodrecendo sob a terra”?

— Calem-se! — exclamou Sophie Bourlet. — Se pudessem ao menos ouvir a si mesmos! Vocês são *monstros*, vocês todos.

— É a natureza humana que é o monstro, não qualquer pessoa nesta mesa — disse Lady Playford. — Amanhã você irá comigo ao *meu* médico, Joseph. Não há nenhum melhor. Se alguém pode curá-lo, ele o curará. Não proteste! Está tudo providenciado.

— Mas não pode haver cura para mim. Você sabe disto, cara Athie. Já lhe expliquei.

— Não acreditarei nisso até ouvi-lo do meu próprio médico. Nem todos os médicos são igualmente inteligentes e capazes, Joseph. É uma profissão que corre o risco de atrair os que acham a doença e a debilidade atraentes.

— Sei o que deve ser feito. — Dora bateu as mãos. — Joseph deve fazer um testamento nomeando Harry e Claudia como os beneficiários. Sr. Gathercole, sr. Rolf, vão ajudá-lo nisso, não é? Isso pode ser feito rapidamente? Não entendo por que isso não deveria ser feito! Você evidentemente não deseja furtar desta família, Joseph. E acredito que seria

furto se você permitisse que o que é legitimamente nosso seja deixado para você sem preparar...

— Basta, Dora — disse Lady Playford com firmeza. — Joseph, por favor não lhe dê atenção. Furto! Que ideia! Não é nada disso.

— E quanto a Harry e a mim? Vamos morrer de fome! Não teremos onde morar. Para onde vamos? Você não tomou *absolutamente* nenhuma medida para nós? Oh, não se dê ao trabalho de responder! Dá-lhe prazer, não é, me ver contorcer-me e suplicar?

— Que coisa extraordinária para dizer — observou Lady Playford brandamente.

— Isso tem a ver com Nicholas! — Dora continuou papagueando, com um olhar raivoso. — Em sua mente, você transformou Joseph em Nicholas... seu menininho morto de volta à vida! A semelhança é muito clara: ambos louros e de olhos azuis, ambos fracos e doentios. Mas Nicholas não pode ser trazido de volta do túmulo por esse seu novo testamento! Nicholas, sinto muito, está morto *como uma pedra* e assim vai continuar!

Todo movimento na mesa cessou. Alguns segundos mais tarde, sem uma palavra, Lady Playford deixou a sala de jantar, fechando a porta em silêncio atrás de si.

— Todos aqueles filhos que você nunca teve, Dora? — disse Kimpton. — Que sorte a deles, eu diria.

— Realmente — disse Claudia. — Imagine.

— Sr. Gathercole, sr. Rolfe, vão atrás dela, por favor. — Dora apontou freneticamente para a porta. — Façam-na recobrar a razão!

— Lamento não poder fazer o que pede — disse Gathercole sem entonação. A crise interior que se apossara dele, fosse qual fosse, parecia ter passado; mostrava-se novamente composto. Desviou os olhos ao falar com Dora, como se ela fosse um espetáculo horripilante que, uma vez visto, poderia assombrar um sujeito para sempre. — Lady Playford está certa de seus desejos nesta questão, e estou convencido de que está em seu juízo perfeito.

— Sr. Rolfe, deve enfrentá-la, então, se o sr. Gathercole é covarde demais para tentar.



— Não perturbem Lady Playford, por favor — disse Poirot. — Ela desejará ficar a sós por algum tempo.

Claudia riu.

— Ouçam-no! Chegou apenas esta tarde, mas fala com toda essa autoridade sobre minha mãe.

Harry Playford inclinou-se para a frente e dirigiu-se a Scotcher: — Como se sente em relação a tudo isto, meu velho? Um pouco estranho, não?

— Harry, precisa acreditar em mim. Não pedi isso, nem o esperei... jamais. Não quero isso! Embora me sinta, é claro, profundamente comovido ao saber que a querida Athie me estima a esse ponto, nunca imaginei... — Fez uma careta e mudou de curso. — Gostaria muito de compreender o que está por trás dessa decisão, só isso. Não posso realmente acreditar que ela imagine uma cura para mim.

— Você diz que não quer isso... então escreva seus desejos num pedaço de papel! — disse Dora. — É só isso que precisa fazer! Escreva que quer que tudo vá para mim e para Harry, e assinaremos nossos nomes como testemunhas.

— Tudo deve ir para *voce* e Harry? — disse Claudia. — Que foi mesmo que você disse a Joseph sobre ele não ser nem da família?

— Eu quis dizer para você e Harry. — Dora corou. — Deve me perdoar. Mal sei o que estou dizendo! Só quero consertar isso!

— Você falou de meus desejos, Dora — disse Scotcher. — Tenho apenas um desejo. Sophie... eu me ajoelharia se pudesse, mas sinto-me particularmente mal após toda esta comoção. Sophie, você me daria a grande honra de concordar em ser minha esposa, assim que isso puder ser arranjado? Esta é a única coisa que quero.

— Oh! — exclamou Sophie, dado um passo atrás. — Oh, Joseph! Tem certeza de que quer isso? Você sofreu um choque. Talvez deva esperar antes...

— Nunca estive mais certo de nada em minha vida, caríssima.

— É assim que chamo Claudia — murmurou Kimpton. — Tenha a bondade de inventar suas próprias palavras carinhosas, Scotcher.

— O que *voce* poderia saber sobre bondade? — Sophie virou-se para ele. — O que qualquer de vocês saberia sobre isso?

— Deveríamos todos deixá-la a sós com o sr. Scotcher, Mademoiselle — disse Poirot. — Vamos, precisamos lhes dar um pouco de privacidade.

Privacidade! Isso era divertido, vindo de Poirot, o mais zeloso perquiridor dos assuntos românticos de outras pessoas do mundo!

— Então está levando esse pedido de casamento a sério, Monsieur Poirot? — perguntou Claudia. — Não se pergunta qual é o sentido dele quando Joseph só tem algumas semanas de vida? Certamente um inválido sensato preferiria não se preocupar com árduos preparativos para um casamento.

— Você é tão má quanto Randall! Vocês são torturadores sem coração, vocês dois! — A abominação parecia se derramar dos olhos de Sophie enquanto ela encarava Kimpton e Claudia.

— Sem coração? — disse Kimpton. — Incorreto. Tenho as válvulas, as câmaras, as artérias que compõem um coração. Meu sangue é bombeado por todo o meu corpo da mesma maneira que o seu. — Ele se voltou para Poirot. — É isto que sua psicologia faz, meu amigo... nos leva a falar como se tecido muscular fosse capaz de sentimentos melhores. Acredite-me, Sophie, quando você tiver aberto tantos corpos quanto eu e visto os corações dentro deles...

— Pode parar de falar sobre órgãos nojentos, empapados de sangue, quando nossos pratos estão cheios de carne? — cuspiu-lhe Dora. — Não suporto a visão dela nem o cheiro. — Ela afastou seu prato.

Nenhum de nós conseguira comer muito, exceto Orville Rolfe, que comera vorazmente todo o seu jantar em poucos segundos depois que ele fora posto na sua frente.

— Caríssima Sophie — retomou Scotcher. — Randall e Claudia estão certos: não me resta muito tempo. Mas eu gostaria de passar o tempo que me resta com você, como seu fiel e amoroso marido. Isto é, se você me quiser.

O som de um choro reprimido, interrompido no meio, fez todos levantarem os olhos. Ele não viera de ninguém naquela sala.

— Quem é o intrometido ou a intrometida que está com a orelha cheia de cera apertada contra a porta? — perguntou Kimpton em voz alta.

Todos ouvimos a agitação de passos quando o ouvinte fugiu.

— Joseph, você sabe que o amo mais do que qualquer outra coisa — disse Sophie. Ela soava, o que me pareceu bastante estranho, como se estivesse lhe suplicando. — Sabe que eu faria qualquer coisa por você.

— Nesse caso! — Scotcher sorriu. Pelo menos, penso que foi um sorriso. Ele parecia estar sentindo alguma dor.

— Monsieur Poirot está certo — disse Sophie. — Deveríamos ser sensatos e discutir isso em particular.

Dois a dois, o resto de nós retirou-se da sala. Claudia e Kimpton saíram primeiro, depois Harry e Dora. À frente de Poirot e eu seguiram Gathercole e Rolfé. Ouvi por acaso Rolfé se queixar de que haviam lhe prometido um bolo *chiffon* de limão de sobremesa; como, agora que fora expulso da mesa, poderiam lhe servir esse bolo, e o sr. Scotcher não poderia ter sido um pouco menos desatencioso e adiado sua proposta até que o jantar estivesse devidamente concluído?

Quanto a mim, perdera por completo o apetite.

— Preciso de ar fresco — murmurei para Poirot. — Desculpe. Sei que isso lhe parece incompreensível.

— *Non, mon ami* — respondeu ele. — Esta noite compreendo isso muito bem.

## CAPÍTULO 8

*Um passeio nos jardins A primeira coisa que fiz quando Poirot e eu pisamos do lado de fora foi tragar o ar como se estivesse faminto dele. Havia algo de sufocante em Lillieoak, algo que me fazia querer escapar de seus limites.*

— Esta é a melhor hora do dia para caminhar num jardim — comentou Poirot. — Quando está escuro e não vemos nem plantas nem flores.

Ri.

— Está sendo deliberadamente absurdo? Nenhum jardineiro concordaria com você.

— Gosto de desfrutar do perfume de um jardim que não posso ver. Você o sente? O pinheiro e a lavanda... Oh, sim, muito intensamente a lavanda. O nariz é tão importante quanto os olhos. Pergunte a qualquer horticultor. — Poirot deu uma risadinha. — Penso que se você e eu nos encontrássemos com aquele que criou este jardim, eu lhe causaria a mais favorável impressão.

— Suponho que pensa isso sobre qualquer pessoa que nós dois pudéssemos encontrar, fosse ela um jardineiro ou um carteiro — falei secamente.

— Quem estava à porta?

— Perdão?

— Alguém estava escutando junto à porta; alguém que emitiu uma exclamação infeliz imediatamente depois que Joseph Scotcher pediu a enfermeira Sophie em casamento.

— Sim, e que em seguida fugiu.

— Quem era, na sua opinião?

— Bem, sabemos que não era ninguém na sala de jantar, portanto não era você, eu, Harry, Dora, Claudia, Kimpton. Não foram os dois advogados, Gathercole e Rolfe. Não foi o pobre Joseph Scotcher, cujos dias de correr já se foram, e tampouco foi sua enfermeira, Sophie. Restam Lady Playford, que havia saído da sala nessa altura, a cozinheira Brigid, o mordomo Hatton, a

criada Phyllis. Poderia ter sido qualquer um deles. Inclino-me a crer que foi Phyllis... Ela é louca por Scotcher. Ela mesma me contou, antes do jantar.

— E foi por isso que você chegou atrasado à sala de jantar?

— Sim, foi.

Poirot assentiu com a cabeça.

— Vamos andar um pouco? — sugeriu ele. — Posso enxergar o caminho agora. Ele contorna todo o gramado e nos trará de volta à casa.

— Não tenho nenhum desejo de ser trazido de volta — disse-lhe. Eu não queria contornar um quadrado bem traçado por uma trilha pavimentada. Teria gostado de perambular pelo gramado, sem pensar em como ou quando retornaria.

— Você está errado — afirmou-me Poirot quando partimos na rota segura que ele escolhera.

— Sobre o quê?

— O ouvinte junto à porta que fugiu. Sim, poderia ter sido Lady Playford, ou a criada Phyllis ou Hatton, mas não poderia ter sido Brigid, a cozinheira. Vislumbrei-a assim que cheguei. Duvido que poderia se mover tão depressa, e seu passo teria sido mais pesado.

— Sim. Agora que penso nisso, os passos tiveram um aspecto leve e lépido.

— Lépido é uma palavra interessante. Sugere juventude.

— Eu sei. O que me faz pensar... Deve ter sido Phyllis. Como falei: sabemos que está apaixonada por Scotcher. E é jovem e vivaz, não? Ninguém mais é, ninguém que poderia ficar escutando do lado de fora daquela porta. Hatton e Lady Playford são mais velhos e se movem mais devagar.

— Então era Phyllis — Poirot pareceu contente em concordar. — Passemos à nossa próxima questão. Por que teria Lady Playford decidido mudar seu testamento de uma maneira tão peculiar?

— Ela nos disse por quê. Espera que a mente inconsciente de Scotcher exerça sua poderosa influência...

— Isso é um disparate. — Poirot rejeitou minha resposta antes que eu terminasse de expressá-la. — Falência dos rins é falência dos rins. A perspectiva de todas as riquezas no mundo não pode reverter uma doença

terminal que percorreu quase todo o seu curso. Lady Playford sabe disso, já que é uma mulher de considerável inteligência. Não acredito, portanto, que essa tenha sido a sua razão.

Ele parou de andar para discordar de si mesmo.

— Embora seja ilimitada a capacidade das pessoas de acreditar no que esperam que seja verdade, *mon ami*. Se Lady Playford ama muito Joseph, talvez...

Esperei para ver se falaria mais. Quando ficou claro que não pretendia fazê-lo, eu disse: — Penso que você estava certo da primeira vez. Se há uma coisa que sei sobre Athelinda Playford a partir de seus livros é que ela pensa em todos os tipos de motivos e planos peculiares com que mais ninguém jamais teria sonhado. Penso que ela estava jogando um jogo na mesa de jantar. Parece-me do tipo que gosta de jogos.

— Acha que não é real esse testamento que deixa todo o seu patrimônio para Scotcher? — Tínhamos retomado a caminhada.

— Não, acho que é — respondi. O que eu queria dizer? Considerei-o com cuidado. — Torná-lo real é parte do jogo dela. Ela está falando seriamente, sem dúvida, mas isso não significa que não esteja brincando com todo mundo.

— Por que razão, *mon ami*? Por vingança, talvez? O desejo de punir, embora não tão severamente quando poderia? Uma interessantíssima alusão foi feita ao testamento do falecido visconde Playford. Eu me pergunto...

— Sim, tenho me perguntado sobre isso também.

— Creio que posso adivinhar o que aconteceu. Em geral o patrimônio da família passa para o filho, o novo visconde. Contudo, neste caso isso evidentemente não aconteceu. Lady Playford, como ouvimos esta noite, é a dona da propriedade de Lillieoak e de várias casas em Londres. Portanto um arranjo incomum deve ter sido feito pelo falecido visconde Playford. É possível que ele e Lady Playford não considerassem o jovem Harry capaz de assumir tal responsabilidade...

— Se era esse seu temor, dificilmente poderíamos censurá-los — interrompi. — Harry dá de fato a impressão de ter um pudim de sebo entre as orelhas, não é?

Poirot murmurou sua concordância, depois disse: — Ou talvez a relutância de Lady Playford e seu finado marido tivesse mais a ver com sua nora, que mostrou seu traço malévolo muito claramente neste curto tempo desde que a conhecemos.

— O que tem em mente ao falar de Lady Playford querendo punir, mas não tão severamente?

— Digamos que ela não quer deserdar os filhos; isso seria muito extremo. Ao mesmo tempo, enfurece-a que eles a considerem favas contadas. Talvez não sejam tão atenciosos quanto deveriam. Por isso faz um novo testamento deixando tudo para Joseph Scotcher. Sabe que ele não lhe sobreviverá; ou seja, seus novos arranjos não vão fazer diferença para ele, exceto como um gesto. Agora seus filhos e sua nora ficarão nervosos durante o resto da vida de Scotcher, temendo que ela morra antes dele... Afinal, acidentes acontecem. Quando Scotcher morrer de sua doença, eles todos darão um suspiro de alívio e nunca mais darão por certo que tudo que pertence a Lady Playford um dia será deles. Eles poderiam tratá-la com mais consideração dali em diante.

— Não gosto nada dessa teoria — falei. — Acidentes *de fato* acontecem, e não posso crer que Lady Playford faria um plano tão impreciso. Se ela quisesse deixar seu patrimônio para os filhos, não correria o mínimo risco. Como você diz, ela poderia cair escada abaixo e quebrar o pescoço amanhã e tudo iria para Scotcher.

Supus que Poirot fosse contestar, mas não o fez. Andamos em silêncio por algum tempo. Minhas pernas começavam a doer por causa do esforço para ajustar meu passo ao dele. Alguém precisa transformar a tentativa de andar excessivamente devagar em esporte competitivo; ela põe à prova músculos de que antes não tínhamos conhecimento.

— Tenho uma hipótese extravagante — falei. — Imagine que Lady Playford tenha razões para acreditar que um de seus filhos pretende matá-la.

— Ah!

— Você já pensou nisso, suponho.

— *Non, mon ami*. Continue.

— Ela está preocupada com seu secretário moribundo, Joseph Scotcher. Como uma espécie de figura materna para ele, que muito provavelmente é como se vê, pois ele é um órfão e ela perdeu um filho, ela não quer morrer enquanto ele está vivo e precisa dela. Espera continuar viva para ser de ajuda e conforto para ele em sua doença final. Ao mesmo tempo, sabe que seu poder é limitado; se Harry ou Claudia, ou inclusive Dora ou Randall Kimpton, estiverem pretendendo matá-la, ela talvez não seja capaz de evitá-lo.

— Assim muda seu testamento para assegurar que seu suposto assassino espere até que Scotcher esteja morto antes de matá-la? — disse Poirot.

— Sim. Ela calcula que eles iriam esperar, para assegurar que poriam as mãos em seu dinheiro, nas casas, na terra. Exatamente. E, depois que Scotcher estiver morto, por que ela se importaria em viver ou morrer? Seu marido já faleceu, e perder Scotcher será como perder um filho novamente.

— Por que Lady Playford não iria à polícia se acreditasse que sua vida estava em perigo?

— Bem pensado. Sim, ela iria, muito provavelmente. O que torna minha excitante teoria pura bobagem.

Ouvi uma risadinha junto de mim. Poirot, como Athelinda Playford, gostava de brincar com as pessoas.

— Você desiste muito facilmente, Catchpool. Lady Playford não é uma mulher jovem, como já discutimos. Muitos na idade dela não gostam de viajar. Assim, não foi à polícia. Em vez disso, trouxe a polícia até ela. Você, *mon ami*. E fez melhor que isso: trouxe à sua casa o grande detetive Hercule Poirot.

— Pensa que minha hipótese tem algum valor, então?

— É possível. Seria difícil para uma mãe atestar que um de seus filhos pretende matá-la, especialmente para um estranho. Ela poderia tentar em vez disso afastar a intolerável verdade e abordar a questão de uma maneira menos direta. Além disso, pode estar insegura; pode não ter a prova. Você notou alguma reação interessante à notícia do testamento alterado?

— Deixou todo mundo completamente estupefato, não foi? Causou um grande rebuliço, e duvido também que já tenhamos chegado ao fim dessa



história.

— Nem todo mundo pareceu estupefato — lembrou Poirot.

— Está pensando em Harry Playford? Sim, tem razão. Ele pareceu indiferente à aflição da esposa, às palavras cruéis dela sobre o irmão morto, Nicholas, e à angustiada retirada da mãe que se seguiu. Eu diria que Harry Playford é um tipo de sujeito impassível que poderia se ver no centro de um terremoto e mal tomar conhecimento disso. Ele não me parece nem brilhante nem sensível. Quero dizer... Meu Deus, isso soou muito mais duro do que eu pretendia!

— Concorde, *mon ami*. Assim podemos pôr de lado por enquanto a reação incomum de Harry Playford e dizer que ela provavelmente não é incomum para ele. Suspeito que ele passou a contar com a esposa para expressar toda a emoção por eles dois.

— Sim, Dora expressa inquietação suficiente por 12 pessoas — concordei. — Você perguntou sobre reações incomuns... Suponho que não notou a de Gathercole, não é? Ele parecia se esforçar para conter uma terrível dor ou fúria que ameaçava irromper. Houve um momento, confesso, em que temi que seus esforços fracassassem e tudo emergisse, fosse o que fosse.

— Você descreveu isso muito bem — disse Poirot. — Contudo, não foi o anúncio do novo testamento que perturbou o sr. Gathercole. Lembre-se, ele já tinha conhecimento dele havia algumas horas e estava perfeitamente calmo quando nos sentamos à mesa. Sendo assim, o que alterou seu estado de ânimo?

— Estive dando tratos à bola em torno dessa mesmíssima questão — falei. — Qual foi o acontecimento para o qual ele não estava preparado? Suponho que a reação de Scotcher foi inesperada: ele não pareceu nada contente com os novos arranjos, não é?

— Compreensivelmente, não. Scotcher está perto da morte. O que pode ganhar com esse novo testamento? Nada. Não viverá para ver o dinheiro, portanto isso significa apenas aborrecimento para ele: ressentimento de Dora, de Claudia... e é por isso que eu gostaria de saber.

— Gostaria de saber o quê?

— A intenção de Lady Playford. Talvez não seja beneficiar Scotcher, mas incomodá-lo. Causar-lhe sofrimento e desconforto. Esse, afinal de contas, foi o efeito que observamos, e Lady Playford parece ser uma pessoa que não erra o seu alvo.

— Que tal se ela e Joseph Scotcher tiverem urdido juntos uma espécie de complô? — falei.

— Por que sugere isso? — perguntou Poirot. Tínhamos chegado ao outro lado do gramado, o ponto que oferecia a melhor visão de Lillieoak. Esperava-se que as pessoas parassem ali para admirar a casa.

— Oh, não sei. É só que o comportamento deles me pareceu similar de certa forma. Lady Playford deixa tudo para um moribundo que não se beneficiará de sua generosidade. Joseph Scotcher pede a mão de uma moça que, se o aceitar, obterá obrigações no leito de morte em vez do sonho romântico antes de se tornar uma viúva. Em ambos os casos, a promessa de tudo, a realização dos próprios sonhos, mas com uma realidade vastamente diferente e mais desolada.

— Esta é uma observação interessante — disse Poirot quando retomamos a caminhada. — Contudo, posso imaginar que o desejo de desposar a pessoa amada fique mais urgente quando a vida nos escapa. Há grande consolo na união simbólica.

— E se a enfermeira Sophie acabar ficando com a bolada? — perguntei.

— Enquanto penso nos grandes gestos românticos, você pensa nos detalhes práticos, *n'est-ce pas?*

— Você não considerou isso? Se Scotcher se casar com Sophie, e Lady Playford morrer antes dele, para quem iria o patrimônio? Para a então esposa de Scotcher.

— Catchpool, que barulho é esse?

Paramos. Ele parecia vir dos arbustos à nossa direita: o som nítido de uma pessoa chorando que logo deu lugar a um silvo intermitente.

— Que diabo é isso? — perguntei a Poirot.

— Sussurro frenético. Baixe sua voz ou vão nos ouvir, se é que já não o fizeram.

Assim que ele disse isso ficou óbvio que o silvo que eu ouvira era o som de uma pessoa apavorada tentando se comunicar em voz baixa, mas urgentemente.

— Deve haver dois deles por aqui — sussurrei. — Vamos procurá-los?

— Nestes jardins? — Poirot fez um ruído desdenhoso. — Seria mais lucrativo procurar uma folha específica, a primeira que você viu quando chegou aqui.

— É mais fácil achar pessoas que folhas — observei.

— Não quando você e eu desconhecemos essas sendas e outros não. Não, vamos voltar para a casa. Há trabalho a fazer. Devemos pôr mãos à obra. Uma vez lá dentro, poderemos ver quem está lá e quem não está. Isso é muito mais produtivo do que procurar agulha em palheiro.

— O que quer dizer sobre termos trabalho a fazer? — perguntei. — Que tipo de trabalho?

— Agora sei por que fomos convidados para vir aqui, você e eu. Não foi por nossa agradável companhia. De modo nenhum. Estamos aqui para usar nossas pequenas células cinzentas. É tudo parte do plano de Lady Playford.

Antes que eu tivesse uma chance de perguntar “Que plano?”, Poirot acrescentou calmamente, como se a ideia só tivesse lhe ocorrido depois: — Estamos aqui para evitar um assassinato.

## CAPÍTULO 9

### *Rei João*

Hatton abriu-nos a porta da casa. Previsivelmente, não disse nada, embora sua atitude sugerisse que nós três poderíamos nos beneficiar do fingimento de que Poirot e eu não nos tínhamos aventurado lá fora e por isso precisado ser readmitidos na casa.

Fomos primeiro à sala de jantar, que estava vazia, depois à sala de estar. Ali encontramos Harry, Dora, Claudia e Randall Kimpton. O fogo ardia na lareira, mas a sala ainda estava fria. Todos estavam sentados e tomavam algo que parecia conhaque, exceto Kimpton. Ele estivera preparando um drinque para si, mas depois entregou-o a Poirot, que o levou ao nariz. Fosse o que fosse, não recebeu sua aprovação. Ele o pousou na mesa mais próxima sem nem sequer o provar. Kimpton estava ocupado servindo um drinque para mim, por isso não percebeu.

— Teve alguma notícia? — perguntou Dora, inclinando-se para a frente. Seus olhos ansiosos moveram-se rapidamente de mim para Poirot e vice-versa.

— Notícia do quê, Madame?

— O pedido de casamento de Joseph Scotcher para Sophie Bourlet. Nós os deixamos sozinhos na sala de jantar... Bem, pareceu diplomático. Mas não os vimos nem tivemos notícias deles desde então. Eu tinha suposto que viriam se reunir a nós aqui. Gostaria de saber o resultado.

— Como é encantador que você se importe, Dora — disse Kimpton, acendendo um cigarro. Harry Playford tirou uma cigareira de prata do bolso e acendeu um dos seus.

— Ela aceitou, naturalmente. — Claudia bocejou. — Não vejo como alguém pode ter dúvida quanto a isso. Eles certamente vão se casar, supondo que a implacável ceifeira lhes dê tempo suficiente. É terrivelmente parecido com *O Mikado*, não é? Conhece-a, Monsieur Poirot? A opereta de Gilbert e Sullivan? Música maravilhosa, divertidíssima também. Nanki-Poo deseja se casar com Yum-Yum, mas só o pode fazer se concordar em ser decapitado

por Ko-Ko, o carrasco-mor, após exatamente um mês. Ele concorda, é claro, porque adora Yum-Yum.

— Bom sujeito — disse Kimpton. — Eu me casaria com você mesmo que isso significasse ter meu pescoço cortado fora dentro de um mês, caríssima.

— E depois eu teria um dilema: se deveria guardar sua cabeça ou seu corpo — disse Claudia. — Acho que, pensando bem, a cabeça.

Que comentário alarmante e ilógico, pensei. Kimpton, a quem ele fora dirigido, pareceu encantando com ele.

— Por que não guardar ambos, minha divina menina? — perguntou ele. — Há alguma regra que o proíba?

— Creio que deve haver, do contrário não tem graça nenhuma — disse Claudia. — Sim! Se eu me recusar a escolher entre uma cabeça sem vida e um corpo exangue, ambos serão levados embora e queimados, e não terei nenhum. Escolho a cabeça!

— Minha mente está lisonjeada, ao mesmo tempo que envia sinais às minhas extremidades de ter ficado muito ofendida. Não me importo de lhe dizer que essa é uma prestidigitação complicada para um cérebro tão sofisticado quanto o meu.

Claudia jogou a cabeça para trás e riu.

Todo esse diálogo me pareceu assombroso, e — para ser franco — um tanto repulsivo.

Dora pareceu concordar comigo.

— Vocês não podem parar? — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Vocês dois não podem parar nunca? Uma coisa terrível aconteceu. Não é hora de ser frívolo.

— Discordo — disse Kimpton. — A frivolidade é gratuita, afinal de contas. Herdeiros e pobretões podem desfrutar dela da mesma maneira.

— Você é *detestável*, Randall. — Dora encarou-o com abominação nos olhos. — Harry, você não tem nada a dizer?

— Todos nós nos sentiremos melhor depois de um ou dois tragos — disse Harry prosaicamente, olhando para o conteúdo de seu copo.

Kimpton pegou sua bebida e atravessou a sala para se postar atrás da cadeira de Claudia. Inclinou-se, beijou a testa dela e disse: — “Ele é a metade de um homem abençoado a ser por ela completada. E ela é a excelência justamente dividida, cuja plenitude somente nele reside.”

Claudia gemeu.

— O infernal *Rei João*. É infinitamente enfadonho. Prefiro suas ideias às do sr. Shakespeare, querido. São mais originais.

— Onde estão os outros? — perguntou Poirot.

— Todos na cama, suponho — disse Claudia. — O sr. Gathercole e o sr. Rolfe disseram boa-noite. Não consigo *imaginar* por que desejariam se desenredar quando o divertimento da família Playford mal começou.

— Ouvi o sr. Rolfe dizer que não estava se sentindo bem — comentou Dora.

— O pobre Scotcher parecia estar passando muito mal também — emendou Harry.

— Com certeza Sophie o aconchegou em seu bom e quentinho leito de morte — disse Claudia.

— Pare com isso! Pare com isso imediatamente! Não posso suportar. — A voz de Dora tremia.

— Falarei como quiser — disse-lhe Claudia. — Diferente de você, Dora, sei quando há um lado engraçado e quando não há nenhum. Harry, como você gostaria de recheiar o cadáver de Joseph e fixá-lo na parede?

Vi Poirot fazer uma expressão de repugnância diante da pergunta e certamente não pude censurá-lo. Será que o Randall Kimpton, um médico, pretendia seriamente se casar com uma mulher que via motivo de riso na morte trágica de um homem?

Dora bateu seu copo de bebida na mesa a seu lado. Fechou as mãos em punho, mas não conseguiu manter os dedos parados: eles se contorciam como vermes.

— Não há ninguém que se preocupe *comigo* — exclamou ela. — Mesmo você não se importa, Harry.

— Hum? — Seu marido a inspecionou por alguns segundos antes de dizer: — Anime-se, meu bem. Iremos em frente, aos trancos e barrancos.

— É interessante que logo você se ofenda com uma piadinha sobre leito de morte, Dora. — Claudia fitou a cunhada com os olhos apertados. — Mamãe está soluçando no quarto, tenho certeza, graças às *suas* palavras rudes. Você a acusou de tentar transformar Joseph em Nicholas e fazer dele um filho substituto. Isso é completamente falso.

— Não! Eu poderia arrancar minha língua! — Dora desabou. Não mais inflada com indignação, ela começou a chorar. — Eu estava fora de mim, e isso... isso me escapou. Não queria dizê-lo.

— Mas disse — arrematou Kimpton alegre. — “Morto como uma pedra”, acho que foi isso.

— Por favor, não fale disso! — suplicou Dora.

— De quê? De você ter dito que Nicholas está “morto como uma pedra”? Notei naquele momento que você esticou cada sílaba, dando-lhe a extensão de duas. Foi como se quisesse que sua pronúncia durasse o maior tempo possível. O que mais me interessa é isto: se você tivesse dito “morto”, sem o “como uma pedra”, teria Athie fugido como o fez? Na minha avaliação, foi o “como uma pedra” que produziu esse efeito.

— Você é um homem cruel, Randall Kimpton — soluçou Dora.

Harry Playford finalmente se sentou e prestou atenção.

— Ouça, Randall, há alguma necessidade dessas zombarias?

Kimpton sorriu.

— Se eu acreditasse que você quer mesmo uma resposta, Harry, ficaria feliz em lhe fornecer uma.

— Bom... muito bem então — disse Harry sem convicção.

— Muito, *muito* bem — disse Kimpton, e Claudia mais uma vez soltou seu riso nervoso.

Posso dizer honestamente que em todas as reuniões de família a que compareci, inclusive da minha própria, nunca encontrei uma atmosfera pior do que a reinante na sala de estar de Lillieoak aquela noite. Eu ainda não tinha me sentado e não estava inclinado a fazê-lo. Poirot, que preferia estar sentado sempre que possível, ficou em pé ao meu lado.

— Por que permitimos que as palavras tenham tanto poder sobre nós? — perguntou Kimpton a ninguém em particular. Ele tinha começado a andar

lentamente pela sala. — Elas se perdem no ar no instante em que deixam nossa boca, no entanto permanecem conosco para sempre se forem arranjadas numa ordem memorável. Como podem quatro palavras, “morto como uma pedra”, ser tão mais perturbadoras que a lembrança sem palavras de um filho morto?

Dora levantou-se de sua cadeira.

— E quanto à maneira como Athie tratou seus dois filhos vivos esta noite? Por que você não tem nada a dizer sobre *essa* questão? Como ousa me retratar como a agressora e Athie como a vítima, como se ela fosse uma frágil velhinha? Ela é mais forte que qualquer um de nós!

Kimpton, que havia parado junto às janelas francesas, disse: — “A dor enche por completo o quarto de meu filho ausente, deita-se em seu leito, caminha ao meu lado, torna-se belo como ele, repete-lhe as palavras, faz-me lembrar de tudo que é nele gracioso, recheia-lhe os trajes vazios com sua forma. Tenho então razão para amar a dor?” Conhece *Rei João* de Shakespeare, Poirot?

— Infelizmente não, Monsieur. É uma das poucas que não li.

— É sublime. Repleta de amor por rei e país, e sem a sombria camisa de força que Shakespeare tantas vezes insistiu em impor. Tem uma favorita entre as peças?

— Posso atestar a excelência de muitas, mas se tivesse de escolher uma... Gosto muito de *Júlio César* — respondeu Poirot.

— Uma escolha interessante e incomum. Estou impressionado. Sabe, foi apenas porque minha favorita é *Rei João* que segui uma carreira em medicina. Se não fosse por Shakespeare, eu seria um homem de letras, e não um médico. Se alguma vez encontro um paciente insatisfeito, trato de lhe dizer para culpar Shakespeare, não a mim.

— Aqueles pobres cadáveres desesperadamente entediados em sua mesa de autópsia, querido — disse Claudia.

Kimpton riu.

— Você se esquece de que me encontro com os vivos tanto quanto com os mortos, caríssima.



— Ninguém com um coração pulsante poderia achá-lo insatisfatório em qualquer aspecto. Suponho que os pacientes insatisfeitos a que se referiu eram os cadáveres... Portanto, insatisfeitos com seus próprios resultados pessoais. Por sorte eles não estão em condições de dizer nada sobre isso.

— Não quero pensar nem falar sobre morte! — disse Dora. — Por favor!

— De que maneira devemos sua carreira em medicina à peça *Rei João*? — perguntou Poirot a Kimpton.

— Hum? Ah, isso. Sim, de fato. Eu poderia provavelmente ter me safado com *Júlio César*. Sim, acho que poderia. É uma escolha respeitável, ainda que incomum. Não teríamos de suportar a condenação de nossos pares ou participar de discussões intermináveis que não têm nenhum vencedor claro. Como estudioso de Shakespeare, era-me dito todos os dias que *Hamlet* e *Rei Lear* e *Macbeth* eram vastamente superiores a *Rei João*. Eu discordava, mas como poderia provar conclusivamente que estava certo? Não poderia! Meus inimigos eram capazes de apresentar muitos estudiosos que concordavam com eles, como se um exército de concordantes fossem prova de alguma coisa. Basta olhar para a situação política para ver que não é assim. Vastos números de pessoas nesta minúscula ilha acreditam que estariam em melhor situação como um país inteiramente separado...

— Por favor, poderíamos não discutir política depois de tudo que aconteceu esta noite?

— Por Deus, Dora — reclamou Kimpton. — Apresente-me uma lista de tópicos sobre os quais tenho permissão para me referir, e a autoridade pela qual você busca impor suas restrições... morais ou legais, admito uma coisa ou outra... e darei a seu documento minha plena consideração. Nesse ínterim, terminarei minha explicação para Poirot. Muitos no Estado Livre Irlandês veem o povo inglês não como um recurso, mas como um antagonista, o que nos revela, em minha opinião, que muita gente é tola. Isso não decide, contudo, o assunto em discussão. O que estou tentando dizer, de maneira tortuosa, admito, é que algumas coisas são subjetivas e não podem ser provadas num sentido absoluto. Se *Rei João* é ou não a melhor peça de William Shakespeare é uma dessas coisas.

— Ao passo que a medicina não é — disse Poirot.

— Absolutamente correto — Kimpton sorriu. — Como alguém que gosta de vencer e prefere que cada vitória seja inequívoca, compreendi que era mais talhado para um tipo diferente de trabalho. Tenho o prazer de dizer que tomei a decisão certa. Agora minha vida é muito mais clara. Eu digo: “Se não amputarmos a perna deste sujeito, ele vai morrer”, ou “Esta mulher foi morta por um tumor cerebral, aqui está ele, do tamanho de um melão”. Ninguém discute comigo, porque não pode. Lá está o tumor do tamanho de um melão para todos verem, ou o sujeito morto, de gangrena, com ambas as pernas ainda presas ao corpo, graças ao um otimismo idiota que errou do lado da esperança, e não no da cautela.

— Você escolheu uma profissão que lhe permite provar que está certo — resumiu Poirot.

— Sim, foi isso. O estudo da literatura é para aqueles que gostam de especulação. Eu prefiro *saber*. Diga-me, todos esses assassinos que você pegou: em quantos casos você tinha uma prova absoluta que teria se sustentado num tribunal caso o patife em questão não tivesse confessado? Porque uma confissão não prova absolutamente nada. Vou prová-lo: eu, Randall Kimpton, assassinei Abraham Lincoln. Eu não tinha nascido quando isso aconteceu; mesmo assim, sou um rapaz ambicioso, não deixei que isso me detivesse. Matei o presidente Lincoln!

Claudia soltou uma gargalhada de admiração. Foi um som alarmante, mas Kimpton pareceu apreciá-lo.

— Há mistérios na medicina também, e muita coisa que não pode ser provada — observou Poirot. — O tumor no cérebro, a perna cortada... Você escolhe exemplos que atendem à sua finalidade. Não menciona os pacientes que o procuram com dores cuja causa você é incapaz de encontrar.

— Houve alguns, admito. Mas em geral, se um sujeito espirra, tem um nariz escorrendo e narinas vermelhas e inchadas, posso dizer que está resfriado e ninguém perderá horas tentando me provar que estou errado. É por isso que prefiro de longe fazer meu trabalho ao seu, meu velho.

— E eu, *mon ami*, prefiro fazer o meu. Se qualquer pessoa pode olhar para o nariz escorrendo, tomar a temperatura e ver a gripe, qual é então o desafio?

Kimpton começou dando uma risadinha consigo mesmo, e logo estava rindo tão intensamente que seu corpo todo sacudia.

— Hercule Poirot! — disse, quando enfim se acalmou. — Como fico feliz por você existir e por você estar aqui! Como é maravilhoso que, depois de tudo que fez, ainda veja com bons olhos o desafio representado pela incerteza. É um homem melhor que eu. Para mim, a incerteza é uma peste. É uma praga. Mas estou feliz por você discordar de mim.

Parecia que Poirot estava se esforçando para manter o autocontrole. De minha parte, eu poderia alegremente ter acertado um soco bem no nariz presunçoso e insuportável de Kimpton. Comparado a ele, Poirot parecia tímido e modesto.

— Posso mudar de assunto, Monsieur?

— Oh, não sou eu o encarregado de decidir que tópicos de conversa são permitidos — disse Kimpton. — Dora, quando seu documento oficial vai chegar? Precisamos de orientação.

— Vocês quatro estão juntos desde que saíram da sala de jantar? — perguntou Poirot. — E vieram diretamente para cá?

— Sim — disse Claudia. — Por quê?

— Nenhum de vocês esteve no jardim cerca de dez ou 15 minutos atrás?

— Não — confirmou Dora. — Viemos juntos da sala de jantar para cá. Ninguém saiu sozinho para lugar nenhum.

Todos eles concordaram com isso.

Isso excluía Harry, Dora, Claudia e Kimpton. A menos que estivessem mentindo, nenhum deles era a pessoa que chorava no jardim nem a pessoa que ouvimos sussurrando.

— Quero pedir um favor a vocês todos — disse Poirot. — Fiquem juntos aqui nesta sala até eu voltar e dizer que podem deixá-la.

— Como é onde estão as bebidas, imagino que todos ficaremos felizes em obedecer. — Claudia estendeu seu copo vazio na direção de Kimpton. — Encha meu copo, querido.

— Por que devemos ficar fechados aqui? — perguntou Dora com voz chorosa. — O que está acontecendo? Não fiz nada de errado!

— Ainda não sei o que está havendo, Madame, mas espero descobrir logo. Obrigado pela colaboração de todos vocês — disse Poirot. — Venha, Catchpool.

Segui-o até o vestíbulo. Quando chegamos ao pé da escada, ele sussurrou: — Encontre o mordomo, o sr. Hatton. Peça para lhe indicar qual é o quarto de quem. Bata à porta de cada pessoa que está passando a noite em Lillieoak e assegure-se de que todos estão bem e em segurança.

— Mas isso não vai significar acordá-los? Lady Playford pode já estar dormindo... qualquer um pode.

— Eles vão perdoá-lo por acordá-los quando você lhes disser que foi necessário. Depois que tiver se convencido de que todos estão ilesos, sua tarefa seguinte será posicionar-se perto do quarto de Lady Playford, no corredor. Deve permanecer lá a noite toda, velando, até que ela desça de manhã.

— O quê? Quando vou dormir?

— Amanhã. Eu o renderei logo cedo. — Ao ver minha expressão espantada, Poirot acrescentou: — Eu não seria capaz de passar a noite toda acordado.

— Eu também não!

— Levantei-me muito cedo esta manhã...

— Eu também! Também cheguei hoje da Inglaterra, lembra-se?

— Você é mais de vinte anos mais jovem que eu, *mon ami*. Confie em Poirot. O sistema que concebi é aquele com maior probabilidade de assegurar a segurança de Lady Playford.

— Então é ela, não é? Quando você disse que fomos convidados a vir aqui para evitar um assassinato... acredita que Lady Playford é a vítima provável?

— É possível.

— Você não parece seguro.

Poirot franziu o cenho.

— Segundo o sr. Kimpton, não é possível para alguém numa profissão subjetiva como a minha ter certeza de coisa alguma.

## CAPÍTULO 10

### *Caixão aberto*

Nenhum suplício poderia ter sido mais atroz para Hatton do que ter de me dizer que quarto era ocupado por quem. Em consequência, o processo demandou mais tempo que o necessário. Consegui extrair dele a maior parte da informação de que precisava, mas ele mostrou-se pouco disposto a me dizer onde eu poderia encontrar Sophie Bourlet, a tal ponto que comecei a me sentir inquieto. Depois de quase dois minutos inteiros, fui finalmente recompensado com uma resposta pouco audível.

— Adjacente ao único outro que não fica no andar superior, senhor.

Percebi de imediato o que ele queria dizer: o quarto de Sophie era vizinho ao de Scotcher — o que fazia sentido, uma vez que era ela, presumivelmente, que o empurrava na cadeira de rodas para o desjejum toda manhã. Não havia razão para suspeitar que alguma coisa de natureza imprópria estivesse acontecendo entre eles, e a possibilidade não teria me passado pela cabeça se Hatton não tivesse aberto e fechado tantas vezes a boca antes de desembuchar isso, como se fosse um escândalo vergonhoso a ser ocultado. Que sujeito tolo!

Fui primeiro à ala dos criados. Perturbar as pessoas quando elas não querem ser perturbadas não é muito divertido, descobri. Brigid Marsh, com uma rede no cabelo e um penhoar com grandes botões cor-de-rosa, aproveitou a oportunidade para lançar um ataque verbal contra mim à guisa de retaliação. Por uma razão que não pude compreender, isso envolveu gritar os cardápios provisórios para o almoço e o jantar de amanhã até que bati em retirada.

Phyllis estava em seu quarto. Levou algum tempo para ir até a porta, e, quando o fez, tinha uma grossa camada de gosma branca espalhada por todo o rosto, o que me deu um susto. Inofensiva e inútil, imaginei — e insuficiente para esconder dois olhos vermelhos e lacrimosos.

— Estou cuidando do meu rosto — disse ela, apontando para o queixo.

Assenti com a cabeça. Por que uma pessoa de pele imaculada desejaria se lambuzar com semelhante substância — ou, tendo feito isso, abrir sua porta

de modo que outros pudessem vê-la — era um mistério para mim. Eu não tinha dúvida de que a cútis da pobre menina crédula teria amanhã o mesmo aspecto que tivera hoje mais cedo; se a jovem tinha esperança de que essa poção mágica para a pele faria Joseph Scotcher concluir que queria se casar com ela em vez de com Sophie Bourlet, quase certamente se desapontaria.

Desculpei-me por perturbá-la e me retirei.

Com Hatton eu tinha acabado de falar, por isso voltei à parte principal da casa, onde bati primeiro à porta de Joseph Scotcher. Não houve resposta. Bati de novo. Nada.

Ele pareceu consternado durante o jantar, e sem dúvida precisava mais de seu repouso que a maioria. Perguntei a mim mesmo: em que medida Poirot queria que eu o acordasse? Deveria procurá-lo para perguntar?

Não, eu deixaria Scotcher em paz, decidi. Afinal, ele não era a pessoa com quem Poirot estava preocupado. Embora, quanto mais refletia sobre isso, mais me perguntava se não *deveríamos* estar preocupados com a segurança de Scotcher. Se Poirot estivesse certo e Lady Playford tivesse convidado a nós dois para sua casa a fim de evitar um assassinato, uma óbvia possível vítima era o beneficiário do novo testamento.

Bati novamente à porta, e dessa vez ela foi aberta imediatamente.

— Sim? — disse Scotcher com uma voz fraca. Ele usava um pijama azul-marinho com listras douradas e um roupão marinho. Estava com um aspecto horrível, pior do que no jantar.

— Peço desculpas — eu disse. — Eu o acordei?

— Não. Ouvi sua primeira batida, mas lamento já não conseguir chegar à porta como antigamente. Mesmo estando de pé... — Ele se calou, fazendo uma careta de dor.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Não há necessidade, realmente — disse Scotcher, apoiando-se contra mim. — Fico melhor sozinho. Estarei mais forte de manhã. Foi só o choque que me fez piorar. Por que ela fez isso?

— Lady Playford? Sinto não poder ajudá-lo. Não a conheço de maneira alguma.

— Não, claro que não.

Ajudei-o a voltar para a cama e ele me agradeceu exageradamente — eu era, ao que parecia, dono de uma rara bondade e um espírito generoso. O louvor foi excessivo, mas eu não conseguia me impedir de gostar do homem. Era raro encontrar uma pessoa excessivamente grata.

— Boa noite, Catchpool. — Ele fechou os olhos. — Você também deveria dormir um pouco. Teve um longo dia... Todo o caminho desde Londres.

Assegurei-lhe que estava bem e passei ao quarto de Sophie Bourlet, maldizendo Poirot pela tarefa que me atribuíra e minha própria fraqueza por ter concordado em cumprir sua ordem.

Quando bati à porta de Sophie, a porta se abriu. Não devia estar completamente fechada.

— Srta. Bourlet? — chamei. O papel de parede era azul-claro com espirais de rosas cor-de-rosa e havia uma bacia no canto. As cortinas não estavam nem completamente abertas nem completamente fechadas.

Por não obter uma resposta, entrei. Sophie não estava lá, somente seus pertences em pilhas arrumadas numa ordem meticulosa, como se estivessem prontas para uma inspeção.

Mais uma vez me perguntei o que fazer. Deveria procurar Poirot e lhe contar que a enfermeira não estava em seu quarto? Deveria vasculhar a casa à procura dela? Se não estava aqui nem cuidando de Scotcher no quarto dele, onde poderia estar?

No fim, decidi que verificaria as pessoas no andar superior antes de voltar à Poirot, pois não sabia quantos quartos se revelariam vazios. Havia uma chance de que eu deparasse com Sophie Bourlet, Michael Gathercole e Athelinda Playford todos jogando cartas juntos, e queria estar apropriadamente informado da situação antes de relatar o que descobrira.

Lady Playford abriu sua porta de imediato.

— Sim? — indagou. Perguntei se estava bem e ela respondeu secamente: — Edward! Sim, obrigada, estou bem. — E pareceu acrescentar, sem dizer palavra: “E você seria a última pessoa capaz de me ajudar se eu não estivesse.” A menos que eu tenha imaginado isto.

Não, eu não tinha. Sua voz soara despreocupada e impaciente, o que, se temia estar prestes a haver um atentado à sua vida, não era o tom que se esperaria que usasse.

Bati à porta de Gathercole. Nada. Suspirei e bati de novo. Experimentei a maçaneta para ver se a porta se abriria, e ela o fez. Entrei no quarto, que estava escuro. Depois de alguns tropeções, encontrei-me à janela. Puxando uma das cortinas deixei entrar luz suficiente para ver que a cama de Gathercole estava cuidadosamente feita. O advogado não podia ser visto em lugar algum.

Saí do quarto, fechando a porta atrás de mim, e fui para o de Orville Rolfe, que era vizinho ao do sócio. Este era o último a verificar, graças a Deus. Harry, Dora, Claudia e Kimpton estavam todos no andar de baixo, na sala de estar.

Orville Rolfe abriu sua porta usando um pijama listrado de flanela. Um brilho de perspiração lhe cobria a testa. Para meu assombro, ele agarrou meu antebraço com sua mão carnuda.

— Oh, Catchpool, que dor! É uma agonia! Não consigo encontrar uma posição confortável. Onde está aquele sujeito que é médico, Kimpton? Vá buscá-lo imediatamente, sim? Diga-lhe que fui envenenado.

— Meu Deus. Tenho certeza de que não foi envenenado, sr. Rolfe, mas...

— E então? Envenenado, estou lhe dizendo! Que mais poderia ser? Pode ir chamar Kimpton antes que seja tarde demais?

Teríamos Poirot e eu sido convidados para Lillieoak para evitar o envenenamento de Orville Rolfe? Tudo parecia possível.

— Sim, sim, está bem. Espere aqui.

— Para onde mais eu iria? Estou dobrado em dois de tanta agonia! Olhe para mim. Se não conseguir encontrar Kimpton, traga aquela enfermeira! Ela é melhor que nada.

Realmente desci a escada aos pulos, rezando para não descobrir que Kimpton desaparecera, como Sophie Bourlet e Gathercole.

Estariam juntos? Por que Gathercole parecera tão angustiado à mesa de jantar, como se estivesse sendo dilacerado por dentro? Teria isso alguma coisa



a ver com Sophie — talvez com o pedido de casamento que Scotcher lhe fizera? Não, isso só acontecera mais tarde. Não podia ser isso.

Kimpton, felizmente, ainda estava na sala de estar com Poirot, Claudia, Harry e Dora.

— Orville está sentindo muita dor! — As palavras saíram de mim aos trambolhões. — Diz que foi envenenado!

Claudia soltou um suspiro enfastiado e Kimpton riu gostosamente.

— Está mesmo? Bem, suponho que tenha sido uma noite incomum, por isso não daria nada por certo, mas você não precisa parecer tão infeliz, Catchpool. Viu a rapidez com que ele demoliu seu frango? Gases presos, é só isso. A sensação é de que mil demônios estão rasgando suas tripas, mas aposto que posso curar isso em um segundo com uma forte cutucada do meu dedo na parte certa de sua anatomia!

— Depois, trate por favor de manter esse dedo distante de *minha* anatomia — disse Claudia, e Dora repreendeu-a por ser vulgar.

— Dr. Kimpton, por favor, vá ter com o sr. Rolfe sem demora — disse Poirot. — Catchpool, vá com ele.

— Irei, mas isto não é tudo: Gathercole e Sophie Bourlet não estão em seus quartos. Não sei onde estão.

— O visconde Playford e eu vamos procurá-los — disse Poirot. — E vocês duas, senhoras, queiram por favor permanecer juntas nesta sala. Sim?

— Se você insiste — disse Claudia. — Mas, realmente, não acha que está sendo um pouco histérico? Nada aconteceu, exceto que o sr. Rolfe comeu demais. Há alguma razão para supor que algo ruim aconteceu a Gathercole e Sophie?

— Rezo para que não tenha acontecido — disse Poirot.

Ao acompanhar Kimpton ao andar superior, ouvi Claudia dizer a Dora: — *Eu* é que deveria estar dando busca na mata, enquanto esse belga demente espera na sala de estar e se inquieta como uma moça!

Quando Kimpton e eu chegamos a ele, a pele de Orville Rolfe tinha assumido um horrível brilho amarelo. Ele estava deitado de costas, atravessado na cama, com uma perna pendendo para fora. Fiquei tão alarmado que me vi dizendo para Kimpton: — Isso poderia ser veneno?

— O que mais poderia ser? — gemeu Rolfe. — Estou perdido! Não consigo respirar!

— Que veneno o quê! — disse Kimpton bruscamente, tomando o pulso de Rolfe. — Você estará perfeitamente bem em não mais que uma hora... Esta é a minha previsão. Pode se virar e ficar deitado de lado? E depois levantar os joelhos até o peito? Quanto mais puder alterar sua posição, melhor.

— Não consigo me mexer, estou lhe dizendo!

— Hum. — Kimpton esfregou o queixo, pensativo. — Não creio que você me permitiria sentar em seu estômago, permitiria?

Rolfe urrou como um animal ferido. Depois seus olhos se arregalaram e ele tentou se sentar. A tentativa fracassou; caiu de novo na cama.

— Eu os ouvi! — disse ele.

— Quem você ouviu? — Kimpton flexionou os dedos de ambas as mãos ao se aproximar do advogado de bruços, como se estivesse prestes a se sentar a um piano e tocar um concerto. Para mim, ele disse: — O problema é saber onde aplicar o muito necessário soco forte. Num paciente de tamanho comum, a pele está muito mais próxima do órgão.

— Eu os ouvi falando sobre isso — murmurou Rolfe enquanto o suor pingava de sua testa no travesseiro sob ele. — *Ele* disse que eu tinha de morrer, que era inevitável. E eles falaram sobre meu funeral!

— Se você pensasse em comer menos, e mais devagar, não haveria nenhuma necessidade de alguém discutir seu funeral por um bom tempo — disse Kimpton, inclinando-se para examinar o lado direito de Rolfe. Depois voltou a flexionar os dedos.

— Espere — falei. — Sr. Rolfe, o que ouviu exatamente, e de quem?

— E então? — gritou Rolfe para mim. — Tinha de ser caixão aberto, foi isso que disseram. “Caixão aberto: é o único jeito.” Veneno, entendem. É assim que eu sei. Quando você envenena alguém... Oh, que agonia! Faça alguma coisa, Kimpton... Você é um médico ou não?

— Certamente eu sou! — Com isso, Kimpton enfiou veloz seu dedo indicador na região sul da seção intermediária de Rolfe.

O advogado soltou um uivo medonho. Dei um passo atrás. Chegavam vozes de fora: o som de duas pessoas conversando.

— Rá! — exclamou Kimpton, triunfante. — Tive sorte da primeira vez, acredito. Você deverá se sentir melhor em breve, meu velho.

Abri a janela.

— Poirot? É você? — gritei para a noite.

— *Oui, mon ami*. Estou com o visconde.

— Alô, vocês aí em cima! — gritou Harry Playford alegre como um homem que se esquecera de que fora deserdado mais cedo naquela noite.

— Venham depressa. Rolfé pode ter sido envenenado.

O advogado não tinha completado sua frase, mas achei que sabia o que estivera tentando dizer: que, se você quisesse ou precisasse dar a alguém um funeral com caixão aberto, veneno era um método de assassinato que deixava o rosto intacto.

— Completo disparate, Catchpool. — Kimpton parecia desapontado comigo. — Meu diagnóstico estava correto: gases presos. Veja, ele parou de suar, você notará. Logo não haverá praticamente mais dor. Você não é muito observador, não?

— Espero que seja — eu disse com frieza.

— Bem, deixou de notar isto: nada que aconteça a Orville Rolfé jamais é atribuível de alguma maneira a Orville Rolfé. Sua cadeira range porque é malfeita, seus pés doem porque as técnicas modernas de fabrico de sapatos são deficientes; sua dor de estômago é culpa de um envenenador misterioso e nada tem a ver com sua determinação, contra todas as probabilidades, de devorar um frango inteiro numa fração de segundo. Olhe para ele agora!

Na cama, Rolfé começara a risonhar.

Dora e Claudia Playford apareceram à porta.

— Que cheiro fétido é esse? — perguntou Dora. — É cianureto? Cianureto tem esse cheiro repugnante?

— Não há nenhum cianureto e o sr. Rolfé está ótimo — disse Kimpton. — E meu dedo indicador é o herói da hora, embora modesto demais para atrair atenção para seu excelente desempenho. — Ele o sacudiu no ar.

Harry Playford apareceu, sem fôlego.

— Veneno! — anunciou para a esposa. — Rolfe foi envenenado. Foi o que disse Catchpool.

— O quê? Mas ele está dormindo tranquilamente — respondeu Dora.

— Ele disse algo estranho — contei a todos eles. Parecia que o diagnóstico de Kimpton estava correto nessa ocasião, mas era incompreensível para mim que alguém pudesse se sentir triunfante com a liberação de um pouco de gás enquanto ignorava a história peculiar contada por Rolfe sobre as pessoas que haviam discutido sua morte.

Ninguém me pediu para detalhar o que eu dissera. Estavam todos ocupados demais rindo do dedo de Randall Kimpton, ou esquivando-se dele com fingida repugnância, ou (no caso de Harry) contemplando-o com grande admiração, como se fosse um poeta laureado. Não que Harry teria tido qualquer interesse por um poeta laureado, suponho, a menos que houvesse uma chance de lhe empalhar a cabeça e fixá-la numa parede.

Onde diabos estava Poirot?

## CAPÍTULO 11

*Vozes ouvidas por acaso Poirot finalmente apareceu e parecia muito perplexo! Nunca vi uma mera expressão tão cheia de perguntas urgentes. Antes que pudesse fazer alguma, comecei a lhe contar o que precisava saber.*

— Ele está se recuperando depressa. Queixou-se de veneno a princípio, o que me assustou um pouco. Por que alguém desejaria fazer mal a Orville Rolfe? Mas ao que parece, talvez ninguém tenha desejado. Veja, recuperou alguma cor nas faces. Kimpton diz que está tudo bem, e ele é o médico.

— Embora minhas credenciais tenham sido questionadas pelo paciente — disse Kimpton. — Ingrato patife!

Aproximei-me de Poirot e falei num sussurro, para que não me ouvissem: — Rolfe disse algo que me preocupou. — Eu estava determinado a contar essa história para alguém que a levaria a sério.

— Espere, *mon ami*. Viu como estava Lady Playford?

— Sim. Ela estava perfeitamente bem. E na verdade, seu quarto é logo do outro lado do patamar. Com todos nós aqui cuidando de Rolfe, ninguém teria podido chegar perto de Lady Playford se sua intenção era assassiná-la e escapar despercebido. Além disso, acho que nenhum de nós ficou sozinho nem por um instante.

— Alguns assassinos trabalham em dupla, não é? — disse Kimpton, parecendo muito contente por ter conseguido nos escutar. Raio de homem! — Embora, posso lhes garantir, seja difícil imaginar esse nível de cooperação e objetivo compartilhado em Lillieoak — acrescentou ele.

— Continue, Catchpool. — Poirot rejeitou a frivolidade do médico com um olhar frio.

Não havia nenhum sentido em tentar manter esta parte sob sigilo, já que o próprio Kimpton a ouvira.

— Rolfe disse algo estranho sobre um caixão aberto — contei a Poirot. — Ele disse...

— Um momento, por favor — pediu o belga. — Visconde Playford, dr. Kimpton, vão lá fora, por favor, e procurem Michael Gathercole e Sophie Bourlet. Ambos estão desaparecidos.

— Pois não, meu velho — disse Harry, e saiu do quarto imediatamente.

— Vou me deitar — disse Dora. — Foi uma noite horrível, exaustiva.

Kimpton disse a Poirot: — Gathercole e Sophie podem estar desaparecidos, mas são ambos adultos que podem fazer o que lhes apraz. Assim como eu, agora que os problemas digestivos do sr. Rolfe estão felizmente resolvidos. E o que desejo fazer é pegar a minha caríssima aqui e trocar algumas palavrinhas carinhosas antes de me recolher para a noite. Isso é permitido, sr. Poirot? Não entendo por que você e Catchpool resolveram proceder como se um assassinato fosse iminente, mas dificilmente podem esperar que todos nós cooperemos com a farsa, se posso ser rude... como temo ter acabado de ser.

— Deve fazer o que quiser, Monsieur.

— Ok! Bem, então boa noite! — Ele pegou Claudia pelo braço e conduziu-a para fora do quarto.

Poirot e eu fomos deixados sozinhos com Rolfe. Sons baixos de ronco vinham dele a intervalos regulares e seus olhos tremiam.

Finalmente pude contar a Poirot o que Rolfe dissera sobre a conversa do caixão aberto. Poirot ouviu com atenção. Depois, sem uma palavra em resposta, agachou-se ao lado da cama e deu um tapa numa das grandes bochechas rosadas do advogado.

Rolfe abriu os olhos.

— Vá com jeito, meu velho — disse ele.

— Deve acordar imediatamente — mandou Poirot.

Isso provocou uma expressão de perplexidade.

— Não estou acordado agora?

— Está, Monsieur. Não adormeça de novo, por favor. Catchpool me diz que você ouviu alguém dizendo que deve morrer, e que deve ter um funeral com caixão aberto. Isso é verdade? Ouviu isso?

— Ouvi. Foi por isso que, quando pensei que podia ter sido envenenado... Mas o desconforto atenuou-se consideravelmente, por isso

fico satisfeito em me curvar à expertise do dr. Kimpton. No fim das contas não era veneno.

— Por favor, repita para mim as palavras exatas que ouviu sobre o caixão aberto — pediu Poirot.

— *Ele* disse que devo morrer, e que não havia outro meio. E eles falaram sobre meu funeral... Tinha de ser com caixão aberto, foi o que disseram.

— Quem é “ele”?

— Não sei. Não pude ouvir claramente. Um homem... é isso que posso lhe afirmar. Um homem dizendo que eu tinha de morrer. E uma mulher...

— Rolfê parou, franziu o cenho e continuou. — Sim, sim, uma mulher estava tentando demovê-lo da ideia. Acho que era só o homem que me queria morto.

— Reconheceu a voz da mulher? — perguntou Poirot.

— Infelizmente não.

— Quando ouviu essa conversa?

Rolfê pareceu um pouquinho temeroso de oferecer mais uma resposta desapontadora.

— Eu não poderia lhes dizer. Em algum momento nesta tarde. Conversavam em voz baixa no salão. Não sabiam que eu estava na biblioteca naquela hora, lendo o jornal.

— A biblioteca é próxima do salão? — perguntou Poirot.

— Contígua. Há uma porta entre as duas salas. Estava sempre ligeiramente aberta. E não foi uma conversa, foi uma divergência exaltada. A mulher discordava da necessidade de um caixão aberto. Estava furiosa, e depois ele ficou furioso também, e ela disse: “Você seria tão severo com *ela*, ou a ama demais?” E então ele disse... Oh, meu Deus!

— Por que “oh, meu Deus”, Monsieur?

— Não, droga, vou continuar — disse Rolfê. — Ele lhe assegurou que nada poderia estar mais longe da verdade, que ela era seu único e verdadeiro amor.

Minha mente encheu-se de nomes: possíveis pares. Tenho certeza que a de Poirot também. Harry e Dora, Claudia e Randall, Joseph Scotcher e Sophie Bourlet. Meu quarto par era mais forçado: Michael Gathercole e

Sophie Bourlet. Eu não tinha nenhum motivo para supor que havia algum tipo de ligação romântica entre eles; era só o fato de serem as duas pessoas desaparecidas.

— Lembro-me dessa expressão nitidamente: “meu único e verdadeiro amor” — disse Rolfé. — Mas de fato me pergunto... Quanto mais penso sobre isso, mais me pergunto se poderia ter imaginado tudo.

Temia que Poirot pudesse esbofeteá-lo, e com mais força desta vez.

— Imaginado? — perguntou ele num tom ameaçador.

— Sim, veja, lembro-me de ouvir tudo isso, mas não de *pensar sobre* ter ouvido isso. Não me lembro de dizer para mim mesmo “Quem poderiam ser eles? Será que posso dar uma espiada e ver quem é?” Certamente eu teria ficado curioso para saber, depois de toda aquela conversa sobre assassinato. Embora toda a bobagem romântica exagerada parecesse tão tola que eu poderia ter desconsiderado o resto em razão disso, suponho. — Rolfé parecia perplexo. — E se eu estivesse tão delirante em razão da dor que imaginei a coisa toda?

— Acha que imaginou isso? — perguntei-lhe.

— E então? Não sei! Na verdade, desconfio que alguma coisa pode ter desviado a minha atenção... Eu me pergunto se... Sim, lembro-me agora de que senti uma dor terrível no meu pé direito mais cedo no dia. Isso me fez pensar que os sujeitos que fabricam sapatos hoje em dia são de fato criminalmente descuidados... Lembro-me dos dias em que um sapato dava algum apoio ao pé de um homem. Não mais!

Poirot pareceu descontente.

— Não contou a ninguém sobre o que ouviu, suponho?

— Não.

— Como soube que o homem e a mulher falavam sobre você quando mencionaram o funeral com caixão aberto? — perguntou Poirot. — Algum deles disse “sr. Orville Rolfé”?

Os olhos do advogado se arregalaram quando ele considerou isso.

— Não acredito que o tenham feito, não. Simplesmente supus que era sobre mim que falavam porque eu é que tinha sido envenenado... ou pelo menos foi o que pensei. Não, eles certamente disseram “ele”, sem mencionar



nenhum nome. Suponho que poderiam estar se referindo a qualquer um. A qualquer homem, pelo menos. — Rolfé bocejou. — Estou quase caindo, cavalheiros... Não por causa do veneno, mas de fadiga. Eu poderia... Vocês acham?

— Vamos deixá-lo em paz — disse Poirot. — Duas últimas perguntas, se me permite: afóra a dor em seu estômago, teve alguma razão para pensar que alguém poderia querer envenená-lo?

— Não. Por quê? *Você* acha que alguém quer me envenenar?

— Não sei. Todos nesta casa são estranhos para mim, e eu para eles.

— Suponho que alguém pode ter querido me matar — disse Rolfé com indiferença.

— Por quê?

— Nenhuma razão em que eu possa pensar. Mas nunca sabemos se somos estimados. As pessoas em geral são polidas, especialmente quando se é uma pessoa de alguma influência, como eu.

Poirot assentiu com a cabeça.

— Sr. Rolfé, gostaria de lhe perguntar sobre o testamento do falecido visconde Playford. Dora Playford referiu-se a ele durante o jantar.

— Sim, e não foi a primeira vez... Oh, não foi de maneira *alguma* a primeira vez. Na verdade é uma história longa e complicada. Você poderia perguntar a Gathercole? Não consigo me lembrar sentindo-me tão cansado como me sinto agora...

Seus olhos haviam se fechado novamente.

— Deveríamos deixá-lo dormir — falei.

Poirot e eu deixamos o quarto e fechamos a porta atrás de nós. Sugeri que eu poderia sair e ajudar Harry a procurar Gathercole e Sophie Bourlet.

— Primeiro traga-me uma cadeira, uma que tenha braços e seja confortável — disse Poirot. — Vou me sentar aqui até você voltar, bem em frente à porta do sr. Rolfé. Depois você tomará meu lugar para eu poder me deitar. Vou cair no sono, sem dúvida... mas não faz mal. Se alguém quiser entrar, primeiro terá de me deslocar!

— Entrar no quarto de Rolfé? Então mudou de ideia sobre a vítima de assassinato pretendida? Pensa que é Orville Rolfé, e não Lady Playford?

— Você ouviu o que o sr. Rolfe disse, Catchpool. “Ele.” A pessoa que precisa ser descartada é um homem. E por que falamos de envenenamento se nenhum envenenamento ocorreu? É possível que Orville Rolfe esteja em perigo, mas não sei. Sei consideravelmente menos do que preciso para agir de maneira efetiva. É muito frustrante.

— Suponho que haja uma pequena chance de que Kimpton esteja certo e ninguém em Lillieoak pretenda fazer mal a ninguém — falei com hesitação. — Rolfe poderia ter sonhado a lembrança sobre o caixão aberto enquanto se sentia mal... Delirante, como ele mesmo disse. E Lady Playford poderia ter nos convidado por outra razão inteiramente inocente. Por tudo que sei, ela nos dirá amanhã que deseja nos consultar sobre uma ideia para um livro.

— É possível, sim, que a situação possa ser menos perigosa do que imagino — admitiu Poirot. — Amanhã insistirei para que Lady Playford nos revele seu verdadeiro objetivo trazendo-nos aqui. Mas, lembre-se, é também possível que o perigo não seja para uma pessoa, mas para duas.

Gostei da maneira como ele disse, “Lembre-se...”, como se fosse algo que eu tivesse sabido antes.

Poirot explicou: — Se Orville Rolfe foi a vítima de um envenenamento malfeito, possibilidade que ainda não excludo, então ele está em perigo por causa do que ouviu quando estava na biblioteca. E se o “ele” da discussão sobre o caixão aberto *não* era o sr. Rolfe, então essa é mais uma pessoa que está em perigo.

Eu sabia o que duas vítimas potenciais significavam: nenhum sono para mim no futuro previsível. A perspectiva fez minhas pálpebras caírem duas vezes mais pesadas quando eu me dirigia para o jardim a fim de procurar Michael Gathercole e Sophie Bourlet.

## **CAPÍTULO 12**

## *Sophie acusa*

Não consegui encontrar vivalma em lugar nenhum nos jardins, e teria classificado minha procura de perda de tempo não fosse pelo fato de que o vento revigorante e o chuvisqueiro que caía se combinaram para afugentar minha sonolência.

Se Harry ainda estava ali, eu não vira nenhum sinal dele. Gritara seu nome, e o de Gathercole, e o de Sophie até ficar rouco. Nenhuma sorte.

Finalmente desisti e voltei à casa. Dirigi-me ao andar superior e vi que Poirot havia previsto o futuro com bom grau de precisão: adormecera na cadeira que eu pusera ali para ele. A princípio tive a impressão de que ele roncava duas vezes — um baixo profundo e estrondeante alternando com um leve zumbido. Era ilusão: os ruídos mais altos, mais graves, vinham de trás da porta de Orville Rolfe.

Senti algum prazer em sacudir Poirot até que ele abriu os olhos. Sua mão foi automaticamente ao bigode.

— E então? — perguntou.

— Infelizmente não encontrei nem Gathercole, nem Sophie Bourlet — falei. — Tampouco vi o visconde Harry lá fora. Terá ele voltado a entrar, sabe por acaso?

— Eu não saberia dizer — disse Poirot vagamente, e concluí que ele devia ter caído no sono instantes depois que o deixei.

Ele se virou e olhou para a porta fechada atrás de si.

— Que barulho terrível é esse que o sr. Rolfe faz? Parece algo saído de um pesadelo.

— Eu diria que essa barulhada significa que ninguém precisa vigiar sua porta. Se ele parasse de respirar, e de roncar, saberíamos em segundos. Poderíamos correr aqui e pegar seu assassino com a mão na massa.

Poirot levantou-se e tirou a cadeira do caminho. Abriu a porta e entrou no quarto de Rolfe.

— O que está fazendo? — sussurrei sonoramente. — Saia daí!

— Entre também — disse ele.

— Não podemos entrar no quarto de uma pessoa ador...

— Já estou dentro. Não reclame. Entre.

Segui-o com relutância. Depois que entrei, ele fechou a porta.

— Lá fora, alguém poderia nos ouvir — disse ele. — O sr. Rolfé não vai se incomodar de conversarmos perto de sua cama. Não creio que seja fácil acordá-lo.

— Poirot, simplesmente não podemos...

— Então o advogado, Gathercole, e a enfermeira, Sophie, estão ambos desaparecidos. Interessante. Eles poderiam ser amantes, suponho. Por vezes, amantes fazem planos juntos...

— Não, duvido muito disso — falei, com mais firmeza do que pretendia.

— Por quê? Você não sabe nada sobre nenhum dos dois.

— Eles poderiam estar planejando assassinatos juntos, pelo que sei. Quero dizer que, na minha opinião, não são amantes. Não posso lhe dizer exatamente por que, mas... você não tem às vezes uma impressão sobre as pessoas? De todo modo, Sophie dificilmente pode se separar de Joseph Scotcher.

— Por que deveria importar tanto o funeral com caixão aberto? Que diferença isso poderia fazer, aberto ou fechado?

— Só posso pensar numa única razão: para que alguém que comparecesse ao funeral pudesse ver o corpo e verificar que a pessoa estava realmente morta, ou que a pessoa certa estava no caixão. Com um caixão fechado, isso não seria possível.

— Talvez alguém tenha dito: “Eu lhe darei esta ou aquela quantia em dinheiro se você o matar, mas preciso vê-lo com meus próprios olhos para saber que está morto” — disse Poirot.

— Tenho certeza de que tudo ficará muito mais claro quando você falar com Lady Playford aman...

Fui interrompido por um gemido penetrante que pareceu vir de baixo dos meus pés. Logo ele se converteu num forte grito. A voz era a de uma mulher.

Corri para a porta e abri-a.

— No térreo! — exclamou Poirot, atrás de mim. — Rápido! Não espere por mim... Você é mais ágil.

Corri sem pensar, e quase tropecei uma vez. O grito cessou por alguns instantes, depois recomeçou. Era um ruído insuportável, como um animal tendo seu coração arrancado. No intervalo — o pequeno silêncio — eu ouvira exclamações de choque vindo do andar superior, e portas se abrindo.

Uma vez no térreo, corri à sala de estar e encontrei-a vazia. Em seguida me dei conta de que o grito parecia mais distante agora do que parecera do patamar; tinha de estar vindo do outro lado da casa.

Corri de volta ao vestíbulo e vi Poirot e Dora descendo a escada às pressas. Ouvi Poirot murmurar “O salão” enquanto eles corriam para a sala de jantar. Segui-os, e logo localizei a fonte dos gritos. Era Sophie Bourlet. Ela estava de chapéu e sobretudo. Não estava voltada para a sala de jantar, mas para a sala em frente. Supus que era o salão — no qual a controversa conversa sobre um caixão aberto tivera lugar entre um homem e uma mulher, a se acreditar em Orville Rolfe.

Lágrimas escorriam dos olhos de Sophie enquanto ela lamentava e gritava, como se estivesse contemplando um horror que mal podia ser imaginado. Ela estava parada fora da sala, olhando para dentro. Eu não podia ver para o que olhava, mas, por sua expressão e pelo ruído que fazia, devia ser alguma espécie de visão diabólica.

Logo Poirot estava ao lado dela.

— *Mon Dieu* — murmurou ele, tentando afastar a enfermeira que gritava do vão da porta. — Não olhe, Mademoiselle. Não olhe.

— Mas... isso é *horrível!* Não posso compreender por quê... Quero dizer, quem...? — Dora olhou à sua volta. — Harry! Harry! Onde você está? Uma coisa inominável aconteceu no salão!

Nessa altura eu estava à porta do salão e olhei para dentro, incapaz de imaginar o que poderia ver ali. Pouparei o leitor deste relato de uma descrição completa e horripilante. Basta dizer que Joseph Scotcher estava caído no tapete atrás de sua cadeira de rodas, seu corpo estranhamente torcido. Estava morto; disso não podia haver dúvida — assassinado de maneira extremamente estarrecedora. Perto de seu corpo via-se um porrete

feito de madeira escura. Seu sangue e seus miolos se espalhavam por toda a extremidade mais larga dele. Havia sangue no carpete, e sobrava muito pouco da cabeça do pobre Scotcher, somente seu maxilar inferior, que revelava uma boca contorcida em agonia.

Harry apareceu atrás de mim e disse a Dora: — Estou aqui, meu bem. Que diabo é toda essa gritaria?

— O diabo — eu disse calmamente. — Está inteiramente certo, visconde Playford. Isto é obra dele.

Eu tinha a impressão, nessa altura, de que todos haviam se juntado a nós. Muita gente estava parada à minha volta — à frente ou atrás, ou ao meu lado. Claudia e Harry, e Lady Playford num penhoar de seda amarelo. Atrás dela, Randall Kimpton e Orville Rolfe estavam parados lado a lado. Kimpton parecia estar tentando dizer alguma coisa — talvez encarregar-se da situação —, mas, fossem elas quais fossem, as instruções que tentava emitir eram inaudíveis no caos. Brigid, Hatton e Phyllis hesitavam atrás de Lady Playford. Atrás de todos estava Michael Gathercole. Ele também estava de sobretudo, notei. Teriam ele e Sophie estado juntos no jardim todo esse tempo? Seriam amantes?

Lady Playford cobriu a boca com a mão, mas ninguém gritou exceto Sophie.

— Joseph! — a enfermeira chorava. — Oh, não, não, meu querido Joseph! — Desvencilhou-se de Poirot, que a segurava, correu para o corpo de Scotcher e deitou-se ao lado dele. — Não, não, isso não pode ser, não pode ser!

Lady Playford pousou a mão no braço de Poirot.

— É ele, Poirot? — perguntou. — É sem dúvida ele? Sua cabeça... Quero dizer, como podemos ter certeza?

— É o sr. Scotcher, Madame — disse Poirot. — Pode ser reconhecido por seu rosto... o que resta dele... e pela magreza de sua constituição física. Ninguém mais em Lillieoak é tão magro.

— *Droga!* — resmungou Lady Playford. Um momento depois, disse: — Sinto muito, Poirot. Isso não é culpa sua.

Randall Kimpton murmurou alguma coisa, de que perdi o início: — ... a joia da vida, por uma mão maldita, fora roubada e confiscada. — De *Rei João* de Shakespeare, sem dúvida.

Procurei Gathercole. Ele parecia sério, mas controlado e quase sereno. Não num estado de extremo sofrimento, pensei.

— Ela o matou! Eu a vi!

Ao ouvir estas palavras surpreendentes, virei-me de volta para o salão. Sophie, que fizera a acusação, estava de joelhos ao lado de Scotcher, lançando um olhar exaltado para o resto de nós.

Poirot deu um passo à frente.

— Mademoiselle, tenha muito cuidado com o modo como responde a pergunta que lhe farei — disse ele. — Está compreensivelmente consternada, mas deve dizer a verdade e se concentrar por um momento nos fatos. Está dizendo que viu quem matou o sr. Scotcher?

— Eu a vi fazer isso! Ela estava com o porrete nas mãos e ela... ela o usava para golpear a cabeça dele. Não parava! Ele suplicava, mas ela não parava. Ela o assassinou!

— Quem fez isso, Mademoiselle? A quem acusa de assassinato?

Lentamente, Sophie Bourlet se levantou. Com um braço trêmulo, apontou.



**PARTE DOIS**

## CAPÍTULO 13

*Entram os gardaí Na manhã seguinte, os verdadeiros detetives de homicídios chegaram. Por "verdadeiros", refiro-me àqueles que eram autorizados a fazer detenções no condado de Cork, não os que vinham da Inglaterra — e, se quiséssemos ser muito precisos, da Bélgica —, que por acaso estavam se movendo furtivamente nas vizinhanças do local do assassinato disfarçados de hóspedes da casa.*

No Estado Livre Irlandês, a força policial é conhecida como *garda*. Isto é uma abreviação de Garda Síochána, cuja tradução literal é “o guardião da paz”. Um dos dois policiais enviados pelo comissário em Dublin para investigar a morte de Joseph Scotcher correspondia a essa descrição perfeitamente. O sargento Daniel O’Dwyer — com um rosto redondo como um relógio e óculos que se assentavam ligeiramente de través sobre a ponta do seu nariz — contribuía para relações harmoniosas concordando com tudo que lhe era sugerido. Parecia nada ter em seu repertório senão assentimento incondicional.

Mas ele era o policial menos graduado. O responsável, o inspetor Arthur Conree, era um sujeito mais difícil. Na metade da casa dos cinquenta, com um cabelo que não se movia, mas assomava sobre sua testa como um grande afloramento rochoso cinza, ele tinha o hábito peculiar de apertar a parte inferior do queixo contra o alto do peito quando ouvia, levantando-o apenas ligeiramente quando falava.

A primeira coisa que Conree fez ao chegar a Lillieoak foi pronunciar um pequeno discurso que, segundo acredito, estava destinado a ser uma espécie de apresentação, mas deu mais a impressão de ser uma severa descompostura.

— Não pedi para ser enviado para cá — disse-nos ele. — Toda a solicitação ocorreu do outro lado. “Tem de ser você, Arthur”, disseram eles, “Ninguém mais seria tão apropriado. Este é um caso importante, mais que qualquer outro.” Assim, falei com minha esposa. Posso lhes dizer que ela não queria que eu percorresse toda a distância até Clonakilty, tanto quanto eu

mesmo não queria assumir a viagem ou a responsabilidade, levando-se em conta os vários outros encargos que pesam sobre mim.

— Estranho, então, que tenha vindo parar aqui, inspetor — observou Poirot amavelmente.

O sargento O'Dwyer assentiu e disse: — É estranho... Tem razão nisso, sr. Poirot.

O inspetor não tinha terminado.

— Mas minha esposa disse: “Arthur, eles querem que seja você, e se é isso que eles querem, bem, devem ter suas razões. E vamos encarar os fatos... Quem faria um trabalho melhor? Ora, nenhum outro homem poderia!”. Eu mesmo nunca fiz semelhante afirmação, os senhores compreendem, sendo um homem modesto; estou apenas relatando a opinião de minha esposa. Assim apresentamos o problema aos nossos três rapazes, crescidos como todos são agora...

A história do que aconteceu depois que os filhos do inspetor Conree se juntaram à discussão foi transmitida em detalhes e com uma solenidade condizente com um discurso no funeral de um rei. Em síntese, os jovens Conree, como a sra. Conree, temiam que o estimado chefe de sua família pudesse desabar sob o violento esforço de ter de fazer seu serviço, mas todos concordavam que sem sua liderança hábil não poderia haver nenhuma solução ou justiça.

— Assim, aqui estou — Conree finalmente concluiu. — Estarei aqui até que esta repugnante questão seja resolvida, e devo insistir que *todos* nesta casa permaneçam aqui também. Qualquer pessoa que tenha obrigações de trabalho deve considerá-las canceladas! Vocês devem todos permanecer sob este teto por tanto tempo quanto seja necessário. Insisto nisto. E devo insistir em mais uma coisa antes de prosseguirmos. — Ele levantou a mão direita, que havia arranjado na forma de uma arma de fogo: indicador apontando para a frente, polegar apontando para trás. Tinha o hábito de usar esse gesto para ênfase, logo descobrimos. — Devo insistir que os arranjos sejam os seguintes: estarei à frente desta investigação. Sou a pessoa que designará deveres e tarefas... a única.

O cabeceio do sargento O'Dwyer se acelerara.

— Nada acontecerá sem que eu esteja informado a respeito — continuou Conree. — Nada acontecerá sem minha expressa permissão. Ninguém se afastará para se dedicar a quaisquer investigações sem minha autorização, baseado em suas próprias *ideiazinhas brilhantes*. — Quando disse “ideiazinhas brilhantes”, fez um gesto extremamente bizarro com suas mãos perto da cabeça, como se estivesse tentando borrifar confetes imaginários dentro de seus ouvidos. — Sua reputação o antecede, sr. Poirot, e ficarei feliz em ter sua cooperação neste caso, mas deve seguir minhas instruções ao pé da letra. Isto está claro?

— Evidentemente claro, inspetor. — A apresentação por Poirot de sua fachada mais encantadora e dócil em face da provocação de Conree (chamei-a de provocação, embora suponha que aquilo pudesse ser simplesmente sua personalidade) deixou-me desconfiado. O que estava ele aprontando?

— Ótimo. Como eu digo, não tenho nenhum desejo de estar aqui. Se tivesse havido alguma outra pessoa que pudesse ter lidado com esta questão desagradável... Lamentavelmente, não havia.

— Permite que eu lhe faça uma pergunta, inspetor? — disse Poirot, cada palavra e gesto seu destilando uma deferência pouco convincente. Tentei não rir de sua encenação. — Permite? Obrigado. Gostaria de saber se pretende começar detendo Mademoiselle Claudia Playford. Foi informado, acredito, que a enfermeira Sophie Bourlet...

O inspetor descartou as palavras de Poirot com um gesto, como se elas fossem um odor desagradável.

— Não tenho nenhuma intenção de deter a filha do visconde Guy Playford simplesmente porque uma enfermeira sem qualquer distinção especial fez uma acusação absurda contra ela — respondeu.

Poirot agradeceu a resposta à sua pergunta sem comentá-la.

Sem perda de tempo, Conree disse a todos nós o que fazer. O'Dwyer deveria permanecer em Lilleoak e supervisionar os *gardai*\* locais, que estavam a caminho para esquadrinhar a casa em busca de impressões digitais e tudo mais que pudessem encontrar em matéria de evidências. O investigador médico também viria para examinar o corpo de Scotcher.

Meu papel — pois eu também deveria permanecer em Lillieoak — era manter a família Playford e seus hóspedes e criados fora do caminho da polícia e, ao mesmo tempo, obter deles tanta informação quanto pudesse.

Vi-me eu mesmo assentindo com a cabeça enquanto essas instruções me eram gritadas. Perguntei-me então que tipo de sujeito o sargento Daniel O'Dwyer havia sido ao chegar para seu primeiro dia de trabalho. A proximidade de Conree, temi, podia transformar qualquer um num ser ávido por concordar.

— Sr. Poirot, nós dois iremos levar essa enfermeira, a tal Sophie, à delegacia de Ballygurteen, onde você lhe fará perguntas e fará o possível para chegar ao cerne de sua história sobre ter visto Claudia Playford batendo com um porrete na cabeça de Scotcher. Precisamos descobrir o que está por trás disso.

— Que a enfermeira Sophie esteja dizendo a verdade pode estar por trás disso — disse Poirot, exibindo sua expressão mais inocente. — Devemos ao menos considerar a possibilidade, apesar de ela não ser da nobreza. Se posso dizê-lo, inspetor... Mademoiselle Claudia nega a acusação contra ela com muita ênfase, como faria se fosse culpada ou inocente, mas o que me incomoda é precisamente a... Qual é a palavra? Ah, sim: precisamente a *qualidade* de sua negação. Ela não está amedrontada nem furiosa. Não manifesta nenhum sinal de confusão. Diz meramente com um sorriso malicioso: “Não fui eu.” Fala como se estivesse confiante de escapar impune de um assassinato... No entanto, aqui está o enigma! Não penso que ela é culpada desse crime. Não, não penso isso. Ela tem a confiança, *bien sûr*, mas... — Poirot sacudiu a cabeça.

— Não devemos especular dessa maneira — disse Conree com veemência. — Isso não leva a nada. Vejamos o que a enfermeira tem a dizer. Eu lhe permitirei fazer quaisquer perguntas que julgar convenientes, Poirot. Não farei mais do que ouvir.

Portanto a especulação estava proibida, pensei sombriamente. Isso era lamentável, pois havia muita coisa a ruminar. Desde que apontara um dedo trêmulo para Claudia, Sophie não dissera mais palavra, recusando-se a repetir

ou retirar sua acusação de assassinato. Lágrimas pareciam ser a única coisa que a jovem enfermeira podia produzir, e em abundância.

Poirot — se me for permitido saltar à frente um pouco — retornou da delegacia de Ballygurteen furioso, eu diria.

— O inspetor não perguntou *nada*, Catchpool — disse-me ele mais tarde aquela noite. — Não deu nenhuma contribuição. Fui eu que fiz todas as perguntas.

— Isso não foi conveniente para você? — atrevi-me a questionar. — Normalmente você quer fazer todas as perguntas. Além disso, você sabia que esse era o plano.

— Não me importei de fazer as perguntas. Só fiz objeção depois, quando Conree me disse que ouvir era a parte mais importante. A parte dele! As palavras, por vezes, não estão aqui nem ali, disse ele. Que estupidez! As palavras, elas estão aqui *e* ali! Ele não reconhece o ilógico! Que é que escutamos, senão as palavras? Se um importa, então o outro também deve importar! Será que ele imagina que Hercule Poirot não ouve adequadamente porque também fala?

— Meu Deus, Poirot!

— Como meu Deus?

— Por mais exasperante e pomposo que ele seja, somos obrigados a lidar com ele, por isso seria melhor que você se acalmasse. Aprenda a dizer sim, como O'Dwyer e eu. Agora, pare de se queixar e me conte o que aconteceu em Ballygurteen.

Poirot começara, contou-me, fazendo a Sophie uma série de perguntas com que era improvável que ela se assustasse.

— Pensa, Mademoiselle, que permanecerá como secretária particular de Lady Playford?

Sophie parecera surpresa.

— Eu... eu não sei. — Ela, Poirot e Conree estavam numa saleta de teto baixo com janelas que chocalhavam quando o vento soprava. (“Havia a ilusão de estar dentro de um prédio em vez de fora, mas era só isso: uma ilusão”, queixou-se Poirot com veemência mais tarde. “O mau tempo estava dentro daquela sala conosco.”) — É só que observo que você tem feito trabalhos que

são... de escritório, secretariais, para Lady Playford. Oh! Quero dizer que você executava essas tarefas antes da morte do sr. Scotcher. Claro, não fez nenhum trabalho desde então e ninguém o teria esperado.

Sophie disse de maneira quase inaudível: — Entendi o que queria dizer.

Suas lágrimas haviam cessado assim que o carro partira para Ballygurteen, desde então ela fora como um fantasma aprisionado entre os vivos, desprovida de esperança e vitalidade, mas resignada a seu destino. Suas roupas davam a impressão de que havia dormido com elas, e seu cabelo caía despenteado em volta do rosto. Ela era a única cuja aparência exterior estava dramaticamente alterada.

— Estou certo ao supor que você fazia o trabalho que o sr. Scotcher deveria fazer para Lady Playford, depois que a doença dele avançou além de certo ponto? — perguntou-lhe Poirot.

— Sim.

— E, simultaneamente, você cuidava do sr. Scotcher? Era enfermeira e secretária ao mesmo tempo?

— Eu era capaz de lidar com tudo isso.

— Terá Lady Playford lhe falado, então, sobre permanecer como sua secretária?

— Não. — Sophie produziu a palavra depois de quase meio minuto e aparentemente com grande esforço. — Nem o fará. Eu acusei a filha dela de assassinato.

— Você reafirma a acusação que fez contra Mademoiselle Claudia?

— Sim.

— Por favor, descreva exatamente o que observou.

— De que adianta? Eles dirão que não vi isso, que nunca aconteceu. Devo ter assassinado Joseph eu mesma, eles lhe dirão... Até Athie dirá isso, porque é mãe de Claudia e, comparada a uma filha, nada sou para ela.

— Mesmo assim eu gostaria de ouvir seu relato — assegurou-lhe Poirot. — O que, se posso perguntar, Claudia estava vestindo?

— Vestindo? Sua... sua camisola e penhoar. Você a viu, não foi?

— Vi. É por isso que pergunto. A última vez que a vi antes de você começar a gritar foi por volta de 21h20, ou 25. Nesse momento, ela usava o

vestido de noite verde que usara durante toda a noite. Seus gritos não nos chamaram todos ao salão até 22h10. Assim, Claudia teria tido tempo para se trocar, é claro... tempo de sobra. *Mas o penhoar que ela usava quando todos nós nos reunimos no térreo após ouvi-la gritar era branco.* Todo branco. Não vi nenhum sangue nele... nem um minúsculo salpico ou gota. Se uma pessoa vestida de branco ataca com um porrete a cabeça de um homem, fazendo sangue escorrer por todo o tapete debaixo dele, tenho certeza de que também haveria sangue na roupa do atacante.

— Não posso explicar tudo que não faz sentido — disse Sophie em voz baixa. — Conte-lhe o que vi.

— Mademoiselle Claudia usava luvas?

— Não. Suas mãos estavam nuas.

— A quem pertencia o porrete?

— Era de Guy, o falecido marido de Lady Playford. Ele o trouxe de uma de suas viagens à África. Esteve no armário no salão desde que cheguei a Lillieoak.

— Vamos recuar — disse Poirot. — Gostaria de ouvir o que aconteceu depois do jantar. Comece do momento em que você e o sr. Scotcher foram deixados sozinhos na sala de jantar. Por favor, inclua qualquer detalhe de que possa se lembrar. Devemos tentar reconstituir a sequência completa dos acontecimentos.

— Joseph e eu conversamos. Era estranho nos vermos sozinhos depois que ele me pedira publicamente em casamento. Ele estava ansioso para ouvir minha resposta.

— E você lhe respondeu?

— Sim. Aceitei sem hesitação. Mas depois Joseph quis falar sobre nosso casamento, e os preparativos, e como poderíamos celebrá-lo o quanto antes, isso e aquilo... e a única coisa em que eu conseguia pensar era como ele parecia doentio, terrivelmente fraco. A questão do testamento de Athie foi um grande choque para ele. Precisava descansar. Eu podia ver isso, ainda que ele não pudesse. Disse-lhe que conversaríamos mais amanhã, mal sabendo...

— Ela parou abruptamente.



— Mal sabendo que para ele não haveria nenhum amanhã? — sugeriu Poirot, gentil.

— Sim.

— Então você o convenceu a ir se deitar?

— Sim. Deixei-o acomodado para a noite e em seguida saí para o jardim.

— Com que objetivo?

— Ficar longe de todos. Eu queria fugir, para longe de Lillieoak... Mas só para me distanciar da dor, não de Joseph. Nunca o teria deixado. No entanto, era insuportável.

— A doença dele, você quer dizer?

— Não. — Sophie suspirou. — Não importa.

— Mademoiselle, continue, por favor — insistiu Poirot.

— Mesmo que Joseph e eu tivéssemos chegado até o altar, e depois? Nossa alegria logo nos teria sido arrebatada. Felicidade duradoura era impossível.

No canto da sala, o inspetor Conree parecia estar tentando esmagar o nó de sua gravata com a parte inferior do queixo.

— Perdoe a impertinência, mas você chorou quando estava no jardim? — Poirot perguntou a Sophie. — Alto, de modo que alguém poderia ter escutado?

Ela pareceu surpresa.

— Não. Caminhei e caminhei.

— Encontrou alguma outra pessoa no terreno?

— Não.

— Não sussurrou para ninguém?

— Não.

— Eu também estive no jardim, com Catchpool. Conversamos longamente.

— Não ouvi nada — disse Sophie. — Só folhas farfalhando, e o vento.

— A que horas saiu e a que horas voltou para casa? Lembra-se?

— Saí um pouco depois que todos deixaram a sala de jantar... isto é, todos menos Joseph e eu. Lamento, mas não sei que horas eram.

— Faltavam cinco minutos para as oito horas — disse-lhe Poirot.

— Então Joseph e eu devemos ter deixado a sala por volta de 20h10. Ajudei-o a se preparar para se deitar por mais 15 ou vinte minutos. Devia ser cerca de 20h30 quando saí.

— Então você saiu da casa quando Catchpool e eu voltávamos de nossa caminhada no jardim. Não a vimos.

— Eu estava inteiramente inconsciente da hora. Talvez fosse cinco minutos mais tarde ou mais cedo.

— E a que horas você voltou para a casa?

Sophie replicou com irritação: — Para que faz perguntas cuja resposta já conhece? Vocês todos me ouviram gritar. Todos vieram correndo.

— Mas eu não sei há quanto tempo você estava dentro da casa quando você gritou, Mademoiselle. Começou a gritar às 22h10... Isso eu sei.

— Eu tinha voltado do jardim não mais de cinco minutos antes daquilo. Ouvei o berro imediatamente. Ninguém no andar superior o teria ouvido, mas eu ouvi, claramente, assim que fechei a porta dos fundos e impedi a entrada do vento. Ouvei Joseph suplicando por sua vida.

— O que ele dizia precisamente? — perguntou Poirot.

— Não suporto pensar nisso! Eu devo, eu sei. Ele dizia: “Pare, pare! Por favor, Claudia! Você não tem de...” Ele sabia que ela iria matá-lo. Eu devia ter voado sobre ela assim que vi o porrete em sua mão, mas isso não parecia possível... E depois o choque! Fiquei paralisada, Monsieur Poirot. É por culpa minha que Joseph está morto. Se eu tivesse me jogado sobre Claudia, poderia tê-la detido. Poderia ter salvado a vida dele.

— Foi só Monsieur Scotcher que você ouviu falar? Claudia Playford disse alguma coisa?

Sophie franziu as sobrancelhas. Depois subitamente seus olhos.

— Sim! Sim, ela falou de uma mulher chamada Iris. “Isto é o que Iris teria feito” ou algo parecido. Ela disse isso enquanto atacava Joseph.

— Seja o mais precisa que puder — insistiu Poirot. — É importante que eu conheça suas palavras.

— “Isto é o que Iris devia ter feito”, estou certa dessa parte. E depois, acho: “Mas ela era fraca demais... Ela o deixou viver, e assim você a matou.” Ou talvez tenha sido “e ela o deixou matá-la”. Fiquei paralisada. Não pude

fazer outra coisa senão gritar e gritar. Eu não... — A voz de Sophie falhou.  
— Não tentei salvar a vida de Joseph.

— Quem é Iris?

— Não tenho ideia. Joseph nunca a mencionou em minha presença.

— No entanto Claudia Playford acredita que ele a matou — disse Poirot.

— Joseph não faria mal a ninguém. Claudia é um demônio.

— Por que passou tanto tempo no jardim numa noite tão fria?

— Eu estava envergonhada demais para voltar para casa. Estava muito perturbada.

— Sophie capaz, Sophie forte: é assim que todos eles me veem. Sempre à mão para cuidar de Joseph e de Lady Playford e de todos. Eu precisava de uma trégua de ser a pessoa por quem todos me tomam.

— Compreendo — disse Poirot. — Que fez Claudia Playford depois que acabou de atacar a cabeça do sr. Scotcher?

— Ela deixou o porrete cair no chão e saiu correndo da sala.

O inspetor Conree levantou o queixo e disse: — Claudia Playford e Randall Kimpton contam uma história diferente. Eles dizem que ficaram juntos no quarto do dr. Kimpton desde que deixaram o quarto de Orville Rolfe até que você começou a gritar no térreo.

— Então lhe contaram uma mentira — disse Sophie simplesmente.

**Nota**

\* *Garda*, além de ser o nome da força policial, é a designação de cada agente; *gardaí* é o plural. (N.T.)

## CAPÍTULO 14

*As duas listas de Lady Playford Enquanto Poirot e o inspetor Conree estavam em Ballygurteen com Sophie Bourlet, o sargento O'Dwyer e eu estivemos no gabinete de Lady Playford em Lillieoak. Desde a morte de Scotcher ela se recusava a descer. A bandeja do almoço sobre sua escrivaninha não fora tocada, observei, e seu rosto parecia acentuadamente mais fino, embora menos de 24 horas tivessem se passado desde a tragédia.*

— Deixei a sala e fui direto para meu quarto — contou ela ao sargento O'Dwyer. Seus modos sugeriam que esta pergunta e qualquer outra que pudesse se seguir era uma perda de tempo. Eu tinha a nítida impressão de que ela estava tentando resolver alguma coisa por conta própria e considerava intervenções de outros um estorvo. — Não jantei. Vocês descobririam de qualquer maneira, por isso é melhor que saibam por mim. Talvez o sr. Catchpool já lhes tenha dito.

Indiquei que não.

— Minha nora, Dora, fez um comentário que me perturbou. Não devem pensar mal dela. É uma boa pessoa que se preocupa excessivamente, só isso. Não há ninguém nesta casa que seja impiedoso ou perverso, sargento. Mesmo minha filha Claudia, que às vezes tem uma língua terrivelmente afiada... — Lady Playford endireitou as costas, preparando-se para o que estava prestes a dizer. — Claudia está tão longe de ser uma assassina quanto eu de ser um pirata dos altos-mares. Isso é absurdo.

— Então acredita que Sophie Bourlet está mentindo? — perguntei.

— Não — respondeu Lady Playford. — Sophie não acusaria falsamente uma pessoa de assassinato. Ela tem um bom coração.

— Então...

— Eu não sei! Acreditem-me, vejo perfeitamente o problema. Insisto em duas coisas: que minha filha não é uma assassina e que Sophie Bourlet não a

acusaria falsamente... E essas duas coisas são inconciliáveis.

— Se eu pudesse apenas perguntar gentilmente, vossa senhoria... — O sargento O'Dwyer parecia introduzir todas as suas perguntas com estas palavras. — A senhora voltou ao seu quarto, e por acaso chegou a deixá-lo, ou permaneceu nele, ou o que fez depois disso?

— Permaneci em meu quarto, sozinha, até ouvir os gritos distantes de Sophie e pessoas correndo pelo patamar. Durante todo esse tempo só fui perturbada quando o sr. Catchpool bateu à minha porta. Ele queria verificar que nada de terrível me acontecera.

— Poirot me pediu para me certificar da segurança de todos — expliquei a O'Dwyer. — Constatei que todos estavam sãos e salvos, exceto Sophie Bourlet e Michael Gathercole, que não podiam ser encontrados em lugar nenhum, e Joseph Scotcher e Orville Rolfe, que estavam em seus quartos, mas nada bem.

— Se eu pudesse apenas perguntar, vossa senhoria... Scotcher estava morrendo da doença de Bright, nos rins, isto está correto?

— Está correto.

— E o comentário perturbador que sua nora fez? Eu gostaria de ser informado sobre ele, se não se importa.

— Ela disse que eu estava tentando fingir que Joseph Scotcher era meu filho Nicholas, que morreu ainda criança. Descreveu Nicholas como “morto como uma pedra”. Como evidentemente ele está. Sei disso muito bem. O que me perturbou não foi a realidade desagradável, que aceitei há muito tempo, mas que Dora escolhesse me dizer semelhante coisa.

— Ela se arrependeu logo depois. — Não pude me impedir de dizer. — Estava terrivelmente perturbada mais tarde, na sala de estar, e gostaria de poder retirar suas palavras.

— Sim — disse Lady Playford, pensativa. — Não deveríamos usar palavras de maneira descuidada, ou mesmo irrefletidamente. Depois que foram lançadas, não podem ser chamadas de volta. Fui infeliz em muitas ocasiões, mas jamais usei uma ou mais palavras que não tivessem sido cuidadosamente escolhidas.

— Nisso estou de acordo — disse O'Dwyer. — Se alguém tem talento para escolher palavras, é vossa senhoria.

— E, no entanto, graças a mim, o pobre Joseph está morto. — Lágrimas brilharam em seus olhos.

— Não deve se culpar — eu lhe disse.

— Nisso o inspetor Catchpool e eu estamos de pleno acordo — disse O'Dwyer. — Quem deve ser culpado pela morte do sr. Scotcher é aquele que o golpeou na cabeça com o porrete.

— É bondade de vocês tentarem, cavalheiros, mas nunca me convencerão de que não foi minha culpa. Mudei meu testamento de uma maneira que estava destinada a provocar. Transformei o anúncio num espetáculo teatral, durante o jantar.

— Contudo, não esperava que Joseph Scotcher fosse assassinado algumas horas depois — falei.

— Não. Se tivesse considerado a possibilidade, teria concluído que ela estava fora de cogitação. Devo lhes dizer por quê? Porque os únicos motivos sensatos para esse assassinato pertencem àqueles que jamais cometeriam esse ato. Meu filho Harry... impensável! Quanto a minha filha Claudia... Você pode não acreditar nisto, Edward... posso chamá-lo de Edward? Mas a psicologia está completamente errada. Não pode ser Claudia.

— O que a deixa tão segura?

— Um homicídio violento é o último recurso de uma pessoa cuja ira apaixonada ou ressentimento ardente ficou trancado dentro dela por tempo demais, por toda uma existência!, sem nenhuma válvula de escape — disse Lady Playford. — Finalmente, a rolha estoura. O vidro se estilhaça! A fúria fervilhante de minha filha, que está com ela desde a infância, apesar de não ter nenhuma causa discernível, angariou toda uma plateia na sucessão diária das coisas. Longe de mantê-la tamponada durante toda a sua vida, ela a tem transmitido aos quatro ventos, para quem quer que cruze seu caminho. A amargura emana dela quanto pisa forte pela casa sentindo-se prejudicada em sua própria pessoa, e ela dá plena vazão a isso. Estou certa de que você notou, Edward.

— Bem...

— Você é polido demais para dizê-lo. Claudia poderia destruir um exército simplesmente abrindo a boca e dizendo o que pensa. Para ela pegar um porrete e golpear a cabeça de um homem, antes as palavras teriam precisado lhe faltar, e eu lhes asseguro que nada de semelhante aconteceu.

— E Dora? — perguntei.

— Está perguntando se Dora poderia ter matado Joseph? A ideia é risível! Oh, ela estava furiosa diante da perspectiva de não herdar nada, mas Dora é uma mulher medrosa. E, o que é mais importante, é pessimista. Não poderia cometer homicídio sem sentir que a descoberta, a condenação e a execução estavam quase garantidas, e esse trio de consequências infelizes a dissuadiria. De qualquer maneira, por que Sophie alegaria ter visto Claudia fazendo isso se tivesse visto Dora?

— E quanto ao jovem amigo de sua filha... Randall Kimpton? — perguntei.

Lady Playford pareceu surpresa.

— Por que Randall desejaria matar Joseph? Seu único motivo seria dinheiro, e ele já o tem em abundância.

Era muito bonito vê-la insistindo que esta, aquela e aquela outra pessoa não teriam podido assassinar Scotcher. Mas alguém o fizera. Isso era indubitável.

— De quem suspeita? — perguntei.

— De ninguém. “Suspeitar” sugere uma firme crença, e não tenho nenhuma. Tenho duas listas em minha mente, e mais nada.

— Listas?

— Aqueles que são indubitavelmente inocentes e os outros.

— Quando diz “indubitavelmente”...

— Com base em meu conhecimento de seus caracteres.

— Poderíamos ouvir as duas listas, vossa senhoria? — perguntou O’Dwyer.

— Se é preciso... Os inocentes são: Harry, Claudia, Dora, Michael Gathercole, Sophie Bourlet. Os outros são... perdoe-me, Edward: Edward Catchpool, Hercule Poirot...

— Perdão? Poirot e eu estamos na lista de assassinos potenciais?



— Tenho plena confiança de que nenhum de vocês dois assassinou Joseph, mas isso não é algo que eu *saiba* — disse Lady Playford com ligeira impaciência. — Não posso dizer que você ou Poirot *jamais* cometeriam um assassinato. Se isso o fizer se sentir um pouco melhor, tampouco poderia dizer isso de mim mesma. Nas circunstâncias certas... Por exemplo, se eu soubesse quem matou Joseph, poderia encontrar a maior faca da casa, a mais afiada, e cravá-la na pessoa. E teria prazer em fazê-lo!

Houve uma batida à porta.

— Não quero falar com mais ninguém — disse Lady Playford imediatamente, como se falar comigo e com o sargento O'Dwyer fosse suplício suficiente. — Um de vocês enxote-o, seja lá quem for.

Era Hatton, o mordomo. As condições de crise em Lillieoak pareciam ter restaurado sua capacidade de falar quando necessário.

— Há uma mensagem para o sr. Catchpool — sussurrou ele com eficiência, inclinando-se para a frente para dirigir as palavras diretamente para meu ouvido. — Ele telefonou. Deseja que o senhor pergunte a todos se conhecem uma mulher chamada Iris.

Perguntei a mim mesmo se o inspetor Conree compartilhava esse desejo de Poirot.

— Hatton, Brigid, Orville Rolfe... e Randall Kimpton em algumas circunstâncias, embora *nunca* por dinheiro — continuou Lady Playford depois que o mordomo saiu. — Eles estão todos em minha lista de possíveis assassinos. A pessoa que representa o problema mais grave é Phyllis. Ela *adorava* Joseph, ouvia com atenção tudo que ele dizia. Não creio que lhe teria feito mal. Por outro lado, é obtusa, e nunca é difícil persuadir esse tipo de pessoa a fazer a coisa errada.

— Se eu pudesse pedir que se desse ao incômodo de responder mais uma pergunta, vossa senhoria — disse O'Dwyer. — É sobre seu novo testamento.

— Pensei que poderia ser.

— Por que decidiu alterá-lo da maneira como o fez, estando o sr. Scotcher tão próximo das portas da morte? Não acreditava que ele certamente morreria antes da senhora?

— Já respondi a essa pergunta — disse Lady Playford com enfado. — Não desejo me repetir. Edward poderá lhe contar.

Assenti, lembrando sua impressionante encenação na sala de jantar. A saúde física é afetada pela psicologia, portanto Scotcher poderia ser convencido a durar um pouco mais se soubesse que um dia herdaria uma fortuna. Eu não ficara convencido naquele momento e não estava mais convencido agora.

— Gostaria de saber se a senhora se incomodaria de falar um pouco sobre o testamento de seu falecido marido, Lady Playford — falei com hesitação, quase esperando que gritasse comigo, mandando-me calar a boca e ater-me ao assunto em pauta.

— Guy? Oh... Você pergunta por causa do que Dora disse no jantar? Não, não me incomodo em absoluto. Não foi uma decisão fácil de tomar, mas meu marido e eu sabíamos que era a certa. Vocês viram Harry. Se Lillieoak e tudo que pertencia a Guy tivesse passado para ele da maneira costumeira, não seria ele que tomaria as decisões e administraria as coisas, seria Dora, e...

Lady Playford interrompeu-se abruptamente. Depois de fazer um ruído impaciente, continuou: — É melhor que eu termine, agora que comecei, não importa o que venham a pensar de mim. Gosto muito de Dora, mas não confio nela. Claudia também não, e Lillieoak é a casa de sua família tanto quanto de Harry. E o fato de as coisas serem feitas habitualmente de certa maneira não significa que devam ser sempre feitas daquela maneira. Sou a viúva de Guy... Francamente, não vejo por que eu deveria ser posta de lado, tanto quanto Claudia. Por que eu deveria deixar meu lar, que tanto amo, e permitir que Dora assumisse o controle? E Harry e Claudia recebem mesadas que *são* generosas e cobrem todas as suas necessidades, seja qual for a opinião de Dora. Guy concordou inteiramente — acrescentou ela, como se isso tivesse acabado de lhe ocorrer.

Sentime feliz porque esse era o tipo de problema que eu provavelmente jamais teria.

— Conhece uma pessoa chamada Iris? — perguntei a Lady Playford.

— Iris? Não. A quem você se refere?

— Bem que eu gostaria de saber.

— Não. Não conheço nenhuma Iris — ela completou.

Sua negativa foi convincente. Apesar disso, não pude deixar de pensar que, se havia alguém que era capaz de contar uma mentira e fazer o mundo acreditar nela, essa pessoa era Athelinda Playford.

## CAPÍTULO 15

*Ver, ouvir e olhar Enquanto o sargento O'Dwyer conferenciava com o médico da polícia e organizava os gardaís locais encarregados de esquadrihar Lillieoak, saí à procura de Gathercole. Queria conversar com ele a sós, e supunha que não perderia nada de importante se por ora deixasse O'Dwyer por sua própria conta. Depois dos gardaís, Orville Rolfe era o seguinte na lista do sargento. Rolfe era a única pessoa que não poderia ter matado Joseph Scotcher, pelo que me era dado ver. Entre o momento em que bati à porta de Scotcher, encontrando-o vivo, e aquele em que bati à de Rolfe e o encontrei passando mal, Rolfe não teria tido nenhum meio de descer ao térreo sem passar por mim, e eu certamente teria notado se o tivesse feito.*

Ele não fez. Depois disso, ou eu ou Poirot estivemos com ele, ou ele ficou confinado a seu quarto por meio de uma grande cadeira em frente à sua porta, até que Sophie Bourlet gritou. Isso parecia excluir conclusivamente Orville Rolfe.

Vasculhei a casa à procura de Gathercole; como não o encontrei, saí para perambular pelos jardins. Depois de cerca de dez minutos de caminhada ao acaso, avistei-o a distância. Estava parado com as mãos nos bolsos, contemplando uma fila de roseiras. Aproximei-me devagar para não o assustar.

Ele levantou os olhos e quase me sorriu, depois se virou rapidamente para fitar a casa. Estaria olhando para uma janela específica ou para a casa em geral? Não pude discernir.

Ele contemplou a construção por alguns segundos antes de se virar de novo para mim. Nesse instante, ocorreu-me uma ideia interessante. Foi olhar para Gathercole que me fez pensar nela.

— Você está bem? — perguntou-me ele.

— Ficaria muito incomodado se eu pusesse uma ideia à prova com você? — perguntei. — Ela me ocorreu apenas há um instante, e terei dificuldade em pensar sobre qualquer outra coisa até tê-la discutido com alguém.

— Estou à disposição.

— Quando você olhou para a casa há um instante, lembrei-me de algo que Lady Playford disse quando o sargento O'Dwyer e eu falamos como ela.

— Continue.

— Foi uma pergunta: por que Sophie Bourlet fingiria ter visto Claudia Playford matar Scotcher quando de fato vira Dora?

— Dora? Não entendo. Foi sugerido que Dora...

— Não. O contrário — assegurei-lhe. — Lady Playford estava nos dizendo que Dora estava em sua lista dos que são indubitavelmente inocentes. Em apoio a isto, ela formulou sua questão: por que Sophie diria que vira Claudia matando Scotcher a cacetadas se na verdade tivesse visto Dora? Lady Playford perguntou isso como se a resposta fosse tão óbvia que não precisasse ser formulada: “Bem, claro que ela não o faria!” Isso era o que se esperava que o sargento O'Dwyer e eu pensássemos, e de fato pensei. Até alguns momentos atrás.

— E agora o que pensa? — perguntou Gathercole.

— Vamos caminhar? — sugeri. Ele deu de ombros, mas me seguiu quando me pus em movimento.

Decidi que não podia fazer nenhum mal compartilhar minhas ideias com ele. Poderia até contar a Poirot mais tarde que o tinha feito.

— Suponhamos que Sophie tenha visto *alguém*, não sabemos quem, levantar um porrete e descê-lo uma, duas, três vezes, talvez mais, sobre a cabeça do pobre Scotcher. Ela fica tão horrorizada pela visão que grita e grita, fazendo todos correrem escada abaixo para ver o que há de errado.

— Isso é o que ela diz ter acontecido — concordou Gathercole enquanto andávamos entre dois renques de limeiras.

— Imagine o horror de testemunhar tal coisa acontecendo com a pessoa que você ama. Qualquer um teria gritado descontroladamente.

— Sem dúvida.

— Imagine isto também: em seu estado de choque, você faz um tremendo alarido. Não pode se impedir. Imediatamente, ouve passos e gritos de: “Que diabo é isso?” Logo todos estarão sobre você, e lhe será preciso explicar que testemunhou um assassinato... e é quando a coisa lhe ocorre!

— O quê?

— Que a pessoa que você viu matando Scotcher a porretadas é alguém que você não consegue se forçar a nomear como seu assassino — expliquei. — Alguém que você quer proteger, quereria proteger não importa o que tivesse feito. O que você faz? Ora, você conta tanto da verdade quanto pode, e simplesmente substitui o verdadeiro assassino por alguém de que não gosta e considera dispensável: Claudia Playford. Esta foi minha brilhante ideia quando o vi olhando para a janela do gabinete de Lady Playford! Eu o *vi*, entende? Seria inútil me dizer que você não olhou, porque sei que olhou.

Perguntei-me por que ele o fizera. Será que queria se assegurar de que Lady Playford não estava olhando antes de entabular uma conversa comigo?

— Exatamente da mesma maneira, todos nós ouvimos Sophie Bourlet testemunhando o assassinato de Joseph Scotcher — prossegui. — Ela gritou porque não pôde se impedir, mas, tendo feito isso, não podia fingir que *não* acabara de ver alguém matar Scotcher. Lá estava ela, paralisada junto à porta, com o corpo dele morto diante de si! Se não estava disposta a nomear o verdadeiro culpado e decidiu mentir e dizer que foi Claudia, bem, então poderia ter sido qualquer pessoa. Assim, por que acusar Claudia se viu Dora fazer aquilo? A resposta para essa pergunta de Lady Playford é perfeitamente simples: Sophie queria salvar o verdadeiro assassino da forca.

Gathercole parou abruptamente.

— Você me perdoa se eu apontar um erro em seu raciocínio?

— Por favor, vá em frente.

— Se Sophie quisesse proteger o assassino de Scotcher, não precisava ter admitido que testemunhara o assassinato. Seus gritos ficavam adequadamente explicados se tivesse simplesmente encontrado o corpo destroçado do homem que amava. Teríamos todos aceitado isso sem discussão.

— De fato teríamos. Mas em seu estado de extremo choque e aflição, isso poderia não lhe ter ocorrido.

— Talvez não — admitiu Gathercole sem muito entusiasmo.

— Você desceu a escada? — perguntei-lhe quando voltamos a andar.

— Perdão?

— Quando Sophie começou a fazer seu escândalo, você desceu a escada como nós outros? De repente você estava lá, mas vestido para sair, pelo que me lembro. E, antes disso, eu não tinha sido capaz de encontrá-lo.

— Eu saí. Percorri todo o caminho até o rio e voltei. Acho a água calmante. Nossa noite até aquele momento tinha sido... o contrário disso.

— Se não se importa que eu pergunte, onde estava quando ouviu Sophie gritar?

— Na porta da frente. Eu tinha voltado à casa apenas alguns segundos antes. Dirigi-me para o lugar de onde o barulho parecia estar vindo, e lá estavam todos vocês. Acho que fui o último a chegar.

Nervoso com relação ao que queria dizer em seguida, fiz um grande esforço para parecer despreocupado: — Importa-se se lhe perguntar mais uma coisa? Isso está em minha mente desde que nos encontrávamos todos sentados juntos em volta da mesa de jantar.

— O que gostaria de saber?

— Depois que Lady Playford deixou a sala, houve um momento em que você pareceu... bem, inteiramente fora de si. Profundamente desolado. Era como se algo o tivesse perturbado ou enfurecido. Só me perguntei...

— Eu estava preocupado com Lady Playford — disse Gathercole. — Ela tinha saído da sala em resposta à maldade de Dora, o que era imperdoável.

Não acreditei nele. Sua voz transformara-se em algo menos natural que antes.

— Imperdoável? Dora se arrependeu de ter dito aquilo logo depois, você sabe. Ela estava também num estado de choque e amedrontada com relação a seu futuro e ao de Harry.

— Sim — disse Gathercole rapidamente. — Posso tê-la julgado muito severamente.

Ele estava ocultando algo importante. Quanto mais rápido andava, e quanto mais tempo mantinha a cabeça desviada de mim, mais convencido disso eu ficava.

Decidi correr um risco.

— Ouça, trabalho para a Scotland Yard. Minha obrigação, seja qual for o crime, é suspeitar de todos. Neste caso, sou culpado de negligência: suspeito de todo mundo, exceto de você.

— Então você é tolo — disse ele. — Não conhece nada do meu caráter.

— Acredito que sim. E acredito que há alguma coisa que você está guardando, alguma coisa relacionada com sua expressão de desespero na sala de jantar...

— Expressão de desespero! Você é fantasioso demais. Podemos por favor mudar de assunto?

Decidi que daria no mesmo, já que não estava conseguindo chegar a lugar nenhum.

— Você conhece, ou sabe alguma coisa de uma mulher chamada Iris? — perguntei-lhe.

Ele tirou um lenço do bolso e usou-o para limpar o rosto.

— Não — respondeu. — Não conheço.



## **CAPÍTULO 16**

## *Deprimido*

Era irritante ter de perguntar a todo mundo sobre a Iris de Poirot sem saber quem era ou por que ele a considerava tão importante. Quando o sargento O'Dwyer e eu nos sentamos com Harry e Dora Playford na biblioteca, decidi tirá-la do caminho primeiro.

— Iris é um bonito nome — disse Harry Playford. — Não sei ao certo se conheço alguma Iris. Você conhece, Dora? Embora, espere um segundo! E a senhora que fez aquele chapéu para a mamãe? Você sabe, com renda cor-de-rosa. Ela tinha um pequeno *terrier* branco... Prince, não era? Um bichinho feliz. — A conduta de Harry era relaxada e jovial. Ao que parecia, o assassinato em sua casa não lhe perturbara o ânimo. Se estava com medo de cair sob suspeita ou se estava pranteando o falecimento de Joseph Scotcher, não demonstrava nenhum sinal de qualquer uma das duas coisas.

Dora, em contraposição, retorcia-se como um camundongo assustado. Seus olhos não ficavam parados; olhar para ela me deixava tonto.

— O nome da senhora do chapéu era Agnes — disse ela. — Quis dizer Agnes, sr. Catchpool? Ou é definitivamente uma Iris que quer? Quem é ela? Não consigo pensar em ninguém com esse nome. Terá Athie falado sobre uma Iris? Ela é alguém que Joseph Scotcher conhecia?

— Lamento, mas sei tão pouco quanto você — eu lhe disse. Era verdade que Agnes soava parecido com Iris. Teria Hatton ouvido Poirot mal, ou Poirot ouviu mal o que outra pessoa disse? Era mais seguro não presumir isso.

— Mas o cachorro era Prince, não? — disse Harry. — Ou era Duke?

Nenhuma resposta veio de Dora, apenas uma avalanche de perguntas dirigidas a mim.

— É verdade o que Sophie disse, que ela viu Claudia matar Joseph Scotcher? Devo dizer que não consigo ver Claudia fazendo isso de maneira alguma. Se ela fosse matar uma pessoa, o faria num lugar em que ninguém pudesse entrar e vê-la. Diga-lhes, Harry.

— Dizer-lhes o quê, meu bem?

— Que Claudia é inocente! Que Sophie deve estar mentindo!

— Nunca me constou que Sophie mentiria — disse Harry, pensativo. — Nunca me constou tampouco que minha irmã mataria um homem. Tudo muito em desacordo com elas — concluiu ele.

— Há uma coisa que ninguém além de mim parece ter considerado — disse Dora.

— Diga-nos — falei.

— Se Claudia for enforcada por assassinato, Harry poderia herdar todo o patrimônio de Athie. Temo que então um acidente iria quase certamente lhe acontecer! Ele se tornaria o próximo alvo do assassino. Será que realmente não conseguem ver, cavalheiros, o que está acontecendo à vista de todos?

O'Dwyer abriu a boca para responder, mas foi cortado por mais falatório arrebatado de Dora.

— Joseph Scotcher deveria ser o único beneficiário, mas ele foi assassinado... apenas horas depois que Athie mudou seu testamento em favor dele! Em seguida, a primeira coisa que ouvimos é que *Claudia*, entre todas as pessoas, foi pega com a mão na massa, matando-o a porretadas. Tentativa de assassinato ao lado do carrasco, é o que isso é! E, se ela for bem-sucedida, quem sobra? Harry! Não tenho dúvida de que o assassino encontraria uma maneira de descartá-lo sem demora. O que quero saber é por que vocês não estão procurando saber quem iria herdar se Harry, Claudia e Joseph Scotcher *estiverem todos mortos?*

— Acalme-se, meu bem. — Harry parecia atordoado.

— Pergunte àquele sujeito, Michael Gathercole, e veja o que ele diz. — Dora parecia longe de se acalmar. — Não gosto dele nem um pouco. Não ficaria surpresa se ele fosse o seguinte na linha. Athie é louca por ele. Não entendo por quê. Mas é assim que vocês vão encontrar o assassino. Eu não deveria ficar surpresa se fosse Gathercole ou o gordo Orville Rolfe. Os gordos costumam ser tão ávidos por dinheiro quanto por comida. Deve ter sido um desses dois advogados que fez isso, e vocês precisam prová-lo. Eu não posso fazer isso; que recursos tenho à minha disposição? Nesse meio-tempo, é preciso mostrar que Claudia é inocente. Assim que o assassino vir que não há nada senão Harry se interpondo entre ele e uma vasta fortuna... — Dora

enterrou a cabeça nas mãos e começou a chorar, e finalmente tivemos uma trégua do interminável fluxo de palavras.

Sua determinação de que Claudia fosse mantida viva como proteção para Harry significava, é claro, que ela proclamaria a inocência de Claudia quer acreditasse nela ou não. Sua teoria deixava muito a desejar, pensei. Eu não era nenhum aspirante a assassino, mas, se fosse, decerto teria atacado Harry antes de Claudia. Era muito mais provável que ela estivesse vigilante, ao passo que imaginei que seria possível aproximar-se de Harry e dizer “Alguma objeção a ser assassinado, meu velho?” e ser recebido com uma gargalhada agradecida.

Ele pôs a mão no braço da mulher.

— Lembrar o velho Prince me fez pensar — disse ele. — Não seria esplêndido ter um cachorrinho correndo pela casa? Acho que seria.

Dora desvencilhou-se dele.

— Onde estavam vocês dois na noite em que Scotcher foi morto, entre o momento em que todos nós saímos da sala de jantar e aquele em que o corpo foi encontrado? — perguntei.

— Estávamos com você! — exclamou Dora, indignada.

— Não durante todo o tempo — lembrei-lhe.

— Deixe-me ver — disse Harry. — Bem, primeiro mamãe nos chocou a todos com sua notícia, e ninguém conseguiu realmente entender aquilo. Depois houve certo alvoroço, como seria de esperar. Em seguida, Scotcher surpreendeu-nos a todos pedindo Sophie em casamento. Isso foi inesperado! O sujeito tem apenas alguns meses de vida e pensa em se casar. Isso é que é amor, suponho.

— Alguns meses? — perguntei. — Eu tinha ouvido que eram somente semanas.

— Creio que você pode estar certo — disse Harry. — Com uma doença, nunca se sabe.

— Poderia descrever o alvoroço, visconde Playford? — perguntou O’Dwyer.

— Acho que... Deixe-me ver... Scotcher estava terrivelmente perturbado.

— Ele estava fingindo estar perturbado — disse Dora. — Quer saber por que se esforçava tanto, sempre, para parecer tão preocupado com o bem-estar dos outros? Era impelido pelo puro interesse pessoal. Athie nunca conseguiu ver isso, mas eu via!

— Acalme-se, querida. Não tenho certeza de que...

— *Eu via isso*, Harry. Como meu marido, você deve acreditar no que digo! Joseph Scotcher era um caráter astuto, se um dia encontrei algum. Ele tinha armado tudo isso, veja: pareça não querer nada e as pessoas vão querer lhe dar tudo. Funcionou com Athie, como um sortilégio. Claro que ele tinha de parecer chocado e aflito com o anúncio do novo testamento. Que mais poderia dizer? “Oh, excelente, foi isso que planejei o tempo todo”? E há mais um fabricado no mesmo molde que Scotcher: Michael Gathercole! Todos os seus zelosos serviços ao longo dos anos... Interesse pessoal está por trás disso, posso lhe garantir.

— Dora, você não deve pensar o pior de todo mundo — disse Harry com firmeza.

— Não todo mundo, Harry. Veja Brigid Marsh. Eu confiaria minha vida a Brigid. Hatton, o mordomo, e aquela mórbida Phyllis são matéria muito diferente, mas Brigid é uma em um milhão. E já disse que Claudia é inocente. Não poderia dizer o mesmo de Randall Kimpton com nenhuma certeza. Sabemos quanto da fortuna de família de Kimpton está à disposição dele? Não me importo de admitir que posso imaginar Randall cometendo assassinato sem qualquer dificuldade. Minha família, os Sawbridge, nós fomos ricos proprietários de terras outrora. Sabia disso, sargento? Sr. Catchpool?

Sacudimos nossas cabeças em silêncio.

— Meu pai conseguiu perder tudo, velho tolo que era! Harry poderia certamente romper seu noivado comigo. Se tivesse tido algum juízo...

— Não admitiria nem ouvir falar disso! — exclamou Harry. Para O'Dwyer e eu, disse: — Randall Kimpton não poderia ter matado Scotcher. Ele esteve comigo, Dora e Claudia o tempo todo. Deixamos a sala de jantar com ele, fomos para a sala de estar com ele. Ele só nos deixou quando chamado por você, Catchpool, para atender o sr. Rolfe.

— Mas quem sabe o que aconteceu depois que ele e Claudia foram se deitar? — perguntou Dora. — Ele poderia facilmente ter se esgueirado até o térreo para matar Joseph Scotcher.

— Você também poderia, meu bem. — Harry abriu um sorriso, como se tivesse marcado um ponto num jogo que estivessem jogando.

— Harry, você *enlouqueceu*? Não pode honestamente acreditar que eu jamais...

— Mataria um sujeito a porretadas? Rá! De maneira alguma! Quis dizer apenas que, quando você foi para a cama, eu saí por algum tempo. Poirot me pediu para fazê-lo. Você poderia ter dado uma fugida até o térreo e liquidado o pobre Joseph. Não acredito que o tenha feito, mas teve tanta oportunidade quanto Randall.

O semblante de Dora se enrugou.

— Como podemos suportar isso? — murmurou ela. — Suspeitando um do outro como... como... — Ela tinha começado a esfregar as mãos uma na outra como se tentasse arrancar a pele. — Eu gostaria de poder retirar cada palavra que disse! Não devem prestar nenhuma atenção a mim, sargento, sr. Catchpool. Absolutamente nenhuma. Claro que Harry está certo. Randall... caríssimo Randall! Oh, sinto-me horrível. Acusei metade da casa de assassinato quando realmente não acredito nisso da parte de nenhum deles. O simpático e sensato sr. Gathercole; devo ter perdido o juízo ao pensar mal dele. É só que estou tão *amedrontada*. Estou completamente fora de mim. Vocês não têm ideia de como é! Athie é a única Lady Playford que é chamada ou pensada como tal. Eu também sou Lady Playford, no entanto ninguém jamais me chama assim. Oh, não, aqui sou simplesmente Dora! Como não tenho filhos, não me concedem nenhum respeito ou consideração. Lillieoak devia ser *nosso*, meu e de Harry. *Ela* arranhou tudo para nos boicotar! Não teria ocorrido a Guy em cem anos fazer tal coisa, nos humilhar dessa maneira! Athie subestima Harry, sempre o fez. E tinha o pobre e crédulo Guy na palma da mão. Mas esta é a última palavra que direi contra alguém. Sou bondosa demais, sabem, para pensar mal daqueles a quem amo por muito tempo. Por favor, esqueçam tudo que me ouviram dizer. *Por favor.*

— É inconcebível que alguém nesta casa seja secretamente um assassino — disse Harry.

— No entanto, Joseph Scotcher foi assassinado, visconde Playford — disse O'Dwyer. — Alguém tem de ter feito isso. Alguém que estava aqui em Lillieoak na noite em questão.

A sombra de alguma coisa — poderia ter sido raiva, ansiedade ou uma infinidade de outras coisas — atravessou o rosto de Harry Playford.

— Sim — disse ele por fim, com um suspiro. — Porque, afinal de contas, Scotcher estava vivo quando todos nos sentamos juntos em volta da mesa de jantar. — Ele assentiu com a cabeça, como se estivesse submetendo o fato a um processo de verificação interna. — E depois, apenas um punhado de horas depois, ele estava... bem, estava *morto*.

— Exatamente — falei. — O que significa que alguém aqui, nesta casa, o matou.

— Com certeza — concordou Harry. — Quando abordamos a questão desse ângulo, é muito difícil não ficar deprimido. Todos nós vamos precisar levantar o ânimo depois disso, sem dúvida. — Ele virou-se para Dora. — O que acha da ideia de um cachorro, meu bem? Um cão como Prince... ou era Duke? Uma casa como esta precisa de um, do contrário parece vazia. Não sei por que a mãe não tem... Oh, bem, suponho que ela esteja muito ocupada agora. Mas quando eu era menino sempre havia um cachorro correndo pela casa; poderia haver de novo!

## CAPÍTULO 17

*O relógio de pé O sargento O'Dwyer e eu passamos as duas horas seguintes sem encontrar qualquer vestígio de uma Iris. Poirot ainda não voltara de Ballygurteen para explicar por que devíamos estar à procura dela. Orville Rolfe não conhecia nenhuma mulher ou menina com esse nome, e tampouco Brigid ou Hatton.*

Apesar disso, nossas conversas com os dois membros mais antigos da equipe de empregados de Lillieoak foram as mais úteis que tínhamos tido até então. Tive uma oportunidade de concordar com o sargento O'Dwyer, em vez do oposto a isso, quando ele disse: “Quase lamento não termos falado com Hatton e a sra. Marsh em primeiro lugar. Entre os dois relatos, traçaram um quadro claro dos movimentos da noite em questão.”

— Sim... Supondo que podemos confiar em seu testemunho — falei.

— Brigid Marsh me parecer ser um caráter impressionante, se jamais houve algum. — O'Dwyer deu uma batidinha no estômago. — Se sua palavra for tão boa quanto sua sopa de carneiro, aprovo que confiemos nela.

Eu não disse nada. A sopa de carneiro podia ter sido quase perfeita, mas quanto à palavra ou palavras... Brigid me dissera algo mais cedo naquele dia que me parecia inexplicável. Topando comigo por acaso no vestíbulo, me olhou apertando os olhos e disse: — Eu sabia que estava certa... você tem aquela aparência! — Fiz a pergunta óbvia, a que ela respondeu: — A aparência de um homem que passa a noite toda tomando água! — Disse isso com tanta veemência como se estivesse me acusando de acolher bebês em troca de dinheiro ou algum crime igualmente hediondo, depois apontou para a própria boca e completou: — Lábios secos... posso ver daqui!

Como se tudo isso não fosse suficientemente irritante, depois fui submetido a uma longa e confusa história sobre seu sobrinho, que havia furtado algumas balas de hortelã de uma tigela que era um bem de família, e quebrado a tigela no processo. Em seguida ele havia precisado mentir sobre a



quebra — que foi um acidente — porque, se tivesse confessado, Brigid teria sabido que ele furtara as balas — o que foi deliberado e danoso.

Eu nunca tomava água durante a noite, e não compreendi que analogia ela estava tentando fazer, mas, antes que pudesse dizer qualquer uma destas coisas, ela se afastara irritada em direção à cozinha.

— E quanto a Hatton? — perguntei a O’Dwyer. — Inclina-se a acreditar nele também? — Fazer perguntas era a maneira de obter o melhor de O’Dwyer. Se você fizesse uma afirmação, ele concordaria, mas se fizesse uma pergunta, apresentaria alegremente uma opinião própria, como fez agora.

— Bem, a meu ver, inspetor Catchpool...

— Edward, por favor.

— A meu ver, Edward, o mordomo não nos disse nada que nos desse maior probabilidade de pensar em alguém como culpado. Se ele próprio fosse o assassino, iria certamente se beneficiar da permanência de uma nuvem de suspeita sobre outra pessoa.

— Ele observou um número notável de idas e vindas naquela noite — falei. — Provavelmente é serviço dele monitorar as atividades da casa daquela maneira.

Comecei a arrolar, sobretudo para meu próprio proveito, as coisas que Hatton afirmava ter testemunhado na noite do assassinato. Trabalhar com Poirot em Londres mais cedo no ano me deixara propenso a listar coisas. Descobri que isso era extremamente útil como método para elucidar nossos pensamentos.

Coisas que Hatton viu na noite do assassinato

1. Lady Playford deixou a sala de jantar no meio da refeição. Parecia estar num estado de grande comoção. Subiu a escada correndo em direção a seu quarto, fechou a porta e lá permaneceu, ao que Hatton soubesse.
2. As pessoas que deixaram a sala de jantar em seguida foram Claudia Playford e Randall Kimpton. Eles foram acompanhados de perto por Harry e Dora Playford. Todos os quatro foram direto para a sala de estar.

3. Depois disso, os que se deixaram a sala de jantar foram Michael Gathercole e Orville Rolfe. Os dois também saíram juntos da sala. O segundo se queixava de estar um pouco indisposto. Gathercole falou algo sobre sentir-se melhor após uma boa noite de repouso. Os dois homens entraram rapidamente na sala de estar para se despedir dos outros e depois subiram a escada. Cada um foi para seu quarto.
4. Em seguida, quem deixou a sala de jantar foram Hercule Poirot e Edward Catchpool, que saíram da casa juntos.
5. Gathercole emergiu de seu quarto de dormir dez minutos mais tarde. Desceu ao térreo, vestiu seu sobretudo e saiu da casa pela porta dos fundos.
6. Cerca de cinco minutos depois que Gathercole saíra da casa, Joseph Scotcher e Sophie Bourlet deixaram a sala de jantar. Scotcher parecia estar sofrendo algum desconforto. Sophie empurrou-o na cadeira de rodas até seu quarto. Depois de acomodá-lo para a noite, ela foi para seu próprio quarto, vestiu seu casacão e saiu para o jardim.
7. Aproximadamente 15 minutos mais tarde, Poirot e Catchpool voltaram para a casa e se dirigiram à sala de estar.
8. Por volta de 21h40, Hatton se retirou para a dormir. Quando o relógio de pé no vestíbulo bateu dez horas, o que ocorreu exatamente quando ele estava se deitando, Hatton deu uma olhada pela janela de seu quarto e viu Sophie Bourlet caminhando pelo jardim em direção à casa.
9. Dez minutos mais tarde os gritos começaram. Hatton vestiu um roupão, saiu de seu quarto e foi ao encontro do barulho. Ao chegar ao vestíbulo, encontrou Michael Gathercole, que entrava pela porta da frente naquele momento. Juntos, deslocaram-se em direção ao salão para ver que ruído era aquele.

— Não podemos eliminar Sophie Bourlet e Michael Gathercole como suspeitos — disse O'Dwyer. — Qualquer dos dois pode ter cometido o ato, depois saído, isentando-se por ter sido visto entrando de novo.

— E quanto a Claudia Playford? — perguntei. — Brigid Marsh jura que quando correu dos alojamentos dos criados para o salão, viu Claudia com

Randall Kimpton no alto da escada, em frente ao gabinete de Lady Playford, a caminho do térreo como todos os outros. É bastante desconcertante.

— O quê? — perguntou O'Dwyer.

— A menção de Hatton ao relógio de pé no vestíbulo me fez pensar sobre a cronologia de tudo isso, e ela não faz sentido. Ouça: Sophie Bourlet está lá fora. Ela volta à casa; é vista fazendo isso por Hatton. Quase imediatamente após entrar, testemunha Claudia Playford matando Joseph Scotcher a porretadas. Começa a gritar. Claudia deixa o porrete cair e corre para o patamar do andar superior, onde é vista pouco depois por Brigid Marsh. *Como Claudia pode ter se deslocado do vestíbulo àquele patamar sem usar a escada principal?* Não há outra maneira de subir até o patamar em frente ao gabinete de Lady Playford.

— Tem razão, não há — disse O'Dwyer.

— Lembre-se, Sophie continua gritando durante todo esse tempo. No andar de cima, Poirot, eu e outros estamos abrindo portas de quartos e correndo por aquela mesma escada abaixo. Acho que fui o primeiro a chegar lá; não vi Claudia Playford subindo e não vi ninguém no patamar. Minha pergunta é: poderia Claudia ter chegado à segurança do quarto de Randall Kimpton, ou ao seu próprio, entre o instante em que Sophie começou a gritar e aquele em que abri a porta do quarto de Orville Rolfe e saí para o patamar?

— Bem, poderia? — perguntou O'Dwyer com impaciência. — Só você pode responder. Está pretendendo dizer que é impossível e que, portanto, ela nunca poderia ter estado no térreo assassinando o sr. Scotcher para começar?

— A menos que minha lembrança dos acontecimentos esteja distorcida, sim. Eu diria que é completamente impossível. O que significa que ou Brigid está enganada quanto a ter visto Claudia no patamar enquanto Sophie gritava, ou...

— Ou Sophie está mentindo — completou O'Dwyer.

— Ela poderia ter matado Scotcher, depois saído para o jardim, onde teria escondido as roupas que usou para cometer o assassinato, que deveriam estar manchadas de sangue, e depois se assegurado de ser vista voltando para a

casa, pronta para gritar num falso choque, como faria uma pessoa inocente ao descobrir o corpo destroçado do homem que amava.

— E quanto a Phyllis, a criada? — perguntou O’Dwyer. — Sabia que ela era apaixonada pelo sr. Scotcher? Brigid pensa que foi Phyllis que o matou. Disse-me isso sem nenhum rodeio. Devo dizer que fiquei tão convencido por seu relato da paixão de Phyllis pelo jovem cavalheiro falecido quanto por seus *muffins*, que são deliciosos. Se Phyllis soubesse que Scotcher amava Sophie, e não a ela, é impossível adivinhar o que poderia ter feito, disse Brigid. Oh, ela tinha algumas coisas a dizer, e disse! “Que espécie de idiota se apaixonou profundamente por um homem que está mais morto do que vivo, quando Clonakilty está cheio de rapazes grandes e corpulentos?” Ela não estava errada nisso! E o que quero saber é: se Phyllis estava ausente da cozinha quando deveria estar ajudando Brigid, então onde estava? O sr. Hatton não mencionou que a viu.

— Vamos procurá-la e perguntar — propus.

## CAPÍTULO 18

*Não correspondida Esperamos no vestíbulo que Phyllis fosse levada por Hatton. A postura dela fazia lembrar um gladiador relutante: impelido, aterrorizado, a entrar na arena. Ela fungou, arrastou os pés e disse: — Nunca fiz isso. Nunca fiz nada errado! Não teria ferido Joseph por nada neste mundo!*

— Ninguém está aqui para acusá-la de uma má ação, senhorita — disse O'Dwyer. — Precisamos conversar com você, só isto.

— Sou inocente — protestou Phyllis. — Eu, uma assassina? Foi isso que a cozinheira lhes disse? Pergunte a qualquer pessoa que me conheça, todos vão jurar que eu jamais seria capaz disso.

— Vamos encontrar um lugar um pouco mais reservado para sentar e conversar? — sugeri.

— Não. — Phyllis recuou como se eu tivesse preparado uma armadilha para ela. — Tenho trabalho a fazer. Não tenho sempre? Perguntem o que querem saber e responderei. Prefiro acabar logo com isto.

— Conhece alguma pessoa chamada Iris?

— Iris? — Phyllis olhou freneticamente à sua volta. — Iris? Nunca conheci uma Iris. Eu conheci uma Eileen, ela era de Tipperary, e uma Mavis, que trabalhava aqui em Lillieoak. De quem os senhores estão falando? Que Iris?

— Não tem importância — falei.

— Não precisa se preocupar, senhorita — disse O'Dwyer. — Precisamos saber apenas quais foram seus movimentos na noite em que o pobre sr. Scotcher encontrou seu prematuro fim.

O rosto de Phyllis se contorceu. Ela começou a soluçar, deixou-se cair pesadamente e ficou imóvel no chão. O'Dwyer agachou-se lado dela.

— Não fique assim, não fique assim, senhorita. Gostava muito do sr. Scotcher, não é?

— Ele era o único de quem eu gostava! Eu preferiria ter morrido no seu lugar... realmente preferiria! Podem me enterrar junto dele!

— Ora, ora, senhorita. É uma jovem magnífica. Eu diria que muitos rapazes vão...

— Não diga isso! Não! — gemeu Phyllis. — Não me fale de ninguém mais. Como se a cozinheira no meu ouvido o tempo todo não fosse ruim o suficiente! Fui uma tola, como ela sempre disse que eu era. Joseph era tão amável comigo. Era apenas bom, como ele era sempre; não havia ninguém melhor. E entendi tudo errado. Eu devia ter sabido. Eu uma criada e ele, um sujeito estudado. Quis acreditar que ele poderia me amar do jeito que eu o amava. E então o ouvi pedindo a mão da Sophie em casamento, e... e... — Ela se desfez em pranto.

O'Dwyer fez ruídos confortadores e deu-lhe batidinhas nas costas. Creio que era casado. Meu pai estava sempre afagando minha mãe da mesma maneira.

— Você disse que *ouviu* Scotcher pedindo Sophie em casamento? — perguntei a Phyllis.

Ela estava muito fora de si para responder com palavras, mas assentiu com a cabeça com veemência, de maneira inequívoca.

— Você não estava na sala quando Scotcher fez seu pedido de casamento, Phyllis. Eu estava. Eu estava à mesa. Você tinha saído da sala algum tempo antes de isso acontecer. Então, se não se importa que eu pergunte, como ouviu o que afirma ter ouvido?

— Escutei atrás da porta, e nada além disso! Não significa que matei ninguém! Uma moça simpática como Sophie... Claro que ele preferiria casar com ela a casar com alguém como eu, uma burra de carga sem nenhum tostão.

— Se me permite perguntar, senhorita... — começou O'Dwyer. — Quando escutava atrás da porta, ouviu por acaso sobre as alterações que Lady Playford fez em seu testamento?

Phyllis sacudiu a cabeça.

— Ouvi toda a conversa posterior, mas não a ouvi dizer isso. Só comecei a escutar escondida depois que ouvi a porta bater e vi Lady Athie subir

correndo a escada. Ela tentava não chorar... e normalmente é a mais equilibrada das criaturas.

— Então você se perguntou o que teria acontecido para fazê-la abandonar seu jantar e seus hóspedes? — perguntei.

— Isso mesmo. Quando os ouvi conversando, bem, mal pude acreditar! Joseph deveria herdar tudo, tudo que Lady Athie tinha para deixar! Ninguém estava feliz com aquilo, ele menos que todos os outros. E que sentido fazia deixar tudo para um homem moribundo?

— Absolutamente nenhum sentido — concordei.

— Depois ouvi Joseph fazer a pergunta que partiu meu coração. Eu sabia que ele gostava de Sophie, mas nunca pensei que a visse dessa maneira. Pensava que eu era a pessoa especial para ele. Ele me via aparecer no corredor e dizia “Cá está ela... Phyllis, luz da minha vida.” — A moça tinha tirado o avental e enxugava os olhos com ele.

— Nem todos os homens são tão responsáveis quanto deveriam em suas relações com as senhoras — disse O’Dwyer sobriamente.

— Phyllis, posso lhe perguntar uma coisa? — retomei. — Depois do que ouviu, você saiu correndo?

— Sim! Eu não queria ser pega chorando aos borbotões, e o sr. Kimpton estava fazendo zombarias maldosas sobre alguém escutando atrás da porta, por isso corri.

Isso explicava os soluços abafados que ouvimos e os passos de alguém correndo.

— Para onde você foi?

— De início me dirigi à cozinha, mas a cozinheira teria muito a dizer e eu não me sentia forte o bastante para ouvir nada daquilo. Ela teria zombado de mim por ser ingênua e tentado me convencer a namorar o seu sobrinho, Dennis. Esse é seu plano para mim, mas não gosto do Dennis! Ele tem um hálito medonho. Por isso corri além da cozinha, saí pela porta dos fundos e fui até o rio. Estava decidida a me jogar nele, talvez seja melhor que eu lhe diga. Se tivesse tido mais coragem, é o que teria feito. Gostaria de ter feito!

— O que fez em vez disso?

— Andei um pouco para cima e para baixo, depois voltei para o jardim. Sentei-me na grama perto do tanque grande, na esperança de me molhar, pegar um resfriado e morrer dele.

— Enquanto estava no jardim, ouviu dois homens conversando?

— Refere-se a você e ao sr. Poirot? — perguntou Phyllis. — Oh, sim, eu os ouvi muito bem.

— Ótimo. Temos um mistério resolvido — eu disse com alívio. — E... você chorava naquele momento?

— Pensei que nunca mais iria parar — confirmou Phyllis.

— Estava sozinha? É só que, da mesma maneira como você nos ouviu, nós a ouvimos, e depois ouvimos uma espécie de sussurro ou sibilação.

— Estava falando comigo mesma. “Sossegue, Phyllis, sua tola”, eu dizia, mas não adiantava nada. Nada podia me fazer parar de chorar. Eu o ouvi dizendo que vocês poderiam ir à minha procura, por isso voltei para a casa. Fui direto para meu quarto. Tranquei a porta, deitei-me na cama a chorei até não poder mais. E o pior era... — A boca de Phyllis vacilou e mais lágrimas brotaram. — Joseph nem sequer estava morto naquele momento! Ele ainda estava vivo, e eu estava tão perturbada porque ele se casaria com outra pessoa, e agora... Bem, agora eu daria *qualquer coisa* para tê-lo de volta e para que as coisas fossem como eram antes, mesmo que isso significasse que ele se casaria com ela e não comigo.

Acreditei que seu pesar era real, e disse isso depois que ela se despediu de nós. O'Dwyer não perdeu tempo em concordar.

— Então você desejaria excluir o nome dela da lista, não é?

— De maneira alguma — respondi.

— Não? Eu poderia ter jurado que apenas um momento atrás...

— Não há nada que lamentemos mais que as coisas lamentáveis que nós mesmos fizemos e que não podem ser desfeitas... não acha?

Imediatamente, tive a impressão de ter acusado Phyllis de assassinato, quando havia pretendido meramente me abster de excluí-la de minha lista mental de suspeitos.

Por isso me senti moralmente obrigado a completar: — Tenho certeza de que Phyllis não é a assassina. — Mas na verdade não tinha certeza nenhuma.



## CAPÍTULO 19

*Duas Iris Uma hora depois, não conseguindo encontrar Claudia Playford na casa ou nos jardins mais próximos, andei até o ponto mais alto que pude encontrar no terreno de Lillieoak, que era também o mais exposto. Lá em cima, o vento golpeava a pele como algo sólido e duro. Por alguma razão, vi-me pensando novamente sobre a afirmação de Phyllis de que Randall Kimpton havia copiado Scotcher. Eu estava dividido entre concluir que essa imitação devia ser óbvia o bastante para ser perceptível para Phyllis, já que ela a percebera, e pensar que, se Kimpton tivesse se proposto a copiar a alguém, decerto o teria feito com mais sucesso.*

De fato, ele e Scotcher não eram nada parecidos. Fundamentalmente, eram opostos. A característica definidora de Scotcher, a meu ver, era esforçar-se muito, sempre, para fazer os outros se sentirem bem consigo mesmos e com a vida em geral, ao passo que Kimpton procurava unicamente promover o próprio bem-estar e parecer superior.

Não sei quanto tempo fiquei ali refletindo, mas então ouvi uma voz atrás de mim. Era Claudia.

— Esteve à minha procura? — perguntou ela.

— Oh! — exclamei, sobressaltado. Como diabos conseguira chegar até ali sem que eu a visse? Será que já estava ali em cima? — Sim, o sargento O'Dwyer e eu queríamos falar com você.

— Nesse caso por que se escondeu aqui onde o vento poderia carregá-lo? Suponho que deseja saber se Sophie Bourlet está falando a verdade sobre o que diz ter me visto fazer? Deve ter ouvido o que eu disse aos outros, mas quer formular a pergunta você mesmo e observar minha expressão ao responder.

— Sim.

Claudia sorriu. Parecia gostar de me fazer esperar por sua resposta.

— Sophie não está dizendo a verdade — disse ela por fim. — É uma mentira... A menos que outra pessoa tenha vestido minhas roupas, usado uma peruca e mantido o rosto virado para outro lado, e Sophie tenha visto essa pessoa atacando Joseph e suposto que fosse eu. Havia pensado nisso?

— Não. Gostava de Joseph Scotcher, srta. Playford?

Ela riu.

— Gostar dele? De maneira alguma. No entanto, eu o *apreciava*. Sua presença em Lillieoak era maravilhosamente divertida. Isto aqui vai ficar terrivelmente sem graça sem ele.

— Está querendo dizer que ele era um contador de anedotas talentoso?

— Ele tinha um jeito singular com as palavras, mas não. Quero dizer que todo mundo era apaixonado por ele e era muito divertido observar isso. Phyllis babava por ele como uma desvalida, e Sophie desmaiava de desejo cada vez que ele olhava na sua direção. Depois havia mamãe, é claro. Eu achava fascinante observar como Joseph fazia isso, como ele as atraía e as mantinha adorando-o, enquanto ele não sentia nada por nenhuma delas. Ele amava a ideia de estarem todos se apaixonando por Joseph Scotcher mais do que por qualquer pessoa real.

— Você incluiu sua mãe entre as admiradoras de Scotcher — falei. — Certamente quer dizer que ela lhe dedicava um amor maternal?

— Oh, céus, não venha você também! Não deve dar nenhuma atenção a Dora e sua ridícula teoria sobre o substituto do filho morto. Tudo para Dora tem relação com bebês desde que fracassou em ter algum ela mesma. Se lhe der ouvidos, um ovo cozido parece um bebê! Minha mãe pode ser uma mulher cautelosa e astuta, mas lhe sobra muito vigor. Ela amava Joseph da mesma maneira que Phyllis e Sophie. Oh, ela preferiria morrer a admitir isso. Sabia que os sentimentos que devia ter por ele eram os de uma figura de mãe, por isso fingia que eram. Não por respeito à convenção, você compreende, pois mamãe gosta de ser anticonvencional; mas para evitar ser rejeitada e se tornar objeto de riso. É uma mulher muito orgulhosa. — Os olhos de Claudia se estreitaram. — Vejo que não está convencido.

— Bem...

— Você está ciente de que não gosto tanto dela quanto uma filha deveria gostar da mãe, e por isso se pergunta se estou simplesmente sendo cruel. Eu também o faria, na sua posição. Asseguro-lhe, esta é minha lúcida avaliação dos fatos. Serei cruel em relação à minha mãe um pouco mais tarde, talvez; gosto muito disso, e ela bem o merece. Mas no momento estou tentando ajudá-lo a compreender. Mamãe tinha uma paixão desesperadora por Joseph. Por que outra razão pensa que ela mudou seu testamento para lhe deixar até seu último tostão? Ele iria morrer de doença de Bright num futuro muito próximo.

— Scotcher não reagiu bem à notícia do novo testamento — falei. — Ficou severamente agitado.

Claudia fez um ruído impaciente.

— Ele *fnziu* estar horrorizado, mas foi só isso: uma farsa. Que esperaria que fizesse? Que desse um salto e gritasse “Hip, hip, hurra! Vou ser divinamente rico!”?

— Ele não iria ser rico, a menos que Lady Playford morresse antes dele e, mesmo nesse caso, só teria sido rico por algumas semanas ou meses.

Claudia riu.

— Qual dos dois... semanas ou meses? Suponho que você seja um especialista em doença de Bright?

— Longe disso.

— Pois bem.

— O sofrimento de Scotcher, que você chama de fingimento, foi tão convincente quanto qualquer sofrimento verdadeiro que eu tenha testemunhado — falei.

— Bem, claro que foi — disse Claudia. — É por isso que lamento que ele não esteja mais por aqui. Joseph era um mágico!

— Quer dizer que ele mentia habitualmente?

— Oh, não... nada tão comum assim. *Todo mundo* mente habitualmente. Oh, veja... Monsieur Poirot está aqui.

Olhei, através dos galhos de um grupo de pilriteiros, para a entrada de carros de Lillieoak que se estendia lá embaixo. Claudia estava certa: Poirot, o inspetor Conree e Sophie Bourlet haviam retornado de Ballygurteen.

— Joseph realmente era uma maravilha — prosseguiu Claudia. — Enfeitiçava a todos com nada mais que palavras. Se estivesse aqui agora, poderia convencê-lo em menos de cinco minutos que você não é um policial da Scotland Yard, mas um domador de leões que fugiu de um circo itinerante. Oh, minha mãe não perdeu tempo em se apaixonar por ele. Ela também é uma pessoa das palavras, você sabe. Até conhecer Joseph, nunca havia encontrado alguém tão hábil com palavras quanto ela própria.

— Conhece uma mulher chamada Iris? — perguntei.

— Iris Gillow? — perguntou Claudia de imediato. — Iris Morphet? Pisquei várias vezes.

— Conhece *duas* Iris? Ninguém mais foi capaz de sugerir nenhuma.

— Não perguntou a Randall, então? — disse Claudia.

— Não, ainda não.

— Entendo. Iris Morphet e Iris Gillow são a mesma pessoa. Eram. Ela morreu. Randall poderá lhe contar tudo sobre ela. Eu mesma poderia lhe contar, mas é uma história dele. Você deve ouvi-la dele. Veja, ele está chegando! — A explosão de alegria em sua voz sugeria que um salvador chegara das alturas. Kimpton ainda estava um pouco longe, aliás. A simples visão dele a distância parecia suficiente para deixar Claudia extasiada.

— Que está pensando sobre mim? — Ela me fitou com desconfiança. — Talvez tenha dificuldade em acreditar que eu amo Randall tanto quanto parece, quando não faço nada senão criticar e zombar de todo os outros.

— Não tenho nenhuma dificuldade em acreditar que goste tanto dele quanto afirma. É óbvio que o ama muito. Suponho...

Claudia inclinou a cabeça e quase sorriu.

— Há alguma coisa que gostaria de me perguntar?

— A primeira vez que nos encontramos, você mencionou que o dr. Kimpton ganhara sua afeição duas vezes.

— Sim. E não é fácil ganhar minha afeição.

— Posso imaginar.

— Ele levou *anos* da primeira vez. Eu sabia que acabaria por aceitá-lo, *adorava-o* desde nossa primeira conversa, mas, se sucumbisse com muita facilidade, temia que ele parasse de tentar. E quando Randall tenta... Um

homem com sua inteligência e firme determinação... Bem, não há nada mais satisfatório que vê-lo empenhar todos seus esforços em uma campanha para me convencer. — Seu sorriso se esvaiu e foi substituído por uma expressão mais mundana. — Porém, é claro que eu tinha de deixá-lo ter sucesso no fim, e foi o que fiz. Depois, cinco... não, quase seis anos atrás, suas maneiras em relação a mim mudaram de repente. Ele parecia ter perdido a confiança, tornou-se repulsivo! Confiança é a natureza de um homem como Randall. É sua essência. Eu não o queria sem ela. Ele não era mais ele mesmo, eu pensava, então exigi que ela retornasse.

— Que aconteceu?

— Ele confessou estar incerto quanto à sua vontade de se casar comigo. Dúvidas! — Claudia agitou seu anel de diamante em frente ao meu rosto. — Arranquei isto e o joguei nele. Naturalmente, disse-lhe que nunca mais queria vê-lo de novo enquanto vivesse. Mas já no dia seguinte, lá estava ele, em frente à minha janela. Oh, não em Lillieoak. Eu morava em Oxford na época. Fui uma das primeiras mulheres a se matricular nessa universidade; suponho que ninguém se deu ao trabalho de lhe contar isto, não é? Meus feitos não são reconhecidos por ninguém além de mim. Mudei-me para cá para escapar de Randall, que estava desesperadamente arrependido e lamentava seu momento de dúvida. “Bem”, pensei comigo mesma. “Pretendo fazer você se arrepender cem vezes mais do que jamais conseguiria por si mesmo.” Foi quando me mudei de volta para Lillieoak. Isso desanimou Randall. Ele estava sempre atravancando a sala de estar, chorando e suplicando para ser perdoado, brandindo seu diamante na esperança de que ele pudesse se provar um amuleto da sorte.

Claudia olhou de relance para seu anel. Prosseguiu: — Era patético. *Ele* era patético e eu lhe disse isso. Fui tão infame com ele que isso o tornou raivoso e quase tirânico em sua insistência de que eu iria murchar e perecer sem o seu amor. Disse-me que eu teria de escolher entre ele ou ninguém, porque iria certamente estrangular qualquer outro homem que eu escolhesse. Fiquei gostando dele um pouquinho mais depois que parou de chorar e babar por mim e começou a tentar estabelecer a lei. Ele insistia que eu iria acabar me casando com ele, quer quisesse ou não. Ocorreu-me que, de fato,

eu provavelmente queria. Randall é adorável quando é feroz, e nunca tinha sido tão feroz.

Situações desagradáveis como as que ela estava descrevendo não soavam nada parecidas com amor para mim, mas fui prudente o bastante para não dizer isso.

— Então você o perdoou e ficou noiva dele uma segunda vez?

— Depois de *anos* fazendo-o sofrer os tormentos dos condenados, sim. E ele ainda está sofrendo, todos os dias. Ainda não concordei em marcar uma data para o casamento. Talvez nunca o faça. Não precisamos *absolutamente* disso, você sabe. — Claudia riu de meu choque, que devo ter tentado disfarçar muito mal.

Sem se importar se eu a aprovava ou não, ela continuou: — Ainda podemos nos divertir e estar igualmente apaixonados, sem nenhum perigo de que o amor se desgaste. Além disso, Randall e eu não podemos nos casar até que tenhamos decidido onde morar. Quero dizer, durante a maior parte do tempo, já que teríamos mais de uma casa, claro. Randall não vê a hora de sair de Oxford. Ele insiste que encontrará um novo emprego no condado de Cork e virá morar comigo em Lillieoak, mas prefiro Oxford. Em Oxford, há coisas para fazer além de olhar para as árvores e para as ovelhas. Ou poderíamos tentar Londres... Isso seria empolgante! Você gosta de viver em Londres? Querido, você está aqui finalmente!

— Alô, divina criatura. — Kimpton aproximou-se de nós com passos largos. — Gostaria de poder me demorar e passar o resto do dia cobrindo seu lindo rosto de beijos. Mas não posso. Catchpool, apresse-se: você é necessário.

— Para quem? — perguntei. Alguma coisa em seu tom me dizia que era importante.

— Para mim, embora eu suponha que devesse dizer: para Joseph Scotcher principalmente. Poirot, Conree e O'Dwyer nos esperam no salão... ou estarão lá até chegarmos.

— No salão? — repeti.

— Sim. — Kimpton deu meia-volta. Apressei-me em segui-lo em direção à casa.

— Considere-se afortunado por ter sido convidado — disse ele sobre seu ombro. — Aquele chato empolado do Conree fez tudo que podia para me convencer de que eu deveria deixar você e Poirot fora disso e falar somente com ele e seu bajulador imbecil. Eu lhe disse que, se quisesse ouvir o que tenho para dizer, seria melhor não tentar impedir que você e Poirot ouvissem também. Se tenho de fazer uma encenação, prefiro ter pelo menos um par de cérebros decentes na plateia.

— Encenação? Kimpton, do que se trata?

— Do que se trata? Ora, do assassinato de Joseph Scotcher, é claro — respondeu ele. — Vocês estão todos redondamente enganados a respeito do fato... Todos vocês, seus solucionadores de crimes. Muito, muito enganados, e lhes provarei isso.

## CAPÍTULO 20

*A causa da morte O corpo de Scotcher fora removido do salão. Supus que tivesse sido levado para uma capela mortuária próxima, embora a única coisa que Conree estivesse disposto a nos revelar fosse a palavra "removido". Tendo sido obrigado por Kimpton a incluir Poirot e a mim nessa pequena reunião, ele retaliava mediante a recusa de fornecer tanta informação trivial quanto possível — como um homólogo mais virulento de Hatton, o mordomo.*

Embora Scotcher tivesse partido, sua cadeira de rodas continuava no mesmo lugar, abandonada na ausência do antigo ocupante. A mancha de sangue no tapete oriental marcava o lugar onde estivera pousada sua cabeça, ou o que restara dela.

Poirot, o inspetor Conree e o sargento O'Dwyer estavam sentados nas cadeiras mais distantes do sangue, como tensos integrantes de uma plateia à espera do início de um espetáculo.

— Estou certo de que sei do que se trata — disse Conree quando Kimpton e eu entramos na sala. — Tem minha permissão para suscitar a questão, dr. Kimpton. Poirot, Catchpool, espero poder contar com a discrição de vocês.

Pisando exatamente sobre a mancha de sangue, Kimpton aproximou-se da cadeira de rodas de Scotcher e pousou a mão sobre ela. Murmurou: — “Aqui fico com meus pesares. Aqui é meu trono, ordena que os reis venham se curvar perante ele.”

— Uma citação de *Rei João* de Shakespeare? — perguntou-lhe Poirot.

— Num momento como este, meu velho, eu não recorreria a nenhuma outra obra dramática.

— Viu a cadeira de rodas de Scotcher como um trono?

— Na verdade, não. Não tome as palavras em seu sentido literal. Ahá! — Os olhos de Kimpton flamejaram para sublinhar a ironia. — Na verdade, sou



o primeiro a fazê-lo!

— Mas você viu Joseph Scotcher como um rei: o rei de Lillieoak? — insistiu Poirot.

Kimpton sorriu debilmente.

— Herdeiro do reino de Athie, sim. Futuro monarca. Gosto disso! Você tem toda razão, Poirot. O crime é regicídio, embora nenhum jornal vá noticiá-lo como tal.

— Pergunto-me se você teria sido um súdito leal do rei Joseph — refletiu Poirot em voz alta.

— Divague, meu chapa. Divirta-se com suas confabulações psicológicas. Que mal isso pode fazer? Mas suspeito que tenha reunido todos aqui para falar sobre assuntos bem mais vulgares.

—Vá direto ao ponto — ordenou o inspetor Conree.

— Irei. A mancha de sangue: olhem para ela. Alguma coisa lhes chama a atenção?

— Bem, podem me acusar de temer o pior, se desejarem — disse O'Dwyer —, mas prevejo que ela nunca sairá do tapete. Lady Playford precisará de um novo.

— Cale a boca, O'Dwyer — rosnou Conree para o colega.

— Oh, sim — concordou o sargento, como se ficar calado fosse o item seguinte em sua lista de atividades, e sempre tivesse sido.

— Mais alguma coisa? — Kimpton olhou para Poirot e para mim. — Devo lhes dizer? Muito bem, então. Eu juraria que não há sangue suficiente para um homicídio cometido da maneira como estamos todos supondo que foi. Todos exceto eu, devo dizer. Tive dúvidas assim que vi Scotcher deitado ali. Mas só tive certeza depois que seu corpo foi removido.

— Certeza de quê? — perguntou Poirot.

— De que Scotcher não morreu em consequência de porretadas. Sim, alguém lhe despedaçou a cabeça com um porrete, mas não foi isso que o matou. Ele já devia estar morto quando isso aconteceu.

— Nunca imaginaria — disse O'Dwyer, baixinho.

— Se eu tivesse de adivinhar, diria que estava morto havia cerca de uma hora no momento em que o porrete o atingiu — disse Kimpton. —

Sargento O'Dwyer, acaso o médico da polícia falou alguma coisa semelhante? Eu vi o senhor conversando com ele. Francamente, parece-me difícil acreditar que algum médico deixaria de perceber isso.

— Teria sido inadequado para o dr. Clouder dizer qualquer coisa antes de realizar a autópsia — bufou o inspetor Conree. Seu humor estava se deteriorando rapidamente em face da tentativa de Kimpton de tomar a frente da situação. — Eu o desencorajei a especular. Deverá haver um inquérito, e, como não podemos antecipar seu veredicto, seria indecoroso que qualquer um de nós o tentasse.

— Indecoroso? — Kimpton gargalhou diante do ridículo pronunciamento. — Bobagem... A menos que esteja decidido a ameaçar sua própria investigação, inspetor.

Ele contornou a cadeira de rodas, posicionou-se em frente a Poirot e declarou: — Se Scotcher tivesse sido morto pelos golpes do porrete, haveria duas vezes mais sangue no tapete.

— Está dizendo que o sr. Scotcher morreu de sua doença, e seu assassino não estava ciente de que ele já estava morto? — perguntou O'Dwyer. — Ora, se for isso, e eu seria o primeiro a admitir que ocorrências estranhas são mais comuns do que as pessoas supõem, mas, tendo dito isto...

— Não acredito que Scotcher morreu de alguma doença — atalhou-o Kimpton com impaciência. — Poirot, quão bem você se lembra da cena tal como a vimos na noite do assassinato? Corremos escada abaixo e deparamos com uma visão monstruosa. A cabeça de Scotcher fora espancada com violência. Não sobrava muito dela, mas não tinha sido inteiramente destruída, se você se lembra.

— A parte inferior do rosto ainda estava intacta — falei. — A boca estava imobilizada num terrível esgar de dor.

— Nota dez, Catchpool — congratulou Kimpton. — Fico satisfeito por você ter mencionado o esgar.

— *Mon Dieu* — disse Poirot baixinho. — Fui um idiota, um idiota cego.

— Aqui está minha suposição, cavalheiros — disse Kimpton. — Ela se fundamenta em certas observações que fiz no curso de meu trabalho como patologista. Realizei muitas autópsias em casos de morte suspeita, a pedido da

polícia. Em um desses casos, um assassinato, a causa da morte era envenenamento. Estricnina.

O inspetor Conree se pôs de pé, o rosto vermelho.

— Devemos parar com isto imediatamente. Estou à frente do...

— A vítima de uma morte por estricnina morre com o que parece um horrível sorriso arreganhado no rosto — disse Poirot como se Conree não tivesse falado. — No entanto não pensei nisso. *Je suis imbécile!*

— Realmente, o espasmo dos músculos faciais — disse Kimpton. — É isso que causa o esgar ou o sorriso. Diz-se também sobre as mortes por estricnina que a pessoa termina com as costas tão arqueadas que tem tanto a cabeça quanto os pés no chão. Isso é um exagero, mas contém certa verdade.

— O corpo de Scotcher jazia numa posição extremamente artificial — disse Poirot. — Esses dois elementos estavam presentes: as costas arqueadas, o sorriso. Estou envergonhado por não ter visto de imediato o que devia ter acontecido.

— Bem, não pensei nisso, e sou médico — disse Kimpton. — Só tive certeza depois que o corpo tinha sido removido e pude ver a quantidade de sangue que restara.

— Venha, O'Dwyer — disse Conree. — Você e eu não vamos participar desse repugnante exercício. — Ele se retirou da sala, tendo primeiro colado o queixo novamente no alto do peito. O'Dwyer encolheu os ombros, impotente, antes de segui-lo.

— Examinem todos os líquidos que puderem encontrar no quarto de Scotcher — Kimpton gritou para eles. Para Poirot e para mim, disse: — Que grandalhão insuportável! Será que o sargento O'Dwyer poderia cortar a cabeça dele com um machado? É uma esperança. Voltando a Scotcher, agora que podemos falar livremente. O inquérito nos dirá que ele morreu de envenenamento por estricnina. O que não nos dirá é por que alguém o golpeou na cabeça *post mortem*. Certamente uma perda de tempo gastar toda aquela energia para matar alguém que já está morto, eu diria. Alguma teoria, Poirot? Tenho uma, se não tiver.

— Estou interessado em ouvir a sua, Monsieur.

Kimpton sorriu.

— Deve prometer não me culpar por ela, caso eu venha a estar errado.

— Naturalmente. Até Hercule Poirot, em ocasiões muito raras, está errado.

Kimpton andou até a janela e olhou para fora.

— Penso que a culpada pelas porretadas é Sophie Bourlet — disse ele. — Isso explicaria sua pressa em lançar a culpa sobre Claudia. Ela deve ter acreditado que poderia enganar o médico legista da *garda*. Supôs erroneamente que ele veria uma mixórdia de sangue e miolos e concluiria que a causa da morte era óbvia, não havendo necessidade de autópsia ou inquérito. Tolicie imperdoável da parte dela. Sendo uma enfermeira com razoável conhecimento médico, devia ter tido a prudência de não deixar a parte inferior do rosto de Scotcher intacta. O esgar da estricnina é um fenômeno muito conhecido.

— Por que ela desejaria induzir alguém em erro com relação à causa da morte? — perguntei.

— *Porque* — começou Kimpton com um suspiro, como se minha pergunta fosse estúpida e a resposta clara como o dia — era de conhecimento geral que Sophie estava encarregada de administrar todos os medicamentos e tônicos de Scotcher e tudo mais que ele tomava. Se quisesse matá-lo, não teria tido nenhuma dificuldade em introduzir furtivamente alguma coisa num daqueles frascos dele. Se ele aparecesse morto e fosse um caso claro de envenenamento, o primeiro nome na mente de todos teria sido o de Sophie. Ela tinha várias oportunidades todos os dias.

— Assim, se você estiver certo, Sophie Bourlet fez duas coisas para desviar as suspeitas de si — disse Poirot. — Primeiro, golpeou Scotcher com um porrete depois de matá-lo com veneno, para disfarçar o método que a apontaria como a assassina mais provável. Segundo, tomou a precaução adicional de fingir ter testemunhado Mademoiselle Claudia atacando-o com o porrete.

— Isso mesmo — disse Kimpton.

— Sophie afirma ter ouvido, bem como visto certas coisas — disse-lhe Poirot.

— Ouvido?

— *Oui*. Uma conversa entre Mademoiselle Claudia e o sr. Scotcher imediatamente antes que ela o atacasse com o porrete.

Kimpton soltou um profundo suspiro.

— O que deve ser uma mentira caso Scotcher já estivesse morto quando o ataque ocorreu. Continue, Poirot.

— Sophie jura que ouviu o sr. Scotcher implorar por sua vida, e que, em resposta, Mademoiselle Claudia disse: “Isto é o que Iris teria feito.”

— Iris? — Kimpton virou-se para nos encarar. — Iris Gillow?

O mesmo nome que eu ouvira de Claudia Playford. Quem era ela?

— Não sei que Iris, e Sophie Bourlet me disse que também não sabia — explicou Poirot.

— O que mais ela ouviu? — perguntou Kimpton.

— Ela não se lembrava precisamente das palavras. “Isto é o que Iris devia ter feito.” E depois: “Mas ela era fraca demais. Ela o deixou viver, e assim você a matou.” Ou algo semelhante. Isso significa alguma coisa para você, dr. Kimpton? Quem é Iris Gillow?

Kimpton sentara-se numa poltrona e deixara a cabeça cair sobre as mãos.

— Vou lhe dizer, mas... por favor, dê-me um momento para organizar meus pensamentos — murmurou ele. — Iris. Depois de todos esses anos... Mas isso é um absurdo! — Pela primeira vez desde que eu o conhecera, parecia inseguro e confuso. — Claudia estava comigo no andar superior. Quem quer que Sophie tenha ouvido falando sobre Iris, não pode ter sido ela. Deve ter sido alguma outra pessoa.

Poirot alisou o bigode com o dedo indicador e o polegar da mão direita.

— Então não acredita que Sophie tenha mentido sobre as palavras que ouviu? Se, porém, ela é capaz de administrar veneno letal e de mentir sobre ter visto Claudia matar Joseph Scotcher, ela poderia mentir também sobre outras coisas, não?

— As palavras que ela afirma ter ouvido soam verdadeiras — disse Kimpton sombriamente. Recobrando-se, acrescentou: — Isso não quer dizer nada, é claro. As melhores mentiras sempre soam verdadeiras.

Fazia algum tempo que eu esperava para suscitar algo que estava me incomodando. Aquele pareceu o momento perfeito.

— Dr. Kimpton, se suas suspeitas sobre Sophie Bourlet estiverem corretas, não foi bastante imprudente da parte dela deixar intacta a parte inferior do rosto de Scotcher?

— Ela pode ter pretendido eliminar o esgar da estricnina, mas algo a impediu de fazê-lo — disse Kimpton. — E se tiver ouvido passos e de repente tiver se visto com menos tempo para armar a cena do que previra?

— É possível — concordou Poirot. — O problema é que tudo continua sendo possível. Dr. Kimpton, se acredita que Sophie Bourlet assassinou Joseph Scotcher, por favor me diga: qual pensa ter sido seu motivo?

— Motivo? — Kimpton riu com desdém, como se a discussão de tal coisa fosse indigna dele.

— Sim, o motivo. Scotcher a pedira em casamento naquela mesma noite. Por que ela mataria o homem que amava e que estava, de qualquer maneira, morrendo de uma doença?

— Não sei e não me importo muito — disse Kimpton. — Faça-a admitir que fez isso e depois lhe pergunte por quê. Motivo! Você persiste no seu desatino de imaginar que seres humanos podem ser levados a fazer sentido, Poirot.

— Persisto, Monsieur.

— Não há nenhum sentido. Não há nenhuma coerência. Sou a prova viva: acuso Sophie Bourlet de estar mentindo, mas estou convencido, sem nenhuma boa razão para tanto, de que ela ouviu as palavras que diz ter ouvido sobre Iris. E sou consideravelmente mais racional que a maioria das pessoas, eu lhe garanto.

— Quem é Iris Gillow? — perguntei.

A boca de Kimpton imobilizou-se numa linha dura.

— Eu gostaria muito de lhe falar sobre ela. E o farei... imediatamente após o inquérito.

— Por que não agora? — perguntou Poirot.

— É mais fácil esperar — disse Kimpton. Ia deixando o salão, mas parou à porta. — Preparem-se para uma surpresa, cavalheiros. Uma grande surpresa.

— Refere-se à surpresa de descobrir que a causa da morte foi veneno? — perguntei.

— Não. Algo completamente diferente. Não direi mais nada, pois posso estar errado. Mas não creio que esteja. — E, com isso, Randall Kimpton deixou a sala.

## CAPÍTULO 21

*A questão do caixão Na manhã seguinte, após o desjejum, Poirot indicou que queria falar comigo a sós e sugeriu uma caminhada à beira do rio. Tolamente, supus que iríamos primeiro andar até o rio, só para descobrir que não era isso que ele tinha em mente. Um automóvel nos levaria até a margem do Argideen, Hatton já o providenciara, e estaríamos lá em menos de uma hora.*

No devido momento um motorista se apresentou e partimos. Enquanto seguíamos pelo caminho mais longo, fazendo uma curva a partir da casa e tomando o que afirmei ser a direção errada, pois poderíamos ter caminhado em linha reta da porta da frente até o rio, eu disse a Poirot: — O assassinato de Joseph Scotcher não pode ter tido relação nenhuma com o novo testamento. Este só foi anunciado durante o jantar. Certamente o veneno deve ter sido posto em seu frasco de remédio antes do jantar.

— A estricnina não estava necessariamente no remédio dele, *mon ami*. Poderia ter estado em sua sopa de carneiro. Não sabemos.

— Mesmo assim, tomamos a sopa antes que Lady Playford nos contasse sua novidade. O motivo deve ter sido outro. A menos que o assassino seja Gathercole ou Lady Playford. Eles eram os únicos que conheciam os termos do novo testamento antes do jantar. E aqui está outra coisa a considerar: não podemos mais ter certeza de que Orville Rolfe é inocente. Ele poderia ser o envenenador tão facilmente quanto qualquer outra pessoa. Além disso, e temo que possa lhe parecer forçado, foi Orville Rolfe que trouxe à baila o assunto do veneno. Ele o tinha em sua mente, o que é interessante.

Poirot sorriu.

— Tudo que você está dizendo, eu já tinha pensado. — Creio que ele pretendia fazer um elogio. — Mas você deixa de mencionar o principal enigma.

— E qual é ele?



Poirot indicou que não queria se estender sobre suas palavras até que estivéssemos a sós, por isso passamos o resto da viagem em silêncio.

Por fim chegamos a nosso destino.

— Aqui está o Argideen, cavalheiros — disse nosso motorista, apoiando o cotovelo nas costas de seu assento. Poderíamos ter ido andando em um quarto do tempo. — Ficarei parado aqui para quando quiserem voltar, sim?

Nós lhe agradecemos e saímos para o dia tempestuoso. O rio estava cinzento, cor de aço, e ruidoso, num estado de inquietação. Comecei a andar, mas logo tive de voltar atrás. Poirot continuava parado no mesmo lugar, contemplando a água. Essa, aparentemente, era sua ideia de caminhada.

— Considere o relato que nos foi feito por Orville Rolfe, Catchpool: a discussão que ele ouviu por acaso sobre um funeral, e se o caixão deveria ficar aberto ou fechado. É verdade que poderia ter imaginado a coisa toda enquanto estava delirante por causa da dor, ou pode ter mentido, mas não penso assim. É coincidência demais.

— Não entendo. Que coincidência?

Nesse momento Poirot mostrou-se tão satisfeito por ver que eu não compreendia o que queria dizer quanto se mostrara antes ao ver que eu estava tendo pensamentos idênticos aos seus. Desejei que decidisse se preferia que eu fosse sagaz ou estúpido.

— Joseph Scotcher já está morto, envenenado — disse ele. — Por que, então, golpear sua cabeça com um porrete até que não sobrasse quase nada dela? Uma razão, aquela proposta por Randall Kimpton, é que um envenenamento óbvio atrairia suspeitas sobre Sophie Bourlet, que era responsável por administrar remédios ao sr. Scotcher. *Bien sûr, c'est possible, mais...* prefiro admitir uma possibilidade diferente.

— Creio que sei o que você está prestes a dizer. Se a pessoa é envenenada, seu rosto e cabeça permanecem intactos. Um caixão aberto no funeral é possível. Orville Rolfe quase disse isso ele mesmo, enquanto se contorcia em agonia, quando acreditava ter sido envenenado. Em contraposição, se ela teve a cabeça reduzida à polpa por um porrete, a única escolha seria um caixão fechado.

— *Précisément!* E Orville Rolfe nos contou que ouviu um homem dizer que teria de ser caixão aberto, que esse era o único jeito. Uma mulher discutiu com ele. Vê como tudo se encaixa?

— Sim, sim, vejo. É por *isso* que a mulher, talvez Claudia Playford, daria porretadas na cabeça de um homem já morto com veneno. Porque ela não queria que ele pudesse ter um funeral com caixão aberto.

A expressão de Poirot estava distante e contemplativa.

— Lembra-se de quando caminhamos no jardim depois do jantar? — perguntou ele. — Imaginamos: e se Lady Playford acreditasse que um dos seus filhos poderia estar planejando matá-la?

— Lembro-me muito bem — respondi.

— Tentemos agora uma variação dessa hipótese. E se Lady Playford soubesse havia algum tempo que seu filho ou filha, ou talvez ambos juntos, tramavam assassinar Joseph Scotcher ou o queriam morto? Isso explicaria o novo testamento, não é? Ela faz uma elaborada encenação de deixar tudo para Scotcher e privar os próprios filhos de sua herança. Faz isso na presença de dois advogados, um policial da Scotland Yard e o famoso *Hercule Poirot!* — Ele jogou as mãos para cima ao dizer isto. Sorri para mim mesmo, quase esperando que o rio Argideen parasse de espumar em deferência à sua grandeza. Ele prosseguiu: — Isso explicaria perfeitamente as ações de outro modo inexplicáveis de Lady Playford. — Poirot começou a andar para cima e para baixo com passos pequeninos para lá e para cá. Tentei andar a seu lado, mas isso se provou muito difícil, então, parei.

— Joseph Scotcher não viverá para herdar e Lady Playford sabe disso — continuou ele. — Então por que fazer a revisão do testamento? Seria possível que quisesse dar aos dois filhos um motivo muito visível para cometer assassinato... Perante a lei, a polícia, o expert na solução de crimes? De repente, Harry e Claudia Playford se veem numa situação extremamente alarmante. Se levarem seu plano de matar Scotcher adiante, serão os suspeitos óbvios por causa desse novo motivo que lhes foi dado por sua mãe, tão notoriamente claro para todos! O mesmo se aplica a Dora Playford e, em certa medida, a Randall Kimpton.

— Não teria sido mais simples para Lady Playford chamar os *gardai* e dizer: “Acredito que meu filho e minha filha podem estar urdindo uma trama para matar meu secretário”?

— Não penso assim. Caso ela não tivesse uma prova incontestável, se arriscaria a fazer a acusação? É mais sutil, creio, envolver os pescoços de Harry e Claudia com o monstruoso motivo diante de muitas pessoas, como um freio.

— Um freio ineficaz — ressaltei. — Joseph Scotcher está morto, não se esqueça disso. Ademais, por que Harry ou Claudia ou qualquer pessoa faria grandes esforços e poria seu pescoço em risco para assassinar um homem que está prestes a morrer de uma doença dos rins? E por que importaria a alguém que Joseph Scotcher tenha um caixão aberto ou fechado?

Poirot deu as costas ao rio e começou a andar de volta para o local onde o automóvel nos aguardava. Estava ocupado se ajeitando no assento quando entrei, um minuto mais tarde. Foi só depois que partimos rumo a Lillieoak que ele disse, de maneira quase inaudível: — Quando soubermos a resposta para a questão do caixão, saberemos tudo.

## CAPÍTULO 22

*Na estufa de laranjeiras Na casa, Hatton estava à minha espera com um recado: — O sr. Gathercole o espera na estufa de laranjeiras, senhor — disse ele. Perguntei a mim mesmo se sua capacidade de falar livremente perduraria depois que o assassinato de Scotcher tivesse sido elucidado. Depois temi que ele nunca fosse elucidado, e me perguntei se Poirot compartilhava minha ansiedade a esse respeito.*

— A estufa de laranjeiras? — perguntei. Não vira semelhante lugar em Lillieoak. Se ele existia, eu não sabia como chegar lá, e disse isso. Que lugar estranho para Gathercole escolher.

— Acompanhe-me — disse Hatton, antes de demonstrar que não só sua fala como também sua capacidade de me mostrar onde os aposentos ficavam tinham sido significativamente melhoradas pelas trágicas circunstâncias.

A estufa de laranjeiras vinha a ser uma grande estrutura de madeira ligada aos fundos da casa, cheia de laranjeiras e limoeiros. Apesar do frio e do tempo ventoso, tudo ali dentro estava viçoso e em plena floração. O calor foi agradável a princípio e depois, passados apenas alguns segundos, desconfortável; encontrei Gathercole enxugando a testa com um lenço.

— Soube que o inquérito sobre a morte de Scotcher ocorrerá na próxima quarta-feira? — perguntou ele.

— Não. Quem disse isso?

— O'Dwyer.

— E... essa notícia o perturba? — A evidência de que sim estava perante os meus olhos. Gathercole parecia consideravelmente mais incomodado que eu, e tive certeza de que não era apenas o calor que o afetava.

— O inspetor Conree continua insistindo que ninguém saia de Lillieoak — disse ele. — Não é saudável ficarmos todos encurralados aqui sob o mesmo teto, depois do que aconteceu. Não é seguro. Temo que... — Calouse e sacudiu a cabeça.

Decidi ser atrevido.

— Está com medo de que a verdade sobre o envenenamento venha à tona no inquérito? Talvez não contasse com a possibilidade de isso acontecer tão cedo. — Atrevido e sem tato. Conree, se tivesse me ouvido, teria ficado furioso.

Gathercole pareceu perplexo. Na verdade, sua perplexidade pareceu interromper sua agitação.

Pensei comigo mesmo: “Se veneno foi o método do assassinato, então Michael Gathercole não matou Joseph Scotcher”.

— O que quer dizer? — perguntou ele. — Está sugerindo que Scotcher foi *envenenado*, além de golpeado na cabeça com um porrete? Isso é muito improvável!

— Sim. As pessoas raramente são mortas duas vezes. — Sorri. — Nada está claro quanto a isso. Temos de esperar que o inquérito nos diga como Scotcher morreu. Queria falar comigo sobre alguma coisa? Hatton me deu a entender...

— Sim. Sim, queria. Há algo que devo lhe contar o quanto antes.

— Posso perguntar por que é a mim que quer contar? — questionei. — Certamente o inspetor Conree ou o sargento O’Dwyer seriam uma escolha melhor, não?

Gathercole me lançou um olhar penetrante.

— Não para mim. Eu detestaria que me tomasse por um mentiroso, Catchpool. Há coisas, coisas importantes, que poderiam ter alguma relação com esse assunto. Acaso alguma outra pessoa o abordou?

— Em quem está pensando? Abordou-me sobre o quê?

Ele pareceu não ter ouvido minhas perguntas.

— Seria melhor se conversássemos *depois* do inquérito — disse ele. — Não sei nada ao certo. *Não posso* saber o suficiente, por mais que possa ter certeza.

— Por favor, diga-me o que o está preocupando — insisti. — Gostaria de ajudar se puder.

Dois pessoas já tinham prometido maior elucidação após o inquérito: Gathercole e Randall Kimpton. Isso me pareceu digno de nota. Sem dúvida

faria mais sentido para eles desembuchar o que quer que estivessem guardando muito antes de serem forçados a isso por uma revelação pública.

Gathercole virava-se para cá e para cá, incapaz de se manter parado.

— Você me perguntou se alguma coisa me perturbava — disse ele —, na sala de jantar, na noite em que Scotcher morreu. Furtei-me à pergunta, por medo de que me julgasse idiota por estar tão preocupado com uma família a que não pertença. Athelinda Playford não tem nenhum parentesco comigo. Sou seu advogado, e isso é tudo. Bem, não tudo — ele se corrigiu. — Segundo os novos arranjos que ela estabeleceu, sou também seu agente literário.

— Eu não o teria julgado idiota — disse-lhe. — Muitos de nós formamos nossas ligações mais profundas com aqueles que não são parentes.

— Como sabe, não tenho nenhuma família — disse ele, lacônico. — De qualquer maneira, o que me destruiu à mesa de jantar, o que me fez querer pegar uma faca e usá-la para infligir sério dano na maioria dos presentes, foi que ninguém pensou em perguntar pela saúde da própria Lady Playford.

— Não sei se o entendo bem. — Quando disse isso, um agourento som de esmigalhamento veio de baixo de mim. Olhei e vi que tinha dado um passo atrás e pousado o calcanhar direito sobre uma pá que estava jogada no chão da estufa, cheia de cacos de vidro pontudos. O que sobrara de um pote de geleia quebrado estava orgulhosamente de pé ao lado da pá. Compreendi nesse momento que estufas de laranjeiras e outras me desagradavam exatamente por esta razão: com seus belos nomes, elas se disfarçavam de adições desejáveis a uma casa, mas seu verdadeiro objetivo, muitas vezes, era fornecer abrigo para lixo que ninguém queria se dar ao incômodo de jogar fora. Num aposento adequado, as pessoas teriam removido seus restos, em vez de deixá-los jogados pelo chão para que visitantes infelizes pisassem neles por acidente.

— Por que uma mulher que não está ela mesma doente faria um testamento deixando tudo para um homem que ela sabe que morrerá em questão de semanas? — perguntou Gathercole. — A razão mais provável, até onde posso ver, é que tenha ficado sabendo recentemente que ela própria tem ainda menos tempo que ele. Esse foi meu temor, quando naquela tarde

em seu gabinete Lady Playford solicitou-me um novo testamento. Não pude conter minha ansiedade, e de maneira bastante impertinente lhe perguntei se pensava que morreria antes de Scotcher. Ela assegurou-me que estava tão em forma e saudável quanto parecia, e acreditei nela. Foi um profundo alívio. Mas *nenhum deles pensou nisso!*

As palavras de Gathercole saíram altas e duras.

— Nenhum deles perguntou! Não pude suportar isso, Catchpool: a prova, desdobrada diante de meus olhos, do egoísmo, da pura e desprezível indignidade de todos. Eles não merecem a hospitalidade ou a generosidade de Lady Playford. E Scotcher... — Gathercole falou esse nome com rancor. — Naquele momento, eu teria gostado muito mesmo de matá-lo.

— Foi da fantasia que gostou — eu lhe disse. — Você acharia a realidade de cometer um assassinato extremamente desagradável.

— Eu não teria esperado nada melhor de Claudia, que é uma mulher irritante e cruel, ou de Harry, que dificilmente poderia ser mais obtuso, mas Scotcher era um homem inteligente, e um homem que nos teria levado a todos a acreditar que era devotado a Lady Playford. No entanto, também ele deixou de fazer as mais rudimentares indagações sobre a saúde dela. Não sou normalmente descontrolado, mas senti de verdade que poderia explodir de fúria. Nenhum deles a *merece*. — Um instante depois acrescentou: — Merecia, eu deveria dizer, no caso de Scotcher.

— Obrigado por me contar — falei.

— Sim, bem. — Minha gratidão o embarçara. — A única razão pela qual não o fiz imediatamente é que isso revela minha própria... inveja, suponho que deva ser isso.

— Você pensou consigo mesmo que, se fosse filho de Lady Playford, se importaria mais com ela do que com qualquer coisa que pudesse herdar dela.

— Sei que o faria! Se eu fosse filho dela ou, aliás, seu secretário. A única razão pela qual *não* sou secretário dela é Joseph Scotcher.

— Perdão? — ri, perguntando-me se tinha ouvido mal. — Secretário de Lady Playford? Você? Mas você é sócio numa firma de advocacia.

— Sim. Desconsidere o que eu disse, por favor.

— Espere um minuto. Você está dizendo...

— Temos coisas mais importantes a discutir que meus sentimentos em relação à minha profissão! Eu lhe contei uma mentira. A você e Poirot, aos *gardai*.

— Que mentira?

Gathercole virou-se para mim e riu.

— Incrível a sua expressão de surpresa. Está esperando que eu confesse o assassinato? Não precisa se preocupar; não matei Scotcher. A mentira que contei se relaciona com meu *álibi*.

— Andar sozinho no jardim, sem ninguém para testemunhar isso para você?

— Eu não estava nem no jardim nem sozinho, e alguém pode testemunhar isso: Athelinda Playford. Eu estava no quarto dela.

— No *quarto* dela? Quando, precisamente?

— Depois que Rolfe e eu subimos. Dissemo-nos boa-noite na porta do quarto dele, e depois que ele estava seguramente fora do caminho, fui ao quarto de Lady Playford.

— Para ver se ela estava bem? Se não se ofendera muito com as palavras cruéis de Dora? — Eu sabia que não deveria pôr palavras em sua boca.

— Não. Fui ao quarto dela por combinação prévia, antes que Dora dissesse aquelas palavras. — Gathercole fechara a mão em volta de uma laranja. Segurou-a como se estivesse pensando em arrancá-la, depois a soltou. O cheiro forte das frutas cítricas combinado com o calor estava me deixando tonto.

— Foi a última coisa que ela me pediu em nossa reunião mais cedo naquela tarde — falou Gathercole. — Disseme que, mais tarde naquela mesma noite, poderia ser feita uma tentativa contra sua vida. Seu plano, um plano que me envolvia, embora ela o tivesse feito sem minha participação, era se retirar para se deitar como de costume. Nesse ínterim, eu deveria me esconder por trás das espessas cortinas, pronto para saltar se ouvisse alguém entrar no quarto e também, do contrário, para permanecer acordado e de guarda a noite toda.

— Isso é completamente impossível — eu disse, temendo que ele estivesse me fazendo de bobo. — Hatton o viu sair para o jardim dez



minutos depois que Orville Rolfe se recolheu a seu quarto.

— Ele não viu nada parecido — disse Gathercole. — Lady Playford explicou-lhe que eu estava com ela durante o período de tempo em questão, e que, se perguntado, ele deveria dizer que me vira a caminho do jardim. Foi tudo combinado.

Eu não sabia o que pensar. Queria acreditar nele.

— Suponho que é útil saber que eu não confiaria na palavra do mordomo — falei.

— Oh, Hatton é o que há de mais confiável em matéria de mordomo. A menos que especificamente instruído por Lady Playford a fazer outra coisa, ele contaria a verdade. Ele é... — Gathercole parou e sorriu. — Estranhamente, não o considereei quando falei do egoísmo das pessoas em Lillieoak. Acho que, à sua maneira silenciosa, Hatton gosta mais de Lady Playford que qualquer dos dois filhos dela.

— Isso é louvável, mas estou na esperança de encontrar pelo menos uma pessoa que se interesse principalmente por resolver o brutal assassinato de Joseph Scotcher.

— Não tenho nenhum direito de lhe pedir isto, mas se puder evitar mencionar o... testemunho enganoso de Hatton seja para o inspetor Conreee ou para o sargento O'Dwyer, eu ficaria extremamente agradecido e sei que Lady Playford também.

Fiquei satisfeito por ele não ter me pedido para omitir isso de Poirot.

— E quanto ao seu sobretudo? — perguntei. — Quando estávamos todos reunidos para ver a horrível visão no salão, você usava um sobretudo.

— Sim, usava — concordou Gathercole.

— No entanto sustenta que não pôs o pé fora da casa?

Ele fez um ruído impaciente, quase inaudível, e começou a andar em círculo à minha volta.

— Você tem alguma ideia do quanto é frio junto à janela do quarto de Lady Playford?

Disse-lhe que nada sabia a esse respeito e acrescentei com ironia: — Ela não convida todos os seus hóspedes para se esconderem atrás das cortinas enquanto dorme.

— Sorte de quem não é convidado a fazê-lo — disse Gathercole de coração. — Preso num verdadeiro vórtice de ar frio, com as vidraças chocalhando nos seus ouvidos. Não pensei no inclemente tempo de outubro, mas Lady Playford o fez quando traçou seu plano. Ela declarou que eu poderia pegar uma pneumonia se não usasse meu sobretudo, por isso o vesti e fiquei grato por tê-lo feito.

— Entendo. E alguém surgiu à porta de Lady Playford enquanto você estava posicionado atrás da cortina?

Gathercole sorriu com tristeza.

— Suponho que deveria ter esperado que você me testasse. Afinal, cá estou eu, admitindo que lhe menti; por que deveria acreditar em mim agora? Sim, alguém apareceu à porta de Lady Playford: você.

— Então não entendo. Lá estava você, pronto para saltar e salvar Lady Playford. No entanto, quando ela abriu a porta, não fez nada. Como sabia que eu não estava prestes a lhe enfiar um espeto de carne no coração?

Gathercole desviou os olhos.

— Oh... agora compreendo! — falei. — Você sabia que não era *eu* que poderia matá-la. O que significa que ela esperava que determinada pessoa atentasse contra sua vida. E você sabe o nome dessa pessoa, não sabe?

O rosto de Gathercole assumira um ar soturno.

— Por favor, conte-me de uma vez — insisti.

— Deve falar com Lady Playford — disse ele. Repetiu a instrução várias vezes e não quis me contar mais nada.

## CAPÍTULO 23

*O inquérito O inquérito foi realizado no Tribunal de Justiça de Clonakilty, um dos edifícios menos atraentes que já vi. Ele cheirava a coisas sombrias que ficaram trancadas por tempo demais. As janelas eram estreitas, com água escorrendo pelas vidraças embaçadas. Permaneci do lado de fora pelo maior tempo possível, pensando sobre o contraste entre esse prédio e Lillieoak, onde me dispunha a residir temporariamente, embora um assassinato tivesse sido cometido ali. Apesar disso, eu não passaria nem uma noite nesse tribunal.*

Não havia cadeiras, apenas longos bancos de madeira que enchiam a grande sala. Harry e Dora Playford inseriram-se entre mim e Poirot ao entrarem às pressas. Em vez de recuar para me esperar, Poirot aproveitou a oportunidade para me deixar para trás. Fiquei aborrecido com isso até que atinei com seu plano. Ele avançava rapidamente na direção de Lady Playford e... meu Deus, estava afastando Randall Kimpton do caminho a cotoveladas para se colocar ao lado dela! Eu não estava acostumado a vê-lo se mover tão velozmente.

Sorri comigo mesmo, conhecendo muito bem sua intenção. Eu lhe transmitira tudo que Gathercole me contara, inclusive sua recomendação de que eu conversasse com Lady Playford se quisesse saber mais. Isso se provava impossível; ela fizera um excelente trabalho ao se esconder nos dias intervenientes. E agora cá estava ela entre nós — finalmente abordável. Perguntei-me quão completo poderia ser o interrogatório que Poirot conseguiria encaixar no tempo anterior ao início do inquérito.

Um homem que supus ser o magistrado, com uma cabeça pequena, cheia de calombos, que me fez pensar num amendoim, havia entrado um momento antes, com o inspetor Conree a seu lado. O sargento O'Dwyer entrou logo atrás, conversando com um homem com um cabelo ralo e ruivo

que parecia pousar no alto de sua cabeça em tênues lâminas horizontais, além de um lábio inferior que se enrolava para baixo quando numa posição de repouso, como se ele tivesse acabado de dizer “Veja esta úlcera que tenho na gengiva” e estivesse tentando mostrá-la.

Kimpton mal notou Poirot quando ele se introduziu furtivamente ao lado de Lady Playford. O automóvel trazendo Claudia chegara momentos antes, e ele estava olhando sobre seu ombro com o braço estendido.

— Cá está você, caríssima — disse ele, e ela correu para o noivo como se tivessem passado semanas separados, em vez de trinta minutos.

Garanti para mim mesmo um lugar no banco atrás de Poirot, na esperança de ser capaz de ouvir a conversa, se ele tentasse entabulá-la.

Ele não perdeu tempo.

— Lady Playford...

— Lady Playford, Lady Playford! Isso é interminável! Poderia *por favor* me chamar de Athie?

— É claro, Madame. Por gentileza, aceite minhas desculpas.

— O que queria dizer?

— É verdade o que eu soube sobre o sr. Gathercole, na noite do assassinato de Joseph?

— O que você soube, e por quem?

— Pelo próprio sr. Gathercole, embora não tenha ouvido suas palavras. Ah, digamos que elas passaram por aí antes de chegar a mim.

— Você quis dizer “deram voltas”. Essa é a expressão errada, de qualquer maneira. Você poderia falar “chegaram a mim por um caminho tortuoso”; só usaria “dar voltas” se quisesse sugerir que a comunicação foi ineficiente. Tal como esta conversa. O que é que você gostaria de saber?

— O sr. Gathercole afirma ter passado a maior parte da noite do assassinato de Joseph Scotcher escondido atrás das cortinas de seu quarto para o caso de alguém irromper e atentar contra a sua vida. Entre o momento em que deixou a sala de jantar com Orville Rolfé e aquele em que Sophie Bourlet começou a gritar no térreo, é lá que ele insiste que estava: escondido atrás de uma cortina. Ele também diz que a senhora pediu a Hatton, o mordomo, para mentir e dizer que viu o sr. Gathercole chegando do jardim.

— Sim. Isso é tudo verdade. Não culpe o pobre Hatton, ele é leal até demais. Eu quis proteger Michael, que não fez nada de errado. Sabia que ele tinha um álibi e decidi que não faria mal se não fosse precisamente o mesmo álibi dado à polícia. A única coisa que importa, na verdade, é que todos sabemos que ele não poderia ter matado Joseph. — Lady Playford sorriu, mas sem entusiasmo. Havia nela um ar de cansaço, como se estivesse incomodada por ter de explicar.

Poirot se calara. Imaginei que ele desaprovava, como eu também, a avaliação pouco escrupulosa que ela fazia da questão. Podia ser uma romancista famosa e imaginativa, pensei com meus botões, mas deixava de compreender que seu testemunho era desprovido de valor agora que admitira a facilidade com que se dispunha a mentir. A fama devia lhe ter subido à cabeça, concluí; estava acostumada demais a ser o único árbitro do que todo mundo na história dizia, fazia e pensava.

— Então suspeitava que, em consequência de seu anúncio durante o jantar, seria assassinada? — perguntou-lhe Poirot.

— Oh, não! — Ela deu uma risadinha, como se a ideia fosse absurda.

— Então não compreendo. O sr. Gathercole disse...

— Oh, pare. Pare! — Lady Playford rejeitou as palavras de Poirot com um aceno. — Em vez de me crivar de perguntas intermináveis, permita que eu lhe conte da maneira apropriada. Tomarei o cuidado de incluir todos os detalhes relevantes e serei gentil o bastante, além disso, para arranjá-los na ordem correta.

Na frente da sala, o homem como lábio inferior enrolado e cabelo ruivo estava puxando uma cadeira no lugar em que o magistrado deveria se sentar. Eu estava enganado, portanto: ele devia ser o magistrado, e o outro homem, com a cabeça parecida com um amendoim, era alguma outra pessoa. Quem? E por que chegara com Conree e O'Dwyer? Ele não era o médico da polícia — que, eu notava agora, não estava ali. Eu o vira de relance quando ele saía de Lillieoak. Era um sujeito desarrumado, com coisas que lhe caíam dos bolsos e da surrada maleta de couro marrom que carregava.

Com exceção de Brigid Marsh e Hatton, todas as pessoas de Lillieoak estavam ali. Poirot e Athie Playford estavam sentados em frente a mim, como

disse, e todos os outros atrás: Claudia Playford e Randall Kimpton sentavam-se lado a lado, com Phyllis Chivers do outro lado de Claudia e Sophie Bourlet junto a Kimpton. Harry e Dora sentavam-se juntos no último banco, e... Isso era estranho. Por que Gathercole e Rolfe não estavam sentados juntos? Teriam trocado palavras hostis?

Depois me dei conta: eles *estavam* sentados juntos — pelo menos tão juntos quanto podiam, dada a circunferência de Rolfe. De onde eu me sentava, contudo, parecia que tinham feito questão de se posicionar de modo a haver uma considerável distância entre eles.

— Então está certo — disse Athie Playford a Poirot. — Vou lhe contar, mas provavelmente seremos interrompidos. Sim, pedi a Michael que me fizesse o considerável favor de se esconder atrás de minha cortina durante a noite inteira. Pedi-lhe para se abster de uma noite de sono, e ele teve a bondade de concordar sem hesitação em ser meu protetor. Eu pensava haver uma remota possibilidade de alguém entrar em pânico e tentar me matar enquanto eu dormia. Posso ser velha, mas ainda não estou disposta a morrer, mesmo que apenas porque tenho uma ideia das mais deliciosas para meu próximo fardo. Será que devo lhe contar? Ainda não elaborei todos os detalhes, mas tem a ver com um disfarce.

— Madame...

— Deve ser aquele que encobre o rosto. Um véu, penso. De qualquer maneira, alguém suspeita que sob esse disfarce se esconde a sra. Fulana de Tal, e nós o vemos suspeitando disso, e também vemos outros fazendo grandes esforços...

— Madame, tenho certeza de que essa história é fascinante, mas estou mais interessado na outra — disse Poirot. — Temeu que esse atentado contra a sua vida viesse de uma pessoa específica?

— Sim. Eu tinha um nome definido em mente. Não é óbvio para um grande detetive quem seria? Faça um esforço, Poirot! Gostaria de uma pista? Embora eu esteja certa de que ambas me detestam neste momento, nem Claudia nem Dora me fariam mal, e quanto a Harry e Randall... bem, basta olhar para Harry, não é? E Randall gosta demais de ser do contra.

— Que quer dizer? — perguntou Poirot.

— Oh... — Lady Playford suspirou. — É muitíssimo cansativo. Ele extrai um prazer infinito de dizer, fazer e importar-se com coisas absolutamente ridículas. Não pode ter escapado à sua atenção. Ele ataca a psicologia porque sabe que você deposita grande confiança nela. Sua peça de Shakespeare favorita é *Rei João*; ele abandonou uma carreira bem-sucedida porque não podia suportar a proximidade dos que acreditavam que *Rei Lear* era uma obra-prima maior, o que evidentemente é! De maneira inquestionável!

— Acredita que o dr. Kimpton pensa isso também e apenas finge discordar?

— Não. É por isso que é irritante. Ele é diferente, de um modo exasperante, das outras pessoas. *Deveria* ficar furioso comigo por causa do testamento, ainda que apenas em nome de Claudia... e por isso, é claro, não ficou! É rico, mas seria igualmente feliz se fosse pobre. No entanto, certa vez quando recebeu um cartão de Natal, um muito banal, sem nenhuma mensagem importante ou interessante, e não conseguiu ler a assinatura nele, e não conseguiu imaginar quem poderia tê-lo enviado nem descobrir isso a partir do carimbo postal... Bem, ele ficou num verdadeiro *tormento*. De fato preocupado ao extremo, e isso não é nenhum exagero. Percorreu a circunferência de *todo* o seu círculo social e profissional até descobrir o responsável.

— Depois ficou satisfeito?

— Oh, sim. Mas veja, uma pessoa normal teria alçado uma sobrancelha diante da assinatura indecifrável e dito “Suponho que nunca saberei”, então deixado as coisas por isso mesmo.

— Lembra-se de quem enviou esse cartão de Natal ao sr. Kimpton? — perguntou Poirot.

Lady Playford deixou escapar uma risada.

— Oh, você é maravilhoso, Poirot. Sempre o detetive! Sim, na verdade eu me lembro disso com muita clareza, porque não tive vergonha de roubar o nome do pobre sujeito e botá-lo no fardo do momento. Jowsey, Trevor Jowsey. Era um ex-professor de Randall; não da escola, um sujeito que lhe lecionou medicina. Eu o reinventei como David Jowsey, condutor de trem de carga.

Na frente da sala, o magistrado limpou a garganta e deu batidinhas na pilha de papéis diante de si. O inquérito começaria a qualquer momento.

Lady Playford inclinou-se, chegando perto do ouvido de Poirot, e sussurrou alto: — Deixe-me lhe contar rapidamente o resto de minha ideia; você a apreciará mais que ninguém. Os vilões suspeitam que essa pessoa disfarçada é a sra. Fulana de Tal. Shrimp e seus amigos a ajudam a ocultar sua identidade, e insistem que ela é uma mulher diferente. De fato, a mulher disfarçada *não* é a sra. Fulana de Tal, que está em segurança em outro lugar. E Shrimp está dizendo a verdade, embora sua *intenção* seja enganar. Não é esplêndido? Podemos insistir que a verdade é verdadeira, entende, de uma maneira que a faz parecer uma mentira.

— Vejo que, como conspiradora, a senhora é incomparável — disse-lhe Poirot. — Diga-me: por que poderia um assassino, numa história, fazer questão de que sua vítima pretendida tenha um caixão aberto em seu funeral, em vez de um caixão fechado?

— Isso parece um argumento dos mais intrigantes — respondeu ela com entusiasmo. — Meu primeiro pensamento é que isso deve ter algo a ver com o rosto. Mas *nunca* devemos parar no primeiro pensamento. Em vez disso, devemos nos perguntar: o que tornaria isso tão mais *interessante*?

Será que isso significava, pensei, que era improvável que Lady Playford fosse a mulher que Orville Rolfe ouviu discutindo com um homem no dia do assassinato? Ela soava inocente, como se nunca tivesse dedicado absolutamente nenhum pensamento à questão dos caixões, jamais lhe tendo ocorrido se deviam ser abertos ou fechados.

— Contra quem pediu ao sr. Gathercole que a protegesse, Lady Playford? — Nessa altura, a voz de Poirot soava um tanto cortante.

— Ora, de Joseph, é claro — disse ela.

— Joseph Scotcher?

— Sim. Eu acabara de lhe dizer que ele herdaria uma imensa fortuna se eu viesse a morrer.

— Mas...

— A maioria das pessoas não deixaria tudo para um homem que imaginava ser capaz de assassiná-la... é isto que está pensando?



Poirot admitiu que era.

— Tem toda razão. — Lady Playford parecia satisfeita consigo mesma.

— Estou pensando outras coisas também. Tais como: por que um moribundo desejaria matá-la? Pelo dinheiro? Isso não me convence, não quando ele o teria somente por um tempo tão breve e quando estaria doente demais para fazer um bom uso dele. Suponho que todas as necessidades do sr. Scotcher em relação à sua doença estavam atendidas, não?

— Oh, sim. Assegurei que Joseph tivesse o melhor de todas as coisas. Nenhuma despesa foi poupada.

— Então que outra razão ele teria para matá-la? Para poder se casar logo com Sophie Bourlet e, depois de sua morte, deixá-la como uma viúva rica?

— Estou certa de que você vai se divertir muito tentando descobrir — foi a resposta de Lady Playford.

— A senhora é uma contadora de histórias talentosa. Não lhe pareceria divertido me contar?

— Há coisas sobre as quais só me disponho a falar depois do inquérito, quando deixarmos este tribunal.

Eu podia imaginar muito bem a frustração de Poirot; eu mesmo a sentia. Nem ele nem eu tínhamos autoridade para obrigar alguém que não desejava falar conosco a fazê-lo. Conree detinha todo o poder, e não havia meio de saber se ele estava fazendo qualquer das perguntas certas. Pelo que eu tinha visto de sua conduta, temia que não estivesse.

Poirot não se dava por vencido tão facilmente.

— Diga-me uma coisinha — falou. — Por que não trancou a porta do seu quarto se temia uma abordagem assassina do sr. Scotcher? Ela tem uma fechadura. Eu verifiquei.

— Depois do inquérito terei muito prazer em lhe contar.

— É notável!

— O que é notável? — perguntou Lady Playford.

— Randall Kimpton disse exatamente a mesma coisa, e também Michael Gathercole. Todos prometem falar depois do inquérito. Por que não antes?

— Essa é realmente uma pergunta muito tola, Poirot. Se eu estivesse disposta a respondê-la... Ah! Parece que vamos enfim começar.

Ela estava certa. O homem do lábio enrolado apresentou-se como o magistrado, Thaddeus Coyle, e os procedimentos tiveram início.

Ouvimos atentos enquanto os fatos que somente alguns de nós conhecíamos eram revelados a todos. O homem com cabeça de amendoim vinha a ser o chefe do médico da polícia e seu representante. O desarrumado dr. Clouder havia perdido as chaves de seu automóvel, fomos informados, e por isso não pôde comparecer.

Scotcher morrera de envenenamento por estricnina, e o médico especialista da *garda* era da opinião de que o veneno tinha sido ingerido entre as cinco da tarde e as 19h30, dependendo da quantidade. Estimava-se que a morte ocorrera entre as nove e as 21h30. As evidências sugeriam que Scotcher fora deslocado para o salão *post mortem*, onde sua cabeça havia sido quase inteiramente destruída por um porrete que pertencera à família Playford, no qual seu sangue e fragmentos de cérebro e ossos tinham sido encontrados.

O magistrado ouviu o relato de Sophie Bourlet de que testemunhara Claudia Playford infligir dano à cabeça de Scotcher, depois do que o inspetor Conree foi chamado para apresentar as impressões digitais colhidas. O porrete, disse ele, com o queixo apenas ligeiramente levantado do peito, estava coberto de impressões digitais, algumas das quais pertenciam a Claudia Playford. No entanto, impressões digitais de Athelinda Playford, Frederick Hatton, Phyllis Chivers, Randall Kimpton e Harry Playford também estavam presentes. Isso podia ser facilmente explicado: o porrete era um ornamento da casa facilmente acessível, e muitos o haviam tocado numa ou noutra ocasião.

Dos frascos no quarto de Scotcher, somente um estava completamente vazio, e fora nesse — o único que era azul — que haviam encontrado traços de estricnina, bem como de um remédio herbáceo inofensivo, ao passo que os outros frascos continham uma variedade de tônicos herbáceos, mas nenhum veneno.

Fiquei surpreso ao saber dos tônicos. Teria esperado que os frascos no quarto de um moribundo contivessem várias beberagens químicas, mas talvez

Scotcher estivesse doente demais para que remédios convencionais lhe fossem benéficos.

Sophie Bourlet testemunhou que o frasco azul estava mais para cheio do que para vazio quando dera uma porção de seu conteúdo para Joseph. Perguntada pelo magistrado quando fora isso, respondeu: — Foi no mesmo dia em que ele morreu. Dei-lhe duas colheradas exatamente às cinco horas. Sempre o faço.

Isso também me intrigou. Acreditar na eficácia de coisas como tônicos herbáceos era uma coisa, mas por que cargas d'água importaria a hora do dia em que uma pessoa toma raiz de lavanda, tintura de eucalipto ou algo do gênero?

Devo provavelmente, nesse ponto, ter tido uma premonição. Poirot me confessou mais tarde que tivera — ainda, é claro, que Randall Kimpton fosse dizer que sua palavra apenas não era prova de nada.

O magistrado decidiu que a causa da morte de Joseph Scotcher fora assassinato por pessoa ou pessoas desconhecidas. Em seguida, em vez de encerrar o inquérito, ele se levantou e limpou a garganta.

— Há mais uma coisa que devo dizer, e isso fará parte do registro oficial dos procedimentos de hoje. Tendo me informado muito meticulosamente com relação à investigação em curso do inspetor Conree sobre a morte do sr. Scotcher, estou ciente de que um dos aspectos mais, se me permitem usar a palavra, misteriosos deste caso é a questão de por que haveria alguém de se dar ao trabalho de extinguir a vida de um homem a quem restava tão pouco tempo. Adicionalmente, considere, e o inspetor Conree também considerou, que um possível motivo para assassinato foi o novo testamento feito por Lady Playford, que nomeou o falecido, sr. Scotcher, como único beneficiário. Portanto, outro enigma era este: por que mudar o próprio testamento em benefício de um homem que deverá morrer logo? À luz destas perguntas ainda sem resposta, e após longa e cuidadosa consideração, decidi ser meu dever tornar público um aspecto deste lamentável caso que, segundo tanto o inspetor Conree quanto eu acreditamos, poderia vir a se provar significativo. Ele nada tem a ver com a causa física da morte do sr. Scotcher, mas poderia ainda assim ser relevante. Como não se trata, estritamente falando, de uma

questão médica, mas do que a meu ver deveria ser chamado um assunto *humano*, tomei a decisão de lhes falar eu mesmo sobre ele, em lugar de deixar que fosse apresentado junto ao relatório do médico da polícia.

— Gostaria que ele tivesse dito apenas isso — sibilou Lady Playford com impaciência.

Perguntei-me se ela sabia o que estava por vir. Minha impressão era que sim. Senti uma desconfortável sensação de formigamento em toda a pele.

— Joseph Scotcher — disse o magistrado — *não estava morrendo*.

— O quê? Não estava morrendo? O que quer dizer com “não estava morrendo”? — Foi Dora, nem é preciso dizer, que protestou primeiro. — Certamente o senhor não quer dizer que *nunca* esteve morrendo, não é? Ele está morto, não está? Depois que engoliu o veneno ele devia estar morrendo. Então o que quer dizer exatamente?

— Meu Deus, vamos ficar aqui até o Natal — murmurou Randall Kimpton.

— Silêncio, por favor! — O magistrado parecia mais espantado que zangado. Talvez Randall Kimpton fosse a primeira pessoa a jamais fazer uma piada durante uma de suas investigações. — Estou presidindo estes procedimentos, e ninguém fala sem minha permissão. Permitam-me ser claro: até ingerir estricnina, Joseph Scotcher não estava morrendo. Ele não sofria da doença de Bright, que afeta os rins, nem de qualquer outra coisa.

— Isso não é verdade! — exclamou Sophie Bourlet. — O médico estaria aqui para dizer isso ele mesmo se fosse verdade!

O sr. Amendoim levantou-se e declarou: — Lamento dizer que é isso é verdadeiro. Li o relatório da autópsia do dr. Clouder e conversei longamente com ele. Os rins do sr. Scotcher eram tão roliços, rosados e saudáveis quanto dois rins jamais poderiam ser.

— Foi por isso que eu disse que não era uma questão médica — explicou o magistrado. — Uma doença fatal que está *presente* é uma coisa. Por outro lado, a ausência da doença de Bright em uma pessoa que contou a todos que morreria em breve dessa mesma doença, bem... Eu qualificaria isso de uma questão de interesse psicológico.

Virei-me para examinar a sala a tempo de ver Randall Kimpton sorrir com desdém de mais uma menção à psicologia. Seus olhos encontraram os meus e ele sorriu de uma maneira que qualquer um teria considerado excessiva; parecia quase extasiado. O sinal era claro: ele queria que eu soubesse que já sabia, mas havia tanta necessidade de parecer tão alegre e satisfeito consigo mesmo por isso? Claro que ele tivera maior probabilidade de atinar com a verdade do que eu; conhecia Scotcher havia anos, sem dúvida, e eu só estivera com ele por um dia.

Ele não era o único que já sabia, ao que parecia. Claudia tinha essa mesma expressão, um misto de triunfo e alívio: “Então, agora a verdade foi revelada”, ela parecia dizer. “Eu sempre soube.”

Michael Gathercole parecia mais culpado que triunfante. Lançou-me um olhar contrito. “Eu também sabia”, era a mensagem. “Perdão por não ter dito nada sobre isso.”

Sophie Bourlet mantinha-se perfeitamente imóvel. Lágrimas silenciosas lhe escorriam pelo rosto. Phyllis, Dora, Harry e Orville Rolfé cacarejavam entre si como frangos alvoroçados: — Como o...? Mas quê...! Por que cargas d’água...? Mas que diabo...? — Nenhum deles suspeitara nem sequer por um momento que Scotcher não estivesse morrendo.

Fiquei sentado, abismado, enquanto as palavras do magistrado ecoavam em minha cabeça: *Joseph Scotcher não estava morrendo. Ele não sofria da doença de Bright, que afeta os rins, nem de qualquer outra coisa.*

Poirot, em frente a mim, sacudia a cabeça e murmurava consigo mesmo. Lady Playford virou-se para me inspecionar como eu inspecionara os outros. Ela também já sabia.

— As pessoas são maquininhas estranhas, Edward — sussurrou ela para mim. — Consideravelmente mais estranhas que qualquer outra coisa no mundo.

## **PARTE TRÊS**

## CAPÍTULO 24

*Sophie faz outra acusação Após o inquérito, Poirot e eu viajamos com Sophie Bourlet, o inspetor Conree e o sargento O'Dwyer para a delegacia da guarda de Ballygurteen. Conree nos revelara esse plano com sua costumeira falta de graça quando deixávamos o tribunal em Clonakilty. Ele tinha deixado claro, ademais, que desta vez se encarregaria de todas as perguntas e nós estávamos proibidos de falar.*

Não falar era a atitude que todos preferiram, ao que pareceu. Nos degraus do tribunal, ninguém tinha dito uma palavra nem sequer trocado olhares com os outros. Eu mesmo não disse nada, embora meus pensamentos fossem mais ruidosos que nunca.

*Os rins de Joseph Scotcher estavam saudáveis antes que ele fosse assassinado. Rosados e perfeitos. Nenhum sinal de doença de Bright nem de qualquer enfermidade física que o pudesse matar. No entanto, Scotcher me foi apresentado como um homem que se defrontaria com a morte no futuro próximo. Ele próprio falou de seu iminente falecimento...*

Como podia ser? Por que razão possível um homem saudável fingiria estar morrendo? Havia alguém enganado Scotcher deliberadamente: um médico irresponsável ou mal-intencionado? O nome de Randall Kimpton ocorreu-me de repente. Ele é médico, e eu podia imaginá-lo sendo tanto irresponsável como mal-intencionado. Mas não, ele não podia ser o médico de Scotcher. Kimpton morava em Oxford e Scotcher, em Clonakilty.

No entanto havia algo de perturbador ali. Senti como se estivesse contornando a questão, mas sem conseguir realmente avistá-la.

*Scotcher dissera a todos que estava prestes a morrer de uma doença. E depois tinha morrido... de envenenamento por estricnina. Em seguida sua cabeça foi despedaçada para indicar uma terceira causa de morte.*

De quantas maneiras Joseph Scotcher precisou morrer de modo a agradar... quem? Gostei muito dessa questão, e decidi que seria útil formulá-la das mais variadas maneiras, embora eu não soubesse que maneiras eram

essas. A presença de Conree, O'Dwyer e Sophie Bourlet era sem dúvida irritante. Tudo que eu queria era conversar a sós com Poirot. Teria dado um de meus próprios rins cor-de-rosa para saber quais eram seus pensamentos.

Na delegacia da *garda* em Ballygurteen, Conree nos conduziu para uma sala no fim de um corredor comprido e estreito que me fez pensar numa sala de aula assim que entrei nela. Havia cadeiras e um quadro na parede; só faltavam as carteiras. No assento de uma cadeira, via-se um vaso de vidro empoeirado com uns caules de flor mortos dentro havia muito, estreitamente amarrados por uma fita verde-clara. Não havia água no vaso e não havia flores na ponta das hastes. Danos provocados por água haviam manchado um canto do teto de marrom.

— Bem? — Conree disparou para Sophie Bourlet. — O que você tem a dizer a seu favor? Você era a enfermeira dele, devia saber que não havia nada de errado com ele.

— Esse dr. Clouder é um homem cruel — disse Sophie amargamente. — É um infame mentiroso. Se eu acreditasse nele, poderia imaginar uma vida longa e feliz casada com Joseph se ele não tivesse sido assassinado. Que bem me faria pensar isso?

Sob seu bigode, os lábios de Poirot se moviam, embora nenhum som emergisse. Ele não demoraria a intervir, imaginei; não conseguiria se conter.

— O dr. Clouder não contou nenhuma mentira — disse Conree. — É você, srta. Bourlet, a mentirosa.

— Monsieur Poirot, sr. Catchpool, digam-lhe! Joseph estava morrendo de doença de Bright. Quase não havia mais vida em seus rins. Eles deviam estar marrons e murchos. É impossível que estivessem rosados!

— Viu esses rins marrons e murchos com seus próprios olhos? — perguntou Conree.

— Sabe que não. Como os poderia ter visto? Eu não estava presente à autópsia.

— Então não tem nenhum direito de acusar o médico que a realizou de estar mentindo.

— Tenho todo direito! Joseph estava morrendo. Bastava olhar para ele! Você mesmo viu esses dois rins rosados, saudáveis? Não, não viu.



— Acontece que vi — disse Conree. — Clouder chamou-me imediatamente. Postei-me a seu lado e ele os apontou para mim.

Sophie abriu a boca, depois fechou-a sem falar.

— Seu futuro marido era um abominável mentiroso, srta. Bourlet, e você é outra.

— Não sou uma mentirosa, inspetor — disse a enfermeira. — Nem sou desalmada, como você. Por favor, continue dizendo o que pensa sem nenhuma consideração por meus sentimentos. Não pode haver melhor demonstração da diferença entre seu caráter e o meu.

— Foi enfermeira de Scotcher por quanto tempo? — perguntou-lhe Conree.

— Dois anos.

— E durante todo esse tempo ele estava morrendo?

— Não. A princípio havia essa possibilidade, mas... tínhamos esperança e rezávamos. Depois, há pouco mais de um ano... — Sophie cobriu a boca com a mão.

— Pouco mais de um ano? Diga-me, já leu sobre a doença de Bright?

— Sim. Cada palavra que pude encontrar, para ajudar melhor Joseph.

— Deixou escapar a parte sobre o tempo que ela leva para matar, depois que se torna terminal? A pessoa teria sorte se durasse dois meses! — Conree virou-se para mim e Poirot. — Cavalheiros, li as recomendações que a srta. Bourlet ofereceu a Lady Playford quando procurou emprego. Não hesito em lhes dizer que elas pareceram um pouco exemplares demais. Suspeito que foram falsificadas.

— Você é ridículo — disse-lhe Sophie. — Isso é calúnia.

Conree imitou a forma de revólver com o indicador e o polegar.

— Sei agora que eu estava errado a esse respeito — disse ele. — Enviei um de meus homens de Dublin para falar em pessoa com aqueles que a recomendaram para o emprego. Foi assim que fiquei sabendo que é uma ótima enfermeira, entre as melhores que a profissão tem para oferecer.

— E é assim que me recompensa, sugerindo...

— Feche a boca! — berrou Conree.

O'Dwyer murmurou alguma coisa inaudível. Tive a impressão de que terminou com a palavra "gaveta".

— Tem alguma coisa a dizer? — perguntou-lhe o inspetor.

— Oh, não, de maneira alguma. Foi só que me ocorreu... Mas não é importante.

— Desembuche — latiu Conree.

Com uma expressão que só pode ser descrita como de terror no rosto, O'Dwyer disse: — Quando eu era menino, meu irmão e eu costumávamos brigar feito gato e rato. Mamãe nos via trocar chutes e socos e não dizia uma palavra, mas, se um de nós alguma vez mandava o outro fechar a boca... Bem, ela fazia uma cara zangada! Não havia nenhuma diferença na sua cabeça entre "feche a boca" e as mais imundas obscenidades. Senhor, eu juro, isto não tem nada a ver com...

— Continue — ordenou Conree.

— Bem, não queríamos que nossas bocas fossem lavadas com sabão, mas mesmo assim queríamos nos mandar um ao outro fechar a boca como sempre, por isso encontramos um meio de contornar a proibição. Dizíamos: "Feche a gaveta." Se a mamãe nos ouvia, fingíamos estar falando só sobre uma gaveta que um de nós deixara aberta. Mas nós dois sabíamos o que realmente queríamos dizer. Foram as suas palavras que me fizeram pensar nisso, senhor.

Soltei o fôlego que estava prendendo havia vários segundos.

Conree comportou-se em todos os aspectos como se O'Dwyer não tivesse falado. Disse a Sophie: — Você empurrava Scotcher de um lado para outro numa cadeira de rodas, sabendo que ele podia andar tão bem quanto qualquer um. Dava-lhe remédios que na verdade não eram remédios coisa nenhuma...

— Eu não sabia disso! Os frascos eram rotulados pelo médico de Joseph em Oxford.

— Oxford? — indagou Conree, como se ela tivesse falado do planeta Marte.

— Era lá que Joseph morava antes de vir para Lillieoak — explicou Sophie.

— E por que ele não encontrou um médico para si em Clonakilty depois que se instalou aqui?

— Ele gostava muito de seu médico de Oxford, que conhecia bem.

— Como se chamava o sujeito? — perguntou Conree.

— Eu... eu não sei — respondeu Sophie. — Joseph não gostava de falar sobre ele.

— Claro que não! Com que frequência ele viajava a Oxford para consultar esse sujeito?

— Uma ou duas vezes por ano.

— Você ia com ele?

— Não, ele preferia fazer a viagem sozinho.

— Naturalmente... Porque era um canalha, um mentiroso consumado. — Conree levantou o queixo de modo a poder abaixá-lo de repente para maior impacto, depois o bateu no peito. — Um moribundo que precisa que uma enfermeira o empurre de um cômodo de uma casa para outro, mas corre sozinho para Oxford sem nenhum problema para consultar um médico que não existe! O mesmo médico envia frascos de bobagens herbáceas rotulados como se fossem remédios. *Você ainda nega que sabia da verdade o tempo todo?*

Sophie olhou-o nos olhos.

— Eu sabia, e sei, a verdade. Joseph estava morrendo de doença de Bright. Ele não teria mentido para mim.

— Teria mentido e mentiu — atestou Conree. — Disso não há dúvida. E, ao mentir para mim, você está ajudando o assassino dele a escapar da justiça.

— Pelo contrário. — Sophie se levantou. — Eu lhe disse que vi Claudia Playford golpear a cabeça de Joseph com aquele porrete até que não sobrou nada além de sangue e lascas de osso. Eu lhes disse imediatamente quem era a assassina, no entanto vocês não a prenderam. E se perguntam por que não acredito no seu médico? Em sua corretíssima investigação? Quase tenho pena de você.

Sophie andou lentamente em direção ao inspetor Conree.

— Se estiver interessado em pegar o assassino de Joseph, dará ouvidos a mim quando digo isto pela última vez, e depois nada mais tenho a ver com você. Ouvi Joseph falar com Claudia Playford, quando ele teria supostamente morrido uma hora antes, envenenado com estricnina. Ele não tinha morrido! Estava vivo! Implorou a Claudia que não o matasse quando ela parou com o porrete levantado sobre sua cabeça. Não nego que poderia ter estricnina em seu sistema, mas o relatório do dr. Clouder que foi lido no inquérito *não pode verdadeiro*. Por que você confia num homem que não é capaz de abotoar a própria camisa corretamente? Cujos cordões dos sapatos estão desamarrados, cujos pertences lhe caem dos bolsos quando ele anda?

Conree virou-se para O'Dwyer.

— Leve essa mentirosa embora — mandou.

## CAPÍTULO 25

*Shrimp Seddon e a filha ciumenta A viagem de automóvel de volta para Lillieoak não foi agradável. Sentei-me ao lado de Poirot e em frente a Sophie Bourlet. Começara a chover e o céu estava cor de ardósia. A escuridão baixava. Não presto atenção às noites em Londres. Há sempre uma sensação de que o próximo dia está se preparando para começar, e com certa impaciência. Minha impressão sobre Clonakilty era que o contrário parecia verdadeiro: podemos estar em pleno dia e ainda assim temos a suspeita de que a noite iminente está pronta para se precipitar e nos cobrir na hora certa.*

Poirot estava irrequieto ao meu lado, continuamente ajustando suas roupas e seu bigode. Cada vez que o automóvel passava por um buraco na estrada, ele se mexia para devolver à posição correta cabelos que não haviam sido deslocados. Por fim, disse: — Mademoiselle, posso lhe fazer uma pergunta?

Sophie levou alguns segundos para se libertar do casulo de silêncio em que se envolvera.

— O que é, Monsieur Poirot?

— Não quero aumentar sua infelicidade, mas há algo que gostaria de saber. Como você descreveria sua relação com Mademoiselle Claudia?

— Ela se deteriorou depois que a acusei de assassinato.

— E antes disso, você gostava dela? Ela gostava de você?

— Você deveria ter feito segunda pergunta primeiro. Não tive oportunidade de decidir como me sentia em relação a ela antes que se tornasse óbvio que ela me abominava de todos os ângulos. Depois disso foi difícil para mim vê-la com bons olhos e tratá-la amavelmente.

— Você fala como se tivesse tentado.

— Tentei. Claudia tem algumas qualidades admiráveis. E era desconfortável viver numa casa com alguém que me detestava. Sempre

acreditei que o melhor remédio, quando uma pessoa não gosta de nós, é ser incansavelmente amistosa e mostrar generosidade de espírito em relação a ela. Funciona quase todas as vezes.

— Mas não com Claudia?

— Não mesmo. Ela estava decidida a me desprezar por princípio.

— Que princípio? — perguntou Poirot.

— Lady Playford me aprovava, e logo se afeiçãoou a mim. Ambas amávamos Joseph e conversávamos muito sobre como cuidar melhor dele. Isso fortaleceu o vínculo entre nós.

— E Claudia tinha ciúme?

— Creio que me via como a boa filha para Lady Playford que ela nunca tinha sido.

— Claudia gostava de Scotcher? — perguntei.

— Gostava de tê-lo por perto, certamente — disse Sophie. — Ele e Randall Kimpton, que ela adora, eram as duas únicas pessoas por quem ela jamais mostrou algum interesse.

— Por que pensa que Mademoiselle Claudia matou o sr. Scotcher se gostava de tê-lo por perto, como você diz? — perguntou Poirot.

Sophie fechou os olhos, apertando-os.

— Tenho feito a mim mesma essa pergunta... Oh, você não imagina quantas vezes! Não posso conceber por que ela fez isso. Parece não haver nenhuma razão, afora talvez alguma coisa relacionada a essa tal de Iris que ela mencionou. Já descobriu alguma coisa sobre ela? Quem é e o que era de Joseph? Ele nunca me falou sobre ela.

— Acha que o pedido de casamento que o sr. Scotcher lhe fez poderia ter alguma coisa a ver com isso? — perguntou Poirot. — Mais uma vez me pergunto sobre ciúme. É uma emoção bastante perigosa.

— Não. Claudia não estava nem remotamente interessada em Joseph do ponto de vista romântico. Randall Kimpton é seu sol, lua e estrelas. Nenhum outro homem exerce qualquer atração sobre ela. — Sophie mordeu o lábio, depois disse: — Vai parecer que estou me contradizendo, mas... não penso que era de mim que ela tinha ciúme. Creio que ela fez o diabo para se

convencer que era de mim, mas suspeito que sentia ciúme de uma rival muito mais poderosa do que eu jamais poderia ser.

— Quem? — Poirot e eu perguntamos em uníssono.

— Shrimp Seddon. A heroína detetive de Lady Playford. Suspeito que, quando criança, Claudia ficava magoada ao ver a mãe se importar tanto com Shrimp e passar tanto tempo com ela. Basta ouvir a maneira como Lady Playford fala sobre seus escritos para saber que eles a empolgam mais que qualquer outra coisa. E como Shrimp é esperta o bastante para ser ficcional, estando, portanto, fora do alcance da capacidade de punir de Claudia, um substituto era necessário, alguém sobre quem toda a dor do abandono infantil pudesse ser descarregada. Acho que eu enchi as medidas muito bem.

— Mademoiselle, gostaria de lhe fazer mais uma pergunta — disse Poirot. — Poderia por favor repassar mais uma vez para mim sua descoberta do corpo de Joseph Scotcher, o que viu quando voltou para a casa aquela noite?

— Já lhe contei tudo — disse Sophie.

— Por favor.

— Entrei. Ouvi vozes exaltadas, um homem e uma mulher. Dirigi-me para o salão, de onde elas pareciam vir. Vi Claudia e Joseph. Ele estava de joelhos, suplicando por sua vida.

Esse era o mesmo Joseph Scotcher que havia morrido pelo menos uma hora antes de envenenamento por estricnina, lembrei a mim mesmo.

— E Claudia disse todas aquelas coisas sobre Iris: “Ela devia ter feito isso, mas não fez, e você a matou”, ou algo parecido. Em seguida comecei a gritar, e Claudia soltou o porrete e correu pela porta que dá para a biblioteca. Por que devo repetir tudo isso de novo? É horrível.

Não pude deixar de me sentir orgulhoso quando Poirot formulou para Sophie uma questão que ouvira primeiro de mim.

— Claudia Playford foi vista no patamar do andar superior com Randall Kimpton, Mademoiselle, quando todos estavam descendo a escada em resposta a seus gritos. Só vejo uma maneira pela qual poderia ter chegado lá, e seria subindo a escada muito rapidamente após atacar o sr. Scotcher, antes que qualquer pessoa abrisse sua porta. Teria você, por acaso, ouvido os passos

de Claudia correndo escada acima? Penso que a teria ouvido no vestíbulo quando ela emergiu da biblioteca. Aquele piso é ladrilhado, sem nenhum carpete. Você poderia, talvez, ter se perguntado se ela planejava fugir, essa assassina do homem que você amava. Isso poderia tê-la deixado mais atenta a seus movimentos.

Os olhos de Sophie voaram para lá e para cá enquanto ela tentava pensar.

— Não — respondeu por fim. — Não ouvi nada. Como você diz, Claudia deve ter corrido para o andar superior, mas... não a ouvi. Só ouvi meus próprios gritos.



## CAPÍTULO 26

*A definição de conhecimento de Kimpton Assim que paramos em frente a Lillieoak, Sophie Bourlet arremessou-se fora do veículo como se Poirot e eu tivéssemos conspirado para prendê-la ali dentro contra a sua vontade, e correu para a casa.*

— Tudo está alterado, Catchpool — disse Poirot com um profundo suspiro quando ele e eu saímos para o ar frio.

— Realmente. Dois rins rosados e saudáveis, dos quais não há como escapar.

— Por falar em escapar... O que quer que o inspetor Conree possa dizer, agora que deixamos o inquérito para trás, devo lhe pedir para permanecer em Lillieoak até que eu tenha solucionado este caso. Ter você ao meu lado ajuda o fluxo de meus pensamentos. Caso seja útil que eu fale com a Scotland Yard em seu favor...

— Não há necessidade. Sim, ficarei. — Não lhe contei que telefonara para o meu chefe naquela manhã, antes do inquérito, e que a mera menção do nome “Hercule Poirot” havia sido suficiente para alcançar o resultado desejado. Eu não tinha intenção de ir a lugar algum com o assassinato de Joseph Scotcher por resolver.

— Eu o resolverei, Catchpool! Não tenha dúvida disso.

— Não tenho. — Eu tinha extrema fé nele, tão grande quanto era pequena minha confiança em Conree, e tão grande quanto a que meu amigo belga tinha em si mesmo.

Ele suspirou.

— Este caso é cheio de contradições aparentes. Scotcher estava morrendo de doença de Bright, mas depois não! Ele não estava morrendo; estava saudável. Scotcher foi morto a porretadas, mas não! Foi envenenado. Há duas coisas sobre o sr. Joseph Scotcher que a princípio acreditamos serem verdadeiras. *Eh bien*, ambas se revelaram falsas.

Eu não sabia que iria dizer isto até que as palavras saíram de minha boca:  
— Iris Gillow: e se ela for a chave para tudo isso?

— O que sabe sobre ela? — perguntou Poirot.

— Só que Randall Kimpton precisa nos dizer quem é ela, porque me parece que deve ser uma parte vital dessa história.

— Na verdade, não. — A voz veio de trás de nós quando paramos diante da porta da frente de Lillieoak.

Virei-me. Era Kimpton, vindo em direção a nós com as mãos nos bolsos de um longo sobretudo cinza.

— Não nego que Iris seja importante, mas não é *relevante*. Há uma diferença. Vamos entrar? Eu disse que lhes contaria após o inquérito, e bastante tempo já foi desperdiçado.

Não havia nenhuma luz dentro da casa; era como se tivéssemos entrado na boca de uma caverna.

— “Cá estou a caminhar na face escura da noite, no intuito de te encontrar” — disse Kimpton num tom de exasperação. — Exceto que ainda não é noite e seria bom poder ver para onde estamos indo.

Depois que estávamos na biblioteca, com as luzes acesas, Poirot disse: — Dr. Kimpton, você sabia, não é?

— Sabia o quê?

— Que o sr. Scotcher não estava morrendo no momento em que foi assassinado. Que ele não tinha a doença de Bright nem qualquer outra.

— Bem... Isso depende da sua definição de conhecimento.

Esperamos que dissesse mais. Ele, por sua vez, pareceu estar à espera de que falássemos, exibindo seu usual sorriso encantador. Após alguns segundos, ajustou-o num cenho franzido.

— Forte suspeita não é conhecimento, como qualquer detetive lhes dirá — disse ele. — Vejo que estão desinteressados por esta linha de investigação, por isso a abandonarei. Sim, no sentido em que falam, eu sabia. Não acreditei por um só momento que Scotcher estava morrendo ou que havia alguma coisa errada com seus rins. Nunca acreditei nisso.

— Por que não me disse isso imediatamente, Monsieur?

— Quer dizer imediatamente depois que Scotcher foi assassinado ou imediatamente após sua chegada a Lillieoak?

— O primeiro — disse Poirot.

— Conservação de energia.

— Poderia explicar o que quer dizer com isso?

— Não quis ter uma discussão nem perder meu tempo tentando convencê-lo — disse Kimpton. — Por que teria acreditado em mim se eu tivesse lhe contado que Scotcher, tanto como você ou eu, não estava morrendo de uma doença fatal? A maioria das pessoas não estimula todos os seus conhecidos a acreditar que elas estão prestes a se encontrar com o Criador quando não estão. Eu sabia que, se lhe contasse, você iria pedir confirmação a Athie, ou a Sophie, ou a ambas, e eu sabia o que ambas diriam: que o mentiroso era *eu*. Você teria dito: “Ora vamos, dr. Kimpton, você deixou sua imaginação correr solta. Não seja cruel. Ninguém faria semelhante coisa” ou palavras com o mesmo sentido. Permita-me dizer-lhe, Poirot: alguém *sempre* faz semelhante coisa, por mais absurda e implausível que pareça. Seja como for, felizmente não precisamos ter essa discussão porque agora a verdade foi revelada. Por fim.

— E quanto a Mademoiselle Claudia? Ela acreditava na doença de Scotcher?

— Claudia? — Kimpton riu. — Nem um pouco. Tampouco Athie, ou Sophie, ou Hatton, ou qualquer pessoa com um átimo de bom senso.

— Sophie Bourlet me assegura que Scotcher estava morrendo — disse-lhe Poirot. — Ela acusa o médico da polícia de mentir sobre o estado de seus rins. Que diz disso, sr. Kimpton?

— Bobagem. Como médico, posso lhe dizer que nenhum enfermeiro... e Sophie, eu creio, é uma excelente enfermeira... poderia ter passado tanto tempo quanto ela passou cuidando de todas as necessidades de Scotcher e não atinar com a verdade da questão. Você mesmo não é um homem de ciência ou um médico, Poirot, sei bem disso, portanto, deixe-me explicar: Scotcher falava muito sobre sua morte iminente e era magro. Em todos os demais aspectos, ele e os moribundos tinham pouco em comum. Nunca estava fraco demais ou sentindo dores demais para ser espirituoso, atencioso e

encantador. Pergunte a qualquer médico ou enfermeiro sobre seus pacientes que estão à beira da morte e descobrirá que lisonjear seus interlocutores geralmente não está entre suas prioridades. No entanto para Scotcher estava, sempre.

Kimpton afastou uma cadeira de uma mesa redonda muito polida e sentou-se.

— Sophie Bourlet não é nenhuma tola — disse ele. — É uma mulher astuta e perceptiva. Sabia que Scotcher era uma fraude, mas isso não a impedia de amá-lo. Agora ela está mentindo para proteger a reputação dele.

— E quanto ao visconde Playford e sua esposa? — perguntou Poirot.

— Harry e Dora? Oh, eles devem ter acreditado em Scotcher, perfeitamente. Tenho certeza de que aquela idiota da Phyllis acreditava nele também.

— Não entendo — disse Poirot. — Se Lady Playford sabia que o sr. Scotcher a estava enganando de maneira tão desavergonhada, por que não pôs fim a seu emprego em Lillieoak?

— Ahá! Essa é uma excelente pergunta. Deve fazê-la a Athie. Eu teria interesse em ouvir sua resposta.

— Nunca lhe perguntou isso? Claudia, a própria filha de Lady Playford, não perguntou?

— Não. Nenhum de nós se referiu a isso.

— Por que não?

— Tínhamos razões diferentes. Vou lhe dizer a minha em primeiro lugar. Considerei o assunto com cuidado e concluí que Athie era em tudo e por tudo tão inteligente quanto eu. Ela também passava grande parte de cada dia na companhia de Scotcher. Tinha, portanto, a capacidade e a oportunidade para desconfiar dele; mais ainda, eu estava certo de que o fazia. Então! Qual seria o sentido de lhe dizer que eu compartilhava sua desconfiança? Ela tinha decidido evidentemente não levar isso em conta ao conservar Scotcher no cargo e falar conosco sobre a doença dele como se ela fosse real, o que, a meu ver, significava que ela também era uma mentirosa.

“Depois ela levou isso mais longe: contratou Sophie para cuidar de maneira abrangente das inexistentes necessidades de inválido de Scotcher.

Agora ela era uma sócia igualitária no edifício de mentiras de Scotcher! Oh, não, eu não estava disposto a lançar nenhum desafio, não sem certo conhecimento. Athie teria defendido Scotcher a todo custo e se colocado contra mim. Isso teria perturbado Claudia de uma maneira terrível. Ela gosta de criticar a mãe com ferocidade, e não se dá conta do quanto permanece sob a influência dela. Não acredito que jamais se casaria com um homem que sua mãe desaprovasse seriamente.”

— E qual era a razão de Mademoiselle Claudia para deixar de falar com Lady Playford sobre as mentiras de Scotcher?

— Diversão. — Kimpton abriu um sorriso. — Trata-se sempre de diversão para Claudia. Ela adora duas coisas: drama e poder. Nesse aspecto, é uma réplica exata de Athie. Soltava apenas as pistas suficientes para deixar Athie saber que ela sabia...

— Ahá! — exclamou Poirot, triunfante. — Então Claudia sabia, mas você só desconfiava?

Kimpton suspirou, enfiado.

— Estou decepcionado com você, Poirot. Como poderia Claudia ter *sabido* mais do que eu? Ela tinha suas suspeitas, contudo, e tirou o máximo proveito delas. Imagine se Claudia tivesse encarado Scotcher na mesa do desjejum um dia e dito “Sua doença é uma grandíssima mentira, meu caro!” diante de Athie e de todos. Que teria acontecido? Scotcher e seus colaboradores na trapaça o teriam negado, e Claudia e eu teríamos insistido que não acreditávamos neles, e as coisas teriam ficado por isso mesmo. Não haveria nenhuma maneira de decidir a questão, mais nenhum suspense impregnando todas as conversas em Lillieoak, mais nenhum mistério para animar nossas vidas monótonas. Acima de tudo, não teria havido mais espaço para Claudia perambular ameaçadoramente por aí como se a qualquer momento pudesse revelar o segredo e provocar a mais tremenda cena. Minha impressão era a de que Athie temia que a filha pudesse fazer isso um dia, o que conferia a Claudia certo poder. A minha caríssima *adora* poder. Estão entendendo alguma coisa, Poirot? Catchpool? Suponho que nossos modos de ser lhes pareçam muito estranhos.

— Não mais estranhos que os modos de ser de quaisquer outras pessoas — comentou Poirot.

— Oh, eu não diria isso — observou Kimpton. Alguma coisa em seu tom transmitia um sentido de advertência. — Digam-me: alguma vez conheceram um homem que  *fingia estar para morrer a qualquer dia quando na verdade estava perfeitamente saudável?*

— Esse fingimento preciso? Não, nunca.

— Aí está.

— Embora eu tenha encontrado um criminoso vários anos atrás, um homem que desejava muito evitar jogar xadrez...

— A propósito, quem quer que tenha assassinado Scotcher... — disse Kimpton, interrompendo as reminiscências de Poirot. — Essa pessoa não é a  *razão* por que ele morreu. Ele morreu porque, sem nenhuma necessidade, convidou a morte para sua vida. Nunca estive mais convencido de uma coisa. A Morte não o localizara nem saíra a seu encontro; ela o estava evitando, por enquanto. Mas então ele acenou com a isca em frente ao nariz da Morte, com todas as suas mentiras, e ela lhe retribuiu arrebatando-lhe a vida. Isso é o que penso.

— Não soa muito científico — observou Poirot.

— Admito: não soa — concordou Kimpton. — Deve restar ainda um pouco do estudioso de Shakespeare em mim. E, como se não bastasse, há também Iris. Ela é a  *razão* por que nenhuma opinião que eu ofereça sobre Scotcher poderia jamais ser objetiva.

— Iris Gillow? — perguntou Poirot.

— Sim. — Kimpton levantou-se e foi até a janela novamente. — Embora seu nome fosse Iris Morphet quando a conheci. Devo lhes falar sobre ela?

## CAPÍTULO 27

### *A história das Iris*

— Conheci Iris Morphet quando estudava em Oxford. Foi também onde, e quando, conheci Joseph Scotcher. Não posso resistir a acrescentar, embora isto seja completamente irrelevante, que os conheci exatamente no mesmo dia, embora eles só tenham vindo a se conhecer mais tarde.

Será que eu gostaria que nunca tivessem se conhecido? Esta é uma questão complicada! Como podemos escolher entre o presente e o que foi outrora um futuro possível? De fato muito difícil.

Na faculdade, Scotcher e eu tínhamos quartos adjacentes. Conhecemo-nos um dia após sair de nossas portinhas ao mesmo tempo, como o homem e a mulher de um daqueles antigos chalés-barômetros alemães! Logo ficamos amigos. Scotcher me lisonjeava da maneira mais determinada, e eu acreditava em tudo sem questionar, criatura egoísta e corrompida que era naquela época. Sentia que me tornar amigo dele era o mínimo que podia fazer. Sob o risco de soar satisfeito comigo mesmo... bem, era claro para mim que ele desejava ser tudo que eu era: rico, bonito, confiante.

Vocês acham Joseph bonito, suponho? Atraente talvez — no geral de aparência delicada demais para um homem. E vocês o julgam confiante, suponho? Bem, naquela época, não era. Tímido como um camundongo! Ouçam com atenção o que lhes digo. Com o tempo, percebi que muitas de suas palavras eram de fato minhas. Certa vez o ouvi contando para um amigo mútuo algo divertido que lhe ocorrera em Sevenoaks, em Kent; ocorre que era um incidente que acontecera comigo, não com ele. Eu lhe contara sobre o episódio e ele, não sabendo que eu podia ouvi-lo, narrou-o como se fosse sua própria experiência.

Logo comecei a me perguntar se alguma coisa que ouvia dele era verdade. Fora realmente a sua avó que uma vez deixara uma rede de cabelo cair numa tigela de pudim de arroz, ou fora a de algum outro sujeito? Fora a casa de infância de Scotcher que inundara, o que destruiu todas as suas posses valiosas, ou a de um carregador de trem que uma vez lhe transportara a mala? Teria de fato havido alguma inundação? Quem poderia saber?

O quê? Não, nunca o contestei. Oh, não sei. Sentia pena dele, suponho. Esperava que em geral dissesse a verdade. Que talvez tivesse se deixado levar pela empolgação apenas naquela ocasião, disse a mim mesmo, porque minha travessura em Sevenoaks tinha sido mesmo uma tremenda baderna!

Depois havia a bajulação. Escrevi alguma coisa para meu instrutor que deixou Scotcher *extasiado*. Ele pediu minha permissão para mandar fazer cópias, à sua própria custa, para poder compartilhá-las com a mãe e o irmão, que iriam ambos amá-la, disseme. Eu mesmo achei o tal escrito bastante desajeitado e pouco inspirado, mas algumas semanas depois Scotcher me disse que seu irmão o declarara simplesmente a melhor prosa que já lera, e que argumentos convincentes, e que brilho intelectual...

Cavalheiros, por favor, lembrem-se deste irmão de Scotcher, porque voltarei a mencioná-lo no devido tempo. Seu nome é Blake. Scotcher e ele cresceram em Malmesbury, e Scotcher era o mais velho dos dois — e esta é a soma total do que aprendi sobre meu novo melhor amigo em Oxford, que era notavelmente relutante em falar sobre si mesmo ou sua família. Eu tinha a impressão de que eles tinham poucos recursos e que Scotcher sentia-se um tanto envergonhado deles. Mas, passados tantos anos, não consigo me lembrar se ele me disse alguma coisa desse tipo. Minha imaginação pode ter preenchido as lacunas.

Foi cerca de dois meses depois que nos conhecemos que Scotcher levantou pela primeira vez o assunto de sua saúde. Ele voltava de uma ida ao médico, ou do que me disse ter sido uma ida ao médico, e anunciou que tinha más notícias: havia algo errado com seus rins — tão errado que podia matá-lo. Bem, como era de esperar, senti ainda mais pena dele! Quem não sentiria? Lá estava eu, saindo com a encantadora Iris Morphet...

Era sobre ela que eu deveria estar lhes falando, não é? Não sobre Scotcher. O problema é que as histórias românticas das outras pessoas são tão entediantes, e o homem que eu era então não era o homem que sou hoje. Além disso, estou ansioso para chegar à parte empolgante da história. Devo, no entanto, assentar os fundamentos.

Eu estava apaixonado por Iris e ela por mim — isto é tudo que precisa ser dito sobre aquilo! Ela não era uma beldade como Claudia, e tampouco



tinha a sedutora presença de espírito de Claudia, que acho tão irresistível, ou sua língua afiada. Minha caríssima é uma moça petulante, não é? Eu adoro uma moça petulante! Iris era mais do tipo boa menina, suponho, e infalivelmente amável. Tinha grandes lábios vermelhos que não precisavam de batom, pele impecável como uma estátua de mármore e flamejantes cabelos ruivos. Havia algo de confortador nela. Era calma e serena, mas apaixonada também: como se tivesse reivindicado e domado o fogo. Parecia, para o jovem Randall Kimpton, ser a própria essência da feminilidade. Mais uma vez, muito diferente de Claudia.

Estou convencido de que Claudia está meramente disfarçada como uma bela moça e é na verdade um cruel imperador romano, fixado em vingança. Ela nunca é mais feliz do que quando decide que o mundo lhe fez uma grave injustiça — o que ocorre todos os dias, tão indefectível quanto o nascer do sol. Iris era diferente: grata por um sorriso ou por uma palavra agradável, raramente zangada ou mal-humorada.

Você poderia considerar estranho que eu tenha me sentido atraído por duas mulheres tão diferentes. Discordo. Opostos se atraem, como todos sabem — mas há também algo satisfatório em encontrar a versão feminina de nós mesmos. Claudia é, muito simplesmente, uma versão de mim que desejo profanar de todas as maneiras agradáveis usuais. Na realidade, o que poderia ser melhor?

Estão chocados, cavalheiros? Peço desculpas. É só que tenho grande entusiasmo pela verdade. Se é verdade, então devemos ser capazes de nos mostrar e dizê-la. Não dou a mínima pela virtude — aliás, quem pode dizer o que ela é? —, mas, sem a verdade, estamos todos condenados a viver nossos dias nas trevas. E toda esta conversa de verdade me traz de volta a Scotcher.

As notícias que ele trazia de suas consultas médicas ficavam progressivamente piores. Muitas pessoas em Oxford sabiam sobre sua doença renal nessa altura, mas eu estava mais próximo dele que qualquer pessoa naqueles dias, e ninguém o monitorava tão de perto quanto eu. O quê? Oh, sim, ele estivera com Iris nessa altura, muitas vezes. E faço uma injustiça a ela ao dizer que *eu* estava mais próximo de Scotcher que qualquer outra pessoa. Ela estava sempre se preocupando com ele — nosso pobre amigo enfermo

—, sempre indo buscar coisas para ele e infligindo-lhe conselhos sensatos: ele devia ser estoico e otimista, mas ao mesmo tempo prático; devia tratar de se divertir e gozar a vida, mas não se divertir *demais*... Era isso sem parar *ad nauseam*. A coisa chegou a tal ponto que eu ficava enjoado de ouvir sobre os malditos rins de Scotcher.

Sendo um sujeito observador, não pude deixar de perceber que ter os rins mais desgraçados desta bela ilha — *daquela* bela ilha, eu deveria dizer, pois estou falando da Inglaterra — nunca impedia Scotcher de fazer qualquer das coisas que ele mais queria. Ao passo que o impedia regularmente de empreender as tarefas mais entediadas da vida. Não os aborrecerei com os detalhes. Basta dizer que me tornei desconfiado. Compartilhei minhas suspeitas com vários amigos e uma autoridade da universidade, e logo me dei conta de que a maioria das pessoas preferia não tomar conhecimento de uma verdade inconveniente — e, além disso, o que podia eu provar? Scotcher a essa altura parecia estar lisonjeando todas as pessoas que conhecia, quando antes só se dava ao trabalho de me lisonjear, e ninguém queria pensar mal dele. Pensar mal — oh, que ironia! A maioria das pessoas não queria considerar que ele poderia estar perfeitamente bem e ser completamente insincero. Preferiam ficar com seu Joseph Scotcher doente e santo.

Não falei uma palavra sobre nada disso para Iris, o que foi tolice minha, mas ela estava sempre me dizendo que eu deveria ser mais suave, mais bondoso, mais parecido com ela.

Um dia segui Scotcher, sem seu conhecimento, ao que ele me dissera ser uma consulta a seu médico. Como não foi de surpreender, ele não chegou nem perto de uma clínica ou hospital. Encontrou com a mulher do professor de... bem, não direi de que faculdade se tratava, porque não tenho nenhum desejo de causar problema para a dama em questão. O que interessa é que, enquanto deveria estar consultando um especialista em rins — um homem —, Scotcher estava passeando pelo jardim botânico trocando confidências com a mulher de outro homem.

Ingenuamente, supus que, se ele estava ocupado com ela, não estaria também ocupado com Iris, mas estava errado. Eu ainda não pedira Iris em casamento. Como um completo idiota, levei tempo demais para fazer isso,

esperando alguma espécie de sinal de que ela era a garota certa para mim. Imagine meu choque quando um dia ela anunciou que Joseph Scotcher lhe pedira a mão e ela a concedera! Scotcher precisava dela tão mais que eu, explicou-me em lágrimas. Eu era forte, ao passo que ele era fraco.

Vocês vão me perguntar se lhe falei sobre minhas suspeitas. Não o fiz. Não o fizera antes, e anunciá-las agora, de repente, teria feito todo mundo questionar meus motivos e minha honra. Iris teria pensado que eu estava disposto a dizer qualquer coisa para desacreditar Scotcher. Eu não queria me rebaixar e, como já disse, não tinha certeza. E se eu estivesse enganado? Teria parecido um grande imbecil! Certamente ninguém diria uma mentira de tamanha gravidade, continuei tentando me persuadir.

Para ser franco, fiquei tão irritado com Iris que achei a ideia de vê-la casada com um completo trapaceiro bastante divertida. Ela e Scotcher se mereciam, pensei.

Scotcher se pôs nas minhas mãos. A única coisa que eu tinha de fazer era pedir, disse, e ele explicaria a Iris que não podia casar com ela afinal de contas, embora ambos estivessem desesperadamente apaixonados. Ah! Forcei-o a provar que dizia a verdade! “Gostaria muito que você terminasse seu noivado e me devolvesse a minha garota”, disse-lhe. Vocês deviam ter visto a expressão no seu rosto. Começou a balbuciar. Assegurou-me que, depois que eu refletisse sobre isso, compreenderia que jamais poderia ser verdadeiramente feliz com uma mulher que me traíra — e com meu maior amigo, ainda por cima.

Ele estava certo. Disse-lhe que devia se sentir livre em relação a Iris, e ela em relação a ele. Quanto a mim, não queria ter nada a ver com eles dois e tratei de garantir isso. Consegui o que queria. Consegui evitar ambos dali em diante, com exceção de alguns relances casuais na cidade.

Alguns meses mais tarde, recebi uma carta de Iris. Não estava mais noiva de Scotcher, escreveu, embora evidentemente não fosse se permitir esperar que eu pudesse perdoá-la e aceitá-la de volta. Não me dei ao trabalho de responder. Perguntei-me se passara a desconfiar dele como eu. Sua carta fazia uma referência oblíqua à confiança... Oh, não consigo me lembrar dos

detalhes. Rasguei aquela coisa infernal em muitos pedaços e joguei-a no fogo.

Pouco depois da carta de Iris, chegou outra: essa era do irmão mais moço de Scotcher, Blake, solicitando um encontro comigo. Como eu poderia resistir? Com certeza o próprio irmão do homem saberia se ele estava de fato doente, pensei.

Blake Scotcher sugeriu que nos encontrássemos na Taverna Turf. Objetei à sua escolha — lugar pavoroso! — e propus em vez disso a Cafeteria Queen's Lane. Ele concordou e uma data foi marcada.

Não sei ao certo como lhes contar o que aconteceu em seguida. É importante, não é, a *maneira* como contamos uma história. Às vezes temos de fazer uma escolha casual e torcer pelo melhor.

Bem, quando cheguei para nosso encontro, ele já estava lá. Meu primeiro pensamento foi: “Forte semelhança, embora este seja mais moreno e tenha um sotaque mais grosseiro. Não há dúvida de que ele e Scotcher vêm da mesma cepa, mas por que diabos o homem não aparar a barba?” Ela era enorme, ruiva no meio com bordas cinzentas. Parecia o tipo de coisa que se espera ver num pirata!

Logo me esqueci de seu rosto excessivamente peludo quando Blake me contou que seu irmão Joseph estava morrendo, e que o que ele mais queria no mundo era o meu perdão. Não devia ter permitido que sua amizade com Iris se desenvolvesse como o fizera, sabendo que ela era minha, ou quase minha.

Perguntei se o problema eram seus rins. O irmão me disse que sim. Perguntei quanto tempo restava a Scotcher e a resposta foi: “Meses. Um ano no máximo.”

Posso dizer com sinceridade que, pela primeira e última vez em minha vida, não soube o que fazer. Eu estivera errado com relação a Scotcher, compreendi — gravemente errado; devia ter estado. Lealdade filial era uma coisa, mas com certeza nenhum homem honrado concordaria em dizer a um estranho que seu irmão estava morrendo se isso não fosse verdade.

Mas espere (discuti comigo mesmo) — essa era uma débil alegação, se eu jamais já ouvira alguma. Se um irmão Scotcher podia ser um patife sem-

vergonha, por que outro não podia ser farinha do mesmo saco? Logo vi que minha teoria não se sustentava.

Enquanto eu ponderava tudo isto, Blake Scotcher começou a falar mais depressa. Isso é estranho, pensei com meus botões.

Estou tentando contar a história exatamente como ela me aconteceu, mas é muito difícil. Mesmo assim, devo tentar.

Era como se alguma coisa tivesse deixado Irmão Blake nervoso de repente, mas o que poderia ter sido? Seria o fato de que eu parecia estar pensando de maneira um pouco longa e intensa demais? Teria ele vindo ao meu encontro supondo que eu correria com ele para a cabeceira de Scotcher, gritando “Tudo está perdoado”, e eu não estava dando nenhum sinal disso?

“Se você não admite a ideia de fazer uma visita a Joseph, consideraria a de lhe escrever uma carta?”, perguntou Irmão Blake, que parecia estar mais apressado a cada palavra que falava. “Hesito em pedir, mas significaria tanto para ele. Mesmo que não se sinta capaz de dizer que o perdoa — poderia simplesmente lhe desejar uma passagem pacífica deste mundo para o próximo. Apenas caso se sinta confortável fazendo isso, é claro. Aqui, tome meu cartão. Pode mandar sua carta para mim e providenciarei para que Joseph a receba.”

E com isso aquele Irmão Scotcher se foi — *se tivesse estado lá em algum momento, para começar*. O que evidentemente não aconteceu!

Não olhem assim para mim, cavalheiros. Se eu lhes tivesse contado cedo demais, teria solapado o impacto dramático da história. Queria que vocês experimentassem o incidente como eu o fiz. Imaginem *meu* choque quando Irmão Blake entregou-me seu cartão e sua manga subiu um pouco pelo seu braço para revelar um punho e um antebraço que eram de uma cor muito diferente da de suas mãos, pescoço e rosto. A barba, a pele morena e a voz grosseira eram um disfarce razoável, mas quando me demorei à mesa e rememorei tudo que havia acontecido, *fiquei absolutamente convencido de que o homem que acabara de sair da Cafeteria Queen’s Lane não era Blake Scotcher, mas seu inescrupuloso irmão mais velho* — Falso Blake, como pensei nele desde então, com grande afeição.

Os olhos, a constituição óssea, a forma do pescoço... Oh, sim, era Scotcher sem dúvida! *Joseph* Scotcher. Eu teria suspeitado disso muito mais cedo não fosse o fato de que só um em dez mil homens cogitaria de se passar pelo próprio irmão para conferir credibilidade à história inventada de seu próprio falecimento iminente.

Soube alguns meses mais tarde que Iris casara com um sujeito chamado Gillow, Percival Gillow — um tipo insalubre segundo tudo que se dizia, um bêbado violento, nunca muito distante da miséria. Sem dúvida Gillow encontrara um meio de conquistar a simpatia de Iris, como Scotcher o fizera.

Iris voltou a escrever depois de seu casamento, perguntando se podíamos nos encontrar. Ela tinha algo que precisava discutir comigo, disse. Mais uma vez, não respondi. Duas semanas depois da chegada de sua carta, soube da notícia da sua morte. Caíra sob as rodas de um trem em Londres. O marido estava com ela na cena do crime — ou do acidente, dependendo de seu ponto de vista. Correu um boato de que Gillow a empurrara, mas a polícia concluiu que ele não precisava responder a nenhuma acusação. O sr. Gillow é atualmente um interno no asilo para indigentes de Abington, perto de Oxford. Um lugar encantador, não tenho dúvida!

Bem, isso conclui minha triste história. Não lhes deve ter escapado que me destaco razoavelmente como a única pessoa na casa cujas possíveis razões para querer matar *Joseph* Scotcher poderiam ocasionar alguma espécie de edição especial.

Contudo, não matei o canalha. *Claudia* tampouco — o que significa que *Sophie Bourlet* mentiu. Em meu livro, isso faz dela a assassina! É muito estranho, porém: ela estava prestes a casar com Scotcher e se tornar, no devido tempo, uma mulher extremamente rica. Agora que ele está morto, tudo vai para *Harry* e *Claudia* de novo, e *Sophie* não receberá nada. No entanto, se ela é inocente, por que mentiu e acusou *Claudia*?

Muito estranho, é o que isso é.

## CAPÍTULO 28

*Uma possível prisão No dia seguinte, o inspetor Conree e o sargento O'Dwyer chegaram a Lillieoak um pouco antes das nove da manhã. Poirot e eu fomos chamados por Hatton — não para uma sala onde nós quatro poderíamos conversar, mas à porta da frente. Aparentemente, o inspetor Conree estava decidido a conduzir a conversa na soleira.*

— Estou aqui para informar a vocês dois, como cortesia, que farei em breve uma prisão pelo assassinato de Joseph Scotcher — disse ele.

Poirot retesou as costas e deu um passo à frente. Conree recuou, olhando para seu pé como se para verificar que a distância desejada entre ele mesmo e Poirot havia sido precisamente observada.

— Pensa, então, que Sophie Bourlet é culpada por esse crime? — perguntou Poirot.

— Sim — disse Conree. — Pensei desde o início.

— Inspetor, se eu puder fazer um pedido — disse Poirot. — Acredito firmemente que a enfermeira é inocente. Em breve espero ter certeza. Eu lhe rogo, portanto...

— Vai me pedir para não a prender — disse Conree.

— Sim... Pelo menos não ainda.

— Se tivesse me ouvido com paciência em vez de me interromper, saberia a esta altura que não estou aqui para prender a srta. Bourlet.

— Não está? — Poirot olhou para mim, compreensivelmente intrigado. — Disse que estava aqui para fazer uma prisão, inspetor. Supus...

— Sua suposição foi incorreta. Estou aqui para prender a srta. Claudia Playford.

— O quê? — falei. — Mas acabou de dizer que suspeita de Sophie Bourlet.

Conree fez um sinal de assentimento para O'Dwyer, que disse: — Não há nenhuma prova de que a srta. Bourlet tenha ferido Scotcher. No caso da srta. Claudia, temos a evidência de que precisamos para fazer uma prisão.

— Que evidência? — disparou Poirot. — Não há nenhuma evidência contra Claudia Playford!

Fiquei bem atrás dele, temendo que pudesse ter uma síncope, pronto para apará-lo se isso acontecesse.

— Há o testemunho de Sophie Bourlet, que diz ter visto Claudia Playford golpeando a cabeça do sr. Scotcher com o porrete, e ter ouvido o homem suplicar inutilmente por sua vida — disse O'Dwyer.

— *Nom d'un nom d'un nom!* — Poirot virou-se para Conree. — Inspetor, explique esse absurdo.

— Não sou obrigado a me explicar para você, sr. Poirot. Estou à frente desta investigação. Você é meramente um hóspede na casa onde o assassinato ocorreu. O mesmo se aplica a seu amigo Catchpool.

— Sophie pode ter testemunhado as porretadas, mas sabemos que isso não causou a morte — disse eu a O'Dwyer. — Scotcher morreu por envenenamento com estricnina pelo menos quarenta minutos antes. Assim, mesmo que Sophie Bourlet tenha visto Claudia Playford destroçar a cabeça dele...

— Inspetor, eu lhe imploro — disse Poirot. — Pense antes de agir. Por que cargas d'água você iria prender uma mulher que acredita ser inocente de assassinato com base num relato feito por outra que você suspeita ser a real assassina? Nunca alguma coisa me pareceu fazer menos sentido!

— Claudia Playford é filha de um visconde e irmã de um visconde — disse Conree.

— Sim, ela é. E, na primeira vez que você veio a Lillieoak, esse mesmo fato foi a razão que alegou para *não* prendê-la. Disse: “Não tenho nenhuma intenção de deter a filha do visconde Guy Playford simplesmente porque uma enfermeira sem qualquer distinção especial fez uma acusação absurda contra ela.” No entanto, agora está se propondo a fazer exatamente isso!

— A situação agora é diferente — disse Conree. — Se prendermos Claudia Playford, as coisas começarão a acontecer, e saberemos muito depressa quem estamos procurando. O'Dwyer concorda comigo que este é o procedimento correto.



— Sim — confirmou o sargento. — É assim que vejo as coisas: Sophie Bourlet pode sem dúvida ser uma mentirosa, e talvez uma assassina também, *mas ela diz ter visto a srta. Claudia atacando o sr. Scotcher com o porrete*. E ninguém mais se apresentou para dizer que viu qualquer outra pessoa que não Claudia levando a cabo o brutal ataque, não é? Portanto, se alguma pessoa foi vista fazendo isso, foi a srta. Claudia. Espero que esteja me acompanhando.

— Sargento, espero sinceramente não estar — disse Poirot. Ele se virou para mim com um olhar fatigado. Compreendi o que queria de mim: que eu assumisse o comando. Aquilo era algo de que eu podia tomar conta em seu nome. Nenhuma exibição de brilhantismo era necessária, somente a retransmissão do que já deveria estar logicamente evidente.

— Vocês estão à beira de cometer um grave erro — falei aos dois *gardai*. — Primeiro, supõem que a pessoa que atacou Scotcher com o porrete deve ter sido também seu envenenador, mas não há nenhuma razão para supor isso. Num caso tão peculiar quanto este, é impossível fazer semelhante inferência, não sem conhecer o motivo... ou ambos os motivos, aliás. Por que alguém quis ver Scotcher morto? E por que alguém, mais tarde, depois que ele estava morto, quis que parecesse que ele tinha sido morto de outra maneira: a porretadas, não por envenenamento? Poderíamos por certo estar falando sobre duas pessoas diferentes. Eu deveria dizer que provavelmente estamos! E quanto à sua ideia, O'Dwyer, sobre ninguém exceto Claudia Playford ter sido visto atacando Scotcher no salão com um porrete, bem, isso poderia servir à afirmação absolutamente contrária!

“Ouçam: ninguém mais foi acusado de dar porretadas em Scotcher nem supostamente testemunhou o ato. Isso significa que todas as outras pessoas poderiam ter feito isso. Nesse ínterim, Claudia Playford figura em uma história em que teria feito isso, mas sabemos que outras partes dessa história são inteiramente falsas. Scotcher não pode ter suplicado por sua vida; ele já estava morto. Se o relato de Sophie é verdadeiro, como diabos Claudia Playford chegou ao patamar em frente ao gabinete de Lady Playford sem ser vista correndo escada acima? Por que não havia nenhum vestígio de sangue no penhoar que Sophie afirma que Claudia usava ao atacar Scotcher?”

Fiz uma pausa para respirar, depois prossegui: — Claudia Playford, cavalheiros, é a única pessoa que figura numa história em que aparece atacando Scotcher com um porrete e *que sabemos estar cheia de mentiras*. Não podem mesmo ver que isso faz com que ela tenha uma probabilidade menor que a de qualquer outra pessoa de ser a assassina?

— Catchpool está certo, inspetor — declarou Poirot, solene. — Por favor, não faça essa prisão. Sei consideravelmente mais agora do que sabia antes do inquérito; as celulazinhas cinzentas de Poirot estão sempre ocupadas! Mas ainda não montei o quadro completo. Preciso fazer uma viagem à Inglaterra. Há pessoas com quem devo falar com urgência. E Catchpool também tem muitas perguntas prementes a fazer às pessoas de Lillieoak em minha ausência.

“Quando eu voltar a Clonakilty, se tiver tido sorte em minhas viagens, saberei tudo. Por favor, inspetor... Conceda-me alguns dias e não faça nenhuma prisão até a minha volta. Ação sem fundamentação adequada poderia ser catastrófica.”

— Inglaterra? — rosnou Conree. — De maneira alguma! Eu o proíbo!

Era a primeira vez que eu tomava conhecimento de uma viagem à Inglaterra também; pude apenas supor que Poirot tinha feito algum progresso em suas reflexões desde a véspera. Ah, sim — eu sentiria a sua falta em Lillieoak, mas, se ele tinha necessidade de ir, eu teria simplesmente de perseverar corajosamente sem ele por alguns dias.

Poirot abriu um sorriso bastante cáustico para Conree, à guisa de retaliação.

— Inspetor, por quanto tempo pretende manter essa... restrição em vigor? Certamente não suspeita de mim, Hercule Poirot, de assassinato! *Bien!* Desejo apenas ser útil nesta questão. Se me ordena não ir, não irei!

— Inspetor Conree, lamento ser obrigado a contradizer meu bom amigo — falei. — Se ele deseja ir à Inglaterra, deve ir. Poirot não é homem de correr para lá e para cá e se cansar desnecessariamente. Ele prefere resolver seu caso do momento, seja ele qual for, sentado numa poltrona confortável e dedicando-lhe meticulosa consideração. Eu lhe asseguro, ele não pensaria em fazer a viagem à Inglaterra se ela não fosse absolutamente necessária. Como

ele é polido demais para expor os fatos, permita-me fazê-lo: se o impedir de ir, ele será incapaz de obter informações vitais. O assassinato de Joseph Scotcher permanecerá sem solução e você retornará, decepcionado, para Dublin, onde sem dúvida enfrentará a decepção ainda maior de seus superiores. Pensa que eles verão seus esforços de maneira favorável quando ficarem sabendo que você recusou a ajuda de Hercule Poirot? Ou preferiria retornar triunfante a Dublin, capaz de dizer que empregou a ajuda do grande detetive belga, e que a fé que nele depositou foi inteiramente justificada?

Conree esmagou o queixo contra o colarinho da camisa.

— Muito bem — disse com severidade após um momento. — Pode ir, Poirot.

— *Merci*, inspetor. — Olhava afetuosamente para mim ao dizer isso.

Conree percebeu o olhar e disse: — Mas não venha chorando para mim quando fracassar e nós acabarmos prendendo Claudia por assassinato! As táticas que empregou hoje deveriam estar abaixo de você, Poirot. Eu o advirto: elas não funcionarão comigo novamente.

— A que táticas se refere? — perguntei com fria e deliberada formalidade. — Não usamos nada além de razão e sólido bom senso.

— É inútil discutir com ele, Catchpool — murmurou Poirot quando Conree e O'Dwyer subiam de novo no carro que os trouxera a Lillieoak. — Bom senso parece a mais desonesta das táticas para um homem que não tem reservas próprias para usar.

## CAPÍTULO 29

*O grubber* No fim da tarde seguinte, recebi um telefonema.

— Sou eu, Catchpool, seu amigo Hercule Poirot.

— Não há necessidade dessa introdução formal, Poirot. Reconheci sua voz de imediato. Além disso, um Hatton incomumente tagarela me disse que era você quando me chamou ao telefone. Como a Inglaterra o está tratando?

— Melhor agora que me mudei para um quarto mais adequado no hotel e tenho *un sirop* do meu lado. O primeiro quarto em que tentaram me colocar não era bem mobiliado. Em geral não me queixo de acomodação inconveniente...

— Claro que não. — Sorri para mim mesmo. — Não posso imaginá-lo fazendo semelhante coisa.

— Mas, tendo voltado hoje do *grubber*,\* foi importante que eu me instalasse confortavelmente. — O coloquialismo desgastado combinado com o impecável sotaque europeu de Poirot me fez rir. Ele soava como se estivesse experimentando-o para ver se um sujeito de seu tipo podia escapar impune dizendo-o mais regularmente.

— O *grubber*? Refere-se ao asilo para indigentes? Que asilo, e que diabos você foi fazer lá?

— Isso eu lhe contarei daqui a um momento. Antes gostaria de perguntar o que *voce* está fazendo, Catchpool. O que fez desde que deixei Lillieoak?

— Eu. Bem... Não muita coisa, de fato. Na verdade, tirei uma soneca maravilhosa esta tarde depois do almoço. Foi muito reparadora. Afora isso... tentei me manter arredio. Isto aqui não é muito alegre sem você para animar o lugar. Quando volta?

— Eu sabia! Pare imediatamente de se manter arredio! Faça o contrário. Encontre ocasiões para iniciar conversas com as pessoas, inclusive com os criados. Fale, ouça e preste atenção ao que lhe é dito, cada palavra. Quanto mais as pessoas falam, mais revelam. Você não pode desperdiçar a oportunidade, Catchpool. Quanto a mim, não desperdiço um momento. Tenho falado e escutado.

— No *grubber*, você quer dizer?

— Sim, o que fica em Abington, em Oxford. Ele é atualmente o lar de Percival Gillow, o viúvo de Iris Gillow. Tive uma conversa muito interessante com ele sobre a morte de sua esposa. Depois que encerrar aqui em Oxford, o que ainda não ocorreu, viajarei para Malmesbury.

— Malmesbury? Por que cargas d'água...?

— É o local onde nasceu Thomas Hobbes. Sabia disso, Catchpool? O autor do *Leviatã*.

Eu não sabia.

— E o que o *Leviatã* tem a ver com o assassinato de Joseph Scotcher? — perguntei.

— Absolutamente nada. Embora haja, o que é bem surpreendente, uma obra de literatura sobre a qual se poderia dizer o contrário. Oh, sim.

— Que diabo quer dizer, Poirot?

— Tudo a seu tempo, *mon ami*. Deixe-me primeiro lhe contar sobre o sr. Gillow.

Puxei uma cadeira para perto do telefone e sentei-me para ouvir a história.

Ficou claro que Percy Gillow havia achado a presença de um homem com a classe e a elegância de Poirot no asilo tão cômica quanto achei. Ele dera uma risadinha quando seu visitante de aspecto improvável fora levado para o quartinho estreito que ocupava, e dissera: — Não vejo muita gente do seu gênero aqui. Será que não se perdeu no caminho para o seu chá?

— Vim para falar com você, Monsieur. Espero que não se incomode.

— Não. Parece que você se incomoda, só isso. Estava olhando para as paredes, não é? Só precisam de pouquinho de tinta. Não há muito espaço aqui, mas é o bastante. A comida é melhor do que costumava ser. E eles nos levam ao cinema uma vez por semana; aposto que não sabia, sabia?

— Parece extremamente agradável. Senhor... Foi casado com uma moça chamada Iris Morphet?

— Fui sim. — Gillow souou agradavelmente surpreso ao ver que Poirot, ignorante dos passeios dos internos do asilo como era, revelava afinal de contas saber alguma coisa. — Casei com ela, sim, senhor. Eu era um cavalheiro naquela época, como você; não, não vai acreditar, mas é verdade.

Eu me adapto a qualquer lugar onde esteja. Esse é o segredo. É assim que se faz. Engraçado você perguntar por Iris. Ela morreu. Nunca quis casar comigo, para início de conversa.

— Por que diz que ela não queria casar com você?

— Ela amava outro homem: Randall Kimpton. Nunca esquecerei esse nome. Ela o perdeu, pois tinha ido embora com um sujeito imprestável que lhe contara uma história bonita, e depois não conseguiu reatar com o sujeito certo. Assim ela escolheu outro sujeito que não prestava: senhor Percival Gillow! — Ele abriu um amplo sorriso, revelando dentes quebrados e enegrecidos, e sacou do bolso uma caixinha de rapé com uma tampa ornada de pedras preciosas. As pontas de seus dedos eram da mesma cor do conteúdo da caixa.

— Conheço o dr. Kimpton — disse-lhe Poirot.

— Ele me mencionou, foi? E Iris? É por isso que está aqui?

— O dr. Kimpton disse que havia um rumor sobre a morte de Iris, de que ela não caiu na frente de um trem por acidente.

— Ele não era nenhum médico naquela época.

— Sobre a morte de Iris, sr. Gillow? — reforçou Poirot com paciência.

— Não foi nenhum acidente. Assassinato, isso sim. Foi isto que Kimpton lhe contou?

— Ele sugere que você poderia ter empurrado sua esposa na frente do trem.

— Não, não eu. — Percy Gillow não se ofendeu com a suspeita de que cometera um assassinato e continuou a encher o nariz de rapé. — Uma mulher vestida de homem, foi isso. Disfarçada! Eu disse isso pra eles, pra polícia, mas eles me deram uma olhada e decidiram não ouvir. Que poderia um sujeito como eu dizer pra eles que merecesse ser ouvido?

— Então você viu acontecer? Viu essa pessoa disfarçada empurrar sua esposa sobre os trilhos? — perguntou Poirot.

— Não, senhor. O que vi foi o seguinte: vi Iris cair; isso foi a primeira coisa. Bam! Nada que eu pudesse fazer! Pareceu dar um solavanco para a frente, sem nenhuma razão. O trem vinha em direção a ela, fazendo barulho. Ela foi esmagada. — Gillow sacudiu a cabeça e levantou sua caixa de rapé. —

Ela me deu isto. Não naquele dia, veja bem. Mas não posso olhar para esta caixinha sem pensar nela. Tinha um bom coração, a Iris. Bom cérebro também; não que o usasse muito, e nunca no que dizia respeito a homens. Sempre fui a mesma coisa com mulheres. Éramos muito parecidos, a Iris e eu. Mas ela nunca pôde ver que eu era a pessoa certa para ela, mesmo depois que casamos. Continuou querendo coisa melhor.

— Entendo. Então você a viu cair e depois...?

— Olhei para outro lado. Não queria ver o que estava diante de mim, por isso, dei meia-volta e lá estava ele; suponho que deveria dizer “ela”. Chapéu, terno. Barba: ruiva no meio, cinzenta nas bordas. Lembrou-me uma barba de pirata de um livro de história. Não era um mau disfarce, mas não me enganou.

— Uma barba de pirata. Isso é interessante — murmurou Poirot.

— Ela caiu — disse Gillow.

— O que caiu?

— A barba. Quando eu estava olhando, ela caiu inteira! Ora, eu mesmo nunca tive uma, mas sei que elas não caem simplesmente do seu queixo. Foi aí que tive certeza de que era uma mulher disfarçada, sabe. Ela a colou ao rosto, o que a meu ver é um claro sinal de culpa. Mas tente fazer a polícia prestar atenção no que diz quando você tomou cerveja demais, não tem uma profissão para apresentar e sua esposa acabar de ir parar debaixo das rodas de um trem!

Poirot assentiu com a cabeça, embora tivesse dificuldade de se imaginar num aperto do tipo.

## **Nota**

\* Assim eram chamados antigamente alguns asilos para indigentes, entre os quais o de Abington, no Berkshire. (N.T.)



## CAPÍTULO 30

*Mais que afetuoso Em Lillieoak, logo que me levantei, tendo em mente a instrução de Poirot de falar e ouvir o mais que pudesse, saí à procura de Lady Playford. Como vim a descobrir, ela também me procurava e afirmou ter obtido uma vitória quando nossos caminhos se cruzaram.*

— Edward! Finalmente o encontrei! Falou com Poirot pelo telefone ontem à noite? Suponho que ele não lhe disse quando poderíamos esperá-lo de volta em Lillieoak, não é? É engraçado, mal conheço o homem, mas ele parece ser uma dessas pessoas que muda um lugar para pior depois que o deixa, não acha?

Ela usava um longo quimono com um intrincado padrão em azul-claro, dourado e laranja. Era sem dúvida magnífico, mas me fez pensar unicamente em *O Mikado*. Claudia tinha comparado a trama da opereta de Gilbert e Sullivan com o esperado casamento de Sophie Bourlet com Joseph Scotcher — que, como se revelou, não teria precisado ser de curta duração porque Scotcher, afinal de contas, não estava morrendo, mas não podia mais acontecer pois ele morrera assassinado.

Eu disse a Lady Playford que estava à sua disposição e que Poirot retornaria assim que pudesse.

— É melhor que ele o faça, ou registrarei seu nome em meu caderninho preto. — Ela me tomou pelo braço e me conduziu através do vestíbulo. — Não é um caderno de verdade, está apenas em minha cabeça. É como chamo a minha lista daqueles que me prejudicaram e não devem ser perdoados. Oh, mantenho um registro meticuloso! Você faria bem se assegurasse que seu nome nunca acabará na lista, Edward.

— Farei disso o trabalho de minha vida.

Ela riu.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Para o salão.

Parei e desvencilhei meu braço do dela.

— O salão?

— Sim. Pensei em termos nossa conversa lá.

— Mas...

— É também o lugar onde o corpo de Joseph foi encontrado?

— Sim. — Isso era diferente de ir lá com Randall Kimpton para ver a mancha de sangue, algo que não poderia ter acontecido em nenhum outro lugar, ao passo que Lady Playford e eu poderíamos conversar em qualquer cômodo de Lillieoak.

— O tapete manchado foi removido — disse ela. — Os *gardai* deram permissão. Faço de Arthur Conree o que bem entendo. Disse-lhe que evidentemente ele queria *negar* sua permissão, e mencionei como ele era *maravilhoso* ao nos proibir de respirar, e como estava certo ao fazer isso... Naturalmente ele se tornou dócil como um cordeirinho. Assim, ocupamos do tapete ontem. Não encontraremos nenhum vestígio de assassinato no salão hoje, prometo-lhe.

— Entendo.

Ela me lançou um olhar severo.

— É um cômodo de minha casa, Edward. Um cômodo que recebe mais sol matinal que qualquer outro em Lillieoak. Recuso-me a permitir que se torne um santuário da morte. Embora tenha tão pouco desejo quanto você de me sentar lá nesta manhã, devemos fazê-lo. Muitas e muitas vezes, até cessarmos de o fazer com tanta relutância.

— É a maneira mais sensata de abordar a questão. — Tive de concordar.

— E na verdade, é claro, Joseph nem mesmo foi assassinado ali.

Segui-a até o salão, esperando ver as tábuas do assoalho nuas, mas outro carpete fora colocado no lugar do antigo: azul, verde e branco, com um padrão elaborado de pássaros em árvores.

— Sente-se, Edward. — Lady Playford apontou para a cadeira que escolhera para mim. Era a mais afastada do ponto em que a cabeça destrocada de Joseph estivera; fiquei agradecido por isso. Ela se acomodou na *chaise longue* em frente a mim.

— Há muita coisa que você deseja me perguntar, e muita coisa que eu gostaria de lhe contar — disse ela. — Devo começar? É apenas que, por tanto

tempo, eu tive uma história... a história mais emocionante que já conheci... e não pude compartilhá-la com ninguém. Agora que Joseph está morto e o inquérito deixou patente o que eu sabia há muito tempo, que ele não estava doente e com certeza não estava morrendo, posso enfim falar abertamente. Não há nada que eu deva calar. O alívio é avassalador!

— Posso imaginar — respondi obedientemente.

— Pensei que talvez nunca viesse a poder contar esta história — disse Lady Playford. — Eu tinha decidido proteger o bom nome de Joseph, mas agora, com ele morto... assassinado, sou obrigada a lhe contar tudo. Se quiser ajudar a pegar o assassino, não tenho escolha. Diga-me uma coisa, Edward: quão bem você se recorda da conversa durante o jantar na noite em que Joseph foi morto?

— Acho que me lembro da maior parte dela — respondi.

— Ótimo. Então deve lembrar que ofereci uma explicação para o que deve ter parecido um ato extraordinário da minha parte. Por que eu deveria deserdar meus próprios filhos e deixar tudo para meu secretário? Eu disse a Joseph diante de todos vocês, muito provavelmente com estas mesmas palavras, pois tinha preparado minha fala de antemão, “É bem sabido entre os melhores médicos que o psicológico tem profunda influência sobre o físico”. Eu disse que queria dar a Joseph algo pelo qual viver, no caso uma vasta fortuna, na esperança de que seu inconsciente operaria então a sua mágica e curaria suas enfermidades físicas. Você se lembra disso?

— Sim.

— Ótimo. Eu disse também que não estava mais disposta a dar rédea livre aos médicos de Joseph e que pretendia levá-lo já no dia seguinte para consultar o *meu* médico, que é o melhor dos melhores. Essa parte é verdadeira: tenho um excelente médico. O resto, sinto vergonha de dizer, era uma mentira. Para ser mais precisa: era uma *provável* mentira. Eu não tinha certeza de absolutamente nada. Esse era meu dilema, entende?

— Não sei ao certo se entendo — admiti.

— Bem, era verdade que eu não estava mais disposta a deixar que os médicos de Joseph continuassem tratando dele como bem entendiam, supondo que seus médicos eram reais e não um produto de sua imaginação.

E sem dúvida o teria levado para ver meu próprio médico maravilhoso na manhã seguinte *se não tivesse acontecido nada durante a noite para mudar as coisas*; mas eu tinha a impressão de que algo aconteceria. — Lady Playford encolheu-se ao acrescentar: — Embora, naturalmente, não tivesse nenhuma ideia de que seria o assassinato de Joseph. Se suspeitasse que alguém iria matá-lo, nunca teria feito nada disto: o novo testamento, o anúncio durante o jantar. Nunca me perdoarei por esse erro de julgamento. Foi injustificavelmente presunçoso de minha parte imaginar que podia prever todas as possíveis consequências de minhas ações.

— Somente o assassino de Scotcher é responsável por sua morte — eu lhe disse.

Ela sorriu.

— Isso é absurdo, mas um absurdo consolador, por isso farei o maior esforço para me levar a acreditar nele.

Esperei em silêncio que ela dissesse mais alguma coisa. Por fim, ela suspirou, como um trem emitindo uma grande lufada de vapor, e disse: — Eu não acreditava que Joseph estivesse morrendo. Oh, provavelmente acreditei por um tempo muito curto depois que ele me contou; e fiquei consternada, verdadeiramente consternada. Havia me afeiçoado a ele muito depressa. Tornei-me mais que afeiçoada. Dias depois de sua chegada a Lillieoak, eu estava oferecendo profundas preces de agradecimento ao Senhor por tê-lo posto em meu caminho. Você teve a oportunidade de conversar com ele, Edward? Então saberá como era: como se ninguém no mundo tivesse jamais nos compreendido tão bem quanto ele; como se ninguém tivesse jamais se importado tanto.

— Ele parecia de fato incomumente atencioso e interessado pelos outros — falei.

— Sim, e perspicaz — disse Lady Playford. — Toda vez que lhe falava, era como se ele tivesse uma chave mágica que podia abrir minha mente e revelar meus próprios pensamentos para mim, uma sabedoria que eu não sabia possuir. Eu teria protestado muito energicamente se alguma outra pessoa tivesse ocupado minha mente daquela maneira, mas Joseph me compreendia de uma maneira tão completa. Ninguém mais me compreendeu dessa

maneira, nunca. E era tão *inteligente!* E, claro, sempre nos divertíamos tanto com ele. Era a companhia mais estimulante que se possa imaginar. Quando expressava uma opinião sobre um assunto... e muitas de suas opiniões teriam sido anômalas demais para gostos convencionais... eu me via concordando com ele *em absoluto*. Sempre sabia a coisa certa a dizer e o modo exato de dizê-la.

Ela não tinha terminado.

— Isto soará fantasioso, Edward, mas por vezes eu quase acreditava que alguém devia ter pegado um pedaço da minha alma e o usado para criar Joseph. Depois que ele chegou a Lillieoak, eu mal podia reunir vontade para conversar com qualquer outra pessoa. Comparadas a ele, eram todas tão aborrecidas.

Lady Playford ajustou sua posição na *chaise longue* de modo a se sentar empertigada.

— Digo-lhe tudo isto apenas para que possa compreender o que vem em seguida. Quando Joseph me revelou que estava gravemente doente, com um problema nos rins, fiquei surpresa. Eu não tinha notado nada inadequado: ele vinha fazendo tudo que lhe era solicitado e não parecia enfermo. Fiquei horrorizada ao ouvir que poderia não sobreviver. Enlutada! Não há outra maneira de descrever isso. A ideia de perdê-lo era *insuportável*.

Ela parou por um momento e fechou os olhos. O que fora uma ideia agora era uma realidade. A questão com as realidades, refleti, era que nós as suportamos porque não temos escolha.

— Imediatamente, contratei para ele a melhor enfermeira que pude encontrar: Sophie Bourlet. Tentei fazê-lo consultar meu médico, mas ele declarou de maneira terminante que não desejava fazê-lo. Na altura em que veio a mim com a notícia de que sua moléstia era a doença de Bright, que é terminal, e que ele não viveria muito mais tempo... Bem, digamos que então eu já estava desconfiada. Mesmo assim, apesar de minhas dúvidas, fiquei comovida com sua aparente falta de preocupação consigo mesmo. Ele parecia se preocupar apenas em me consolar. Assegurou-me de que era um lutador, de que estava decidido a ficar comigo pelo maior tempo possível. Pensei: “Como pode este pobre moribundo ser tão abnegado a ponto de se

inquietar tão mais por mim do que por si mesmo? Deve ser um santo!” Suponho, e me envergonho por ter de admiti-lo, que devo ter pensado nesse momento: “Como posso ter duvidado dele em algum momento? Fingir estar doente é uma coisa, mas certamente nenhuma pessoa saudável afirmaria estar *morrendo*, sem nenhuma esperança de cura.”

“O senso comum voltou a se introduzir logo depois, é claro. Dei-me conta de que Joseph podia se dar ao luxo de ser um santo e pensar acima de tudo no efeito sobre mim porque sabia não ter nenhum problema de saúde digno de menção.”

— Quando começou a suspeitar que ele estava mentindo sobre a doença?  
— perguntei.

— Não penso que *estava* mentindo. Se eu conto uma mentira... E o faço às vezes, se me convém, como na vez em que disse a Edith Aldridge que lhe enviara uma carta de agradecimento que devia ter se extraviado no correio. Era uma mentira, e eu sabia disso. Joseph, acredito, não sabia quando estava mentindo; ou ao menos não da mesma maneira. De algum modo ele se convenceu de que era tudo verdade.

— Pensa que ele acreditava sinceramente estar doente?

— Não, não é bem isso. Quero dizer apenas... Penso que suas mentiras eram menos uma decisão que uma compulsão. Devia haver alguma coisa relativa à realidade de sua vida ou dele mesmo que lhe era detestável, por isso se retirava para uma ficção... uma ficção que podia suportar. Estou convencida de que se esforçava ao máximo para se convencer da história que inventava, de modo a poder viver mais em conformidade com ela. Faz algum sentido para você?

— Não muito, não.

Lady Playford sacudiu a cabeça.

— Nem para mim. Mas acredito que eu conhecia Joseph melhor que ninguém; o *verdadeiro* Joseph, na medida em que um homem como ele pode ser descrito assim, já que em muitos aspectos penso que ele não parecia mais real que qualquer das histórias que contava. Possivelmente você nunca deparou com alguém como ele, Edward. Se tivesse deparado, poderia compreender. Eu juraria que era a ele mesmo que Joseph queria enganar,

mais que a qualquer outra pessoa. É por isso que não posso julgá-lo com tanta severidade quanto o faria em outras circunstâncias. Sua motivação era uma profunda necessidade psicológica de algum tipo. Estou ansiosa para discutir isto com Poirot, pois sei que psicologia é um de seus interesses.

— Quando você começou a suspeitar que Scotcher não estava doente de maneira alguma? — refiz minha pergunta original.

— Eu não poderia lhe dizer precisamente, mas entre duas e três semanas depois que ele me falou pela primeira vez de sua doença. Houve uma consulta no médico que ele cancelou por uma razão bastante frívola, o que me pareceu estranho, dada a natureza supostamente perigosa de seu mal. Ele nunca parecia doentio de maneira alguma. Pelo que eu observava de seu comportamento, ele parecia tão saudável quanto Harry ou Randall, ou qualquer outro rapaz. Era desoladoramente magro, mas afinal algumas pessoas são, e não há nada a fazer sobre isso. Muitas delas, constatamos, comem como cavalos; é sua constituição. Depois, em outra ocasião, Joseph foi à Inglaterra para consultar um médico específico cuja expertise justificava a viagem, ao que parecia. Bem, *isso* não me soou verdadeiro de maneira alguma! Por que ele não precisava de um médico que fosse mais próximo e pudesse vê-lo com mais frequência? Por que nenhum médico jamais vinha até nossa casa?

“Não foi possível persuadir Joseph a me dizer o nome desse eminente sujeito inglês, e ele mudava de assunto sempre que eu perguntava. Por puro acaso, Claudia estava em Oxford ao mesmo tempo, para visitar amigos e se entregar à sua atividade favorita de lembrar a Randall que ela nunca o perdoaria e nunca voltaria a lhe dar espaço; que absurdo aquilo se revelou!

“O que interessa é: Claudia viu Joseph às 15h10 no dia em que ele deveria estar consultando o médico. Em vez disso, ele estava tomando chá com uma mulher de cabelo escuro e uma longa sobrancelha que se estendia de um lado a outro de seu rosto, disse Claudia. Realmente, não há necessidade de tanta feiura, pois essas coisas podem ser remediadas com facilidade. Ela era muito mais velha que Joseph. Oh, não era um encontro secreto nem nada do gênero. Claudia os viu juntos pela janela do Hotel Randolph. A mulher estava comendo uma rosca *chelsea*.

— E você concluiu desse encontro de Scotcher com essa mulher que... O que você concluiu? Que relação tinha isso com a doença dele?

— Ele tinha mencionado por acaso a hora de sua consulta: três horas. Meros dez minutos mais tarde, ele estava no Hotel Randolph. Ora, se você estiver prestes a perguntar “E se a consulta com o médico tiver se encerrado em cinco minutos e ele tiver levado apenas outros cinco para andar até o hotel?” é sinal de que me subestima. O recepcionista do Randolph teve a gentileza de permitir que Claudia usasse o telefone deles para me alertar, e lhe pedi que chamasse o gerente geral, de modo que eu pudesse interrogá-lo. Logo ele pôde me informar que uma mesa para o chá da tarde para dois havia sido reservada para as *três horas em ponto* por um senhor chamado Joseph Scotcher!

— Entendo. Então, quando Claudia o viu com essa mulher, podemos supor que eles tinham se encontrado às três e já tinham passado dez minutos juntos.

— Precisamente. Claro que eu poderia ter me perguntado se Joseph tinha um médico excêntrico que insistia em encontrar todos os pacientes em hotéis elegantes em vez de no seu consultório, mas isso só caso Claudia o tivesse visto no Randolph com um homem, mas tratava-se definitivamente de uma mulher. O que significa que Joseph mentiu sobre a consulta.

— Isso é chocante — eu disse. — Sabendo o quanto você gostava dele, permitir-lhe acreditar que logo o poderia perder para uma doença terrível... e depois seguir em frente para confirmar essa falsidade!

— *Era* chocante, mas não fiquei chocada — disse Lady Playford. — Minha reação inicial, depois que estava firmemente convencida de que era extremamente improvável que Joseph estivesse morrendo ou mesmo doente... Bem, tive várias reações. Uma foi um alívio alegre: eu não iria perdê-lo! Ele iria viver! — Seus olhos se encheram de lágrimas. — É insuportável pensar agora sobre como me senti então. Perdoe-me. — Ela puxou um lenço do bolso de seu quimono e deu batidinhas no rosto.

— Não precisa se desculpar — falei.

— É gentil da sua parte, mas não tolero manifestações públicas de emoção. Prefiro analisar isso de maneira não emocional. Para esse fim... Além



da alegria e do alívio, fiquei também imensamente intrigada pelo comportamento de Joseph. *Por que* um homem que era capaz de fazer o mundo inteiro cair a seus pés escolheria se conduzir de uma maneira tão extraordinária? Fiquei intrigada *e agradecida por estar assim*.

— Agradecida?

— Isto soa estranho para você? Não passo de uma criança. Meus pais eram pessoas insípidas, sossegadas. Quando menina, se eu quisesse que algo interessante acontecesse, tinha de inventá-lo eu mesma. Assim eu transformava meus ursinhos de pelúcia em vilões e minhas bonecas em heróis e encenava em meu quarto os dramas mais assombrosos de que ninguém mais tinha conhecimento. Venho inventando desde então: personagens e dramas, histórias policiais e romances. À medida que o tempo passou e envelheci, conheci pessoas que eram muito mais interessantes que meus pais, *mas nunca nenhuma que fosse mais interessante que os personagens que eu mesma inventava. Até que...*

Ela pareceu esperar que eu completasse sua frase.

— Até que você conheceu Scotcher? — falei.

Ela assentiu com a cabeça.

— Joseph era mais maravilhosamente desconcertante e desnorteante que qualquer história policial que eu jamais poderia inventar. Oh, sim, eu lhe era grata. E... bem, havia algo bastante *eletrizante* em tudo isso. Entrei no jogo! O interessante foi que Sophie também o fez. Ela se deixou envolver pelo simulacro da doença porque havia se apaixonado por Joseph e não desejava desmascarar as invenções dele. Como eu, Sophie queria protegê-lo. Pense no dano para a reputação dele se a verdade tivesse vindo à tona!

— Muitos pensariam que Scotcher teria merecido todo esse dano — falei. Eu era um desses muitos. — A propósito, Sophie Bourlet insiste em dizer que acreditou que ele estava doente... que acredita ainda nisso. Ela acusa o médico da polícia de estar mentindo.

— Sophie não tem coragem de confessar que foi cúmplice de um fingimento de tamanho vulto. Ela sabia que seu paciente era uma fraude menos de uma semana depois de chegar a Lillieoak, apostado. Oh, ela nunca admitirá isso. A verdade ofende seu orgulho, por isso insiste que as coisas são

diferentes. Você precisa ter em mente, Edward, que a vasta maioria das pessoas reluta em enfrentar qualquer coisa que seja confusa ou estranha. A maioria das pessoas tem medo da maioria das coisas; nunca se esqueça disso! De fato, somente os escritores e os artistas são capazes de fazer frente às desconcertantes ambiguidades... e aqueles com uma inclinação investigativa. Tenho certeza de que Hercule Poirot ficaria fascinado com tudo isto.

— Sophie Bourlet sabia que *voce* sabia a verdade sobre a saúde de Scotcher? — perguntei.

— Espero sinceramente que ela acreditasse que fui lograda durante todo o tempo — respondeu Lady Playford. Um sorriso malicioso apareceu, depois desapareceu com igual rapidez. — Afinal de contas, por que eu desperdiçaria dinheiro com uma enfermeira residente para um homem que não está doente?

De fato, por quê? Não pedi uma explicação. Lady Playford pensava já ter fornecido uma, e, embora eu acreditasse plenamente nela, seu raciocínio nesta questão nunca me satisfaria. Era uma imperdoável insanidade, ao que me parecia.

— Claudia adivinhou a verdade, é claro, assim como Randall. Eu temia que fosse apenas uma questão de tempo antes que um deles deixasse isso escapar de uma maneira destinada a ferir Joseph o máximo possível. Zombar dele sutilmente não teria satisfeito Claudia para sempre, e suas troças estavam num crescendo. Foi esse medo que me levou a traçar meu plano mais brilhante.

O semblante de Lady Playford se vincou, angustiado.

— Só que ele não tinha nada de brilhante. Fui uma velha tola e vaidosa ao pensar que podia controlar tudo. Se eu não tivesse feito nem dito nada, Joseph ainda estaria vivo.

— Qual era o plano? — perguntei-lhe. — Ou ele consistia apenas no que já me contou, sobre levar Joseph para consultar o seu médico?

— Oh, não, meu plano compreendia muito mais que isso. Muito, muito mais.

Apreensivo com relação ao que ouviria em seguida, pedi-lhe que me contasse o resto.

## CAPÍTULO 31

### *O plano de Lady Playford — Catchpool. Sou eu, Hercule Poirot.*

— Nunca teria imaginado, meu velho. Sobretudo tendo em vista que você telefonou precisamente na mesma hora ontem. Deixe-me adivinhar... Você tem um *sirop* na mão?

— Eu bem que gostaria. Não, *mon ami*. Estou no hospital. Empertiguei-me na cadeira.

— Ah, meu Deus. O que aconteceu? Você está bem? Que hospital? Em Oxford?

— *Oui*. Estou esperando para ver um eminentíssimo médico. Mas não se preocupe, meu amigo. Não estou aqui por causa de qualquer dano à minha pessoa. Estou aqui apenas para fazer perguntas.

— Entendo. — Soltei uma risadinha, aliviado. — E esse sujeito eminente é um especialista em rins, aposto.

— Ele não tem um interesse maior pelos rins que por qualquer outra parte do corpo humano.

— Oh! Então não é o médico de Scotcher. Se é que Scotcher tinha mesmo um — apressei-me em acrescentar. Às vezes o cérebro esquece o que descobriu mais recentemente e retorna a um falso conhecimento anterior do que se provou inverídico.

— Não estou aqui para falar sobre Joseph Scotcher, mas sobre um assunto inteiramente diverso — disse Poirot. — Oh, olá, doutor!

— O sujeito chegou?

— Não, foi um médico diferente que entrou aqui agora. Por favor, fique na linha, Catchpool.

Depois de menos de cinco minutos de conversa, eu já não sabia mais nada sobre médico nenhum. Esperava estar certo pensando que até aquele momento havia três: o de Scotcher (que podia existir ou não), aquele que Poirot esperava ver e o que acabara de entrar na sala onde Poirot estava, fosse ela qual fosse.

Ouvi e esperei.

— Realmente... Obrigado, doutor — Poirot estava dizendo. — Pedi à enfermeira para lhe explicar que eu precisava falar longamente com meu amigo Edward Catchpool da Scotland Yard. É uma conversa extremamente privada, sim. Não haveria talvez uma sala diferente que você poderia usar até... Há? Excelente. *Merci mille fois*.

— Poirot, você chutou um pobre sujeito de uma sala que é dele por direito?

— Isso não importa, Catchpool. Estou ansioso para ouvir qualquer coisa que você tenha para me contar.

— Está? — suspirei. Isso seria difícil. — Antes que eu comece, tenho uma pergunta para você. Qual é o nome do hotel em Oxford em que ficou?

— O Randolph.

— Que estranho. Eu tinha uma espécie de pressentimento que você diria isso.

— Por que isso é importante?

— A história que estou prestes a lhe contar inclui o Hotel Randolph.

— Conte-me tudo — instou-me Poirot.

Comecei a resumir o que Lady Playford me relatara, depois me calei abruptamente, frustrado: — Mas, Poirot, eu o aconselho com veemência a conversar você mesmo com ela. Lady Playford tem uma maneira de contar uma história que... Bem, ela dá vida a tudo e faz tudo adquirir um estranho tipo de sentido. Meu relato é insípido e sem cor comparado ao dela.

— Não se preocupe, *mon ami*. Imaginarei como Lady Playford poderia ter transmitido os fatos. Minha mente acrescentará a cor e as... saliências para eliminar a monotonia.

Pus minhas reservas de lado e continuei. Minha voz estava bastante rouca quando disse: — ... então eu lhe perguntei se esse era o alcance do seu plano: levar Scotcher para ver seu próprio médico. E ela me respondeu que não. O que veio em seguida foi... bem, foi realmente extraordinário.

— Conte-me — disse Poirot, ansioso.

— Veja, acontece que Michael Gathercole candidatou-se ao cargo de secretário particular de Lady Playford. Foi assim que ele e Scotcher... Espere, deixe-me pensar. Não sei se esse é o melhor ponto para começar.

— Gathercole, o advogado? Candidatou-se a ser secretário de uma romancista?

Quando dei a Poirot a informação que ele queira, sentime como se estivesse traduzindo de uma língua estrangeira. Era estranho, mas eu teria achado mais fácil desempenhar o papel de Lady Playford, como se estivesse num palco, e recitar a história tal como me fora contada por ela, do que ter de recontá-la com minhas próprias palavras. Decidi, portanto, que qualquer leitor deste relato deveria ter o benefício da melhor versão. O pobre Poirot teve de se contentar com uma versão bastante mais canhestra.

— Devo introduzir Michael Gathercole na história agora — disse-me Lady Playford. — Ele é meu advogado, e um excelente advogado, diga-se, mas não foi sempre um sócio na melhor e mais exclusiva firma de Londres. Fui eu que pedi a Orville Rolfe para contratar Michael e levá-lo a sério, e Orville, cuja firma familiar, Rolfe e Filhos, havia lidado com os negócios de meu pai e os de meu marido, não me desapontou.

“Conheci Michael quando ele escreveu para se candidatar ao cargo de secretário particular que eu havia anunciado. Ele era escrevente de um advogado na época, qualificado demais e muito mais inteligente do que seu emprego requeria que fosse. Pouco confiante como era, pretendia continuar sendo um escrevente pelo resto de seus dias. Então viu meu anúncio. Havia gostado tanto de meus livros que não resistiu ao desejo de se candidatar. Não quero me gabar, mas ficou claro pela sua carta de solicitação do emprego que meus livros tinham sido a única coisa que lhe permitira suportar uma infância horrível. Assim, evidentemente, convidei-o para uma entrevista.

“Joseph Scotcher também pleiteou o mesmo cargo. Sua carta foi impecavelmente polida, mas não tão pessoal. Antes de conhecê-los, eu estava certa de que escolheria Michael e não Joseph, mas não quis tomar a decisão sem os conhecer, por isso pedi aos dois que viessem a Lillieoak para uma entrevista. Infelizmente deixei-os esperando por um tempo imperdoavelmente longo; e a pessoa que não deve ser perdoada por isso é Hatton, maldito seja! Ele estava se recusando com firmeza a me contar alguma coisa esse dia, tanto que eu fiquei bastante ansiosa, imaginando que

ela podia ser relacionada a Michael ou a Joseph, e, se fosse, claro que teria querido tomar conhecimento dela *antes* de entrevistá-los.

“No fim das contas, era apenas uma necessidade de rearranjar a regulagem de todos os relógios, ou seja o que for que se faz com relógios, que fora planejada para o dia seguinte. Bem, depois disso, levei uns trinta minutos para me acalmar. Oh, eu estava prestes a estrangular aquele meu mordomo! Assim... um atraso desnecessário, durante o qual Michael e Joseph ficaram sentados à porta de meu gabinete e conversaram. Longamente. Você logo compreenderá por que isso importa.

“Falei com Joseph primeiro. Bem, não há palavras para descrever como ele me impressionou. Cada frase sua estava cheia de referências às aventuras de Shrimp. Ele parecia conhecer toda a minha obra de cor e nos mínimos detalhes, e tinha *teorias*. Era como se tivesse mergulhado nas profundezas de minha essência criativa e visto ali coisas que eu mesma não tinha reconhecido.

“Assim, escolhi Joseph. Qualquer pessoa o teria feito. Você também, Edward. Ele era uma criatura cintilante, irresistível. Lamentei ser obrigada a lhe permitir deixar a casa; queria mantê-lo a meu lado daquele momento em diante, mas claro que tinha de respeitar as conveniências e pensar nas aparências das coisas. Tive de deixá-lo ir embora e tive de ouvir Michael sem preconceitos, tendo-o arrastado de Londres até Clonakilty.

“Confesso que mal ouvi Michael, mal o notei. Ele estava nervoso e não causou a melhor das primeiras impressões. Eu estava muito ocupada, em minha mente, ensaiando a carta que escreveria a Joseph. Oh, eu o escolhera antes que Michael entrasse na sala, envergonho-me de admitir. Michael é um homem encantador e merecia mais de mim. Ele não é fascinante, como Joseph era, mas é confiável. Está certo, vou dizê-lo: ele é confiável *como Joseph não era*.

“Empreguei Joseph como meu secretário e concedi a Michael uma espécie de prêmio de consolação. Tive pena dele, por isso disse uma ou duas palavras ao pé do ouvido de Orville Rolfe, como contei, e o resultado foi mais do que satisfatório. Não voltei realmente a pensar em Michael Gathercole depois disso... até que um dia, alguns anos depois, fiz uma

brincadeira tola para Joseph que qualquer pessoa que tivesse lido apenas um dos meus livros *Shrimp* teria compreendido sem dificuldade. Eu não suponho, Edward...? Oh, você *leu*? Por que cargas d'água não me disse isso? Não importa. Vamos submeter minha conclusão ao teste. Se eu lhe dissesse “tampa de garrafa de leite”, você saberia do que eu estava falando, afora uma verdadeira tampa de garrafa de leite? Aí está, você percebe! Claro que você saberia. Em absolutamente todos os livros de *Shrimp*, ela faz a brincadeira da tampa da garrafa de leite. Mas Joseph, ficou patente, não tinha a mais pálida ideia de sobre o que eu estava falando, o que me pareceu estranho, porque eu poderia ter jurado que ele tinha feito exatamente essa brincadeira *comigo* quando o entrevistei para o emprego.

“Fiquei confusa. Para pô-lo à prova, fiz mais duas ou três referências em código à minha obra, e mais uma vez ele se mostrou completamente perplexo. Nesse momento, ficou claro para mim que ele não tinha lido *nenhum* de meus livros, tendo afirmado que lera todos eles, que depois os passara adiante para seus parentes, comprara outros e os impingira a estranhos na rua, tentara iniciar uma nova religião usando os livros de *Shrimp* como textos sagrados... Estou exagerando, mas não tão grotescamente quanto você poderia imaginar.

“No exato momento em que a extensão da desonestidade de Joseph ficou clara para mim — falsidades sobre sua relação com os meus livros, bem como sobre sua saúde —, outra coisa me ocorreu. Uma lembrança dos mais obscuros recessos de meu cérebro veio à tona. Eu não tinha imaginado o comentário sobre a “tampa da garrafa de leite” feito quando eu entrevistava possíveis secretários. Eu de fato o ouvira, mas não de Joseph... Não, ele viera de *Michael Gathercole*. Lamentavelmente, eu tinha ficado tão encantada com Joseph que atribuíra o comentário de Michael ao homem errado. Muito injusto da minha parte. Não foi deliberado, é claro. Mas eu me preocupei... e me perguntei...

“No dia seguinte, escrevi a Michael e lhe pedi para vir falar comigo novamente. Ele o fez. Crivei-o de perguntas. Em *Shrimp Seddon e o ovo pintado*, que qualidade de caráter o pai de *Shrimp* diz ser a mais importante? Em *Shrimp Seddon e o chapéu do bombeiro*, o que dá um cheiro especial à

echarpe da sra. Oransky? E assim por diante. Absolutamente todas as respostas de Michael estavam certas. Em seguida lhe perguntei se podia se lembrar de algo do que passara entre ele e Joseph enquanto os dois esperavam juntos à porta de meu gabinete para serem chamados a entrar para suas entrevistas. Isso o embarçou, mas insisti que me contasse. Veja! Tudo apareceu, embora de maneira mais desajeitada e menos eloquente que a de Joseph para apresentar os mesmos achados: *eram ideias de Michael, teorias de Michael*. Era Michael que conhecia as aventuras de Shrimp pelo avesso. Joseph havia simplesmente repetido o que o outro aspirante ao emprego tivera a gentileza de lhe contar enquanto ambos esperavam para ser entrevistados.

“Sentime péssima. Você está pensando que eu deveria ter despedido Joseph no ato, mas não tive nenhum desejo de fazê-lo. Não, nem mesmo depois dessa última descoberta. Mais uma vez, Edward, você deixa de levar em conta a necessidade de *saber*. Qual é o sentido da vida sem nenhum mistério para desvendar? E assim continuei perguntando a mim mesma: quem *era* esse fascinante rapaz? Chamava-se mesmo Joseph Scotcher ou era alguém completamente diferente? Por que ele pensava que sua vida seria mais fácil se inventasse tudo e não dissesse a verdade sobre nada? Eu queria *ajudá-lo*. Porque, veja bem, uma coisa com relação a Joseph era verdadeira: ele passava cada minuto em que estava acordado pensando em maneiras de me fazer feliz, e me ajudar, e me manter entretida. Esse parecia ser seu único interesse. Não, eu não desistiria de apostar nele.

“Em primeiro lugar, porém, eu tinha de compensar Michael. Disse-lhe que dali em diante ele seria meu advogado. Outra firma vinha tratando dos meus negócios, mas eu não era especialmente afeiçoada a ninguém ali, e fiquei feliz de fazer uma mudança. Ao saber dessa novidade, Orville Rolfe convidou Michael para se tornar seu sócio numa nova firma, e a Gathercole & Rolfe ganhou existência. Minha consciência em relação a Michael ficou tranquila. Resolvi também conversar sobre minhas novas ideias para Shrimp sempre com Michael e nunca com Joseph. Foi assim que lidei com a questão.

“Como ajudar Joseph, nesse meio-tempo... Isso foi muito mais difícil. Eu não queria acusá-lo, desmascarar sua desonestidade, afugentá-lo de Lillieoak. Queria que se sentisse absolutamente seguro comigo, o que significava fingir



acreditar nele. Dei tratos à bola para descobrir qual seria a melhor maneira de ajudá-lo de uma forma que lhe permitisse manter sua reputação, e não descobri nada sensato ou prático. Assim, em desespero... bem, a ideia do novo testamento foi um último recurso.

“Oh, eu não tinha nenhuma intenção de deserdar Harry e Claudia de maneira permanente. Se tudo tivesse se passado como eu esperara, teria feito mais um testamento assim que a situação de Joseph tivesse sido resolvida. Meu plano para meu terceiro e último testamento era dividir meu patrimônio em três partes iguais. Harry herdaria uma, Claudia outra, e a terceira seria dividida entre Joseph e Michael Gathercole. Dora teria resmungado terrivelmente, a bruxa ingrata, mas um terço de meu patrimônio seria mais do que suficiente para qualquer um, e, afinal, não é como se Harry e Dora tivessem filhos em quem pensar!

“Meu testamento deixando tudo para Joseph foi planejado de modo a poder operar de duas maneiras possíveis. Se Joseph estivesse realmente doente, eu esperava que a notícia de uma herança substancial pudesse induzir sua mente inconsciente a persuadir seu corpo a se animar e durar um pouco mais. E se ele não estivesse doente? Bem... É aí que a coisa fica um pouco complicada. Não se preocupe, Edward, vou explicar tudo claramente. Essa é, aliás, a principal crítica dirigida a meus livros de Shrimp: que eles são por vezes complicados demais. Asneira e absurdo! Isto é, se minhas tramas fossem mais simples, as pessoas adivinhariam, não é? E você não pode deixar que as pessoas adivinhem. Escrevo para aqueles capazes de se elevar à altura de um desafio intelectual.

“Formulei minha trama Joseph exatamente da maneira como planejo um livro. Elaborar uma trama é uma habilidade como qualquer outra, e considero-me uma especialista depois de todos esses anos de prática. Vejo que está impaciente para ouvir o que inventei. Vou lhe contar...

“Primeiro, eu mudaria meu testamento e anunciaria a mudança a todos. Ora, imagine Joseph, tendo espalhado a ficção de que morreria em breve de doença de Bright... Imagine-o ouvindo essa notícia. Digo que deixei tudo para ele e que já no dia seguinte pretendo levá-lo para consultar o meu médico. Isso induziria nele um estado de pânico, não? Ele não pode me dizer

não nessas circunstâncias, pois eu poderia mudar de ideia com relação a deixar tudo para ele, coisa que duvido que ele desejaria arriscar; o honesto e o desonesto são igualmente ávidos de grandes quantidades de dinheiro e terra, já constatei. E meu médico, é claro, daria uma olhada nele e diria: “Um belo e saudável espécime.” O jogo estaria terminado! Eu poderia mandá-lo embora de Lillieoak em desgraça! É claro que eu não faria tal coisa, mas ele não saberia disso, não é? Ele acreditava que suas lorotas tinham me enganado completamente.

“Com a visita ao meu médico assomando já no dia seguinte, Joseph tinha somente uma noite, horas apenas, para pensar numa maneira de se safar da enrascada em que se metera. Até onde eu podia ver, só havia duas vias de escape para ele. Podia tentar me matar ou podia apelar para minha misericórdia e me contar tudo. O quê? É claro que eu o teria perdoado! Total e completamente. O quê? Não, nenhum registro no caderninho preto para Joseph! Se ele tivesse apenas decidido, por fim, ser verdadeiro comigo, acredito que eu poderia tê-lo curado do que quer que estivesse errado com sua *mente* que o fazia sentir necessidade de se entregar a essas mentiras.

“Noto que você não pergunta se eu o teria perdoado se ele tivesse se introduzido furtivamente no meu quarto com uma corda de piano e tivesse tentado me estrangular! Eu teria. Completamente. Todos nós somos capazes de agir de maneira insensata quando encurralados. Se Joseph estava desesperado o bastante para recorrer ao assassinato, estimulado por meu novo testamento malicioso, então isso era minha culpa. Eu não estava, contudo, disposta a ser assassinada, por isso pedi a Michael Gathercole para se esconder atrás da cortina do meu quarto aquela noite, de modo que, se Joseph se introduzisse e tentasse me asfixiar em meu sono, Michael estaria lá para detê-lo.

“O que você deve compreender, Edward, é que Michael estava ali, escondido em meu quarto, para salvar não só a mim mas a Joseph também. *Principalmente* Joseph. Imagine a cena: Michael salta de trás da cortina e arranca a faca ou a arma, ou o que quer fosse, da mão de Joseph. Sento-me na cama e Michael me conta o que aconteceu. O que Joseph faria então,

depois de ser pego no ato de tentar me matar: a mim, sua patroa, sua amiga? Talvez *então* ele admitisse tudo e implorasse perdão, e eu poderia ajudá-lo.

“Veja, na ordem normal das coisas, as pessoas que mentem com a mesma facilidade com que respiram nunca o admitem. Elas têm uma capacidade infinita de inventar novas mentiras para explicar as velhas. Na minha opinião, é menos um problema moral que uma doença mental. Vejo que você discorda, Edward, mas estou certa a esse respeito e você errado. Seja como for, pegar Joseph com a mão na massa à beira de cometer um assassinato talvez fosse o único meio de lhe arrancar a verdade. Porque, veja, ele poderia então ter apresentado sua antiga farsa e seu desespero para ocultá-la como fatores atenuantes quando fosse acusado de tentativa de homicídio... *o que é bem mais grave que mentir*. Ele poderia estar disposto, nesse ponto, a dizer qualquer coisa para me fazer acreditar que não era simplesmente um assassino insensível que queria pôr as mãos no meu dinheiro assim que pudesse. Então, depois que ele tivesse admitido seu verdadeiro problema, ele e eu poderíamos ter abordado, *juntos*, a infelicidade que o devia estar atormentando havia tanto tempo. Com minha ajuda, Joseph Scotcher poderia ter se tornado o homem que estava destinado a ser. Mas em vez disso...

“Meu plano provou-se inadequado, como sabemos agora. Nunca sonhei que alguém iria... que alguém iria... matar meu querido Joseph.

“Devo dizer, Edward, eu não esperava que você fosse se provar um ouvinte tão pouco compreensivo. Não pode compreender que Joseph, para mim, era como um mágico? Ele transformou toda a minha vida sem usar nada além de suas palavras. Até sua grande mentira, depois que a compreendi de repente, pareceu o mais assombroso passe de mágica. Ah... Você está confuso. Bem, eu lhe garanto que olhará para mim como se eu fosse uma louca quando eu explicar. E quem sabe? Talvez eu seja! Muito bem, então: muito simplesmente, Joseph havia curado uma doença fatal *para a qual não havia cura*. Os mais brilhantes especialistas em rins do mundo não tinham conseguido descobrir uma, mas Joseph Scotcher, meu devotado e talentoso secretário, conseguiu! Está vendo? Ele curou sua doença de Bright *ao se revelar que, afinal de contas, não a tinha!*

“Não! Não há nenhuma necessidade de me dizer que revelar-se um mentiroso não é a mesma coisa que curar uma doença. Sei disso tão bem quanto você. Quero dizer apenas que *o efeito sobre mim* foi que num minuto eu estava angustiada por estar prestes a perder meu amado Joseph, e no minuto seguinte fiquei sabendo que ele não estava morrendo afinal das contas, e se encontrava muito provavelmente em excelente saúde! Era *como se* ele tivesse curado uma doença fatal. Falei isso como uma metáfora, não como uma síntese dos fatos.

“Olhe só sua expressão desaprovadora, Edward! Eu me pergunto se você está irritado com Joseph por também tê-lo enganado no curto tempo em que conviveram. Por favor, tente ver: ele não mentiu para você, ou para mim, ou para ninguém em particular. Ele simplesmente... alterava a verdade, porque se sentia mais confortável fazendo-o. E agora nunca chegarei ao fundo dessa questão. Nunca compreenderei por que ele fazia isso.”

## CAPÍTULO 32

*O cavalo de corrida sequestrado — Minhas primeiras desconfianças com relação à integridade e decência de Scotcher, ou à falta delas? — perguntou Michael Gathercole.*

Esta conversa ocorreu no dia seguinte. Ele e eu tínhamos saído de Lillieoak e nos aventurado até o Hotel O'Donovan's em Clonakilty. Era um grande alívio poder sentar, conversar e tomar chá numa sala em que não seríamos atacados a qualquer momento por uma ofendida Claudia ou uma aflita Dora.

A sala no O'Donovan cheirava a mofo e era atravancada de móveis desbotados. As cortinas tinham perdido qualquer cor que pudessem ter tido, mas o chá e os bolos não teriam podido ser melhores e, sinceramente, eu teria me sentado alegremente num caixote para passar uma ou duas horas numa atmosfera relaxada e agradável. Pude perceber que Gathercole sentia isso também: como se algo escuro e pesado tivesse sido temporariamente removido. Ele parecia mais à vontade que de hábito.

— Lembro-me do momento exato — disse ele. — Por um longo tempo aquilo não fez sentido para mim. Agora faz. Scotcher disse alguma coisa sobre um dos livros de Shrimp, enquanto nós dois esperávamos para ser entrevistados por Lady Playford, que era incorreta em todos os detalhes. Ele falou: “Qual é o livro sobre o cavalo de corrida que é sequestrado? O título me escapa.” Aquilo me pareceu estranho, porque ele dissera apenas um momento antes que sabia de cor todos os livros de Lady Playford, e eu lhe dissera que eu também, e a questão é que não há nenhum livro de Shrimp sobre um cavalo de corrida sequestrado, portanto ele devia saber que eu saberia disso. Muito mais tarde, entendi de repente o que ele estava fazendo. Sabia que eu suporia que era um engano, ainda que um engano bastante inexplicável. Nenhum sujeito civilizado se viraria para uma pessoa que acabara de conhecer e diria: “Isso é uma mentira. Você é um mentiroso.” De fato, *supus* que era um engano a princípio.

— Então você o corrigiu?

— Tentei, sim. Disse que o único livro de Shrimp em que aparecia um cavalo, e de uma maneira muito pouco importante, é *Shrimp Seddon e a viagem de volta ao mundo*. O dono de um estaleiro, sir Cecil Devaux, tem um cavalo chamado Sapphire, e Shrimp desvenda o mistério quando compreende que o sr. Brancatisano, sendo italiano, pronuncia o nome de Sapphire incorretamente: “*fear*” para a segunda sílaba, em vez de “*fire*”, fazendo o nome soar como “Sphere”, que é o nome do estaleiro de sir Cecil, o que causa um número interminável de aborrecimentos e confusões.

— Sabe, acho que esse foi um dos livros de Shrimp que li — disse-lhe.

— É um dos melhores.

— Há um sujeito horrível chamado Higgins, que acaba caindo no mar para nunca mais ser visto?

— É esse mesmo! — Gathercole sorriu. — Bem, você sabe mais sobre os livros de Lady Playford do que Scotcher quando o conheci. Posso ver agora que ele fez sua pergunta sobre um cavalo sequestrado para me estimular a falar. Ao corrigi-lo, e na conversa que se seguiu, eu lhe forneci detalhes suficientes para ele se passar, durante sua entrevista com Lady Playford, por uma pessoa que sabia mais sobre Shrimp Seddon e suas proezas que qualquer outra pessoa do mundo. Sabe o que ele disse depois que lhe contei tudo isso sobre Sapphire e Sphere e sir Cecil Devaux? Disse: “Oh, sim, é claro.” Foi *nesse momento* que suspeitei pela primeira vez que era menos um sujeito esquisito com má memória que um bocado canalha. Só suspeitei, você compreende. Mas um homem honesto teria dito: “Caramba, então eu estava completamente equivocado, não é? Pergunto-me como posso ter me lembrado tão mal.” Em vez disso, o “é claro” de Scotcher sugeriu que ele havia sabido o tempo todo, precisando simplesmente ser lembrado. Tolice! Qualquer pessoa que tivesse lido *Viagem de volta ao mundo* não teria se confundido dessa maneira específica ao se lembrar do livro.

Gathercole parecia querer falar mais, por isso esperei. Uma jovem se aproximou para perguntar se gostaríamos de mais chá, e respondi que sim.

— Nessa altura era tarde demais. Eu já tinha contado demais para Scotcher sobre a obra de Lady Playford e todas as minhas brilhantes ideias a respeito dela. Quando chegou a hora da entrevista comigo, ela mal me

perguntou alguma coisa. Tive de ficar sentado e ouvir enquanto ela me falava de Scotcher: como ele era espantosamente sensível, e não fora inteligente de sua parte notar isso e aquilo sobre as estruturas e os temas de seus romances? Tudo, nem preciso dizer, eram coisas que ele tinha ouvido de mim cerca de uma hora antes. Oh... Não contei? A entrevista dele durou uma hora inteira. A minha, só vinte minutos.

— Mas você não contou a Lady Playford o que tinha acontecido? — perguntei.

— Não. Não gosto de depreciar outras pessoas, e nunca me perdoei por não ter dito o que eu pensava, por ter deixado de proteger Lady Playford daquela fraude que era o Scotcher. Ainda assim, duvido que ela teria me dado ouvidos.

— Certamente não teria — assegurei-lhe.

— Bem, de qualquer maneira, fui devidamente dispensado após minha curta entrevista, e Scotcher ficou com o emprego. Depois, quatro anos mais tarde... não, foram quase cinco anos, Lady Playford chamou-me e disse: “Eu não lhe dei uma justa oportunidade, Michael. Vejo isso agora. Gostaria que você se tornasse meu advogado e passasse a tratar dos meus negócios de agora em diante. É assim que pretendo compensá-lo!” Fiquei radiante, naturalmente. Ela já providenciara para que Orville Rolfe me empregasse quase imediatamente após não me dar o emprego como seu secretário.

— Sim, ela me contou.

— Devo tudo a ela. — Gathercole franziu as sobrancelhas. — Tudo. Ela também me disse, naquele mesmo dia, que, ainda que eu fosse ser seu advogado, nada tendo a ver com sua escrita, ela pretendia testar suas histórias de Shrimp comigo dali em diante. Comigo e com *mais ninguém*. A maneira como disse “mais ninguém”, tão enfaticamente, me fez pensar que estava se referindo a Scotcher. E... bem, agora, muitos anos mais tarde, sei que era precisamente isso que tinha em mente. “Você é meu número um, Michael”, foi o que disse. Acredito que estava sendo sincera. Scotcher era seu secretário, mas não a pessoa em quem confiava em relação a seus livros. Nunca.

Assenti com a cabeça, vendo que isso era importante para Gathercole.

— Nesse mesmo dia, ela me falou sobre a doença de Bright de Scotcher, só que relatou a notícia de uma maneira extremamente inusitada. Em vez de dizer “Ele está morrendo”, ela disse “Joseph me contou que está morrendo”.

— Ela queria lhe indicar, sem o dizer explicitamente, que não acreditava nele.

— Sim, e lamento não ter sido capaz de me conter — disse Gathercole. — Você me achará mesquinho, mas eu tinha absoluta certeza de que Scotcher *ainda* não tinha lido uma única palavra que Lady Playford publicara, quase cinco anos depois de ter se tornado seu secretário. Ele poderia facilmente ter lido todos eles assim que conseguiu o emprego, mas não o fez. Preferiu enganar a todos. Creio que se divertia com sua própria desonestidade, embora seja só uma impressão, pois não tenho evidências disso. Lembra-se daquele momento no jantar, na noite em que morreu, em que ele revelou a solução de *A dama de tailleur* na frente de Poirot, que não o tinha lido?

— Hirsuto, não “seu tailleur”★ — eu disse. — Como poderia esquecer?

— Isso por si só bastaria como a prova para qualquer pessoa de que Scotcher não dava a mínima para os livros de Lady Playford! Ninguém que se importe com histórias policiais revelaria uma solução de uma maneira tão descuidada. E o conselho que ele deu a Poirot para ler os livros na ordem errada, não cronologicamente, porque isso seria mais semelhante à vida real? Não tenho prova, mas Joseph estava sempre produzindo achados e teorias fascinantes sobre os livros de Shrimp que não podiam ser dele mesmo. Tenho fortes suspeitas de que as tirava de cartas, que em seguida destruía.

— Cartas para Lady Playford? — perguntei.

— Sim. Como seu secretário, Joseph lidava com toda a sua correspondência. Ele via as cartas que chegavam dos leitores antes dela. Seu editor as envia em sacas. Joseph se esforçava para tomar conhecimento delas, até que a doença fingida se agravou demais e Sophie assumiu o trabalho. Minha suposição pouco caridosa é que ele furtava aquelas que eram particularmente interessantes, memorizava as opiniões nelas contidas e depois queimava os originais. Lembro-me de entrar na sala de estar uma vez e pegá-lo jogando uma pilha de papéis no fogo. Ele pareceu sobressaltado e começou a gaguejar sobre alguma coisa completamente irrelevante.



— Você disse que não pôde se conter quando Lady Playford lhe contou sobre a pretensa doença fatal de Scotcher — lembrei-lhe. — O que fez?

— O que fiz...? Oh, sim, aquilo. Eu disse “Perdoe-me, Lady Playford, mas o que quer dizer com ‘se Joseph morrer’? Ele vai morrer ou não?”.

— Como ela respondeu? — perguntei.

— Ela sorriu com tristeza e disse: “Essa é a questão, Michael. Oh, realmente, essa é a questão.”

## **Nota**

\* O leitor deve se lembrar do jogo de palavras com *hirsute* e *her suit* mencionado na cena do jantar, antes da morte de Scotcher. (N.T.)

## CAPÍTULO 33

*As duas coisas verdadeiras Poirot retornou dois dias depois, de manhã. Eu tinha perdido a hora, e fui acordado tarde pelo som de batidas na porta de meu quarto. Vesti meu roupão e fui abri-la, e encontrei Poirot lá fora no patamar.*

— Você voltou! Graças a Deus.

Esta saudação pareceu agradá-lo muitíssimo.

— Voltei, *mon ami, oui*. E podemos novamente fazer progresso. O que tem para me contar desde que nos falamos por telefone?

Contei-lhe sobre minha conversa com Gathercole. Depois lhe perguntei se encontrara o que estava procurando em Malmesbury.

— Sim. Fiquei sabendo de muita coisa relevante e interessante, mas eu já suspeitava da maior parte dela. Vista-se, *mon ami*. Vou esperá-lo na biblioteca. Lá conversaremos. Deixei fora do lugar o exemplar de *Rei João* de Shakespeare que estive lendo.

— Por que está lendo isso?

*Rei João*... poderia essa ser a obra literária a que Poirot aludira, aquela que considerava relevante para o assassinato de Scotcher?

— O dr. Kimpton vem tentando chamar a nossa atenção para ela desde que chegamos — disse ele. — Não pensou em lê-la você mesmo enquanto estive fora?

— Não. Se queria que eu o fizesse, deveria ter dito.

— Não faz mal, *mon ami*. — Com isso, ele me deu as costas e dirigiu-se para a escada.

Lavei-me e vesti-me rapidamente e juntei-me a ele na biblioteca vinte minutos depois. Estava escondido numa poltrona no canto, com *Rei João* sobre a mesa ao seu lado.

— Bem, cá estou — falei. — Diga-me, então: por que Malmesbury?

— É onde vive a mãe de Joseph Scotcher. Com a ajuda da polícia local, consegui encontrá-la.

— Que aparência ela tem?

— É interessante que você pergunte isso. Não esperaria que a mãe de Scotcher fosse bonita, como um anjo delicado? Essa mulher não era. Ela não era agradável à vista. Além disso, tinha... — Poirot apontou para o alto de seu nariz.

— Sobrancelhas que iam de um lado ao outro do rosto? — adivinhei em voz alta.

— Sim. Parecia... um bigode acima de seu nariz em vez de abaixo! — Poirot soava contente por ter encontrado a descrição perfeita. Não pude deixar de sorrir. — Como sabia, *mon ami*?

Contei-lhe o único detalhe que tinha deixado de mencionar pelo telefone: que a mulher que Claudia Playford vira na companhia de Scotcher no Hotel Randolph parecia ter uma única sobrancelha, longa e contínua.

Poirot jogou as mãos para o alto.

— Eu não lhe pedi para me contar tudo? E você deixou de fora esse pedaço da história? *Sacré tonnerre!*

— Foi sem querer — falei, pouco disposto a me sentir negligente quando não fizera outra coisa senão cooperar. — Você deixou de me contar *deliberadamente* por que estava no hospital ou quem era esse eminente médico. A propósito, quantos pacientes morreram nos corredores depois que você tomou aquele consultório à força para conversar comigo durante uma hora?

— Morreram? — Poirot franziu o cenho, perplexo. — Nenhum morreu. Agora, fiz algumas descobertas importantes. Vou lhe contar. Blake Scotcher, o irmão mais moço de Joseph. Ele existe.

— Então não foi Joseph Scotcher disfarçado que se encontrou com Randall Kimpton na Cafeteria Queen's Lane? — perguntei.

— Ao contrário, estou certo de que foi. E se eu estiver errado... Bem, quem quer que tenha se encontrado com o sr. Kimpton não foi Blake Scotcher, o filho mais moço de Ethel Scotcher de Malmesbury.

— Como sabe?

— Por que ele morreu aos seis anos, de gripe.

— Meu Deus!

— A sra. Scotcher, já tendo perdido um filho, está fora de si de dor por perder outro. Isso é agravado pela culpa que sentiu por tanto tempo por causa de Joseph. Negligenciou-o quando criança, contou-me. Ele parecia estar sempre bem e feliz, ao passo que seu irmão Blake era doentio e precisava da sua atenção. Ele era sempre acometido por uma doença depois da outra.

— Não me diga!

— *Oui*. E o dr. Kimpton diz que a psicologia não pode ser prova de nada!

— Mais alguma coisa sobre a sra. Scotcher?

— Não. Mas detalhes interessantes de outra fonte. Fui à Faculdade Balliol, onde tanto Kimpton quanto Scotcher estudaram... onde se conheceram, também. Sabe que antes de assumir o cargo de secretário de Lady Playford, Joseph era o que poderíamos chamar de “um homem de Shakespeare”?

— O quê? Como Kimpton antes da medicina?

— *Précisément*. Muitos em Balliol se lembram bem dos dois jovens. A opinião consensual é de que Scotcher idolatrava Kimpton e o tomava por modelo.

Então Phyllis estava enganada no tocante à direção da imitação: ela supusera naturalmente que o homem que amava era, por assim dizer, o original, e Randall Kimpton, o imitador; mas era o contrário.

— Deve ter sido por isso que Kimpton mudou de rumo e se transferiu para a medicina — falei. — Especialmente quando você pensa em Scotcher arrebatando Iris debaixo do nariz de Kimpton também. E se a questão dele fosse mais com Kimpton do que com Iris?

— Você sugere que não era tanto que Scotcher quisesse a moça, o que de fato ele queria era *ser* Randall Kimpton? Ele não podia ser alguém que não era, mas ter Iris a seu lado o ajudava a acreditar que isso era possível?

— Algo parecido com isso, sim. Se Scotcher queria Iris puramente porque Kimpton a tinha, e se decidiu ser um estudioso de Shakespeare somente porque Kimpton o era, isso devia ser exasperante para Kimpton. Ninguém poderia tolerar ser imitado dessa maneira. E sempre me pareceu conversa fiada a história de Kimpton sobre desistir de Shakespeare porque

outros no campo o reprovavam por gostar mais de *Rei João* que das outras peças.

— Mas Scotcher poderia tê-lo seguido também no estudo de medicina, *non?* E talvez o tivesse feito se não tivesse pensado em algo ainda melhor. Kimpton, uma vez que Iris estava, no linguajar popular, “fora do jogo”, transferiu sua atenção romântica para a deslumbrante Mademoiselle Claudia Playford, distante e aparentemente inatingível, filha de um visconde e de uma romancista famosa. Kimpton se esforça muito e acaba conseguindo convencê-la a ficar noiva dele. Scotcher, que se move nos mesmos círculos em Oxford, vê que Kimpton, depois de muita batalha, conquistou o coração dessa jovem beldade; e por sorte a mãe de Claudia, a escritora, está ao mesmo tempo anunciando o posto de secretário... Oh, sim, isso parece muito mais atraente para Scotcher que seguir uma carreira como médico. Por falar em médicos... — Poirot sacudiu a cabeça.

— Vai me contar finalmente?

— Quando nos falamos por telefone, você disse que talvez Scotcher não tivesse médico nenhum. Bem, ele não estava nem doente nem morrendo, mas, enquanto viveu em Oxford, estava na lista de pacientes de um médico. Visitei esse homem em sua casa. O que fiquei sabendo era fascinante. Tornou tantas coisas tão claras. Só que há um problema: o que agora está claro para mim... infelizmente é também impossível.

— Por favor, explique — falei sem muita esperança.

— Agora não é hora para explicação, Catchpool. Agora, Poirot deve pensar arduamente. Eu o aconselho a fazer o mesmo.

— O que está claro para você, e que aspecto disso parece impossível? Por piedade, Poirot, *sobre o que* é que você deseja que eu pense arduamente?

Fiquei surpreso quando ele respondeu de bom grado: — Como é possível fazer isso se encaixar? Sophie Bourlet jura que Joseph Scotcher estava vivo, suplicando por sua vida, até o momento em que Claudia Playford o atacou com um porrete no salão. No entanto, o inquérito deu a causa da morte como envenenamento e a hora como consideravelmente mais cedo. E Kimpton e Claudia nos contam que eles estavam juntos no andar superior na hora em que o ataque com porretadas ocorreu. Além disso, Brigid, a

cozinheira, os viu juntos no patamar do andar de cima quando estávamos todos descendo a escada às pressas em resposta aos gritos de Sophie. Mas... se minha teoria sobre quem matou Scotcher e por que estiver correta, então Sophie deve estar dizendo a verdade sobre o que viu no salão aquela noite. Não teria motivo algum para não o fazer.

— Por favor, conte-me sua teoria — falei.

— Deixe-me terminar, Catchpool. Se minha teoria sobre quem matou Scotcher e por que estiver correta, então faz também perfeito sentido que Claudia golpeasse com um porrete a cabeça do já morto Scotcher.

— Faz?

— *Oui.*

— Você quer dizer que foi porque ela queria que Scotcher tivesse um funeral com caixão fechado por alguma razão?

— De maneira alguma. O funeral dele revela-se irrelevante. Mas, oh, sim, faz perfeito sentido que Mademoiselle Claudia desse porretadas no cadáver de Scotcher. *O que não faz nenhum sentido, contudo, é que Scotcher, que deveria estar morto, envenenado com estricnina, nessa altura não estivesse morto de jeito nenhum!* Então quem está mentindo? Sophie Bourlet? Não creio. Claudia Playford? Não! Se Scotcher estivesse ainda vivo no salão, *ela não teria tido razão alguma para lhe dar porretadas na cabeça, portanto não o teria feito.*

— Se você tivesse dito tudo isso em grego antigo e embaralhado a ordem das palavras para completar, não teria me parecido mais incompreensível — reclamei.

Levantei-me, andei até a janela e abri-a. A vista do liso gramado verde orlado por árvores acalmou-me; descobri que só é possível fitar os olhos verdes e sempre alertas de Poirot por algum tempo sem começar a ficar tonto.

Pensei por uns minutos, depois disse: — Do pouco que consegui entender de tudo isso, você parece estar dizendo que acredita em Sophie Bourlet, mas também acredita em Claudia Playford?

— Sim, acredito na enfermeira Sophie. Mas também acredito nas descobertas do inquérito.

— Nesse caso, parece bastante óbvio que... — Fiz uma pausa, perguntando-me como expressar a ideia em palavras. — Quando sabemos que duas coisas são verdadeiras, e essas duas coisas parecem ir uma contra a outra, em vez de dizer a nós mesmos que uma delas não deve ser verdadeira, não deveríamos nos perguntar que terceira coisa em que ainda não pensamos permitiria que as duas coisas fossem verdadeiras ao mesmo tempo?

Poirot dava a impressão de ranger os dentes atrás de seu bigode.

— É uma ótima ideia, Catchpool, mas infelizmente não pode ser verdade que Joseph Scotcher estava ao mesmo tempo morto e vivo quando foi atacado com um porrete.

— Claro que não. As duas coisas verdadeiras aparentemente incompatíveis que eu tinha em mente eram, número um, Sophie Bourlet dizendo a verdade, como você acredita que esteja, e, número dois, Claudia Playford não tendo nenhuma razão para reduzir a cabeça de Scotcher a cacos com um porrete se ele já não estivesse morto.

— Catchpool! — gritou Poirot, me assustando.

— Sim? Você está bem?

— Cale-se. Feche essa janela! Venha e sente-se. — Ele parecia muito agitado. Voltei à minha cadeira como fui instruído, esperando não ter sido franco demais.

Ficamos sentados em silêncio por quase cinco minutos. De vez em quando Poirot murmurava algo inaudível. Eu poderia ter jurado que em certa altura o ouvi sussurrar “feche a gaveta, feche a gaveta”, mas ele não quis confirmá-lo.

Esperei. Aquilo se tornou bastante cansativo. Eu estava a ponto de reclamar quando ele se levantou, andou até mim, agarrou minha cabeça com ambas as mãos e beijou-a no cocuruto.

— *Mon ami*, sem saber como eu poderia aplicar sua sugestão, você desvendou o enigma em minha mente! Estou em dívida para com você, mais do que posso expressar. Finalmente o padrão completo se revela a Poirot!

— Ótimo — falei friamente.

— Mas, se posso fazer uma pequena crítica... Está acima da minha compreensão, realmente acima, que você tenha podido dizer o que disse e



*ainda assim não ver o que está agora tão claro. Não faz mal! Devemos nos apressar. Mande uma mensagem para o inspetor Conree dizendo que Hercule Poirot está pronto! Depois encontre Sophie Bourlet e traga-a ao salão, assim que possível. Rápido, Catchpool!*

## CAPÍTULO 34

*Motivo e oportunidade Três horas mais tarde, o sargento O'Dwyer e eu conseguimos conduzir todo mundo para a sala de estar. Foi uma reunião tensa, mesmo antes que Poirot abrisse os procedimentos. O inspetor Conree estava furioso por ter sido desalojado de seu papel de condutor. Ele tinha abandonado seu projeto em curso de erosão do próprio queixo e deixou a cabeça pender num ângulo que teria sugerido um pescoço quebrado àqueles não familiarizados com seus hábitos.*

Além de Conree, O'Dwyer, Poirot e eu, os outros reunidos na sala eram Lady Playford, Harry e Dora, Randall Kimpton e Claudia, Michael Gathercole e Orville Rolfe, Sophie Bourlet, Hatton, a criada Phyllis e a cozinheira Brigid, que foi a primeira a falar.

— Que rebuliço todo é este, afinal? — perguntou ela, lançando olhares ferozes para cada um de nós sucessivamente. — Eu não me sento no meio do dia! As refeições não ficariam prontas se me sentasse! Espero que ninguém pense que tenho tempo para esta ociosidade, porque não tenho. Querem passar fome, é? Se não querem, deixem-me ir. — Seus braços musculosos pareciam prontos para propeli-la para fora da cadeira a qualquer momento.

— Vou dançar nua em frente ao Palácio de Buckingham se você não tiver preparado o almoço e o jantar de hoje entre as cinco e as oito desta manhã, Brigid — disse Claudia. — Vamos, admita.

— Oh! Seja boazinha e convença-a de que não fez isso, Brigid. — Kimpton deu uma piscadela para a cozinheira, que reagiu com uma bufada de reprovação. — Enquanto isso, tenho de trabalhar para conseguir um contrato como jardineiro-chefe de Sua Majestade.

— Senhoras e senhores. — À frente da sala, Poirot fez uma pequena reverência. — Não os deterei a todos por mais tempo que o necessário. Dr.

Kimpton, eu ficaria agradecido se não sofresse nenhuma interrupção. O que tenho a dizer a todos vocês é importante.

— Não tenho dúvida disso, meu velho — disse Kimpton. — Uma breve palavra em minha defesa antes que você comece: por qualquer definição razoável de “interromper”, não o interrompi. Quando falei, você não tinha dito nada e não tinha solicitado a atenção exclusiva de ninguém. Acredito que tenho... — Kimpton fingiu estar contando as cabeças — ...14 testemunhas que vão corroborar minha afirmação se necessário. Mas aceito o que disse e a bola está com você, Poirot. Espero que possa ser capaz de nos esclarecer quanto à questão do assassinato de Joseph Scotcher.

— Essa é minha intenção e a razão de estarmos aqui.

Durante todo esse tempo, fiquei em pé ao lado de Poirot diante da lareira apagada. Como gostaria de saber o que ele tinha a dizer...

— Este não é em absoluto o primeiro assassinato que investiguei — começou ele. — É, contudo, um dos mais claros. Foram tantas as questões com que me engalfinhei e, no entanto, a solução para este enigma é impressionantemente simples. Quase alarmantemente simples.

— Com certeza não temos condições de concordar ou não com isso — disse Claudia. — Por que não nos conta o que descobriu, e depois podemos todos refletir juntos sobre o caráter do crime?

— Não interrompa, caríssima — murmurou Randall Kimpton.

— *Simples*, Poirot? — A voz de Lady Playford veio do fundo da sala, onde ela estava sentada em frente às janelas francesas. — A cabeça de um homem foi despedaçada com um porrete e depois se descobre que ele foi envenenado antes disso, e você chama isso de *simples*?

— Sim, Lady Playford. Conceitualmente e em teoria, este foi um crime metódico e... sim, eu me sentiria obrigado a dizer que foi um crime elegante. A realidade foi muito diferente. O assassino teve de se adaptar a circunstâncias cambiantes e eventos imprevistos. Nem tudo se passou como planejado, mas se tivesse se passado... — O semblante de Poirot estava grave. — Quando o mal se faz metódico, o perigo é severo. De fato extremamente severo.

Eu tremia. Se pelo menos Hatton ou Phyllis tivessem pensado em acender a lareira. Era um dia frio; o mais frio do período.

— Com qualquer assassinato, devemos considerar motivo e oportunidade — disse Poirot. — Começemos com a oportunidade, porque essa parte é simples. Pareceria que, com exceção do inspetor Conree, do sargento O'Dwyer e de Catchpool aqui, qualquer pessoa nesta sala poderia ter assassinado Joseph Scotcher. Por enquanto, vamos deixar de lado o ataque a porretadas no salão. Retornarei mais tarde a isso, mas tratemos primeiro do próprio assassinato. Sabemos que traços de estricnina foram encontrados no frasco azul no quarto de Scotcher, e sabemos que, na presença de Sophie Bourlet, Scotcher tomava o remédio, ou suposto remédio, que estava naquele frasco, fosse ele qual fosse, todo dia às cinco horas, inclusive no dia em que morreu. Sua morte foi causada por envenenamento por estricnina, como ouvimos no inquérito.

Houve um murmúrio de concordância de alguns.

— Afora as três exceções que nomeei, *não há ninguém entre vocês que não poderia ter entrado no quarto de Scotcher antes das cinco horas naquele dia e posto estricnina no frasco azul* — disse Poirot. — Portanto, passemos ao motivo. A maioria de vocês tinha uma razão para querer Scotcher morto. Se eu puder começar com você, visconde Playford?

— O quê? — Harry levantou os olhos, aparentemente confuso. Em seguida se recobrou e se lembrou das boas maneiras. — Certo, sim. É com você, meu velho. Vá em frente. O prazer é meu.

— Como sexto visconde Playford de Clonakilty, você naturalmente esperava herdar uma parte do patrimônio de sua mãe. Esperava-o como qualquer filho o faria. Já estava infeliz com os termos do testamento do seu falecido pai, talvez; sua esposa certamente estava. Depois, certa noite, no jantar, você ouve que não deverá haver absolutamente nenhuma provisão para você: foi suplantado por Joseph Scotcher. Se ele viesse a ser eliminado, contudo...

— Claro que Harry esperava sua justa parte! — exclamou Dora. — Não esperava, Harry? Que filho não o faria?

— E você, Madame, como mulher do visconde Playford, você também tinha essa expectativa. — Poirot sorriu para ela. — A propriedade do marido é a propriedade da esposa. Isso lhe dá, também, um motivo para matar. Eu sugeriria, no entanto, que seu motivo difere muito acentuadamente do de seu marido. Em seu caso, o novo testamento é o início e o fim de tudo: medo da pobreza, um futuro inseguro, a necessidade de assegurar que o dinheiro venha para você. No caso de seu marido é diferente.

— Não? Como? — disse Harry. Ele e Dora pareciam ambos surpresos. — Fale logo, então! Qual era meu motivo para querer o pobre Scotcher fora do caminho?

— Você sabia o que aconteceria com sua esposa se Scotcher sobrevivesse — disse-lhe Poirot. — Quão amarga e quão obcecada ela se tornaria. Você temia que ela não falasse de nada a não ser do novo testamento e das difíceis circunstâncias de vocês. Você estaria condenado a ouvir suas incansáveis expressões de descontentamento pelo resto da vida, com pouco ou nenhum dinheiro para gastar em distrações agradáveis.

Dora levantou-se.

— Como *ousa* falar de mim dessa maneira? Harry, faça alguma coisa. Isso é absurdo! Se o veneno foi posto no frasco antes das cinco... bem, Harry e eu não sabíamos sobre o novo testamento até o jantar, que foi servido às sete!

— Por favor, sente-se, Madame. O que diz está inteiramente correto, mas lembre-se: neste momento falo apenas do motivo.

— Obrigada por admitir que estou certa, ao menos! — Dora parecia furiosa e nem um pouco agradecida.

Poirot voltou-se para Harry, com quem era mais fácil lidar em todos os aspectos.

— Visconde Playford, demonstrei que tanto você quanto sua esposa tinham um motivo. No entanto, você não assassinou Joseph Scotcher. Nenhum de vocês dois o fez.

— Era o que eu queria! — Harry confirmou com a cabeça. Estendeu a mão e deu uma palmadinha no joelho de Dora com um cordial: — Ah! Isto sim!

— Mademoiselle Claudia... — disse Poirot.

— Serei a próxima? Que emocionante.

— Apesar do seu noivado com o dr. Kimpton, o testamento alterado de sua mãe teria, acredito, sido um motivo suficiente para você também. Talvez você não precise do dinheiro ou das propriedades, mas é uma pessoa preocupada com injustiças. Acha injusto que seu irmão tenha herdado o título de seu pai. Por que não você, como a filha mais velha? E depois ficar sabendo que Joseph deveria tomar mais uma coisa que considerava legitimamente sua...

— Não precisa continuar — Claudia interrompeu-o com uma voz entediada. — É claro que eu tinha um motivo, qualquer um pode ver isso! Embora *eu* devesse ter matado a minha mãe, não Joseph. Afinal de contas, certamente não era culpa dele. Culpa é algo que devemos ser muito *precisos* ao atribuir, não acha?

— Creio que devemos ser muito precisos com relação a tudo — disse Kimpton.

— Há também a pequena questão da execução — disse Claudia. — Oh! — Ela deu uma risadinha. — Não me refiro àquele tipo de execução, o tipo mortal. Refiro-me à efetivação de nossos planos. Nenhum assassinato planejado por mim envolveria envenenamento e porretadas. Quem quer que tenha sido responsável transformou tudo numa medonha trapalhada. Estragou todo o espetáculo, até onde posso ver.

— Você está mentindo! — exclamou com raiva Sophie Bourlet. — Eu a vi com o porrete na mão!

— Ó céus. Precisamos ter essa discussão novamente? — Claudia levantou os olhos para o teto. — Não matei Joseph. Diga para ela, Poirot, pelo amor de Deus. — Para Sophie ela disse: — Eu o achava uma companhia extremamente interessante, você sabe. E me preocupo demais com minha autopreservação para matar quem quer que seja de uma maneira que me faria ser pega. Se algum dia eu matasse uma pessoa... e devo parar de imaginar isso ou poderia ser tentada; tanta gente merece isso... eu me asseguraria de que não iria ser objeto de suspeita nem por um segundo. Se isso se provasse impossível, eu deixaria o miserável vivo, por mais que fosse me doer ser misericordiosa.

— É assim que se fala, caríssima! — Kimpton bateu palmas, encantado. Michael Gathercole desviou os olhos, enojado.

— Claudia Playford não assassinou Joseph Scotcher — disse Poirot. — E assim passamos a Randall Kimpton.

— Ahá! Devo prestar atenção — disse Kimpton.

— Teve mais motivos para matar Scotcher que qualquer outra pessoa aqui, Monsieur. E motivos convincentes, todos eles. Scotcher roubou seu primeiro amor, Iris Morphet. E agora estava prestes a roubar, como você veria, o patrimônio de Lady Playford inteiro. Que injustiça! Sua futura esposa, a quem é tão devotado, completamente excluída! Isso por si só poderia ter sido motivo suficiente para você, mesmo sem a questão de Iris Morphet.

— Amplo motivo — concordou Kimpton de bom grado.

— Falemos um pouco mais sobre Iris — disse Poirot. — Ela o abandonou para casar com Scotcher, você me contou, mas isso não aconteceu. Em vez disso, a relação dela com Scotcher terminou. Podemos especular sobre como e por que isso aconteceu, mas não sabemos ao certo. A única coisa que sabemos é que ela se arrependeu de sua decisão, mas era tarde demais. Você não quis aceitá-la de volta.

— Você a teria aceitado em meu lugar? Uma mulher que já me deixou uma vez, por um homem muitas vezes inferior a mim? Um homem que me *imitava*, que tentava reproduzir meus maneirismos para se tornar mais estimado? Não percebo o que espera conseguir rememorando isso, Poirot. Não tenho mais nada a dizer sobre Iris. Pensei que iríamos falar sobre todas as minhas excelentes razões para assassinar Scotcher.

— É o que estou tentando fazer, *mon ami*. Por favor, seja paciente. Depois que você rejeitou Iris, ela casou com Percival Gillow, um homem sem perspectivas e de caráter questionável. Menos de um ano depois do casamento, ela estava morta. Caiu debaixo de um trem, você me contou.

— Isso mesmo — confirmou Kimpton bruscamente.

Poirot saiu do meu lado e começou a andar pela sala enquanto falava.

— Habilmente... engenhosamente, você me contou duas coisas, uma após a outra: que o sr. Gillow era um caráter desprezível e que a polícia foi

*incapaz de provar que ele empurrou a esposa para debaixo do trem. Você pretendia que eu pensasse que, se alguém tinha empurrado Iris, era seu marido; que a morte de Iris foi ou um assassinato praticado por Percival Gillow ou um acidente. Mas não é nisso que realmente acredita.*

— É assim? — Kimpton sorriu. Parecia estar tentando aparentar indiferença, mas não me convenceu.

— Dr. Kimpton, lembre-se de que estive na Inglaterra. Conversei com muitas pessoas, inclusive os policiais que investigaram a morte de Iris Gillow. Eles me contaram sobre as visitas que você lhes fez, sobre sua insistência em que Joseph Scotcher havia matado Iris porque, ao descobrir que a doença que ele proclamava era uma mentira, ela o questionara. Ele temia ser desmascarado por ela e por isso a matou. Era essa a sua suspeita na época, que permanece até hoje, não é?

— Muito bem... Sim, é. Então você esteve com o inspetor Thomas Blakemore? Nesse caso, ele deve ter lhe contado que não havia nenhuma prova de nada, por isso o veredicto do inquérito: morte acidental.

— Tenho uma pergunta para você, dr. Kimpton — disse Poirot. — Se acredita que Scotcher matou Iris, por que me estimulou a suspeitar de Percival Gillow?

— Não consegue descobrir, Poirot? Eu teria pensado que, com sua expertise psicológica, resolveria depressa um enigma tão fácil. Não? Certo, vou lhe contar. Em Oxford, quando eu era mais jovem, com muita energia e uma boa dose de otimismo com relação às pessoas e ao tipo de material de que elas eram feitas, tentei convencer todos os imbecis crédulos que se deixavam enganar por Scotcher. Eu estava tão certo quanto era possível de que Scotcher era um mentiroso e um falso doente, que não tinha nada de errado com seu corpo, e isso, é claro, eu dizia às pessoas. Bem, fui praticamente condenado ao ostracismo! Scotcher se esforçava tanto para convencer a todos de que estava doente quanto eu para persuadi-las de que não estava. Ele promoveu um encontro de alguns de seus conhecidos influentes de Oxford com seu falso médico, assim como me convidara para um com seu falso irmão. Esses dois personagens inexistentes eram ambos



Joseph Scotcher disfarçado: barbado e de pele morena, pelo menos até o punho.

— Randall, por que cargas d'água eu não ouvi essa história antes? — perguntou Lady Playford.

— Ouça e ficará sabendo por quê — respondeu-lhe Kimpton. — Juntos, Scotcher e seu médico fictício trataram de assegurar que eu me tornasse extremamente antipatizado em Oxford. Não gosto de ser antipatizado e não suporto ser passado para trás. Era isso que estava acontecendo, e por uma razão muito simples: as pessoas não gostam de dar ouvidos àqueles que as põem diante de situações impalatáveis; preferem ouvir apenas comentários amáveis. Ninguém desejava acreditar que aquele gentil e abnegado Joseph Scotcher, a quem todos adoravam porque ele os lisonjeava tão assiduamente, os enganaria de uma maneira cruel, e assim *não* acreditavam nisso. Fácil! “Ninguém faria tal coisa”, murmuravam, e eram estúpidos o bastante para ficarem convencidos por suas próprias banalidades.

“Logo vi que não seria do meu próprio interesse levar adiante e ver reconhecida minha campanha para revelar o que eu suspeitava ser a verdade — continuou Kimpton. — Sou um homem que toma decisões e se atém a elas, Poirot. Decidi nunca mais tentar convencer ninguém da desonestidade de Scotcher. Eu tinha tentado alertar as pessoas para a verdadeira natureza dele e fracassara. Que assim fosse. Que Scotcher prosperasse ou que fosse para o diabo, pensei, e com isso lavei minhas mãos em relação a ele. Athie, você perguntou por que não ouviu minhas histórias sobre Scotcher. Aí está a razão. Nem para Claudia eu disse uma palavra. Ora, ela percebeu a provável verdade por si mesma, assim que Scotcher anunciou em Lillieoak que ele corria o perigo de perder a vida para essa terrível doença, e depois, mais tarde, que estava certamente morrendo. Qualquer pessoa que não fosse tola podia ver que ele não era o inválido que afirmava ser, e minha caríssima não é nenhuma tola.

“Ela me confiou suas desconfianças. Naturalmente, admiti que as compartilhava, embora não tenha lhe contado a história toda naquela altura. Permiti que ela acreditasse que minhas suspeitas sobre Scotcher eram recentes, como as dela.

“*Você*, Athie, é em tudo e por tudo tão arguta quanto sua filha. Dia após dia, não havia nenhum sinal visível de que Scotcher tivesse qualquer tipo de doença, exceto pelo que ele dizia. ‘Sinto-me fraco. Preciso descansar.’ Qualquer um pode dizer essas coisas! Mas acaso você o pôs no olho da rua, que era o lugar dele?”

— Não o fiz — disse Lady Playford, orgulhosa.

— Não. Em vez disso você contratou uma enfermeira para ele — disse Kimpton. — Alterou seu testamento em benefício dele. Essa é a força do feitiço que o homem consegue exercer sobre tanta gente. Longe de contestar suas mentiras, você se tornou uma dócil participante do jogo dele. Oh, você jogava com prazer! Era impressionante observar, e também bastante repugnante.

Kimpton virou-se para Poirot.

— Eu lhe permiti concluir que eu suspeitava que Percy Gillow matou Iris porque, se tivesse sugerido que foi Scotcher, teria voltado ao ponto em que estava tantos anos atrás em Oxford, tentando convencer as pessoas de que ele era um sujeito desonesto. Você teria dito: “Mas, Kimpton, o mero fato de ele ter mentido sobre uma doença fatal não faz dele um assassino.” Lamento, mas a perspectiva de ter essa conversa era aborrecida demais, por isso optei pela saída fácil. Eu sabia que não teria nenhuma dificuldade em persuadi-lo de que um vagabundo como Percy Gillow poderia ter matado a esposa. Eu esperava que você pudesse se incumbir de investigar mais profundamente e verificar com certeza se Joseph Scotcher assassinou Iris. Se alguém pode provar isso, é você.

— Não sei se alguém pode tantos anos depois — respondeu Poirot. — Se é uma prova definitiva que você espera...

— Prova clara é o único tipo que vale a pena ter — disse Kimpton com firmeza. — Devo lhe contar uma coisa? Antes de desistir, fiz um esforço coordenado para reunir tudo que podia em matéria de evidências. Contratei um sujeito como você, Poirot, um detetive. Paguei-o para seguir Scotcher durante várias semanas. Durante esse tempo, Scotcher não passou nem perto de nenhum membro da profissão médica, embora tenha se dado ao trabalho de me contar que havia consultado seu médico nesse e naquele dia. Eu

poderia ter compartilhado essa informação com os conhecidos de Scotcher e nossos conhecidos comuns, mas você sabe o que eles teriam dito? Que eu era o vilão da história, por fazer que meu amigo, ou ex-amigo, fosse perseguido por um detetive. Eles teriam sugerido que o detetive que contratei poderia ter me dado informações incorretas, ou que Scotcher talvez não tivesse visto seu médico durante aquele período particular, mas que isso não significava que não estivesse gravemente doente. O que, evidente, é muito verdadeiro! É incontestável! Um sujeito poderia estar à beira da morte e ainda assim mentir sobre ter visto um médico nesta ou naquela ocasião. Foi então que compreendi que eu poderia gastar centenas de libras e contratar todos os detetives particulares do mundo, mas nunca teria provas suficientes para convencer ninguém ou para saber eu mesmo com absoluta certeza.

—Vamos retornar a seus possíveis motivos para matar Joseph Scotcher — disse Poirot. — Parece que devemos acrescentar mais dois à lista: não só vingança por lhe ter roubado Iris, mas também vingança pelo assassinato de Iris, e por tê-lo vencido. As mentiras de Scotcher enganaram a todos. Suas tentativas de disseminar a verdade haviam encontrado uma recepção hostil.

— Espere — disse Kimpton. — Não, desculpe-me. Eu o proíbo de acrescentar vingança pelo assassinato de Iris a essa lista. Poirot, temo que você não me conheça em absoluto! Eu não me permitiria matar ninguém como vingança por alguma coisa que essa pessoa poderia ou não ter feito, por mais que suspeitasse de sua culpa. *Poderia* não é o bastante. Nunca é o bastante. E mais ou menos da mesma maneira, eu não *sabia* que Scotcher havia mentido sobre sua doença. Eu meramente suspeitava disso, como continuo tentando lhe fazer ver.

Poirot assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Mas não há nenhum “poderia ou não” com relação ao próximo motivo da lista: Joseph Scotcher, este homem de quem você tanto desconfiou, essa fraude, esse charlatão, *se recusava a deixá-lo em paz*. Estive em Oxford, como disse. Descobri que, antes que você se voltasse para a medicina e antes que ele viesse trabalhar em Lillieoak para Lady Playford, assim como você Scotcher era um estudioso da literatura, e de Shakespeare em particular. Foi essa a verdadeira razão que o faz abandonar sua vocação e ingressar no

campo da medicina, dr. Kimpton? Scotcher estava decidido a copiá-lo, a tomar o que era seu, *a tentar ser você de todas as formas possíveis*; então você decidiu deixá-lo continuar com Shakespeare e, nesse ínterim, você iria se dedicar a algo completamente diferente, a uma carreira em que acreditava que Scotcher não se atreveria a segui-lo. Um homem saudável que afirmava estar morrendo certamente não escolheria seguir nada próximo da profissão médica. Foi esse o seu raciocínio?

— De maneira alguma — disse Kimpton. — Mas, caramba, não é esplêndido que você tenha conseguido fazer isso se encaixar tão bem e soar tão *provável*? Não... Posso dizer com segurança que, quando escolhi uma carreira em medicina, a ideia de me livrar de Scotcher não teve a menor participação nisso.

— Mesmo assim, você deve ter desejado se desvencilhar dele — disse Poirot. — Depois de Iris, encontrar Claudia foi um novo começo para você. Conhecer a família dela, a família em que esperava ingressar pelo casamento... Em seguida, quem haveria de chegar senão Joseph Scotcher! De repente ele é o novo secretário de Lady Scotcher! Ocorre-lhe então que, onde quer que você vá e faça o que fizer, ele o seguirá. Você terá de observar as pessoas bajularem-no e as verá acreditando nas suas mentiras! Será como Oxford outra vez. Eu poderia chamar isso de um excelente motivo para assassinato, dr. Kimpton.

— Eu diria isso — concordou Kimpton. — Então esse ponto vai para você, Poirot. Está marcando a contagem? Quantos motivos tenho no total?

— O número não importa. Isto não é um jogo de salão.

— Suponho que não, mas... Bem, não posso deixar de me sentir culpado por ter monopolizado toda a atenção por tanto tempo, especialmente em se considerando que não matei o fulano.

Lady Playford levantou-se no fundo da sala.

— Aflige-me muito ver Joseph ser descrito como uma fraude e um charlatão, Poirot — disse ela. — E agora descobrimos que ele queria ser um estudioso de Shakespeare apenas para ser igual a Randall? Não conseguem ver, todos vocês, que o pobre homem estava desesperadamente doente? Não

em seu físico, mas em sua mente! É errado demais aplicar padrões morais normais a uma pessoa com os problemas de Joseph.

— Como isso é tremendamente conveniente — disse Kimpton.

— Permitam-me avançar além do dr. Kimpton — disse Poirot. — Ele tinha muitos motivos convincentes, mais que qualquer outra pessoa nesta sala. Mas, lembrem-se, ele é também, agora, um homem de ciência, que aprendeu a aplicar a disciplina e o autocontrole. Um homem diferente em sua posição poderia ter sucumbido a uma paixão vingativa e cometido assassinato; Randall Kimpton não o fez: não quando Iris Morphet o abandonou em favor de Scotcher e em nenhum momento desde então. Seu orgulho não lhe permitiria agredir dessa maneira. Nunca!

Kimpton riu.

— Poirot, retiro todos os comentários insultantes que fiz algum dia sobre seus métodos. Viva a psicologia, é o que digo!

— E assim... — Poirot percorreu a sala com os olhos. — Passemos adiante...

## CAPÍTULO 35

*Todos poderiam ter, mas ninguém tinha — Há três pessoas aqui que não tinham nenhuma razão para matar Joseph Scotcher: o sr. Hatton, a sra. Brigid Marsh e o sr. Orville Rolfe. Eles podem ser desconsiderados.*

— Desconsi... quê? — perguntou Brigid. — Não fale difícil, por favor!

— Estou dizendo, Madame, que você não matou o sr. Scotcher.

— E pensa que me encher os ouvidos por horas a fio só pra me dizer o que já sei vai me ajudar a fazer o jantar de hoje à noite, pensa? Em vez de nos dizer o que não aconteceu, diga-nos o que aconteceu. Tudo que você disse até agora é... bem, é como se encomendasse carne para uma dúzia de refeições que não pretendo preparar!

— Brigid, não fale assim com Monsieur Poirot — disse Lady Playford. Sua voz soou distraída, como se sua mente estivesse em outro lugar e a reprimenda fosse mais *pro forma* que qualquer outra coisa.

— É melhor eu voltar para minha sopa de ervilha com presunto, então! — foi a resposta irada. — É de admirar que pessoas tirem coisas de minha cozinha quando passo tanto tempo fora dela? — Enquanto falava, ela olhava ferozmente para mim, e de maneira muito penetrante também, como se me culpasse mais que a qualquer outra pessoa. Lembrei-me da anedota sobre o sobrinho dela e os doces furtados... Ela tinha parecido irritada comigo naquele momento também. Seria possível que suspeitasse que eu furtara um de seus utensílios de cozinha? Por que diabo o faria, quando eu não fizera tal coisa?

— Chegamos em seguida a Sophie Bourlet e Phyllis Chivers — disse Poirot.

— Eu? — Phyllis parecia horrorizada. — Para que quer falar sobre mim? Eu não fiz nada!

Sophie tinha se enroscado como uma bola em sua cadeira. Não fez nenhum protesto.

— O motivo de Mademoiselle Phyllis é claro: ela ouviu, enquanto escutava junto à porta da sala de jantar, a proposta de casamento feita pelo sr. Scotcher à sua enfermeira, Sophie. A inveja é uma emoção poderosa, que pode levar facilmente ao assassinato.

— Não fiz isso, juro! — Phyllis se levantou, agarrando a saia. — Nunca matei ninguém! E, se tivesse matado, teria sido ela, não ele!

— Realmente — disse Poirot. — Você tira palavras de minha boca. Uma mulher ciumenta tem cem vezes maior probabilidade de matar a outra mulher, sua rival, que o homem, o precioso objeto de seu amor. Phyllis Chivers não assassinou Joseph Scotcher. Quanto a Sophie Bourlet, qual poderia ter sido seu motivo? Ela amava Scotcher, é inegável. Percebi isso desde o primeiro momento em que os vi juntos. Mas talvez sabendo que ele morreria em breve, ou acreditando que isso era verdade...

— Sophie sabia, como qualquer um de nós, que Joseph era saudável — interveio Claudia. — É absurdo que ela ainda finja, como se imaginasse que pode salvar o bom nome dele, mesmo agora.

Sophie pareceu paralisada. Ainda assim, manteve seu silêncio.

— Sabendo que o homem que amava logo morreria de uma terrível doença, ou então sabendo que ele passaria o resto de sua vida fingindo estar morrendo, o que a obrigaria a essa mesma insuportável simulação, Sophie Bourlet poderia ter se tornado infeliz o bastante para se voltar para o assassinato como uma solução para seus problemas — disse Poirot. — É também possível que ela amasse tanto Scotcher que, depois de admitir para si mesma que ele lhe mentira, tenha se sentido traída, a tal ponto que desejou pôr fim à sua vida.

— Nenhuma dessas teorias parece lá muito provável — disse Randall Kimpton. — Ambas são vagas demais. No entanto Sophie deve ter feito isso, do contrário, por que mentir sobre Claudia e o porrete e aquilo tudo?

— Nenhuma das duas teorias parece provável, dr. Kimpton, porque Sophie Bourlet *não assassinou Joseph Scotcher*.

— O quê? — disse Kimpton, olhando para Claudia. — Vamos, meu velho, ela deve ter assassinado.

— Se não foi ela, quem foi? — perguntou Claudia, indignada.

Sophie levantou-se. Hoje, pela primeira vez desde a morte de Joseph, ela estava bem-arrumada, com o cabelo escovado e preso atrás. Lembrava um pouco a antiga Sophie.

— Há algo que devo confessar — disse ela. — Sinto muito, Monsieur Poirot, pela interrupção. Eu devia ter lhe contado imediatamente. Gostaria de tê-lo feito! Mas não o fiz, e também não lhe contei na delegacia da *garda* em Ballygurteen, nem agora há pouco no salão quando fizemos o experimento...

— Experimento? — perguntou Lady Playford, como se a palavra fosse uma obscenidade e ela jamais tivesse esperado ouvi-la em sua própria casa.

— Explicarei sobre o experimento mais tarde — disse-lhe Poirot. E virando-se para Sophie: — Continue, por favor.

Ela se mantinha com as costas perfeitamente eretas, a mãos unidas com cuidado à sua frente. Sua postura fazia pensar numa estudante diligente, solicitada a executar um solo num concerto.

— Menti sobre algo importante. E estou ciente de que alguns de vocês pensarão que, se pude mentir uma vez, posso mentir uma centena de vezes, mas sou uma pessoa sincera. Não gosto de mentiras. Mas às vezes... Bem, nessa ocasião entrei em pânico, e fiz um cálculo que se provou desastroso.

— De que diabo você está falando, estranha criatura? — perguntou Kimpton.

— Devo contar a história? — sugeriu Poirot. — Está se referindo ao penhoar branco de Claudia Playford, não é?

Sophie ficou boquiaberta, tal a sua incredulidade.

— Como soube? Não pôde ter ficado sabendo!

— Poirot sabe, Mademoiselle. Eu lhe perguntei, foi uma das primeiras perguntas que fiz, o que Claudia Playford usava quando você a viu golpeando a cabeça de Joseph Scotcher com o porrete. Você me disse que ela vestia um penhoar branco sobre a camisola. Eu sabia que isso não era verdade. Ela usava o penhoar branco quando desceu a escada após ouvir seus gritos, para ver o corpo de Scotcher no salão. Vi o penhoar e não havia um sinal de sangue nele. Noto, sempre, imperfeições de vestuário. Assim, eu disse para mim mesmo: “Sophie Bourlet mente. Ou sobre ver Claudia Playford golpear a



cabeça de Scotcher com o porrete, ou sobre a roupa que ela usava para fazer isso.”

— Eu a *vi* mesmo fazer isso — sussurrou Sophie. — Eu juraria pela minha vida.

— Você a viu, sim — concordou Poirot. — Ela vestia o vestido verde que usou no jantar, *n'est-ce pas?* No entanto você sabia que, quando ela reapareceu no salão em resposta a seus gritos, estava usando um penhoar branco. Você não entendeu como ela poderia ter tido tempo para ir até o andar superior, trocar de roupa e esconder um vestido manchado de sangue naquele ínterim. Por isso mentiu.

— Não fazia sentido! — disse Sophie. — Como podia Claudia estar usando um vestido verde para atacar Joseph no salão num minuto, e depois de pé no vestíbulo com uma camisola e um penhoar brancos no minuto seguinte? A única coisa que aconteceu entre esses dois momentos foi que gritei, e não por muito tempo antes que as pessoas começassem a descer a escada correndo. Não havia tempo suficiente; esse era o problema. Eu sabia que, se dissesse que ela estava usando o vestido verde para golpear Joseph, pareceria uma mentirosa.

— E assim, para evitar parecer mentirosa, você se tornou uma — disse Poirot. — Encontrei esse fenômeno muitas vezes. Não importa. Você acrescentou um detalhe falso... porém, uma vez que removemos esse detalhe, ficamos com o que tínhamos antes. É semelhante... se posso dizer isto, sargento O'Dwyer... ao seu “feche a gaveta”. Desfazendo essa troca de palavras que você e seu irmão faziam só para escapar de apuros, ficamos com a verdadeira mensagem, o “cale a boca”.

— Poirot, de que diabo está falando? — perguntou Lady Playford. — O que é essa gaveta pouco convincente e o que tem o irmão de O'Dwyer a ver com tudo isso?

— Não se preocupe, não é importante. Quero dizer apenas que, uma vez que retiramos o embelezamento que Sophie acrescentou à sua história, ficamos com a verdadeira mensagem que ela precisava nos comunicar com a máxima urgência: que ela viu duas coisas que, tomadas juntas, pareciam ser impossíveis.

— Desculpe-me — disse Claudia em voz alta. — Por que, se posso perguntar, eu deveria desejar despedaçar a cabeça de um cadáver? Quero dizer, tudo isto é muito estimulante, mas devemos nos lembrar de adicionar um pouco de senso comum à mistura de vez em quando.

— Lamento ter mentido — disse Sophie. — Se pelo menos eu tivesse sabido... Mas ainda não tínhamos feito o experimento.

— Que bendito experimento? — perguntou Kimpton. — Lamento, mas minha paciência está se esvaindo rapidamente. Poirot, se Sophie não matou Scotcher, então quem o fez?

— Tudo a seu tempo, dr. Kimpton. Michael Gathercole. — Poirot virou-se para o advogado. — Você invejou Joseph Scotcher desde que Lady Playford o empregou como seu secretário. Você também se candidatou ao emprego, mas foi suplantado. O pior foi que Scotcher usou o *seu* conhecimento das histórias policiais de Lady Playford para bajulá-la. Portanto, você poderia ter matado por causa dessa inveja. Ou poderia ter um motivo mais altruístico, pois acredito que seja um bom homem, que realmente se preocupa com os outros. Você poderia ter matado Scotcher *em benefício de Lady Playford, para protegê-la*. Podia ver que tipo de homem ele era e, na sua opinião, ela não. Ela parecia alheia ao perigo de lhe permitir permanecer em Lillieoak, no seio de seu lar e de sua família.

Gathercole suspirou.

— O homem era uma ameaça — disse ele. — Sinto muito, Lady... Athie. Esta é minha opinião. Eu teria dado qualquer coisa para vê-lo enxotado daqui.

Lady Playford ficara pálida.

— O que você está dizendo, Michael? Que você o *matou*?

— O quê? — Gathercole pareceu confuso. — Não! Claro que não. Não fiz nada semelhante. Monsieur Poirot...

— Não se aflija, Monsieur. É verdade: o sr. Gathercole não matou Joseph Scotcher.

— Bem, fico muito aliviada ao ouvir isto! — disse Lady Playford. — Mas, Poirot, a única pessoa que resta sou *eu*. — Ela parecia decepcionada,

como se tivesse comprado ingressos para uma nova peça de teatro que tivesse se revelado uma bomba.

— Está certa, Lady Playford. A senhora, a protetora e defensora de Joseph Scotcher, que o protege quando mais ninguém se dispõe a fazê-lo.

Athie Playford suspirou.

— Você é um tipo tão astuto, Poirot. Um impostor, na realidade. Vejo qual é o seu jogo. Você vai discorrer longamente sobre tudo que fiz para Joseph... como eu o adorava de maneira irracional e como estou inconsolável agora que ele está morto... tudo isso num tom de voz destinado precisamente a fazer todos pensarem que há um enorme “mas” vindo aí. “Mas ela o matou porque...” No entanto não há, não é? Você sabe perfeitamente bem que eu não sou a assassina. Pelo menos, espero que saiba.

Ela pareceu em dúvida por um momento.

— Eu o convidei para vir aqui, e a Catchpool também, porque tinha lido sobre quão brilhantemente você desvendou os assassinatos do Hotel Bloxham em Londres. Fui informada de que você era o melhor. Como sabe, temia que pudesse haver um atentado à minha vida...

— Sua vida? — Dora apressou-se em perguntar. — Mas foi Scotcher que...

— Você não precisa me dizer, Dora, que Joseph foi assassinado e eu não. Tenho aguda consciência disso. — Lady Playford respirou fundo. Para Poirot e eu, ela disse: — Eu esperava que, se pudesse escolher, Joseph confiaria plenamente em mim em vez de correr o risco de tentar me matar numa noite em que dois dos melhores detetives da Inglaterra estavam hospedados em Lillieoak. Michael atrás da cortina não era minha única medida de segurança; vocês dois eram igualmente importantes.

— Athie, *exijo* que você se explique! — exclamou Dora. — Que cortina? Que Michael? O sr. Gathercole?

— Oh, cale a boca, Dora — disse sua sogra. Com um pequeno sorriso, Lady Playford acrescentou: — Ou feche a gaveta, como preferir.

— Lady Playford, sei que adorava Joseph Scotcher — disse Poirot. — Acredito que teria dado a vida por ele. Amava-o mais do que qualquer dos

seus dois filhos, e mais do que amava seu fiel amigo e advogado, o sr. Gathercole.

Esforcei-me para conter minha irritação. Scotcher estava morto, e por isso fora do alcance de lisonjas e estímulos; será que Poirot não se importava nada com as expectativas dos vivos, com a harmonia ou não das relações entre eles no futuro? Desvendar assassinatos era muito bom, mas não havia nenhuma necessidade de explicar para os membros de uma família já perturbada quão pouco eles se importavam uns com os outros.

— Lady Playford, se tivesse de ser banida por toda a eternidade para um lugar remoto e pudesse levar somente uma pessoa consigo, Joseph Scotcher teria sido sua companhia escolhida — continuou ele. — No entanto, a senhora é uma mulher inteligente. Podia ver que ele lhe mentia todos os dias e se aproveitava de sua generosidade. Iria uma mulher como a senhora, orgulhosa e poderosa, acostumada a escrever livros em que todo canalha e vilão é punido da maneira mais severa... iria semelhante mulher permitir que a persistente desonestidade de Scotcher ficasse impune?

Athie Playford acenou a mão num gesto vagamente desdenhoso.

— Vá adiante com isso, Poirot — disse ela. — Estou certa de que não preciso lhe dizer que a vida real não é tão limpa e arrumada quanto a ficção. Na vida real, a mulher orgulhosa que, no papel, joga os malvados em celas de prisão e os deixa lá para apodrecer, duas vezes por ano, sem falta, amava um brilhante e belo jovem que lhe mentia descaradamente todo santo dia, e ela não levantava um murmúrio de protesto! Não se poderia pôr uma história como essa num livro. Ela seria extremamente insatisfatória.

— Você diz que a vida não é tão limpa e arrumada como a ficção. Em geral não é — concordou Poirot. — Mas o assassinato de Joseph Scotcher, pelo menos em sua concepção, foi mais limpo e arrumado do que qualquer de vocês, exceto o assassino, poderia imaginar.

## **CAPÍTULO 36**

## *O experimento*

— *Bon.* Vou lhes contar agora, de modo que possam todos se maravilhar, tal como eu, com a ordem do assassinato de Joseph Scotcher.

“Scotcher cometeu um assassinato: o de Iris Gillow. Qual foi seu motivo? Ora, é óbvio: ela suspeitava que ele tivesse inventado sua doença. Não me diga, dr. Kimpton, que não posso provar que Scotcher matou Iris, ou que seu motivo era o que descrevo aqui. Ainda não disse tudo que tenho a dizer a esse respeito. Você deve esperar pelas evidências, ainda que circunstanciais, como você sem dúvida as qualificará quando as ouvir.

“Por um longo tempo, Scotcher continuou impune. Ninguém foi capaz de provar que ele empurrou Iris para debaixo de um trem. Mas seu crime o alcançou, e de uma maneira satisfatoriamente arrumada. Vejam, *o motivo para o assassinato de Joseph Scotcher foi exatamente igual ao motivo para o assassinato de Iris Gillow.* Vou dizê-lo mais uma vez: Iris foi morta porque suspeitou que Scotcher não estava realmente morrendo. E Joseph Scotcher foi morto pela mesma razão: porque seu assassino suspeitava que ele não estivesse realmente morrendo. Não poderia ser mais ordenado ou mais apropriado! Scotcher foi morto pela mesma razão que, alguns anos antes, o levava a matar. Ocorre simplesmente que ele estava numa ponta diferente do motivo em cada caso: da primeira vez, ele foi o sujeito do assassinato; da segunda vez, seu objeto.

— Não, não, não — se opôs Kimpton. — Você está exibindo um raciocínio capenga, Poirot. Em primeiro lugar, de que maneira suspeitar que Scotcher não estivesse realmente morrendo era um motivo para matá-lo? Muitos de nós que suspeitamos disso *não* o matamos.

Poirot sorriu, mas não disse nada. Kimpton prosseguiu: — Quanto a matar Iris porque ela não acreditava que ele estivesse morrendo... Mais uma vez, muito de nós não acreditávamos. Scotcher matou Iris e não a mim, por exemplo.

— Essa é uma observação interessante, doutor — admitiu Poirot. — Não posso ter certeza, mas creio que Scotcher deve ter temido que Iris Gillow representasse uma ameaça maior que você. Você mesmo disse que não conseguiu persuadir ninguém em Oxford a lhe dar crédito e que depois

cessou de tentar. Imagine, então, se Iris se apresentasse em apoio à sua teoria...

— Certo. Observação justa — disse Kimpton. — Se fosse a amável Iris em vez do impiedoso Randall dizendo isso, sem dúvida muitos mais teriam ficado alertas e prestado atenção. Mas, ouça, o que você disse antes sobre o motivo para o assassinato de Scotcher...

— Irei agora explicar o experimento a que Sophie Bourlet se referiu — disse Poirot. — Todos vocês ouviram-na falar sobre o problema do tempo... Um enigma insolúvel, ao que parece! Do ponto de vista dela, supondo que esteja dizendo verdade, o que aconteceu foi isto: ela viu Claudia Playford, usando o mesmo vestido verde que usara no jantar aquela noite, golpear a cabeça de Joseph Scotcher com o porrete. Sophie começou a gritar, momento em que Claudia deixou o porrete cair e saiu correndo através da porta que leva à biblioteca. Depois, num tempo muito curto, pessoas começaram a chegar ao térreo para ver o que era toda aquela gritaria. Uma dessas pessoas era Claudia, com uma camisola e um penhoar branco!

“Quando ouvi pela primeira vez que essa era a suposta sequência dos acontecimentos, tive a mesma impressão que Sophie Bourlet: ‘Com certeza é impossível’. Pensem, meus amigos, no tempo que seria necessário para atravessar a biblioteca e chegar ao pé da escada, para subir ao andar superior.

“Catchpool e eu estávamos conversando lá em cima quando Sophie Bourlet começou a gritar. Vocês podem todos ver que Catchpool tem pernas compridas. Ai de mim, não me movo tão depressa, mas ele o faz, e ele se pôs em movimento assim que os gritos começaram. *Enquanto descia a escada, ele não topou com Claudia Playford subindo com um vestido verde borrifado de sangue.* No entanto, se minha teoria que se desenvolvia tão bem estivesse correta, e eu tinha certeza de que estava, era isso que tinha de ter acontecido! Esse problema, esse enigma, era de grande magnitude. E depois, por fim, vi que só poderia haver uma única explicação, por isso montei um experimento para prová-la.

“Sophie Bourlet nos dissera a princípio que ela primeiro ouvira uma discussão entre Claudia Playford e Scotcher, na qual uma mulher chamada Iris era mencionada, e depois vira Claudia começar a golpear Scotcher com o

porrete, momento em que Sophie começara a gritar. Baseado no que eu tinha deduzido, que seria a única solução possível para o enigma, suspeitei que a lembrança do incidente de Sophie tinha sido distorcida por seu choque e dor. As coisas simplesmente não podiam ter sido como ela descrevia. Mas como chocar novamente sua memória, de modo a fazê-la corrigir-se?

— Posso perguntar — interveio Kimpton — se, quando diz “chocar sua memória de modo a fazê-la corrigir-se”, você quer dizer de fato “dar a uma mentirosa a chance de dizer a verdade sem perder a compostura”?

Poirot ignorou-o e prosseguiu: — O experimento transcorreu da seguinte maneira. Sophie ficou do lado de fora do salão. A meu pedido, pôs seu chapéu e vestiu seu sobretudo, para uma reconstituição mais perfeita do evento. Catchpool e eu então encenamos a mesma discussão que Claudia e Scotcher tinham tido na noite do assassinato. Catchpool era Scotcher e eu, Claudia.

— Você devia ter me escalado para o papel — disse Claudia. — Interpreto Claudia como ninguém, deixe-me lhe dizer... Muitíssimo melhor do que um velho com um bigode ridículo. Coisa mais impertinente!

— Segurei o porrete em minha mão — continuou Poirot. — Catchpool suplicou por sua vida: “Pare, pare! Por favor, Claudia! Você não tem de...” E eu disse: “Isto é o que Iris devia ter feito, mas ela era fraca demais. Ela o deixou viver, e assim você a matou.” Exatamente as palavras que Sophie nos disse ter ouvido. Depois levantei o porrete e o baixei com grande força, parando a centímetros apenas da cabeça de Catchpool. Nesse instante, virei-me para olhar para Sophie. Como eu havia esperado, ela sacudia a cabeça vigorosamente. “Não”, disse-me ela. “Não, não aconteceu assim.” Mademoiselle, talvez possa contar a todos nós como aconteceu. Senhoras e senhores: o que estão prestes a ouvir é a verdade. Por favor, prestem atenção.

— Estava tudo errado — disse Sophie. — De repente, tudo se encaixou no lugar, e era muito diferente do que eu tinha contado à polícia e a mim mesma e... em que eu tinha acreditado. A discussão não aconteceu antes dos golpes de porrete. Eu disse que foi nessa ordem, pensei que tivesse sido, mas estava errada! Como uma pessoa naturalmente organizada, organizei e ordenei as coisas na minha memória. A verdade foi que Claudia estava



despedaçando a cabeça de Joseph com aquela... *coisa* desde o primeiro momento. Já estava acontecendo! Quando cheguei, já estava quase terminado. E esse ataque perverso acontecia *ao mesmo tempo que a discussão*. E a cabeça de Joseph estava quase completamente destruída! O que significa... — Sophie olhou para Poirot, impotente.

Poirot tomou a palavra.

— Isso significa que o homem que aparentemente suplicava por sua vida, aquele que gritava “Pare, pare! Por favor, Claudia! Você não tem de...”, *não podia ter sido Joseph Scotcher*. Ele, como sabemos, já estava morto, envenenado com estricnina, e ninguém com um crânio despedaçado podia ser tão eloquente. Portanto, a voz que Sophie ouviu pertencia a outro homem, um homem que instava Claudia a desistir. Esse homem não queria que ela continuasse a reduzir a uma polpa a cabeça do já morto Joseph Scotcher.

— Outro homem? — Kimpton parecia irritado com a sugestão. — Que outro homem? Está tentando dizer que Claudia está apaixonada por outra pessoa?

— Não mencionei amor — disse Poirot.

— Não seja absurdo, Randall — disse-lhe Claudia. — Apaixonada? Querido, eu não aceleraria o meu passo para impedir que um objeto pesado caísse sobre ninguém neste mundo exceto você. Sabe disso.

— Sophie Bourlet cometeu outro erro — disse Poirot.

— Sim, ela pôs estricnina no falso frasco de remédio de Scotcher — disse Kimpton com uma risadinha, aparentemente feliz de novo agora que Claudia o tranquilizara. — E vai ser enforcada por isso. Certo, Poirot?

— Errado. Como já deixei claro, Sophie Bourlet não matou Joseph Scotcher.

— Sim, mas você disse isso sobre todos nós, e alguém tem de ter feito isso — ressaltou Kimpton.

— Ele ainda não disse isso sobre mim — disse Lady Playford num tom pesaroso. — Não fiz isso, é claro. E temo que se alguém sugerisse que fiz partiria de maneira irreparável o meu coração.

— A senhora é inocente, Lady Playford — disse-lhe Poirot.

— Obrigada, Poirot. Sim, sou.

— Poirot, isto é demais! — disse Kimpton.

— Exigimos saber imediatamente — disse Dora Playford.

— E estou tentando lhes contar. Posso continuar? *Merci*. O outro erro de Sophie Bourlet foi imaginar que ela começou a gritar quando Claudia Playford começou a golpear Scotcher com o porrete. Não foi assim! Lembrem-se, estabelecemos que Claudia já estava golpeando Scotcher quando Sophie apareceu e olhou para o salão, e que a discussão com outro homem estava ocorrendo ao mesmo tempo. Esse homem, diga-se de passagem, não era visto por Sophie. Estava, creio, parado na escuridão da biblioteca. Sophie não lembra se a porta entre a biblioteca e o salão estava fechada ou aberta. Penso que devia estar aberta.

“Espero que todos possam ver que, se Sophie tivesse começado a gritar assim que testemunhou os golpes, como inicialmente nos contou, não teria podido ouvir a discussão acima do barulho que ela própria estava fazendo, alto o bastante para levantar legiões de mortos, se me permitem dizer isto.

“Aqui está, portanto o que aconteceu: Sophie viu, emudecida pelo choque, Claudia Playford golpear a cabeça de Scotcher com o porrete. Ao mesmo tempo, ouviu a discussão entre Claudia e o homem que estava escondido na biblioteca, mas que podia ver o que se passava no salão. Depois Claudia avistou Sophie e correu, e devemos supor que o homem se safou também. Durante o tempo que os dois levaram para chegar ao pé da escada, Sophie fitou, horrorizada, a cabeça destruída e o corpo pavorosamente contorcido de seu amado. Alguns minutos se passaram; é impossível medir o tempo com precisão quando se está em extremo choque. Claudia e o homem com quem ela discutiu subiram a escada correndo e conseguiram se esconder antes que alguém os avistasse. *Então*, somente nesse momento, Sophie despertou, como se de um pesadelo... Com a diferença de que para ela o pesadelo havia apenas acabado de começar. Ela se deu conta de que o que jazia diante dela não era nenhuma aparição, não era um sonho, mas uma realidade horrível e trágica. Foi *nesse momento* que começou a gritar. Nesse ínterim, Claudia estava trocando seu vestido verde pela camisola e pelo penhoar brancos.

“Quando o sargento O’Dwyer chegou a Lillieoak hoje, perguntei-lhe se algum dos *gardaí* que revistaram a casa e o terreno havia encontrado um vestido verde com manchas de sangue. Ele respondeu que não. O paradeiro do vestido que Claudia Playford usou para atacar Scotcher permanece um mistério.”

— Posso me lembrar de tudo agora, tão claramente — disse Sophie, chorosa. — Não sei por que não o fiz de imediato. Eu sentia frio, um frio terrível apesar do sobretudo e do chapéu e de estar dentro de casa. Sentime como se tivesse caído num túnel longo e escuro, só que ele se estendia para baixo, não para diante, por isso não podia ser um verdadeiro túnel. E era escuro e silencioso e eu estava completamente sozinha: sozinha com pensamentos sobre Joseph, e sobre como ele estivera dizendo a verdade o tempo todo, porque tinha dito que ia morrer e agora estava morto, só que não podia estar, porque isso não podia ser real. Eu não *deixaria* isso ser real! Quando estava pensando tudo isso, eu não estava gritando. Comecei a gritar porque o silêncio ficou amedrontador demais depois de algum tempo.

— Oh, por favor pare com isso, sim? — disse Claudia com impaciência. — Nada disso nos diz quem matou Joseph ou por que ele foi morto. Vamos acelerar as coisas se eu admitir que é tudo verdade? Sim, eu estava no salão e sim, fui eu que bati com muita força na pobre cabeça de Joseph. Satisfeito?

— O *quê?* — Kimpton parecia horrorizado. — Caríssima, o que quer dizer?

— Mas não matei Joseph. Matei, Poirot?

— *Non*. Não matou, Mademoiselle.

— Então quem matou? — Kimpton saltou em pé, irado agora. — Em nome de tudo que é sagrado...

— Você, dr. Kimpton, como sabe muito bem. Você assassinou Joseph Scotcher.

— Eu? Rá! Conversa fiada, meu velho. Você disse há menos de trinta minutos que não fiz isso, não se lembra? Sua memória é tão falha quanto a de Sophie?

— Todos nós temos memórias imperfeitas, Monsieur. Hercule Poirot menos que muitos. O que você diz não é preciso. Eu disse que você tinha

muitos motivos entre os quais escolher, e que um homem diferente em sua posição poderia ter sucumbido a uma paixão vingativa e cometido um assassinato. Depois disse que você não o fez... nunca o fez. É verdade: você não sucumbiu a qualquer tipo de paixão. Esse crime, o assassinato de Joseph Scotcher que você cometeu, foi planejado muitos anos atrás. Foi racional, meticulosamente planejado, impelido pela lógica. Poderíamos até dizer... científico.

— Todas as boas coisas, hein? Que assassino inteligente devo ser!

— Envolveu muito trabalho árduo e disciplina de sua parte — disse Poirot. — Foi de fato, já que estivemos usando a palavra, *um experimento*.

Kimpton sentou-se de novo.

— Não estou convencido — disse ele. — Ainda não. Mas estou curioso e gostaria de ouvir mais.

Não tenho certeza de que teria conseguido me mostrar tão despreocupado se fosse acusado de assassinato por um homem conhecido como o melhor detetive do mundo a menos que eu soubesse de certo modo que ele estava blefando. Mas Kimpton não era homem de mostrar fraqueza em público.

— Nesta altura já li muitas vezes sua peça favorita: *Rei João* — disse-lhe Poirot. — Ela me parece fascinante. Ajudou a me pôr no caminho correto e a lançar sobre mim a luz do alvorecer.

— Fico feliz por você ter considerado a leitura uma experiência proveitosa — disse Kimpton.

— Sabe, como quer que eu a encarasse, a discussão sobre um funeral, ouvida por acaso por Orville Rolfe, não fez nenhum sentido. Segundo o que o sr. Rolfe ouviu, o ponto de discordância era o caixão aberto *versus* o caixão fechado.

— Exato — confirmou Orville Rolfe.

— *Bon*. Um dia, quando eu pensava sobre os muitos motivos do dr. Kimpton para o assassinato... ele, que conhecia Scotcher há mais tempo que qualquer outra pessoa aqui... lembrei-me de algo a que não tinha prestado suficiente atenção até o momento. No jantar, quando Scotcher se mostrou abalado e inseguro após receber a notícia chocante do testamento alterado de

Lady Playford, Kimpton entregou seu próprio copo d'água a Sophie e instruiu-a a fazer Scotcher bebê-lo. Senhoras e senhores, por que cargas d'água ele faria isso quando Scotcher tinha um copo d'água dele próprio que ainda devia estar cheio, ou quase cheio? Todos os nossos copos d'água estavam cheios quando nos sentamos à mesa. O prato principal acabara de ser servido quando Lady Playford fez seu anúncio, e o primeiro prato foi sopa. Sopa é uma comida aquosa; ninguém toma uma grande quantidade de água quando a está consumindo.

— Caramba! — exclamou Harry Playford. Foi tão destoante como se uma zebra tivesse entrado alegremente na sala de estar. Todos o ignoraram, exceto Dora, que lhe disse para ficar quieto.

— Randall Kimpton é um homem extremamente inteligente — continuou Poirot. — É capaz de pensar e agir com a velocidade de um raio. Ele vinha planejando o assassinato de Joseph havia anos, tentando arranjar o que pensava serem as condições ideais para cometê-lo. e então, de repente, viu-se, inteiramente por acaso, cercado de pessoas que desejavam Scotcher morto. Kimpton não soubera de antemão que Lady Playford iria alterar seu testamento em favor de Scotcher, mas ela sim. Ela lhe deixara tudo que possuía. Que policial teria dificuldade em acreditar, portanto, que Harry ou Dora Playford pensariam em matar Scotcher no intuito de se tornarem imensamente ricos? Ou que Michael Gathercole poderia matar Scotcher por puro ciúme ou para salvar Lady Playford de sua própria insensatez?

— Kimpton sabia que *aquela* era o seu momento. Assim, enquanto todos estavam absortos olhando para Scotcher ou para Lady Playford, os atores dos principais papéis no drama, Kimpton discretamente enfiou a mão no bolso e tirou a estricnina que mantinha ali. Ele a mantinha num frasquinho, suponho. Por que sempre levava o veneno consigo? Não sei, mas posso conjecturar: se o carregava sempre consigo, ninguém poderia encontrá-lo de maneira acidental entre seus pertences.

— Sob a mesa, ele abriu o recipiente em que estava o veneno, fosse qual fosse. Escondendo-o num punho fechado, pingou em seguida a estricnina em seu próprio copo d'água sem que ninguém notasse, com um movimento sutil

de uma mão, imagino, enquanto a outra ocultava o copo, e passou-o a Sophie para que o desse a Scotcher.

— Mas... oh! — Não pude deixar de exclamar.

— Que foi, Catchpool? — perguntou Poirot.

— Estricnina tem um gosto amargo, acredito. Alguém se lembra de Scotcher dizendo “Oh, isso foi amargo” quando Dora falou alguma coisa sobre ele apodrecer sob a terra? Então, imediatamente depois, Dora disse “Eu me *sinto* amarga”.

— Você faz bem de lembrar esse diálogo, *mon ami*. Realmente, não era hábito de Scotcher fazer críticas diretas aos outros. Ao contrário: ele era um hábil lisonjeador de todos que cruzavam seu caminho. O que é mais provável, portanto: que ele se referisse às palavras de Dora Playford ou à água que bebera quando disse “Isso foi amargo”? — Sem esperar respostas, Poirot retomou: — Tenho certeza de que ele se referia à água: a água amargosa que continha estricnina.

“E agora, para voltar ao *Rei João* de Shakespeare, que o dr. Kimpton cita com tamanha liberalidade. Quando todos nós corremos para o salão e encontramos o falecido Joseph Scotcher, o dr. Kimpton pronunciou algumas palavras. Talvez alguns de vocês o tenham ouvido, como eu. Pareceu a parte final de uma citação: ‘...a joia da vida, por uma mão maldita, fora roubada e confiscada.’ Supus que isso era de *Rei João*, como todas as citações do dr. Kimpton pareciam ser. Eu estava certo: não apenas sobre isso, mas também em minha suspeita de que eu tinha perdido o início da citação. O dr. Kimpton murmurara, e as palavras se perderam. A citação completa é esta: ‘Encontraram-no morto e lançado à rua. Um caixão vazio, de onde a joia da vida, por uma mão maldita, fora roubada e confiscada.’

“Um *caixão* vazio, senhoras e senhores. Não veem? O caixão mencionado não é um esquite, é o próprio corpo humano!”

Poirot parecia mais exaltado do que eu jamais o vira. Eu estava perplexo. Embora compreendesse o sentido imediato do que dizia, não podia ver que relação aquilo tinha com o que quer que fosse.

— Foi Randall Kimpton que Orville Rolfe ouviu discutindo sobre o caixão vazio — disse Poirot. — Discutindo com Claudia Playford. O sr.

Rolfé ouviu um homem insistindo que alguém devia morrer. Depois ele disse: “Caixão vazio: é a única maneira”, e a mulher discordou. O próprio *Joseph Scotcher*, o corpo de *Joseph Scotcher*, era o caixão a que o dr. *Kimpton* se referia. Ele usou a palavra tal como era usada em *Rei João*, como uma metáfora para um corpo humano. E o que ele tinha em mente de uma maneira mais geral era isto: que só havia uma forma de estabelecer *com absoluta certeza*, o único tipo de certeza que interessava a *Randall Kimpton*, se *Scotcher* tinha mentido ou dito a verdade sobre ter a doença de *Bright*. Somente uma maneira, senhoras e senhores... e essa era abrir seu corpo, fazer dele o objeto de uma morte suspeita, de modo que houvesse uma autópsia. Apenas esse procedimento permitiria a um médico *olhar dentro do corpo de Joseph Scotcher* e dizer, como de fato aconteceu, exatamente como no plano do dr. *Kimpton*, “Este homem tem rins perfeitamente saudáveis”.

Pensei na expressão de satisfação de *Kimpton* no inquérito, quando a verdade sobre *Scotcher* fora revelada pelo magistrado. Eu a interpretara mal; pensei que ele estava simplesmente satisfeito consigo mesmo por ter sabido alguma coisa antes de mim. Agora compreendi: segundo seus próprios padrões de evidência, ele não tinha sabido disso com certeza, não até o momento em que ouviu o magistrado dizê-lo: “rins saudáveis e rosados”.

— O dr. *Kimpton* estava quase totalmente certo de que *Scotcher* era um mentiroso — continuou *Poirot*. — Estava quase certo havia muitos anos. Sendo um homem inteligente, porém, sabia que em ciência e em medicina há anomalias. A maioria das pessoas com rins deficientes não dura tanto quanto *Scotcher* durara (a maioria não fica prestes a morrer uma vez e depois, alguns anos mais tarde, prestes a morrer de novo), mas a remissão pode ocorrer, prognósticos mudam, por isso nunca podemos excluir por completo a anomalia que parece zombar da regra. E talvez, quem sabe, haja alguma outra causa científica para essa anomalia?

“*Randall Kimpton* sabia algumas coisas com absoluta certeza. Sabia que *Scotcher* lhe tomara *Iris*, que ele o seguira na decisão de estudar *Shakespeare* e depois o acompanhara até o seio da família *Playford*, instalando-se em *Lillieoak*, o lar da mulher com quem *Kimpton* planejava se casar. Ele acreditava, também, que *Scotcher* assassinara *Iris Gillow* quando ela começara

a desconfiar que ele mentia sobre sua saúde. Kimpton acreditava nisso, mas não podia provar. Não podia tampouco provar que Scotcher tinha se passado pelo seu próprio irmão morto, Blake, na Cafeteria Queen's Lane, no intuito de contar as mesmas mentiras sobre sua saúde usando uma identidade diferente. Isso foi exasperante para Kimpton, que havia se tornado tão obcecado por Scotcher quanto Scotcher sempre fora por ele. Kimpton suspeitava que Scotcher havia inventado seus rins deteriorados para atrair a comiseração de Iris e seduzi-la. Queria saber se estava certo. O desejo era tão urgente que lhe parecia ser uma necessidade em vez disso. Ele *precisava* desvendar o mistério de Joseph Scotcher. Precisava saber, provavelmente mais do que tudo, se Scotcher tinha assassinado Iris ou não. Afinal de contas, se por alguma chance remota Scotcher estivesse dizendo a verdade sobre sua doença, então era improvável que tivesse matado Iris por pegá-lo numa mentira, pois não teria havido nenhuma mentira!

“Finalmente a ideia lhe ocorreu: ele nunca seria verdadeira e completamente capaz de compreender a história de sua própria vida a menos que ficasse sabendo a verdade sobre o estado de saúde de Joseph Scotcher. E qual foi sua resposta a essa compreensão? Eu lhes direi: Randall Kimpton decidiu saber a verdade, de maneira certa e indubitável. E só havia um meio de conseguir isso: uma autópsia. Em nenhuma outra circunstância somos capazes de olhar dentro do corpo de outra pessoa e ver rins que são ou rosados e normais ou marrons, secos e murchos. Assim, a morte suspeita de Joseph Scotcher tinha de ser provocada.”

Dora Playford bufou com impaciência.

— Não compreendo o que está dizendo! Não pode estar querendo dizer...

— Quero dizer, Madame, que não foi excesso de emoção que levou Randall Kimpton a assassinar Joseph Scotcher. Não foi ciúme, raiva nem sede de vingança, embora eu imagine que todos esses sentimentos atormentaram muito o dr. Kimpton ao longo dos anos, enquanto ele considerava a questão de Joseph Scotcher. Mas não foi por causa deles que ele o matou. Esse assassinato foi um experimento científico. Era uma busca de conhecimento,



de descoberta. Foi, para expressá-lo da maneira mais simples possível, *assassinato no interesse da autópsia*.

## CAPÍTULO 37

### *Poirot vence com toda justiça*

Embora não tenha nenhum meio de prová-lo, compreendi tudo, segundos depois de Poirot dizê-lo. *Assassinato no interesse da autópsia*. Estranho que um crime de semelhante magnitude possa ser resumido em apenas cinco palavras, não é?

Uma compreensão após outra inundou minha mente. É claro! Como eu não vira isso? Kimpton, o homem de ciência, o homem que valorizava fatos e provas acima de todas as outras coisas, e zombava da psicologia. Fazia muito sentido.

Ninguém na sala se moveu ou falou por vários momentos. Depois Poirot dirigiu-se a Kimpton: — Você não se afastou do estudo de Shakespeare porque sua obra teatral favorita era considerada inaceitável por seus pares. Nem porque Scotcher invadiu sua especialidade acadêmica. Não... Você escolheu a medicina como carreira porque havia formulado o que acreditava ser um plano brilhante: você iria se formar como médico. A força de sua obsessão por Scotcher era tamanha que não lhe importava quantos anos seriam necessários. Você assumiria, assim que tivesse condições, um cargo que lhe permitisse realizar autópsias em casos de mortes suspeitas, e exerceria essa atividade muito perto do lugar em que Scotcher vivesse. Você o assassinaria perto de sua casa, após estabelecer um álibi inabalável para você mesmo, e depois, no devido tempo, ele acabaria em sua mesa de autópsia, pronto para que você o abrisse e revelasse a verdade. Abrir-lhe o corpo era essencial para seu experimento, e não seria muito mais satisfatório se você mesmo pudesse realizar o procedimento?

“A princípio seu plano progrediu muito bem. Não foram necessários muitos anos para que você, graças a seu talento e determinação, se tornasse o médico-legista preferido no distrito de Oxford, onde Scotcher residia. Depois, de repente, tudo deu errado, não foi? Sua nova namorada, Claudia Playford, de quem você ficara noivo recentemente, lhe contou que Scotcher logo estaria morando e trabalhando aqui, em Lillieoak. Você deve ter ficado enraivecido.”

— Muito bem, meu velho — interrompeu Kimpton. — Este é o momento em que confirmo que meu estado psicológico era como você o descreveu? Fiquei. Fiquei realmente furioso naquele ponto da narrativa. Se alguém pode transformar a psicologia numa ciência, é você, Poirot.

— Randall, ele o está acusando de *assassinato*! — disse Claudia. — Não vai negar isso?

— Não, caríssima. Sinto muito, mas é isso mesmo. Poirot venceu com toda justiça. Não o privarei de sua vitória.

— Não? Eu o faria. — Claudia fitou Poirot com frieza. — Está certo ao descrever Randall como talentoso e determinado, mas nenhum homem é jamais tão determinado quanto a mulher mais determinada. Eu nunca desistiria de tentar de escapar impune de um assassinato se o tivesse cometido. Nunca!

— Não creio que Poirot tenha terminado, caríssima. Embora, já que você trouxe isso à baila... Por mais que me doa discordar de minha divina menina, tenho uma ideia diferente sobre o que significa escapar impune de uma coisa. — Apesar de seu uso de palavras carinhosas, a voz de Kimpton estava tão dura quanto seu semblante. Notei que seus olhos não estavam mais flamejando e se apagando à sua maneira peculiar; em vez disso, estavam ferozes e arregalados, e pareciam fixos dessa maneira.

“Por favor, acreditem-me todos vocês quando lhes digo que não sofro de nenhuma falta de determinação — continuou ele. — Mas prefiro enfrentar os fatos. O assassinato de que escapamos impunes é um assassinato que se prova impossível de desvendar. É completa e perfeitamente evasivo. Ninguém suspeita do verdadeiro culpado, nem mesmo o insuperável Hercule Poirot; o assassino é eliminado das fileiras dos possíveis culpados imediatamente, e fica dali em diante imune à suspeita e acusação. *Esse* é o assassinato que planejei cometer. No momento em que Poirot me acusa, vejo que botei tudo a perder. Eu poderia ser capaz de salvar a minha vida tentando convencer a todos de minha inocência, mas não posso salvar meu plano. Prefiro, portanto, escolher a única outra possibilidade completa e perfeita disponível para mim: uma confissão total. Assassinei Joseph Scotcher? Sim. Assassinei.

— Dr. Kimpton, estava certo quando disse que eu não tinha terminado — disse Poirot, ainda não disposto a entregar o papel principal para outro ator. — Onde eu estava? Ah, sim: eu havia chegado ao problema que você enfrentou quando Scotcher foi contratado como secretário de Lady Playford. Se ele não moraria mais em Oxford, como poderia você assassiná-lo e ter certeza de que faria pessoalmente a autópsia?

— Foi o que pensei a princípio — disse Kimpton. — Fiquei deprimido por algum tempo, não resta dúvida.

— E foi por isso que terminou seu noivado com Claudia — ouvi-me dizer, pensando em voz alta. Poirot não me dera permissão para falar, mas teria de tolerar, decidi. — Claudia, você me contou que, quando você e Kimpton ficaram noivos pela primeira vez, ele começou a duvidar se desejava, afinal, casar com você. Isso levou à separação. Isso aconteceu cinco, quase seis anos atrás, de acordo com o que me disse. Joseph Scotcher morou e trabalhou em Lillieoak durante seis anos. — Virei-me para Kimpton. — Essas suas dúvidas com relação ao casamento com Claudia foram uma reação à notícia de que Scotcher obtivera o cargo de secretário particular de Lady Playford, aposto.

— Está correto. — Kimpton foi friamente cortês. — Fiquei furioso ao saber que Scotcher tinha se introduzido em Lillieoak. Enraivecido! Por várias razões. Como poderia eu, um patologista da polícia de Oxford, realizar uma autópsia em Scotcher se ele estava de repente em Clonakilty? Todo o planejamento que eu fizera, toda a minha formação médica... Oh, eu ainda queria matar o canalha, mais do que nunca!, mas queria na mesma medida *frustrá-lo*. Ele não tinha sabido nada de meu plano de acabar com sua vida, mas *tinha sabido* de meu noivado com minha caríssima. Mesmo depois de Iris, mesmo depois de tudo que ele me fizera naquela ocasião, ele ainda procurava se implantar num território que era legitimamente meu e não devia ter nada a ver com ele.

“Eu não sabia se ele queria se introduzir em Lillieoak para me enfurecer ou simplesmente para estar à minha volta. Continuei ouvindo de camaradas de Oxford que ele continuava me descrevendo como seu maior amigo, embora eu o evitasse havia anos. De uma maneira ou de outra, isso era

irrelevante. Havia tempo de sobra para matá-lo e abri-lo em cima da mesa, fosse em Oxford ou em Clonakilty. Eu sabia que poderia obter um emprego no condado de Cork, se necessário, pois sou sem dúvida o melhor no que faço; nesse meio-tempo, porém, estava decidido a fazer Scotcher *sofrer*. Se eu terminasse meu noivado com a Claudia, raciocinei, então, num só golpe, a conexão entre Lillieoak e eu seria rompida e Scotcher teria de encarar o fato de que enfrentara grandes dificuldades para absolutamente nada.”

Kimpton cerrou os punhos em seu colo. Depois retomou a fala: — Fui idiota. Um imbecil. É isso que acontece quando impulsos emocionais, e não uma lógica sólida, estão por trás de nossas ações. Lamentei de imediato minha precipitação. Vi que tinha, mais uma vez, permitido que Scotcher me privasse da mulher que eu amava. Ninguém, senhoras e senhores, faz isso com Randall Kimpton e sobrevive para contar a história. A vitória final, tenho certeza de que podemos todos concordar, é minha.

— Sua definição de vitória é incomum — disse-lhe Poirot.

— Minha definição de tudo é incomum — respondeu Kimpton. — Sou uma pessoa incomum. Onde eu estava? Oh, sim. Bem, caí de joelhos e supliquei à minha divina menina que me aceitasse de volta.

— Recusei — disse Claudia. — Deu-me grande prazer fazer isso.

— Mas você concordou em entabular uma correspondência sobre o assunto de minha vilania e sua infalibilidade, caríssima. — Kimpton virou-se para Poirot. — Graças às cartas de Claudia, descobri que Scotcher tinha voltado a Oxford pelo menos uma vez. Não teria sido difícil induzi-lo a fazer isso de novo. Matá-lo em Oxford como planejado teria sido a coisa mais simples, suspeitei; mal constituiria um desafio. Ou eu poderia me mudar para o condado de Cork, ganhar as graças da polícia e do campo médico daqui... Essa seria uma boa maneira de conquistar Claudia: uma clara disposição de abandonar meu mundo e vagar nas franjas do dela, grato pelos mais surrados retalhos de atenção que ela pudesse lançar no meu caminho.

“Vocês todos sabem, é claro, que minha querida foi generosa o bastante para me dar uma segunda chance. — Kimpton olhou para Claudia afetuosamente. Ela desviou o rosto. — No dia fatídico, até o momento em que pinguei o veneno em meu copo d’água, eu estava indeciso: sobre onde

Claudia e eu deveríamos morar depois do casamento, sobre onde matar Scotcher. Deveria ser em Oxford, onde eu sabia como o sistema funcionava, ou em Clonakilty, onde eu imaginava (perdoe-me, inspetor Conree) que os *gardai* só seriam capazes de desvendar um assassinato se o culpado se algemasse aos portões da delegacia e cantasse “Sou o culpado”, do alvorecer até o pôr do sol.

“Não, o maior problema que enfrentei não foi a escolha entre a Inglaterra e o condado de Cork. Infelizmente era o mesmo velho dilema entediante enfrentado por qualquer aspirante a assassino: como fazer isso e ter absoluta garantia de que vai escapar impune? Achava meu plano esplêndido, sempre o achara! Mas quase infalível e inteiramente infalível são duas perspectivas muito diferentes. Você sabe o quanto a incerteza me desagrada, Poirot. No entanto, eu mesmo estava incerto, envergonho-me de admitir. Eu não podia garantir que conseguiria matar Scotcher e escapar à prisão. E assim... não havia marcado uma data e não me decidira por um lugar.

— Então, durante o jantar — Poirot assumiu a narrativa —, na noite do que você chama de “dia fatídico”, *quelle bonne chance!* Lady Playford anuncia suas novas disposições testamentárias, e de repente há muitos suspeitos para um assassinato, se por acaso Scotcher viesse a morrer naquela mesma noite. Você nunca teria uma chance melhor de escapar impune! Tinha o veneno com você, como sempre, e assim agiu depressa.

— Foi o que fiz — concordou Kimpton. — Aqui, pensei, está a garantia que tenho procurado, aquela elusiva camada extra de segurança. Quem suspeitará do homem mais rico na casa, em meio a hordas de deserdados sentindo-se injustiçados? Ah, bem. “Por vezes, só a vista do instrumento do mal provoca o fato!” Nenhum prêmio por adivinhar de onde vem isso, Poirot! Talvez não conseguisse fazer eu mesmo a autópsia, pensei, mas isso não tinha importância, pois seria certamente informado de seus resultados e obteria a resposta definitiva de que precisava. Haveria um inquérito a que eu poderia comparecer. Algumas vezes temos de nos adaptar, não acha?

— Sim — disse Poirot. — E, tendo se adaptado, continuou pensando de maneira extremamente astuta.

— Você é muito gentil. Fui precipitado. Impulsivo. Cometi um erro grave. Depois de tanto planejamento, cometer o ato diante de todas aquelas testemunhas foi insanidade!

— Você foi astuto — insistiu Poirot. A estricnina leva várias horas para matar. Quem pode dizer quantas? Quem jamais poderia saber que quantidade do veneno você pôs no copo d'água? Mais tarde naquela noite, você tomou o cuidado de pôr um pouco de estricnina no frasco azul no quarto de Scotcher, e depois esvaziá-lo. Sabia que isso faria parecer que remédio envenenado havia sido jogado fora para esconder a evidência. Em consequência, todos nós acreditamos que Scotcher havia ingerido o veneno às cinco horas, quando Sophie Bourlet lhe deu o tônico. De repente, qualquer pessoa poderia tê-lo matado... ou assim parecia.

— Sou, acima de tudo, engenhoso — murmurou Kimpton. Seu ar de satisfação havia diminuído um pouco.

— Não, dr. Kimpton. Nesse caso você não foi engenhoso, mas estúpido. Como você diz: de repente qualquer pessoa poderia ter envenenado Scotcher se o veneno tivesse sido posto no frasco azul antes das cinco horas... Mas quem teria tido um motivo antes das cinco horas? Somente você: o homem cujo primeiro amor havia sido roubado por Joseph Scotcher! O novo testamento de Lady Playford só foi anunciado à mesa de jantar naquela noite. Ao plantar evidências enganosas sobre a hora da morte, você se tornou o único suspeito viável.

— Toliche! — disse Kimpton de imediato. — Pura bobagem! Qualquer pessoa poderia ter descoberto sobre o novo testamento de Athie antes que ela o anunciasse, por meios limpos ou sujos. Ela poderia ter confiado em alguém, já que é bem chegada a confidências; segredos são muito mais divertidos quando os compartilhamos do que quando os guardamos exclusivamente para nós mesmos. Ou o assassino poderia ter obtido a informação de maneira ilícita. Athie passara semanas, talvez meses, planejando o grande anúncio, sem dúvida. Eu estava certo de que o novo testamento ainda seria visto como o motivo mais provável. Mesmo que não fosse, não me parecia que eu tivesse muita escolha. Como você assinalou, Poirot, Scotcher tinha anunciado para todos vocês no jantar que a água que bebera estava amarga. É verdade, Dora

pensou que esse comentário fora dirigido a ela, mas isso não fizera com que eu me sentisse seguro de maneira nenhuma. Você mesmo observou, meu velho: todos os copos d'água tinham sido cheios antes que nos sentássemos à mesa. Por que eu daria o meu para Scotcher quando ele tinha um dele próprio? E todos vocês tinham me visto fazer isso! Eu temia que, no devido tempo, um de vocês se lembrasse e fizesse a conexão entre isso e o comentário “amargo” de Scotcher. Pareceu-me saltar aos olhos que... bem, que *eu* tinha feito isso, que eu era o culpado.

Kimpton suspirou antes de continuar: — Suponho que o conhecimento da própria culpa faz isso com um sujeito. Mas, na esperança de tornar isso muito menos óbvio para todos os demais, tomei providências. Depois de me convencer de que todos haviam se recolhido para a noite... Bem, todos menos Poirot, que roncava numa cadeira no patamar por alguma razão que não pude compreender, mas ele estava profundamente adormecido e era muito pouco provável que despertasse... pus veneno no frasco azul, sabendo que aquele era o frasco do remédio tomado diariamente às cinco horas. Depois peguei meu copo d'água na mesa de jantar e o joguei fora, para que ninguém pudesse encontrar vestígios de veneno nele mais tarde. Eu o procurei na cozinha, despedacei-o e o enterrei perto de uma pilha de vidros quebrados e um pote de geleia quebrado que tinha visto na estufa de laranjeiras.

— Então foi você que roubou meu copo! — exclamou Brigid Marsh em voz alta, sobressaltando-nos a todos. — Eu poderia ter jurado que tinha sido o sr. Catchpool. — Curiosamente, ela lançou um olhar ameaçador para mim ao dizer isso, não para Kimpton.

Agora eu compreendia: ela dera falta de um copo e, por alguma razão que só ela conhecia, decidiu que eu o levava para meu quarto de modo a poder tomar água durante a noite. Por causa de meus lábios secos — uma descrição que eu contestaria com veemência a qualquer momento. Meus lábios eram inteiramente normais.

Sem dúvida Brigid vasculhara meu quarto, não conseguira encontrar o copo desaparecido e concluíra que eu devia tê-lo quebrado e escondido os



cacos em algum lugar. Por isso a anedota sobre seu sobrinho larápio que tinha roubado doces e quebrado uma tigela.

— Eu podia estar roncando — disse Poirot severamente para Kimpton —, mas nem todos tinham se recolhido para a noite, doutor. Catchpool estava no jardim, procurando o sr. Gathercole e Mademoiselle Sophie, que estavam desaparecidos naquele momento. Ele, ou eles, poderiam ter voltado a qualquer momento. E de fato todos os três voltaram para a casa um pouco mais tarde. São *três pessoas* que poderiam tê-lo visto saindo do quarto de Scotcher, ou a caminho da estufa para jogar o copo fora. Você não é tão esperto quanto pensa.

— Isso está muito claro — Kimpton jogou as mãos para cima. — Você, por outro lado, é muito mais esperto do que imaginei que poderia ser. A questão do caixão... Bem, esse foi um salto mental impressionante que você deu!

— De fato — Poirot concordou. — E muitas coisas começaram a se encaixar em minha mente quando soube do verdadeiro significado, o do *Rei João*, da metáfora do “caixão aberto” — disse ele. — Se “caixão” era uma pessoa, o que isso significava em relação à discussão que o sr. Rolfe entreouvira? Perguntei a mim mesmo. Vou lhes dizer o que significava. Significava que a discordância ocorreu entre Randall Kimpton e Claudia Playford. Ela sabia do plano dele de assassinar Scotcher um dia e, talvez temendo que desse errado, estava tentando demovê-lo da ideia. Ele disse “Caixão aberto: é o único jeito”. Em outras palavras: “Tenho de matar Scotcher para ficar satisfeito”. Ela disse, “Não, você não deve fazer tal coisa”.

— E eu estava certa — disse Claudia. — O plano já havia desandado; três dias antes, para ser precisa. Eu tinha encontrado a estricnina. Randall tirou seu paletó de maneira bastante descuidada e o maldito frasco caiu de seu bolso. Antes disso, eu estava em alegre ignorância desse plano insano. Se ele tivesse me contado, teria tido o benefício de minha opinião muito mais cedo. Minha opinião era de que aquilo era loucura: a loucura de um universitário desequilibrado.

— Maldito azar, o veneno ter caído de meu bolso daquela maneira — disse Kimpton. — Você não teria precisado saber nada sobre isso, caríssima.

Sabe, eu teria conseguido escapar impune se você não tivesse descoberto.

— Quando perguntei a Randall o que estava dentro do frasquinho, ele mentiu para mim — disse Claudia a Poirot. — Pude ver que estava mentindo. Deixei claro que não seria enganada e o forcei a me contar a verdade. Tudo veio à tona: Iris Gillow, nascida Morphet, Oxford; a primeira vez que Joseph fingira que estava morrendo, muitos anos antes, sua imitação do próprio irmão para reforçar sua impostura. E, é claro, o plano de Randall de cometer o assassinato perfeito.

“O que ouvi me assustou, e não é qualquer coisa que me assusta. Eu não queria que Randall arriscasse seu pescoço; além disso, não havia nenhuma necessidade daquele rebuliço tolo! Era perfeitamente óbvio que Joseph não estava morrendo! Ninguém precisava cometer um assassinato para provar isso!”

— Não consegui fazê-la compreender a necessidade de uma *prova*, Poirot — disse Kimpton. — Por isso fico tão feliz por você entender.

— Fiquei desvairada de preocupação e fui descuidada — disse Claudia gravemente. — Como pude ser *estúpida* de discutir aquilo dentro da casa, quando qualquer pessoa poderia ter ouvido. Bem, alguém ouviu! Orville Rolfe ouviu. Pensei que o uso da metáfora do caixão aberto e fechado forneceria um disfarce suficiente; eu estava errada. Foi tudo minha culpa, Randall.

— Não, caríssima. A culpa é inteiramente minha. Se eu tivesse feito o plano perfeito que devia ter feito, não teria carregado um frasco de veneno por toda parte comigo por quase dois anos. Ou então o teria, no mínimo, guardado num bolso mais seguro.

— Mademoiselle Claudia, você viu, à mesa de jantar, o que o dr. Kimpton fez com o copo d'água antes de passá-lo para Sophie Bourlet para que o desse ao sr. Scotcher? Sabia que ele tinha o veneno escondido em sua roupa, suponha.

— Eu sabia disso, mas, não, não o vi pôr o veneno na água.

— Quando, então, descobriu que ele tinha envenenado o sr. Scotcher? — perguntou Poirot.

— Mais tarde naquela noite. Depois do jantar, e depois que o sistema digestivo de Orville Rolfe havia nos lançado a todos num frenesi, Randall e eu nos recolhemos para a noite. Imediatamente, ele me confessou o que tinha feito com o copo d'água. Joseph devia estar morto naquela altura, disse ele, e de manhã seu corpo seria encontrado, por isso Randall precisava remover a evidência do copo. Havia uma lasca em sua base, disse ele, por isso seria capaz de identificá-lo. Precisava também pôr estricnina num dos frascos de pretense remédio no quarto de Joseph. Dessa maneira, todos imaginariam que o envenenamento ocorrera muito mais cedo.

Claudia levantou-se e andou até perto de onde Lady Playford estava sentada.

— Eu estava transtornada de raiva, mãe — disse ela. — Eu não tinha meramente sugerido a Randall que abandonasse sua ideia de assassinar Joseph, eu lhe *ordenara* que o fizesse, mais cedo naquele mesmo dia. E ele me desobedecera! Tudo em prol de uma maldita autópsia que não nos contaria nada que já não soubéssemos! Por causa disso, ele se arriscava a ir para a forca e me deixar sozinha. Pois muito bem, pensei comigo mesma. Vou lhe mostrar que nenhum futuro marido de Claudia Playford lhe desobedece e fica impune! Disse-lhe que fosse e furtasse seu copo d'água e envenenasse o frasco. Depois que ele saiu, fui atrás dele e descii a escada na ponta dos pés. Ouvi-o fechar a porta do quarto de Joseph após alguns minutos, tendo posto o veneno com sucesso no frasco azul, imaginei. Pelo som cada vez mais débil de seus passos, supus que ele tinha ido em seguida à cozinha para procurar o copo. Apostei que seria capaz de ir ao quarto de Joseph e não encontrar ninguém ali senão ele próprio.

“Bem, não fiquem todos olhando para mim como se não fossem capazes de imaginar o que virá em seguida! Ele estava morto, obviamente. Morto como uma pedra, como você diria, Dora. Eu o sentei na cadeira de rodas, conduzi-o até o salão, derrubei-o no chão e usei aquele feio porrete do papai para tentar fazer com que Randall fosse frustrado! Ele me desafiara em prol da sua estúpida necessidade obsessiva de abrir o caixão que era Joseph Scotcher? Ótimo! Eu o puniria tornando a causa da morte tão perfeitamente óbvia que não haveria nenhuma necessidade de autópsia. Randall seria

privado do que mais desejava, e era isso que merecia! Eu o ensinaria a me dar ouvidos no futuro.”

Claudia fez uma pausa para se controlar.

— Não me dei conta de que uma morte suspeita sempre dá lugar a uma autópsia. Randall me contou mais tarde, quando fizemos as pazes. Oh, sim, nós nos beijamos e fizemos as pazes! Deixei claro para ele que, embora ainda o amasse, nunca o perdoaria. Não sou muito boa em perdoar pessoas. De qualquer maneira, foi por isso que despedacei o crânio de um homem já morto. E sabe de uma coisa, Poirot? Gostei muito de fazer isso, de golpear a cabeça de Joseph, porque estava furiosa! Furiosa com Randall, por estar tão fixado em Joseph e nessa prova absurda pela qual passara *anos* ansiando; furiosa com Joseph, por causar todo o problema com suas mentiras desnecessárias, idiotas; mas acima de tudo furiosa comigo mesma, por amar Randall e ser tão fascinada por Joseph, quando acabara de ficar bastante claro que eu estava melhor sem ambos!

— Como suas palavras ferem meu coração, caríssima — disse Kimpton com um suspiro. Dessa vez, não sou nem satisfeito consigo mesmo nem determinado.

— O que aconteceu depois que você jogou o copo fora e pôs veneno no frasco? — perguntou-lhe Poirot.

— Voltei ao meu quarto. Esperava encontrar Claudia lá, mas ela tinha desaparecido. Procurei-a em toda parte e por fim a encontrei: com o corpo de Scotcher, no salão, golpeando-lhe a cabeça até reduzi-la a uma polpa e gritando com ele ao mesmo tempo. Supliquei-lhe que parasse; foi isso que Sophie ouviu. E sim, eu estava na biblioteca, com a porta aberta. Não pude suportar chegar mais perto. Oh, não foi a sanguinolência que me repeliu. Você vai rir, Poirot, mas naquele momento... quando vi Claudia golpeando Scotcher com o porrete, e todo aquele sangue, e ela estava até falando com ele, *falando* com um morto! Bem, foi naquele momento que me ocorreu quão gravemente, quão irreparavelmente, eu temi, meu plano dera errado. Fiquei parado, olhando, sem conseguir me mover nem em direção à cena horripilante, nem para longe dela. Foi o pior momento de minha vida, o fundo do poço. “Temos de corrigir isto de alguma maneira”, pensei.

“Encobrir todos os vestígios.” Eu não tinha sido tão prudente e contido por tantos anos só para ter a mulher que amo condenada por assassinato! Em seguida ouvi o som de uma porta se fechando e soube que havia outra pessoa por ali. — Kimpton olhou friamente para Sophie Bourlet, como se o apuro em que se encontrava fosse culpa dela, e não dele mesmo.

— Poirot, deve nos contar como descobriu tudo isso — disse Lady Playford. — Gostei do aspecto sobre *Rei João* e a referência ao caixão, mas, realmente, foi só disso que você precisou para juntar todas as peças?

— Não, não foi só isso — respondeu-lhe Poirot. — Encontrei um médico em Oxford que havia certa vez atendido Joseph. Ele me forneceu alguns fatos muito interessantes. O primeiro foi que Scotcher, pelo que ele sabia, sempre havia sido saudável. Depois, que Iris Gillow fora vê-lo apenas dois dias antes de morrer. Ela queria saber se Scotcher realmente sofria de uma doença renal debilitante que acabaria por matá-lo. Esse médico lhe disse, de maneira muito apropriada, que não podia revelar esse tipo de informação. Ele havia em seguida entrado em contato com Scotcher para lhe perguntar se tinha alguma ideia de por que uma jovem haveria de fazer uma indagação tão peculiar. Dois dias depois Iris Gillow estava morta, assassinada por Scotcher, que usava então a mesma barba falsa que usou para se passar por Blake Scotcher aos olhos de Randall Kimpton.

“Fui também a um hospital e conversei com outro médico, um tal de dr. Jowsey. Ele lhe forneceu parte da sua formação médica, dr. Kimpton. Ele se lembra de você perguntando, já no seu primeiro dia, sobre a diferença, em termos visuais, entre um rim saudável e um rim doente, e se um médico efetuando uma autópsia seria capaz de distinguir facilmente os dois tipos. Isso o impressionou como uma pergunta extremamente inusitada. Também digno de nota é o *momento* em que você decidiu abandonar o estudo das peças de Shakespeare e se dedicar à medicina. Você fez sua primeira indagação apenas 15 dias após a morte de Iris Gillow. Esse foi o catalisador que o fez sentir que *tinha* de saber a verdade sobre a saúde de Scotcher.

“Essa é quase toda a história — disse Poirot. — Antes de terminar, no entanto, devo dizer que meu amigo Catchpool ajudou-me muito nesta questão. Vejam, havia uma coisa que não se encaixava, por mais que grande

parte do resto fizesse sentido: *como podia Joseph Scotcher ter estado, ao mesmo tempo, morto por envenenamento e vivo e suplicando por sua vida no salão?* Foi então que Catchpool me fez uma sugestão muito útil. Ele me aconselhou a encontrar uma terceira coisa, aquela que faz com que as duas coisas que sabemos serem verdadeiras deixem de ser incompatíveis entre si! Se Scotcher estava morto e, no entanto, Sophie Bourlet ouvira o que afirmava ter ouvido... ora, então se torna óbvio que o homem que ela ouviu falando não era Scotcher! Em seguida, tudo se encaixou perfeitamente no lugar, e tudo apontava para Randall Kimpton como assassino. Só resta uma coisa que não compreendo. Talvez, dr. Kimpton...?”

— Pergunte e lhe será respondido — disse Kimpton. — E, não, isto não é citação de nada. Suponho que seja o vestido verde, não é? Quer saber onde ele foi parar?

— Eu gostaria de saber — disse Claudia em voz baixa. — Era meu vestido favorito.

— Estou bastante orgulhoso de mim mesmo no tocante a esconder o vestido — disse Kimpton. — Ele estava coberto de sangue, e a casa estava cheia de *gardaí* bisbilhotando tudo. Então o Destino me sorriu e me deu uma ideia inspirada. Pensei no lugar onde eles com certeza não olhariam.

— E qual era? — perguntou Poirot.

— A desmazelada maleta de couro pertencente ao igualmente desmazelado médico da polícia, Clouder — disse-lhe Kimpton. — O mesmo médico que perdeu a chave do carro e por isso não pôde comparecer ao inquérito. Os *gardaí* não teriam vasculhado os pertences do médico deles mesmos, e de fato não o fizeram. Eu rasguei o vestido e enfiei-o na maleta de Clouder, empurrando-o bem até o fundo. Quando vi o que mais havia ali, soube que ele não era um sujeito propenso a sacudir aquilo tudo sobre uma mesa para uma boa arrumação tão cedo. A maleta era um verdadeiro santuário do detrito e da deterioração! Tenho certeza de que as tiras ensanguentadas de tecido verde continuam lá e permanecerão *in situ* por muitos anos, a menos que você lhe dê ordem para pescá-las, inspetor Conree.

Conree arreganhou os dentes para Kimpton, mas não disse nada.

— Isso devia ter me ocorrido — murmurou Poirot. — A bolsa do médico, é claro. Onde mais?

Kimpton tirou um frasquinho do bolso do paletó, removeu a tampa e engoliu seu conteúdo de um só trago.

— Nunca tenha pouco demais de nada que seja útil, esse é meu conselho, Poirot. Equipe-se sempre com um ou dois sobressalentes.

Arquejei e ouvi outros fazerem o mesmo. Vi Gathercole estremecer. Um grito agudo veio de Lady Playford no fundo da sala.

— Não! — exclamou Dora. — Oh, como é horrível. Não posso suportar isso. Certamente alguma coisa pode ser feita para quê... — Ela não terminou a frase.

— Mais uma vez, você se dá por vencido — disse Claudia em voz baixa para Kimpton. — Então que seja. Vamos subir, querido. Isso é permitido, não, Poirot? Estou certa de que podemos poupar todos de mais um espetáculo horripilante.

— Você deveria me deixar em paz, caríssima.

— Não farei tal coisa — disse Claudia.

— Randall, antes que você vá... — Lady Playford começou com insegurança. — Desejo dizer... bem, apenas que é certamente peculiar e fascinante ver como as pessoas são diferentes umas das outras. Para você, o mistério de Joseph Scotcher está desvendado agora, ao passo que para mim o que você fez assegurou que ele *já* poderá ser desvendado. Nós já sabíamos, aqueles de nós que tínhamos o cuidado de observá-lo, que Joseph não falava a verdade sobre sua saúde. O que nós não sabíamos era *por quê*, ou se alguma coisa podia ser feita com relação a isso. Eu não teria dado a mínima para saber se seus rins eram escuros e murchos, roliços e rosados ou roxos com listras amarelas! Eu queria descobrir sobre suas esperanças e medos, seus amores e perdas: se, debaixo de todas as mentiras, havia um coração honesto esperando ser aproveitado! Graças a você, agora me é impossível para sempre saber alguma coisa sobre isso. Não pretendo fazê-lo sentir-se ainda pior do que já se sente. É só que não posso compreender uma pessoa que faria tamanhos esforços para provar uma coisa de tão pouco interesse ou importância.

Kimpton pareceu considerar isso.

— Sim — disse ele após alguns momentos. — Sim, entendo que você poderia ver isso assim. Vemos de maneira muito diferente. É por essa razão, sem dúvida, que você gosta de inventar histórias e eu prefiro estabelecer fatos. Lamento dizer que, na minha avaliação, minha abordagem é a clara vencedora. Afinal de contas, sem o fato sólido ocasional, qualquer pessoa poderia nos pedir para acreditar em qualquer coisa, e nesse caso nenhuma história é melhor que qualquer outra. — Ele se virou para Claudia. — Venha, caríssima. Vamos embora.

De mãos dadas, eles deixaram a sala.



**Epílogo Na manhã seguinte, Poirot e eu esperamos fora da casa que trouxessem o carro. Era difícil acreditar que estávamos prestes a deixar Lillieoak. Fiz um comentário nesse sentido e não obtive nenhuma resposta.**

— Poirot? Você está bem?

— Estou pensando.

— Parece sério, seja o que for.

— Não particularmente. Contudo, parece-me interessante.

— O quê?

— Fomos convidados para Lillieoak, você e eu, como uma medida de segurança. Lady Playford acreditava que ninguém ousaria cometer um assassinato na presença de Hercule Poirot! Ninguém seria tão tolo. Mas alguém ousou: Randall Kimpton foi tolo o bastante para tentá-lo. E agora ele está morto. Poderia tão facilmente ter esperado. Dentro de uma semana, Poirot teria partido! Dentro de uma semana, a obsessão de abrir o caixão fechado do corpo de Joseph Scotcher ainda estaria lá, mais forte que nunca! Por que Kimpton não esperou?

— Ele viu sua chance e tomou uma decisão precipitada. — Franzi as sobancelhas. — Poirot, você soa quase como se desejasse que ele tivesse escapado impune.

— Não brinque, Catchpool. Estou contente por seu crime não ter ficado impune, é claro, mas... não estou contente por ele ter me subestimado. Por ele não ter decidido *instantaneamente* contra cometer um crime bem diante dos olhos de Hercule Poirot... Ele não ouvira as histórias de minhas façanhas? Creio que sim, mas não estava impressionado. Ele troçava de meus métodos...

— Poirot — falei com firmeza. Não eram só os assassinos que tendiam a comportamento obsessivo, refleti.

— Sim, *mon ami*?

— Randall Kimpton está morto. Talvez soe pueril pôr isto nestes termos, mas... você ganhou e ele perdeu.

Poirot sorriu e deu uma palmadinha no meu braço.

— Obrigado, Catchpool. Não há nada de pueril nisso. Você está certo: eu ganhei. Ele perdeu.

Pareceu-me então que havia outros perdedores, menos merecedores que Kimpton e com os quais eu me importava mais. Talvez estivesse errado por me sentir assim, mas não podia deixar de pensar que, fossem quais fossem as mentiras que pudesse ter contado e os atos terríveis que pudesse ter praticado, Joseph Scotcher tinha desejado ardentemente ser um bom homem, e poderia ter se tornado um algum dia. Ele encontrara o fascinante Randall Kimpton em Oxford, admirara-o, modelara-se por ele, furtara-lhe a namorada, seguira-o no estudo de Shakespeare e depois até o seio da família Playford, mas não procurara imitar o amor-próprio de Kimpton, seu traço cruel, a facilidade com que rejeitava a opinião e os sentimentos dos outros.

Eu não gostava de pensar que Scotcher tinha, com toda probabilidade, assassinado Iris Gillow. Suas palavras gentis na sala de estar antes do jantar na noite em que iria morrer foram as mais atenciosas e benéficas que alguém já me dirigira — alguma vez, na minha vida. Isso não desculpava assassinato de maneira alguma, eu sabia. Ainda assim, para mim não era insignificante.

— Suponho que, enquanto esperamos o carro, poderíamos nos distrair discutindo a única questão que permanece sem resposta — disse Poirot.

— Eu não estava ciente de que havia uma — respondi-lhe.

— Por que Scotcher pediu Sophie Bourlet em casamento imediatamente depois de ficar sabendo do novo testamento de Lady Playford?

— Oh, sim. Suponho que esteja certo. Não sei a resposta. — Contive-me para não acrescentar: “Nem você, certamente.” Eu não contribuiria para que Hercule Poirot fosse subestimado de novo tão cedo e, ainda por cima, por seu bom amigo.

— Tenho algumas teorias — disse ele. Uma é que ele sentiu que estava correndo o risco de ser assassinado enquanto permanecesse como o único beneficiário do testamento de Lady Playford. Acreditava que ela poderia anular a mudança de seu testamento se ele pudesse deixá-la irritada, ou enciumada, ou ambas as coisas. Ficando noivo da enfermeira dele, pensava que poderia conseguir isso.

— De certa forma, duvido que esse fosse seu motivo — falei.

— Tentemos, então, uma teoria mais simples: Scotcher queria punir Lady Playford. Ela lhe causara sérios problemas ao mudar seu testamento. Ele temia ser desmascarado a qualquer momento como uma fraude por alguém em Lillieoak, e culpava Lady Playford por isso. Ao escolher aquele momento para declarar seu amor romântico por Sophie Bourlet em vez sua amorosa gratidão para com Lady Playford, ele priva sua benfeitora do que sabe que ela mais quer: sua atenção. Subitamente, ela não é mais a pessoa na casa com quem ele mais se importa.

— Mais provável que a primeira teoria, mas ainda não estou convencido — falei. — Que tal esta, já que estamos especulando: Scotcher pediu Sophie em casamento para assegurar o silêncio dela na questão de sua doença simulada. Anteriormente, ele a lisonjeava da mesma maneira que lisonjeava Phyllis, e Sophie estava farta disso. Mas, se ela soubesse que ele não estava realmente morrendo, como devia saber, e de repente ouve Lady Playford anunciar que está deixando todos os seus bens terrenos para o pobre e doente Joseph Scotcher... Bem, uma moça decente como Sophie poderia então se sentir obrigada a se manifestar. As excentricidades de Scotcher poderiam ter começado a lhe parecer um tanto semelhantes a fraudes. Lembre-se, Lady Playford não confessara a ninguém que sabia a verdade; ela fingia ser enganada pela história da doença renal de Bright.

— Então, pedir Sophie em casamento era a única maneira de assegurar sua lealdade e sua constante discrição, Scotcher poderia ter pensado — disse Poirot. — Sim, essa é uma boa teoria. Mas, no fim das contas, prefiro uma diferente. Prefiro a teoria de que Joseph Scotcher amava Sophie Bourlet.

— Isso conta como uma teoria? Essa foi a explicação oficial, afinal.

Poirot ignorou minha pergunta.

— Medo de ser desmascarado como um mentiroso ou de vir a ser morto por alguém que não desejava que ele herdasse a propriedade de Lillieoak abalou Scotcher, levando-o a se comportar de uma maneira mais real do que de costume. Ele amava essa mulher que o aceitava e a todas as suas mentiras sem perguntas, que fazia para Lady Playford, sem se queixar, todo o trabalho que ele próprio tinha perfeitas condições de fazer. Talvez fizesse muito tempo que ele amava Sophie Bourlet, mas nunca o dissera com sinceridade; era mais

fácil para ele dizer somente coisas que *não* eram reais. Até aquela noite. Então, num momento de crise, tornou-se importante para ele declarar seu amor.

— Você é uma velha alma sentimental, Poirot. — Sorri. Talvez eu também fosse; não podia negar que sentia um inequívoco afeto por meu amiguinho belga naquele momento.

— Edward!

Ao ouvir a voz de Gathercole, virei-me. Ele caminhava a passos largos em direção a nós.

— Pensei que já tivesse ido embora — disse ele.

— Não. Ainda não.

Nesse momento, Lady Playford saiu correndo da casa em seu quimono. Seu rosto estava pálido, e ela parecia mais velha e menor do que eu a supunha. Estava sorrindo de maneira um tanto maníaca.

— Poirot! Não ouse escapar sem deixar que eu o agarre primeiro! Tenho uma dúvida em relação a meu próximo fardo, e Michael está *inútil* hoje... Não é, Michael? Completamente desatento. Poirot, lembra-se da trama do disfarce que lhe contei? Ouça minha ideia genial! Que tal se não for um disfarce, mas uma desfiguração, uma desfiguração facial? Nenhum nariz envolvido, absolutamente não! Narizes têm um papel proeminente em meu fardo deste momento, e não posso tolerar uma repetição. Que tal um lábio leporino que foi ou corrigido ou... oh! Ou *criado*... Sim, gosto dessa ideia. Mas por que haveria alguém de fazer isso? E será que quero que *todos* os meus livros sejam impulsionados pela ideia de cirurgia? Acho que não. E evidentemente não devemos alarmar nossos leitores, que, afinal de contas, são crianças. De fato, penso que as pessoas mimam demais as crianças, concorda? Coisas horríveis podem mesmo acontecer a rostos e, na realidade, talvez quanto mais cedo uma criança aprenda isso, melhor!

Gathercole e eu trocamos um sorriso e afastei-me um pouco para o lado.

— Eu o invejo, voltando para Londres — disse ele. — Temo que Lady Playford não esteja sendo ela mesma. Está fingindo ser, é claro.

— Loquazmente — concordei. — Quanto tempo você vai ficar em Lillieoak?

— Não sei. Quero ficar de olho nas coisas por algum tempo. Claudia, por exemplo... Não creio que Lady Playford vá ser muito útil para ela, nem ela para Lady Playford, e eu gostaria de ser de alguma ajuda para ambas se puder.

Trocamos cartões e um aperto de mãos. O automóvel chegou nesse momento, quando Lady Playford dizia: — Oh, isso é *engenhoso*. É realmente muito engenhoso. Vejo que não terei escolha senão dedicar esse fardo particular a você, Poirot.

Ela se virou para mim quando o motorista abriu a porta do carro.

— Adeus, Edward, e muito obrigada. Lamento tê-lo desapontado.

— A senhora não o fez.

— Oh, sim, fiz. Por não ser afinal das contas culpada de assassinato.

— Nunca acreditei que fosse, Lady Playford.

— Desculpe-me, mas acreditou, sim. Somente você. — Ela pareceu indizivelmente triste por um segundo. Depois o sorriso frenético reapareceu. — Achei isso divertido e bastante lisonjeiro — disse ela, numa voz aguda, crispada. — Você realmente pode admitir, sabe. Não ficarei nem minimamente ofendida, e não há nenhuma necessidade de se sentir culpado. Você leva uma vida irrepreensível, tenho certeza. Irrepreensível demais. — Ela segurou meu braço. — Estou velha, mas, se fosse jovem como você, eu *viveria*, e não me importaria com o que ninguém pensasse de mim. Você percebe isso em mim, posso ver que percebe. Foi por *isso* que suspeitou de mim no assassinato. Entende? — Os olhos dela brilharam com um estranho tipo de força.

Não entendi nem desejei entender. Aquilo soou obscuro e complicado.

— Lady Playford, eu lhe asseguro...

— Oh, bem, isso não importa agora. — Ela rejeitou minhas palavras com um aceno para abrir espaço para mais palavras dela mesma: — Edward, posso lhe perguntar uma coisa? Ficaria terrivelmente zangado se eu o pusesse num livro um dia?

PUBLISHER

*Omar de Souza*

GERENTE EDITORIAL

*Renata Sturm*

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

*Thalita Aragão Ramalho*

PRODUÇÃO EDITORIAL

*Marcela Isensee*

REVISÃO DE TRADUÇÃO

*Carla Bitelli*

REVISÃO

*Maria Claudia Ajuz Goulart*

*Mônica Surrage*

CAPA

*Maquinaria Studio*

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO

*Lúcio Nöthlich Pimentel*

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EBOOK

*Ranna Studio*